OS QUATRO ELEMENTOS

MARCADA A FOGO

JOSY TORTARO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JOSY TORTARO

MARCADA
A
Fogo

Saga OS QUATRO ELEMENTOS
Volume 1

Edição Digital
2013

Capa

Renato Klisman

Diagramação

Marcelo Paschoalin

Revisão

Viviane Amorim

Copyright ©2011-2013 Josy Tortaro

Todos os direitos reservados. E proibido o armazenamento ou a reprodução o de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível –, sem o consentimento escrito da autora.

Para minha melhor amiga e xará que implantou
em mim este sonho que agora se torna realidade.
Aos nossos inesquecíveis quinze anos...

PREFÁCIO

Um dos direitos fundamentais do ser humano é o de ser livre. Liberdade é poder pensar sem coerção, agir de acordo com suas convicções e ser responsável por suas escolhas. É a base dos relacionamentos, o suporte onde nossas vidas se estabelece.

Ser livre, também, é um desafio.

Conheci a Josy por um dos grandes acasos da vida, numa conversa rápida onde de *spammer* se tornou amiga. Ela tinha acabado de escrever o livro que você tem em mãos agora, desejando divulgá-lo... Ao fazê-lo, chegou até mim.

E fico grato por essa sequência de eventos.

Veja: ela estava tornando sua narrativa livre, dando-lhe asas, permitindo que outros a conhecessem. Em suma, libertando-a.

Quando pequeno, participei de diversos campeonatos de xadrez. Ganhei alguns, perdi outros, mas sempre deixei que a diversão pautasse as minhas partidas. Afinal, não jogava apenas pela competição, mas pela narrativa que a partida revelava: peões avançando, bispos abrindo caminho, cavalos flanqueando... E uma coisa interessante sobre o xadrez é que seu objetivo não é *matar* o rei inimigo, mas *aprisioná-lo*.

Privá-lo de sua liberdade.

Assim como na vida, é a liberdade que temos ou que perdemos que nos move. Ser livre ou não nos muda, transforma, permite que acreditemos em nós mesmos ou que nos rebelemos.

Não é à toa, então, que vemos Tamires, a protagonista desta história, ter a ametista como símbolo. Considerada a pedra da transformação, a ametista tem uma origem mítica que bem reflete isso.

Dizem que Dionísio, após ser desprezado pelos mortais, decidiu punir o primeiro que encontrasse com as mais perigosas feras que tivesse à disposição. Uma jovem, chamada Ametista, ao caminhar em direção ao templo de Ártemis para orar, foi por ele encontrada, enviando o Deus do Vinho tigres que pudessem dilacerá-la. Vendo que a jovem fugia, Ártemis se apiedou e a transformou num cristal, salvando-a. Dionísio, arrependido, despejou vinho sobre o cristal, tornando-o púrpura.

Assim como Ametista, Tamires também se transforma, mas não por ação divina. Sua história é uma de mudança, de busca pela própria voz, de libertação. Contudo, como ser livre quando se é MARCADA A FOGO?

Os antigos romanos, ao capturarem escravos que fugiam, impunham-lhe marcas com

brasas - eram estigmatizados no corpo, para sempre os lembrando de sua condição. Nos tempos da escravatura, também, para marcar os homens e mulheres adquiridos, marcas a ferro quente eram impingidas no peito...

Marcar alguém, assim como marcar um animal, mostra que pertence a outrem.

Mas a quem Tamires pertence? Ao destino? A Gustavo? Numa história que fala sobre transformação e liberdade, quem *possui* Tamires?

Só há uma forma de responder: conhecendo a narrativa contida nas próximas páginas. É algo, garanto, que fará com que pense não apenas no desenrolar da história, mas em tudo o que a rodeia, direta ou indiretamente, tanto por meio das descrições como dos símbolos explícitos ou que possa identificar.

É uma história sobre uma mulher. Sobre uma pedra. Sobre escolhas.

E escolhas, bem sei, só podem ser tomadas quando somos *livres*.

Boa leitura!

Marcelo Paschoalin
autor de *A última Dama do Fogo* e *Eriana*

E conhecereis a verdade,
e a verdade vos libertará.

João 8:32

PRÓLOGO

A escuridão me envolvia completamente. Mantinha os olhos bem abertos apesar de não enxergar nada, e os ouvidos em alerta. O silêncio pairava no ar como uma teia invisível pronta para me prender. Meu pequeno corpo tremia. Meu queixo batia ritmado e com força. Havia um barulho baixo e constante enquanto meus dentinhos se chocavam. Minhas mãozinhas apertavam com força minhas perninhas dobradas.

Sentia a respiração ofegante e o pulsar frenético de meu coração. Medo. Um medo aterrador. Medo do desconhecido. Medo do que havia por trás das paredes da sala secreta do castelo. Nunca entrara antes naquele lugar. O chão de mármore parecia uma tumba fria. Não havia entrada de ar. Não havia janelas. Não havia portas. Apenas as paredes de pedra.

Não conseguia pensar muito bem. Não entendia o que estava acontecendo com os adultos. Por que tinham me trancado ali? Não queria ficar sozinha. Não queria ficar no escuro. Fazia muito tempo que eu estava naquela posição ao desistir de gritar por alguém. Minha garganta ardia em consequência de horas de gritos em vão.

Ouvira o eco de meus próprios gritos em desespero. Chamara por minha mãe com uma insistência desesperadora, mas ninguém me ouvira. Somente o eco me repetira irritantemente. Depois disso chorei por mais algum tempo. Nesse momento, o espanto e a solidão secaram meus olhos. Meus ouvidos apenas ficaram atentos para todos os sons ao meu redor. Não havia absolutamente nada além de minha própria respiração.

De repente o silêncio foi interrompido por passos abafados ecoando do outro lado da parede. Meus olhos se arregalaram ainda mais tentando prever o que aconteceria. As lágrimas correram por minha face sem que eu emitisse nenhum som pela boca. Os passos se aproximavam mais e mais. Toc toc toc. Uma constante apavorante. Parecia que o som acompanhava o ritmo frenético de meu coraçãozinho.

No momento seguinte, os passos cessaram abruptamente paralisando com eles minha respiração. O que viria a seguir? Não sabia quanto tempo havia ficado naquela posição presa naquela sala. Não sentia dor nem fome nem sede. O medo me dominava completamente e a espera era arrasadora, fria, quase um animal horrendo pronto para me matar.

Um som agudo de pedra sendo arrastada fez com que eu voltasse a respirar. Uma luz intensa ofuscou dolorosamente meus olhos através da fresta aberta na parede. Em uma única reação, eu gritei, com todas as forças de meus pulmões apertando fortemente os olhos fechados e as mãos contra o corpo.

Um vulto de baixa estatura se aproximou apressado contra a luz e, tocando-me com afeição, apenas disse denunciando sua voz infantil.

– Não tenha medo, Tamires.

AMETISTA

Os olhos verdes vivos se abriram. Ainda espantada e ofegante, demorou apenas alguns segundos para reconhecer onde estava. A primeira coisa que viu foi um belo lustre dourado que pendia do teto branco todo enfeitado com gesso. A luz estava acesa. Não – como percebeu em seguida – o dia invadia o quarto pela sacada. E olhando ao redor, reconheceu os móveis de madeira escura e maciça que compunham seu luxuoso quarto. Estava deitada sobre sua cama *king size* revestida com lençóis de cetim finíssimos.

Ao toque do jogo de cama um alívio a invadiu por completo. Fora apenas outro de seus muitos pesadelos. Estava de volta à realidade agora. Seus cabelos de fogo esparramados sobre o travesseiro como algas marinhas salientavam a beleza de sua pele muito clara e tão aveludada quanto pêssego.

Com um sorriso encantador nos lábios vermelhos finos e bem desenhados procurou pelo marido ao lado, mas ele não estava na cama. Levantou-se preguiçosamente e caminhou com tranquilidade até o banheiro da suíte. Sua camisola de seda preta cobria todo seu corpo, dos ombros aos tornozelos. Um corpo elegante, magro e cheio de curvas sensuais. Encontrou no espelho, em batom rosa, um recado. “Tamires, nós te amamos”.

Um aperto inesperado no peito a fez se olhar com cuidado no espelho. Aos trinta e três anos possuía uma família. Tinha uma vida maravilhosa. Um marido bem-sucedido, carinhoso e atencioso e tinham um lindo tesouro, fruto desse amor. Mas o que sabia sobre sua origem? Absolutamente nada. A única lembrança era uma pedra lilás que agarrara com força naquela manhã chuvosa há trinta anos. A pedra que mais tarde identificou como ametista.

Por mais que procurasse respostas, não sabia que relação havia entre aquela pedra e sua origem. Acreditava piamente que a ametista era a chave, mas não sabia por onde começar a busca. Há trinta anos tentava se enxergar e se descobrir através da pedra lilás. E a cada ano que passava acreditava menos na descoberta e isso a frustrava muito. Uma raiva intensa apertou seu peito devido a sensação de derrota e as lágrimas tremularam no canto de seus olhos.

— Surpresa! – uma voz muito infantil a alertou de que não estava mais sozinha.

Afastou as lembranças ruins imediatamente junto com a lágrima na beirada da pálpebra e se voltou com alegria para a garotinha parada na porta do banheiro. A pequena segurava uma caixa quadrada de veludo muito grande para suas mãozinhas. A menina vestia azul combinando com o adereço em seu cabelo. No entanto, o que mais chamava a atenção era seu sorriso espontâneo que encantava qualquer adulto.

Os cachinhos castanhos caíam sobre os ombros da menina moldando seu rosto bem desenhado. Seus olhos de cílios grandes e seus lábios finos e delicados completavam a beleza de seu rostinho. Era muito parecida com o pai, principalmente no olhar negro como o ônix. Era simplesmente adorável em seus dois anos de vida. A mulher se rendeu aos encantos da filha e se ajoelhou no chão para ganhar um abraço.

— Que é isso, Sofia? Um presente? Mas hoje nem é meu aniversário. – apanhando a caixa das mãos da filha continuou – Obrigada, meu amor. Eu também amo você. – disse com a voz abafada pelos cachinhos castanhos enquanto a abraçava.

Em pé, atrás da menina, um belo homem sorria. Seu corpo esguio e alto fazia sombra sobre as mulheres revelando sua presença. Sua barba por fazer salientava o tom másculo de seu rosto anguloso. Seus olhos profundos, de sobrancelhas grossas, quase lhe davam um ar comicamente feroz em contraste com seu sorriso sincero e encantador. Gustavo do Valle era empresário de uma indústria de bebidas em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, onde moravam. Estava no auge da carreira em seus trinta e oito anos de idade e com a empresa consolidada no mercado.

— Vamos, Sofia, deixe o papai dar um beijo na mamãe também. – riu o homem com sua voz clara e grave – Afinal, fui eu que comprei o presente.

O empresário puxou um cachinho e piscou um olho para a filha enquanto se aproximava da mulher. O abraço aconchegante tinha o poder de tranquilizá-la e fazê-la perder o chão. Estava flutuando sobre o amor deles. Ele sempre causava esse efeito nela.

— Eu te amo, Tamires, nunca se esqueça disso. – com a voz suave sussurrou em seu ouvido antes de beijá-la apaixonadamente.

Ouviram o risinho de Sofia que assistia a cena de amor dos pais. Gustavo se lembrou de que tinham plateia e encerrou o espetáculo com gentileza, afastando Tamires e voltando ao assunto anterior.

— Abra seu presente logo, amor.

Segurando com delicadeza a caixa e carregando a pequena Sofia nos braços até a cama, Tamires se sentou e seu rosto se iluminou pela ansiedade enquanto a abria. Ganhar presentes fora de época sempre a deixava extremamente feliz. Um bem-te-vi pousou na grade de segurança da sacada e começou a cantar.

Tamires abriu a delicada caixa devagar já prevendo o que havia em seu interior. Seus olhos se ofuscaram com o brilho do ouro e do diamante que compunham a joia. Um suspiro de espanto saiu de sua boca. Era muito mais do que esperava, maravilhosamente brilhante e belo.

— É lindo! – exclamou se voltando para eles – Obrigada, meus amores!

Tamires tomou os dois nos braços de uma só vez. Seu coração saltitava de alegria e contentamento. *Será que mereço ser tão feliz assim?* Ela desejava que essa felicidade jamais

acabasse.

A pequena e feliz família desceu da cobertura localizada no bairro nobre de Foz do Iguaçu. Os planos para o dia eram muitos, mas começaria por um lugar muito especial para Tamires. A família ficou em silêncio enquanto ouvia o som agradável do mp3 player. Sofia brincava com os cachinhos no banco traseiro do carro enquanto o vento os agitava.

A cidade estava decorada com motivos natalinos. Tamires não estranhou o presente do marido e da filha antes da data. Afinal, Gustavo sempre a enchia de presentes antes e depois de datas importantes, ou simplesmente sem motivo, movido pelo desejo de presenteá-la.

Em pouco mais de vinte minutos chegaram ao seu destino. O Parque Nacional do Iguaçu, as cataratas com sua imponência, sua beleza paralisante, sua força e poder era de uma grandeza assustadora. Tamires sempre se emocionava quando ia lá e o visitava com regularidade. Todos os dias conservava meia hora de reflexão paralisada diante daquele mundo de água.

Gustavo cuidava de Sofia enquanto a esposa mantinha seu ritual. Não havia preocupação com a cena que se repetia dia após dia, ano após ano. Ele se lembrava do dia em que a viu pela primeira vez exatamente parada naquele lugar diante da imensidão de água que jorrava das pedras.

O empresário acompanhara um grupo de estrangeiros que visitava o Brasil a fim de especular negócios com empresas da cidade. Sua missão fora apresentar a tríplice fronteira aos gringos e enquanto andavam pelos mirantes, a moça lhe chamara a atenção. Ela observava as cataratas sem se mexer.

Gustavo mal conseguira se concentrar no que os empresários estrangeiros falavam. A jovem, com os cabelos ruivos esvoaçando desgovernados ao sabor do vento, olhos fixos no horizonte, inerte, parecia uma figura eternizada em um quadro. Misteriosamente bela. O cenário parecia o pano de fundo da pintura mais perfeita que já vira. Por algum tempo só podia vê-la, como se estivesse contemplando uma obra-prima.

E como se realmente fosse algo pintado pela mão de Deus, Gustavo fundira a imagem da bela estranha às cataratas em sua mente. Imaginando qual seria a história daquela jovem, decidira tentar desvendar esse mistério. Perguntara a um dos guias, um jovenzinho franzino de cabelos ensebados que lhe revelou parte dessa história.

— O que eu sei é que ela vem todos os dias aqui. Fica parada diante das cataratas por meia hora e depois vai embora. – ambos cochichavam enquanto contemplavam a moça, a certa distância presa em seu estado de reflexão – Roberto, que é o guia mais velho daqui, me contou que a encontrou lá embaixo, perto das pedras, sozinha e chorando, ainda muito criança. Ela devia ter uns três anos apenas. Estava muito assustada. Não soube explicar quem era e nem como tinha

ido parar lá.

Gustavo ouvira a história fascinado. As águas escondiam o mistério da origem de uma criança abandonada e socorrida por um guia, um desconhecido.

— Procuraram pelos pais da menina por dias – continuara o jovem franzino –, mas não tiveram sucesso. Por isso, ela foi entregue ao Conselho Tutelar que a encaminhou ao orfanato.

Os olhos do empresário estavam fixos na jovem, de costas, vestida modestamente. Prendera-se aos detalhes. Seu rosto sem expressão. Seus braços estendidos sobre a grade de proteção. Suas mãos fechadas, muito apertadas, agarravam-na com toda a força que possuíam, quase com ódio. As mãos estavam vermelhas devido a pressão exagerada dos dedos sobre o ferro.

— Depois disso, Roberto perdeu contato. – narrara o guia – Quando ela saiu do orfanato depois de completar dezoito anos, passou a frequentar este parque todos os dias, no mesmo horário, durante o mesmo tempo.

Gustavo jamais imaginara uma história tão complexa e tão cheia de mistérios. A fascinação em conhecê-la somente crescera ao final do relato e ele não tivera dúvidas de como faria isso. Passou a ir ao parque diariamente a fim de observá-la.

Ela sempre entrava e saía da mesma forma, impassível. Não havia marcas de lágrimas em seu rosto nem expressão de tristeza ou angústia. Apenas uma leveza que a deixava ainda mais bela sob o sol. Isso o intrigara. Talvez aquele lugar lhe transmitisse paz.

Aos poucos, Gustavo se aproximara da jovem sem que ela notasse. E, um dia, ele viu dor. Sim, ela sentia algo muito forte quando estava ali. Fizesse chuva ou sol, frio ou calor, ela sempre cumpria seu ritual. E a dor em seu rosto às vezes ficava, às vezes desaparecia.

A forma como resolvera se aproximar não poderia ser mais simples. Mesmo receoso, ele recostara na grade ao seu lado, sem olhá-la diretamente e simplesmente fizera um destes comentários óbvios.

— É a visão mais paralisante e atraente do mundo. – achando-se ridículo pelo que dissera ainda tentara consertar implicando maior emoção à voz – É impossível desviar os olhos!

Mas para sua surpresa, não houve silêncio da parte dela, nem mesmo o menor tom de reprovação em sua voz.

— Eu sinto a mesma coisa. – respondera.

Alguns segundos de silêncio envolveram os dois. A tensão se desfizera afinal e, respirando fundo, Gustavo simplesmente a fitara em resposta. Encontrara seu olhar doce e calmo profundamente claro e brilhante. Fascinante demais para se desviar dele.

Um leve sorriso esboçara em seus lábios. Era uma imagem de paz, bem diferente da paralisia que a força e a agitação das cataratas transmitiam. Naquele momento, eles se sentiram cúmplices, íntimos, ligados por uma compreensão sem palavras.

Daquele dia em diante, os encontros tornaram-se mais frequentes e mais longos até que Tamires se sentira à vontade para contar a ele a versão completa da história que ele conhecia parcialmente.

— A única coisa de que me lembro daquele dia é que chovia forte. Não havia ninguém ao meu lado. Avistei uma pedra brilhante no meio das rochas à beira do rio e simplesmente não pude deixá-la lá. – contara tranquilamente com o olhar fixo nas rochas – Eu não sei o que significa nem como fui parar lá embaixo. Só sei que meu sentimento não era de abandono e sim de tristeza e de separação. – ela engolira seco e continuara – O rosto de minha mãe está apagado da minha memória. Às vezes tenho pesadelos terríveis. São flashes de algo que acontece comigo ou com minha família, mas não sei bem o que significam. Também não tenho certeza que sejam lembranças. Eles nunca são iguais.

Roberto, o guia, realizara uma busca no rio pela família de Tamires, porém não encontrara corpos. Nunca encontraram nada. E ela não soubera dar nenhuma informação relevante. Era apenas uma criança e provavelmente o trauma a fizera esquecer o que realmente acontecera naquele dia.

Tamires, porém, achava que a resposta para suas perguntas estava lá e na ametista que encontrara, apesar de não entender racionalmente por quê. Outras vezes achava que eles eram apenas pontes para uma verdade que estava escondida dentro dela mesma. Mas de uma coisa ela tinha certeza, ainda descobriria o que a fizera estar sozinha nas cataratas naquele dia fatídico.

Seu gênio forte e determinado muitas vezes vinha acompanhado de violência. Ficava impaciente para saber o que realmente acontecera com ela e isso a deixava muito revoltada. Gustavo tivera muitas oportunidades de presenciar sua fúria, porém nunca duravam mais que um momento. E, em seguida, as desculpas e o arrependimento a dominavam.

Tamires notara uma coisa estranha, quase sobrenatural. Quando mantinha a ametista por perto ou apertada na palma da mão, sentia uma tranquilidade inevitável e quase podia jurar que se acalmava.

Não era ligada à astrologia, mas se pegou lendo sobre a influência das pedras nos temperamentos. Descobriu que a ametista trazia amor profundo, felicidade, riqueza, coragem, paz interior, autodisciplina e agilidade de pensamento. Isso era muito intrigante porque se sentia cercada de cada uma dessas características, principalmente quando tinha seus acessos de fúria.

Sua vida era quase perfeita, sem contar a tristeza que a assaltava todos os dias. Mesmo quando esteve no orfanato, seu relacionamento com as outras crianças e com os adultos era excepcional. Apesar de seu forte temperamento, todos a amavam. Era uma criança apaixonante e não faltaram famílias dispostas a adotá-la. Mas Tamires não queria outra família, não queria substituir a que tivera. Queria apenas reencontrar a sua. Ela sentia como se eles fossem voltar e

explicar o que aconteceu naquele dia. Era uma certeza inexplicável.

A dúvida sobre a coerência de seus sentimentos, o que era verdade ou mentira, não permitia compartilhar seus pensamentos com ninguém, nem mesmo com seu adorado marido, a quem tanto amava. Sabia que podia dizer qualquer coisa a ele. Mas queria ser lúcida, racional e, por isso, continuava meditando sob os pingos das águas do Iguaçu um dia após o outro.

Quando se permitiu amar e construir sua própria família, Tamires ficou imensamente feliz. Gustavo podia lhe dar tudo o que o dinheiro podia comprar e, portanto, uma linda cobertura, um carro do ano, lindas roupas, jóias e conforto. Seu amor verdadeiro havia gerado uma descendência. Devia se sentir completa. Apesar de transparecer isso, em seu coração havia um buraco, um vazio que sangrava dia e noite, há trinta anos.

Tamires saiu de seu transe e olhou para o relógio de pulso. Estava na hora de deixar as cataratas por hoje.

***

A agitação do dia acabou com a energia de Sofia. Quando a família voltou para casa logo após as oito horas da noite, a menina dormia profundamente em sua cadeirinha. Tamires e Gustavo também se sentiam exaustos, porém muito felizes. Tamires, por horas, não pensou em suas dúvidas secretas, apenas curtiu cada momento.

Gustavo carregou a pequena filha adormecida. Tamires andou ao seu lado, em silêncio, olhando seu rostinho tranquilo. Sabia que aquela era a face do amor e da felicidade e faria qualquer coisa para mantê-la assim para sempre. Um arrepio passou por seu corpo como eletricidade. Gustavo notou.

— O que houve, meu amor? Está com frio? – ele riu da ironia.

Era verão e o calor, acima de 30ºC, era insuportável. Tamires sorriu, mas teve medo do presságio. Afastou o pensamento depressa. Não queria estragar a noite com preocupações desnecessárias.

— Acho que foi o choque-térmico por causa do ar condicionado do carro. – mentiu e mudou de assunto. – Foi um dia maravilhoso, querido. – passou um braço em volta do marido e deitou a cabeça em seu ombro – Obrigada!

Gustavo se sentiu satisfeito. Tinha planejado cada detalhe de seu dia e a ajuda gentil de Sofia fora muito útil. Desejava apenas vê-la sorrindo e por isso procurava sempre seu conforto, bem-estar e felicidade. Não queria que preocupações com um passado obscuro a fizessem sofrer. Mas sabia que não tinha controle sobre seus pensamentos. Tentava distraí-la sempre que estavam juntos pelo menos enquanto estivessem acordados, mas noites sempre eram terríveis. Tamires acordava suada e assustada de madrugada, e, inúmeras vezes, até gritando com pavor.

Porém, nunca contava detalhes sobre os pesadelos. Apenas suspirava aliviada ao acordar. Gustavo esperava que essa noite não fosse igual às outras. Que o dia maravilhoso que

tiveram apagasse seus temores e o passado vazio que a torturava.

O pai colocou a filha na cama no quarto ao lado da suíte. O cômodo era adornado com motivos femininos e infantis. Uma linda casinha de bonecas para Sofia. Era todo rosa e branco com objetos espalhados pelas paredes e desenhos nas portas dos móveis. Bibelôs delicados enfeitavam a cômoda e o criado-mudo ao lado da cama e um abajur iluminava o ambiente. Gustavo e Tamires beijaram o rosto da filha antes de sair. A pequena nem se mexeu.

Gustavo olhou para o rosto da mulher enquanto caminhavam lentamente pelo corredor que os levaria a suíte. Era um mezanino. Embaixo estavam a sala de estar, de jantar e a cozinha. Viu uma ruga na testa de Tamires. Sem pensar duas vezes, enlaçou sua cintura e a empurrou gentilmente, mas com firmeza, contra a parede. Seus lábios encontraram os dela sem rodeios e Tamires se entregou sem lutar.

Exercia uma força inexplicável sobre ela. Apesar dos seis anos que passaram juntos, essa paixão simplesmente não diminuía nunca. Ela retribuiu ao beijo enroscando os dedos em seus cabelos.

Enquanto a beijava, Gustavo a guiava pelo corredor até a suíte. Todo o cansaço do dia se foi com a paixão que viviam agora. Os beijos dele tinham o poder de revigorá-la. A pele de Tamires capacidade de apagar os problemas da cabeça dele. O calor, as mãos, cada curva do corpo de ambos se encaixavam e quando se amavam se tornavam apenas um.

Fechou a porta da suíte atrás dela e mostrou ansiedade em levá-la para a cama. Já não pensavam em mais nada, apenas sentiam e deixavam fluir esse momento de união total. Mentes, corpos e corações movimentando, batendo e pedindo o mesmo ritmo, o mesmo desejo, o mesmo ardor.

As roupas ficaram largadas aos pés da cama antes que se jogassem nela. A pele pálida e nua de Tamires, à luz do luar, era intrigantemente linda, quase reflexiva. Não se cansava de elogiá-la, de tocá-la, de senti-la.

O corpo musculoso e levemente bronzeado dele era sempre chocantemente forte e viril para ela e a fazia se sentir segura. Sabia que nada podia acontecer enquanto estivesse envolta por aqueles braços. Sempre se impressionava ao ver seu corpo nu.

Gustavo vasculhou seu corpo com a língua enquanto a inclinava sobre a cama. Tamires se rendia aos encantos dos movimentos dela, deixando-se largada sobre os lençóis de cetim. Como era possível ser tão feliz de tantas formas diferentes? Seu coração palpitava a cada movimento da boca em seu corpo. Aquilo era demais, sempre demais para ela. Gustavo sabia exatamente como deixá-la totalmente entregue.

O marido amava observar sua expressão enquanto a fazia se sentir tão mulher, tão amada, tão desejada. Aquilo o deixava excitadamente satisfeito. Satisfeito demais para parar.

Podia fazê-la sentir prazer por horas sem se cansar de contemplá-la, de sentir seu corpo, de amá-la infinitamente. Retorcia-se de prazer sob o dele.

Havia algo muito mágico no amor que devotava ao marido. Era intenso, arrasador, marcante, constante, indestrutível. Ele apertou com força o corpo da mulher contra o seu. O calor percorreu seus corpos. Giraram abraçados sobre a cama até que Tamires ficou por cima dele. Era a deixa que precisava para vasculhar cada centímetro do másculo corpo com seus cinco sentidos.

Sentia o cheiro de homem, vivo, profundo, apaixonante. Via que sua pele estremecia ao contato de suas mãos. Ouvia que seus lábios emitiam gemidos ao contato de sua boca. Percebia cada detalhe de seu corpo com alegria e satisfação. Como o amava! Amava cada parte dele. Não imaginava sua vida sem ele. Sem cada pormenor que a fazia reconhecê-lo pelos sentidos. O perfume, a voz grave e sedosa, a pele firme e bronzeada, o sorriso hipnótico, os olhos profundos e reveladores. Será que merecia mesmo aquele homem? Não sabia, mas não queria questionar seu destino mais do que já questionava por causa de sua origem calada. Ia se permitir ser feliz apesar de.

E a maior recompensa por sua resignação era Sofia. Sabia que o amor dos dois era o que possuía de mais precioso na vida. Jamais perderia isso, não importava o que acontecesse. Nem se a morte resolvesse se aproximar. Sentia como se fosse imortal. Seus sentimentos eram tão profundos que muitas vezes pensava em imortalidade. Seria possível viver esse sonho para sempre?

Gustavo se rendeu aos encantos de Tamires. Amá-la agora era uma urgência. Com gentileza, girou-a na cama novamente. Observou por alguns segundos seus cabelos vermelhos se espalharem graciosamente enquanto a encostava no cetim. Ela era linda. Seus olhos verdes ardiam de desejo e ele sabia que também a desejava profundamente.

Tamires se permitiu ser amada. Participou de cada movimento de seus corpos como se fosse a primeira ou a última vez que se amavam. A urgência, a intensidade e a paixão não permitiram que cada movimento fosse acelerado. Queriam eternizar aquele instante. Prolongá-lo até que não pudessem mais suportar e desesperadamente atingissem seu ápice.

Tudo estava sendo registrado na memória dela juntamente com as felizes lembranças do dia. Aquele realmente era o *grand finale* mais esperado, mais ansiado, mais real que poderia ter. Uma forma de tornar palpável e nítido o amor que sentia por Gustavo. A única forma de materializar o que eram: um só.

***

O escuro fugiu da luz intensa vinda de fora da sala fria e mesmo com meu grito estridente, o menino se aproximou o mais rápido que pode para me acalmar.

— Não tenha medo, Tamires. – sua voz suave pediu.

O silêncio voltou imediatamente devido ao meu choque. Reconheci a voz de meu amiguinho com alívio.

— Ah, Marcel, é você? Onde está minha mãe? Por que estou aqui? O rapazinho se aproximou e pegou minhas mãos para me ajudar a levantar. — Venha comigo, minha mãe vai nos levar para um lugar seguro.

Segui Marcel pela passagem ainda assustada e sem as respostas que queria. — Mas, Marcel, onde está minha mãe? Eu quero vê-la e meus irmãos? Marcel me guiava com firmeza pela mão. Ele ainda era um garotinho. Não tinha mais que seis anos.

— Vamos, Tamires, não temos muito tempo.

Antes que eu pudesse perguntar de novo, já estávamos na metade do corredor que eu conhecia muito bem e pude ver, através de uma abertura na parede de pedra, a grande sala principal do castelo. Meu rosto se aterrorizou com a cena que vi. Uma mulher estirada ao chão, o rosto muito pálido e os olhos verdes, como os meus, emoldurado por cabelos muito negros. Mas havia alguma coisa no olhar dela quando cruzou com o meu. Horror. Medo.

Um homem com o queixo duro erguido friamente, os olhos faiscando contra a mulher ao chão, subjugava-a. Ele tinha um cajado estranho na mão direita. Quando percebeu a intromissão, olhou na direção em que a mulher fixava os olhos. A única coisa que tinha força para dizer, ela gritou.

— Corra, Tamires!

Minhas perninhas curtas quase teimaram em se embaraçar enquanto eu era arrastada por Marcel pelo corredor. Íamos nos chocar contra a parede em segundos, mas Marcel não parava de correr. No instante seguinte, ele esticou o braço e, a seu toque, a pedra dura se demoveu e revelou outra passagem secreta. A escuridão nos cercou novamente.

Pisquei os olhos com força. A luz do luar entrava pela janela ainda entreaberta da suíte. O calor escaldante do verão pesava no ar da noite. Porém uma nuvem escura com muita rapidez interrompeu a claridade que vinha de fora e um relâmpago rasgou o céu.

Arquejando, pisquei novamente. Esses pesadelos eram exaustivos demais, mas agora fora diferente. O sonho continuara exatamente de onde havia parado na noite anterior e havia três rostos muito nítidos. Um deles inesquecível, terrível e alucinado. Finalmente! Ali havia alguma coisa, uma resposta talvez. Uma parte de meu passado, esperava que sim.

Apesar da escuridão, algo brilhava no quarto. Ainda atordoada, procurei o foco de luz. Avistei sobre a cômoda. Levantei da cama, ainda nua, e caminhei cambaleando até o móvel. Não demorou muito para reconhecer o que era.

— Ametista. – sussurrei incrédula.

O espanto tomou conta de mim. Como ela podia brilhar sem que houvesse luz para

refletir? Peguei-a na mão e notei que a luz estava dentro dela, emanando firme e ofuscante.

O que isso queria dizer?

Ainda sem pensar direito, com a imagem do rosto da mulher em minha mente, irracionalmente repetindo como eco as palavras "Corra, Tamires", como uma mãe protegendo um filho, peguei o penhoar nos pés da cama e o vesti. Com a pedra na mão, saí do quarto tentando não fazer barulho.

Em contato com o chão frio, meus pés descalços não reclamaram. Era confortável devido à alta temperatura. Lá fora, um trovão e um clarão o seguiu. Eu não temi. Precisava encontrar as respostas rapidamente.

Desci da cobertura direto para a garagem pelo elevador privativo e saí do condomínio. Percebi que o porteiro ficou intrigado, mas não me importei. Ele podia avisar Gustavo se quisesse. Dirigi com pressa na madrugada de Foz de Iguaçu. Sabia que o único lugar para onde deveria ir era o parque. Estava ansiosa para chegar lá. A chuva forte que ameaçava cair a alguns minutos despencou de repente sobre o para-brisa do carro. Mesmo assim, não diminuí a velocidade.

Chegando ao parque, abandonei o carro no estacionamento e corri o mais rápido que pude pelas pedras até o rio. Não me importei com os cortes em meus pés. Continuei correndo até alcançar a margem.

Minha cabeça era um turbilhão de pensamentos incoerentes. Eu só podia ouvir um som, como uma ordem, enquanto os grossos pingos me ensopavam. Corra, Tamires. Meus cabelos estavam murchos pelo excesso de água e minha visão embaçada. A ametista ainda brilhava na palma de minha mão. Parei, de repente, à margem e esperei algo acontecer. Procurei o rosto de minha mãe. Procurei o som de sua voz. Procurei as faíscas do rosto daquele homem. Procurei a mão de Marcel. Apenas o escuro me cercava.

Um grito inexplicável escapou de meus lábios e ecoou mesmo sob som da chuva e das cataratas que caíam sobre o rio violentamente.

— Mãe! – estendi a última letra esperando ser ouvida acima do barulho.

O eco repetiu meu grito angustiante até dispersá-lo na noite. Era um som assustador, mas eu não estava amedrontada. Sentia-me completamente louca tentando reviver acordada a cena de meu pesadelo, mas não podia desistir. Não ainda. Por isso gritei novamente.

— Mãe, eu estou aqui!

Senti o calor que emanava da ametista rodeada pelos meus dedos. A chuva forte castigava meu corpo. O som de meu grito ressoou novamente pelas cataratas sem resposta. A dor em meu peito se tornou dilacerante. O que eu estava fazendo? Eu tinha que tentar, mas a raiva substituiu minha dor. O choro rompeu em meus olhos me impedindo de enxergar melhor.

Eu me questionava. Era um sonho tão real. Tinha que ser verdade. Tinha que ter uma resposta, nem que fosse sobrenatural. Eu ansiava agora pela magia que rondava a pedra. Torci o

rosto em agonia e incredulidade. Magia? Desde quando eu acreditava nisso? Claro que não acreditava porque não existia. Fora apenas mais um de meus pesadelos em respostas às minhas inúmeras dúvidas humanas. E ainda continuava sem respostas.

A pedra em minha mão, de repente, ficou muito fria. Olhei pra ela furiosa. A luz havia apagado. Como eu podia me deixar enganar desse jeito pelo sonho? Pelo sono? Pela incoerência? Por essa maldita pedra lilás? Ridículo! Percebendo todo o absurdo da situação, como se a chuva e o choro tivessem finalmente limpado minha mente, preparei a mão, colocando-a atrás de minha cabeça, e arremessei a ametista com toda força que consegui em direção a água turva e agitada do Iguaçu.

Acompanhei com triunfo o meio segundo que a pedra demorou para percorrer a distância até o rio. No momento em que ela tocou a água, no entanto, sua luz reacendeu inexplicavelmente. E no mesmo instante me arrependi do que fizera.

Sem pensar, simplesmente marquei o local onde a pedra caíra e me joguei na correnteza forte imediatamente. Era insano, mas eu não podia perder o único elo com meu passado. Era minha única esperança.

A correnteza estava terrivelmente violenta e permaneci submersa sendo jogada de um lado para o outro. Minhas forças não eram suficientes para lutar e voltar para a superfície, mas isso não me preocupava. Minha única obsessão era a ametista.

Tentava, inutilmente, ver sua luz embaixo da água escura e agitada. Insanidade. A palavra era a única explicação para minha atitude. E, no entanto, eu não pensava em mim mesma. Meu único desespero era perder a pedra lilás.

E, de repente, uma luz rompeu a escuridão que se movia a minha volta e um rosto se materializou a minha frente como se fosse real. Dessa vez, sorria, não havia mais pavor no rosto de minha mãe. Sorri de volta. Não pensava na incoerência da atitude, nem questionava se talvez tivesse morrido e o espírito de minha mãe viera me buscar. Tudo fazia sentido agora. Minha mãe estava perto de mim. Estava contente e esperara por mim ali, por aquele momento, durante trinta anos.

Um amor imenso me inundou. Como podia ter esquecido aquele rosto tão terno? Os cabelos escuros brilhantes? Os olhos verdes muito doces? Era a pessoa mais linda que já vira e agora tinha certeza de que sempre carregaria comigo aquela bela imagem.

Outra certeza me preencheu. Faria qualquer coisa por amor àquela mulher. Até mesmo morrer se necessário. O pensamento não me apavorou, ao contrário, me deixou feliz. Estendi os dedos no escuro tentando tocar o rosto iluminado de minha mãe.

Minha adorada mãe. No instante em que a tocaria, a rosto se apagou repentinamente e em um segundo se transformou em um ponto de luz muito forte. Essa luz boiou até mim calmamente.

Intrigada, apenas a observei. Quando estava muito perto, ela se revelou para meu espanto.

Ametista!

A pedra flutuava em minha direção como se estivesse nadando. Rompeu com facilidade a distância e a correnteza entre nós. Abri a mão para recebê-la e sorri. Podia sentir novamente seu calor intenso. Ela realmente era a única coisa clara em meu passado. Não podia perdê-la nunca mais. Fora insana ao jogá-la no rio.

Ainda estava tão enlevada com tudo que vira embaixo da água, que não me preocupei em tomar fôlego na superfície agitada. Estava levemente feliz. Tão leve, que a correnteza me jogava de um lado para o outro com fúria. A tempestade iluminava o céu de quando em quando e eu apenas pensei que aquele dia era muito parecido com o qual eu fui encontrada.

Senti uma dor profunda na cabeça e a escuridão voltou a me envolver.

VIA LÁCTEA

As mãos não paravam. Iam do teclado do computador aos impressos sobre a escrivaninha completamente bagunçada. Duas garrafas de café jaziam vazias e abandonadas em um canto da vasta mesa denunciando uma noite insone. O sol surgia timidamente atrás da janela aberta.

Uma tela grande de LCD estava pendurada na parede acima do computador. Ambos reproduziam a Via Láctea em tempo real e todos seus astros.

O homem que antes estava completamente absorto e envolto pela desordem de sua mesa, abandonou tudo subitamente, levantou-se e gritou com euforia.

— Eureca!

O ajudante, que cochilava em sua mesa na sala ao lado, acordou em um pulo ao ouvir o grito alucinado do cientista e correu em sua direção.

— O que houve, Pedro?

O homem andava de um lado para o outro com frenesi, chacoalhando os papéis com veemência, um sorriso enorme estampado no rosto cansado marcado com olheiras profundas, resultado de muitas noites em claro. Sua postura era meio curvada, o peso dos anos salientava o cansaço em seu corpo. Os cabelos grisalhos e os pés de galinha em volta dos olhos, atrás dos óculos de grau, denunciavam a experiência que os anos lhe deram.

O astrônomo nunca tivera uma vida pessoal comum. Sua existência era o céu e quase o fazia feliz. Apesar de ser reconhecido por seus estudos sobre os astros, ainda faltava uma grande descoberta, um feito grandioso e histórico. Dedicava-se àquela sala e à tela de LCD e não se importava. Sabia que agora havia descoberto algo que valeria a pena todos os sacrifícios que fizera durante tantos anos. Só havia o ajudante para compartilhar seus sentimentos.

— Fernando! – falou com tanta energia o nome do rapaz que ele quase tombou pra trás – Calculei e recalculei a noite inteira. – o cientista pausou para respirar – Mas o cálculo está certo, não pode estar errado! – bateu o bico da caneta nas folhas em sua mão – O alinhamento perfeito, de todos os planetas da nossa galáxia, acontecerá no outono de 2012!

O ajudante sorriu satisfeito. Há dez anos fora contratado pelo maior astrônomo do Brasil Pedro Tosquini. O cientista era conhecido por vasculhar o céu através do observatório Phoenix, em Minas Gerais, há trinta anos e sua obsessão fora descobrir quando aconteceria o mais raro alinhamento dos planetas da galáxia. E finalmente conseguiu.

O rosto de Fernando era redondo e sem barba. O que faltava em seu queixo preenchia sua cabeça. Cachos davam volume ao seu cabelo emaranhado. Seus olhos castanhos eram

pequenos, levemente comprimidos pelas bochechas salientes. Seu corpo grande e ombros largos revelavam vestígios de músculos conquistados há um tempo, porém abandonados.

A voz urgente do cientista o chamou novamente.

— E tem mais, Fernando, o mais importante. O alinhamento acontecerá exatamente no início da Era de Aquário. A era da união, da fraternidade e dos valores humanos. Os dias de alinhamento trarão equilíbrio ao nosso planeta, equilíbrio emocional.

E bem no outono, acrescentou em pensamento. A morte da natureza, tão perfeita em sua troca. Tão viva, tão forte. Com certeza o momento adequado. A natureza era mesmo incrível, seria o recomeço do mundo.

O ajudante sempre ficava encantado quando o astrônomo falava com tanta paixão. Pensava como a ciência e a natureza se completavam e se afirmavam e que o trabalho que Pedro realizava, com seu auxílio, só vinha confirmar que o espaço, os planetas e os astros são perfeitos e possuem influência na vida humana.

Passada a euforia inicial, Pedro Tosquini se sentou novamente, os olhos perdidos no horizonte sem realmente ver. Relembrou a data, início de outono. O verão terminaria em março, portanto, ele tinha apenas três meses e algumas semanas para divulgar sua descoberta histórica. Não era à toa que se tornara o mais brilhante de todos os astrônomos do mundo, gabou-se silenciosamente. Voltando-se para o ajudante ordenou.

— Fernando, comece a organizar palestras nas cidades mais importantes. Verifique a lista que fizemos. – pensou um pouco e voltou a falar – A palestra terá o tema: O alinhamento perfeito e as pedras.

O ajudante franziu o cenho sem entender. — E as pedras? O que elas têm que ver com o alinhamento? Pedro estava enlevado com a rapidez de seu pensamento em criar um tema tão atrativo para a divulgação do alinhamento e realmente tinha tudo a ver. O ajudante já deveria ter aprendido isso depois de tantos anos trabalhando com o astrônomo. *Paciência, Pedro*, pensou consigo mesmo.

— Fernando, as pedras fazem parte dos próprios astros. São suas matérias-primas. Partículas de minérios que formam rochas e a base do planeta. Já te falei sobre isso antes, lembra? – o cientista não deixou o desânimo abatê-lo – Vai ser intrigante, não?

O ajudante se deixou convencer porque Pedro sempre tinha razão e se retirou para cumprir o que ele lhe ordenou. O astrônomo não conseguia pensar em dormir. Tinha muita coisa para organizar antes de começar a escrever sua palestra. Ele sabia muito bem a importância desse evento para o planeta. Esse alinhamento mudaria o mundo de todas as formas possíveis. Traria força diferenciada em prol da humanidade e da natureza.

Sentia-se ansioso e ao mesmo tempo apreensivo com o curto tempo que tinha para dizer

ao mundo sobre essa descoberta incrível. Teria que ser convincente para que todos entendessem o significado disso. Mas sabia que sempre haveria os céticos.

Pedro realizou uma grande conquista para a ciência. Nenhum outro cientista havia acreditado ou pesquisado essa possibilidade, tão remota, mas não impossível. Ele fora o único que se atrevera a tentar e havia conseguido afinal. Uma ideia cintilou em sua mente hiper-ativa novamente e outro grito saiu por sua garganta.

— Fernando! Ligue para a imprensa agora!

***

Gustavo olhava sem ver a televisão no quarto de hospital. De vez em quando uma enfermeira entrava para conferir o estado da paciente. Tamires estava em coma há três dias. O marido se sentia extremamente culpado e preocupado. A vida deles sempre fora tranquila e agora dúvidas o perseguiam. Será que ela não era feliz? Por que ela havia arriscado a própria vida? Gustavo não encontrava os motivos que ela poderia ter para não querer mais viver.

Encontrara a ametista presa na mão de Tamires depois de tirá-la da água. Graças a Deus que o porteiro interfonou no momento em que a viu sair. Pelo menos, se consolava, havia chegado bem na hora que ela batera a cabeça nas rochas do rio e ninguém questionara como conseguira, sozinho, no escuro, debaixo de uma chuva torrencial, tirá-la das águas lamacentas sem se ferir. *Se tivesse chegado um minuto depois, seria tarde demais*. Gustavo chacoalhou a cabeça para afastar esse terrível pensamento. Não queria pensar no "Se". Tudo que ele conseguira conquistar e dar de presente para Tamires quase fora por água abaixo literalmente. Culpa novamente o assaltou.

E a verdade, através da ametista, a cercava. Tinha que protegê-la. Sabia que, se Tamires soubesse de tudo, jamais o perdoaria e voltaria para sua origem sem pestanejar. Foram tantos anos a protegendo dela mesma e sobre os seus. Gustavo a olhou na cama fria. Ainda estava linda apesar da intensa palidez no rosto e nos lábios. O cabelo de fogo parecia ainda mais em chamas devido ao contraste com sua face. Os tubos enfiados em seu nariz e boca o entristeciam.

Eu sou culpado. Garantir uma existência feliz era a única forma de compensar o que fizera. Tinha que satisfazê-la nessa nova vida e manter apagada de sua mente sua outra curta existência. Suspirou. Nunca fora tão difícil quanto agora. Parecia que o universo conspirava a seu favor. A favor da verdade. A favor da justiça. *Maldita pedra*.

Não. Gritou internamente. O destino não estava sendo justo com ele. Tivera toda uma vida para tentar corrigir seu erro. Teria sido tudo em vão? E agora mais uma vida estava envolvida. *Sofia*. Ele nunca se permitiria ficar longe dela. *Nunca*. Uma voz o chamou de volta ao mundo exterior. Na televisão, Pedro Tosquini falava para a imprensa sobre sua mais nova descoberta.

— Foram anos para confirmar uma data precisa. Porém, meus estudos levam a crer que no próximo outono, no início de 2012, o alinhamento perfeito, muito raro, vai acontecer em nossa galáxia.

O murmurinho dos repórteres o interrompeu por alguns minutos. A data ficou martelando na cabeça de Gustavo. *Outono. Início de 2012. Meu Deus, março!* Então era por isso que a maldita pedra despertara. Estava muito próximo de acontecer, até a ciência já sabia. *Meu Deus! Não pode ser!*

Angustiado, Gustavo perseguiu a data por vários minutos em sua cabeça. Quase se esquecera desse acontecimento. Quanto tempo fazia mesmo? Trinta anos. Exatamente o tempo previsto para o alinhamento acontecer. Como pode se distrair tanto? O pânico correu por seu corpo como se fosse uma onda. Não podia estar acontecendo. Os astros estariam mesmo conspirando a favor deles? Só podia ser. Agora estava explicado, tudo claro em sua mente.

O fim do reino gelado tinha data marcada e estava muito próximo. Não, não se dependesse dele. *Não permitirei que os quatro sejam reunidos. Estou aqui para isso*. Gustavo pegou a ametista em seu bolso e a apertou com força como se fosse despedaçá-la em milhões de fragmentos. Como sempre, a pedra queimou sua mão. Mesmo com a dor alucinante, manteve a pedra fechada na palma.

Precisava sentir aquela dor. Precisava se marcar para não esquecer o quanto fora tolo, mas também para medir sua força. E a raiva controlou a dor que a pedra provocava. Seus olhos faiscaram. Estava prestes a retomar uma missão abandonada há anos. E sentia a força de seus poderes tomando conta de cada partícula de seu corpo. Sentiu-se poderoso, como há muito tempo não se via. E então pensou que o tempo sem usá-los não o deixara impotente.

Ainda assim, a pedra em sua mão, brilhando ofuscadamente, não se alterava. Percebeu que destruí-la não seria tão simples assim. *Desculpe, Tamires, mas terei que separá-la da ametista para sempre*. Ficou frustrado ao ver que seu poder não era capaz de dissolver a pedra. A culpa o assolou novamente com mais força. Não deveria ter abandonado seus ensinamentos. Agora eles eram muito importantes e estava fraco demais para conseguir usar seus poderes novamente com a mesma eficiência.

Os ensinamentos de seu mestre foram muito úteis em sua nova vida, em um novo lugar, mas também conseguira se desligar completamente dele agora. Sabia que o mestre estava distraído demais com seu próprio poder e por isso não o procurava. Também sabia o quanto seus poderes eram equivalentes e que uma luta, no fim, acarretaria na destruição de um dos dois. Por isso deve ter desistido de procurá-lo e deve ter percebido que Gustavo nunca permitiria que eles voltassem para acabar com seu reinado de gelo.

O astrônomo na tela da televisão continuava falando, mas Gustavo não ouvia. Seus

pensamentos eram tormentos confusos, rajadas de vento que o atordoavam, neve que o cercava e asfixiava, raio que o fulminava exatamente no coração. Mais uma enfermeira entrou no quarto, Gustavo simplesmente não a notou. A mulher percebeu a careta de dor no rosto do homem e resolveu consolá-lo.

— Não se preocupe, senhor do Valle, sua mulher está melhor e estável agora. Acordará em breve.

A moça tentou sorrir, mas Gustavo se retorcia. Seu coração, muito apertado, batia descoordenado em seu peito. O ar lhe faltou nos pulmões e um grito de dor ecoou em sua cabeça. Seu rosto ficou vermelho instantaneamente. A jovem enfermeira arregalou os olhos.

— Senhor, o que está sentindo? E no instante seguinte a luz se apagou de seus olhos.

***

Abri os olhos e pisquei várias vezes sem parar até que eles se acostumassem com a luz forte. Havia um silêncio estranho a minha volta, mas ele era cortado de tempos em tempos por um bip. Minha garganta ardia muito, assim como meus olhos. Quando tentei engolir, senti dor.

Estava viva, ao que tudo indicava. Olhei para os lados a fim de entender onde estava. Tudo era muito branco. Incomodava olhar ao redor. Outro bip e uma respiração profunda, de repente, chamaram minha atenção.

Olhei na direção do som. O que vi me deixou horrorizada. Gustavo estava deitado em uma cama com o peito nu coberto por vários sensores. O aparelho monitorava seus batimentos cardíacos. Assustada, tentei chamá-lo. Doeu de novo.

Procurei pelo botão de emergência. O movimento brusco que fiz com a cabeça provocou uma leve tontura e uma dor aguda na cabeça. Respirei devagar, com os olhos fechados, esperando a dor passar.

O que aconteceu? Nos minutos que se seguiram, eu tentei me lembrar e a dor foi a primeira lembrança. Eu havia batido a cabeça nas pedras do Iguaçu.

Na sequência me lembrei de tudo o que fizera culminando na loucura maior de me jogar no rio e agora estava em um hospital. Mas não me lembrava de Gustavo estar comigo. Não, eu o havia deixado dormindo na segurança de nossa cobertura.

Senti novamente necessidade de apertar um botão de emergência. Retomei a busca, menos bruscamente dessa vez, e finalmente o encontrei. Apertei-o várias vezes. Em menos de um minuto uma enfermeira entrou no quarto apressada. Exagerara nos apertos, com certeza. Quando me viu acordada, foi logo suspirando de espanto e alívio.

— Oh, a senhora acordou. Que bom! Vou chamar seu médico para examiná-la.

Não tive tempo, nem alternativa com aquele tubo enfiado em minha garganta, de perguntar sobre Gustavo. A enfermeira saiu do quarto tão rápido quanto entrou.

O tempo de espera era angustiante, mas nem um minuto ainda havia passado. Olhei para

Gustavo desacordado ao meu lado e meus olhos se encheram de lágrimas. O que havia acontecido com ele? Será que eu teria causado uma tragédia com minha insensatez? E será que Gustavo seria mais louco ainda de pular atrás de mim no rio?

Esperava que não. Não suportaria perdê-lo. A culpa me destruiria. O que seria de Sofia sem o pai? O que seria de mim mesma sem Gustavo? Ele era meu chão, minha fortaleza, meu guia, meu tudo. Ele me apresentara à felicidade e eu era muito grata por isso. E sabia muito bem como retribuir, com muito amor e isso eu tinha de sobra para lhe dar.

Um homem de voz aguda, irritante, chamou minha atenção. A imagem na televisão era de uma coletiva de imprensa. Seu nome estava escrito na tarja azul abaixo de sua imagem. PEDRO TOSQUINI. ASTRÔNOMO. E o que ele dizia ganhou toda minha atenção.

— O alinhamento perfeito dos planetas da Via Láctea será o evento histórico do século e nós o vivenciaremos. Além do espetáculo a olho nu que ele proporcionará a todos, também influenciará nossa humanidade porque o evento marca exatamente o início da Era de Aquário. Para nós, os astrônomos, essa Era é esperada há milênios. Os oito pontos brilhantes, em linha, no céu de nossa galáxia trarão com eles confraternização e paz. O espírito de solidariedade e de preservação do meio ambiente virá dos astros.

Tive um choque como se tivesse levado um soco no estômago. Alinhamento planetário. Era de Aquário. Confraternização. Paz. Meio ambiente. Astros. Natureza. Por que aquelas palavras mexeram tanto comigo? O que eu sabia sobre esses assuntos? Absolutamente nada.

Instintivamente, procurei a ametista. Era minha única ligação com o cosmos, mas não a encontrei por perto. Que estranho. Eu sei que ela está aqui. *Inexplicavelmente, podia senti-la muita próxima, como uma força me chamando.*

Com urgência, tirei os tubos e as agulhas dos braços. Sentei na cama, fechei os olhos procurando senti-la melhor. Sorri. Podia senti-la muito perto. Girei o corpo e joguei as pernas pra fora da cama. Procurei me movimentar com cuidado. A cabeça ainda doía. Pus os pés no chão e dei um passo sem muito equilíbrio. Escorei-me na cama antes de tentar o próximo passo. Respirei profundamente. Tentei novamente com a outra perna e senti mais firmeza.

Meus sentidos me guiavam até Gustavo. Ao alcançá-lo, olhei seu rosto meio arroxeado. Toquei seu peito nu com a mão fria. Senti uma energia estranha, como se tivesse tomado um choque. Retirei a mão instintivamente. Tentei novamente, mais devagar agora. A mesma sensação se repetiu. Porém, me permiti senti-la. Não importava que doesse. Gustavo estava ferido, provavelmente por minha causa. Eu merecia sofrer mais se essa sensação fosse um castigo.

Procurei ferimentos em seu corpo, tomando choques leves a cada toque. Quando peguei sua mão direita levei um susto. A palma da mão estava muito vermelha. Havia uma marca oval bem no centro dela. Analisei com cuidado o formato do ferimento e reconheci imediatamente o

objeto.

— Ametista. – sussurrei.

Meu Deus! Isso não fazia sentido. A pedra nunca me ferira antes, por que teria feito isso com Gustavo? Eu não conseguia entender. Na verdade, não sabia nem por que eu mesma sentia calor ao tocá-la, ou percebia sua luz, ou sentia o poder calmante quando ela estava por perto. A confusão era grande e a única certeza era que precisava encontrá-la agora e nunca mais me separar dela.

Uma lágrima rolou por minha face. Dei um beijo na bochecha de Gustavo levando outro choque nos lábios e me pus a procurar novamente pela pedra. Como podia senti-la tão perto e não vê-la? Fechei os olhos, percebi que seu poder vinha de baixo. Olhei naquela direção. O peito nu de Gustavo se mexia ao ritmo de uma respiração tranquila diante de meus olhos. Não, não era na cama e então devia ser embaixo dela.

Agachei-me. Lá estava a ametista brilhando com intensidade. Aquilo não parecia mais insano para mim. Era real. Uma verdade viva que eu não podia negar. Insanidade seria fingir que não estava vendo nada, apesar que não sabia como nem por quê.

Também sabia que minha pedra fazia parte do universo e que estava ligada aos acontecimentos dele. Sim, o alinhamento. Sabia que era importante. Talvez a ametista estivesse reagindo a ele, mas o que aconteceria naquela data de verdade? O que eu tinha que saber? O que eu tinha que fazer?

Segurando a pedra quente em minha mão, voltei a olhar para a televisão. Esperava que o homem tagarela da tela desse mais dicas, mas ele falava sem parar sobre como fizera a descoberta. Fiquei impaciente, acalmando-me em seguida. O astrônomo anunciou que faria palestras e na lista das possíveis cidades a recebê-lo estava Foz do Iguaçu. Sorri. Eu sabia agora onde procurar por respostas.

Nesse instante, o médico entrou apressado no quarto. Tomou um susto ao perceber a minha cama vazia.

— O quê... – o médico se interrompeu e ao me ver sentada em um sofá, muito inerte, com os olhos fixos na TV continuou – O que a senhora pensa que está fazendo? – andou até mim e conseguiu que eu olhasse em sua direção – Não deveria ter saído da cama, senhora do Valle. A senhora bateu a cabeça com muita força.

Eu o olhei sem expressão. O que havia acontecido comigo pouco me importava agora. Perguntei a ele o que mais me atormentava o peito.

— O que aconteceu com meu marido?

O médico piscou duas vezes atordoado antes de responder. Deu um meio sorriso compreensivo. Não tinha boas notícias para me dar, logo percebi.

— Ele teve um início de infarto ontem. Está sedado para se recuperar. Estava muito

agitado. Passou três dias ao lado de sua cama...

Eu o interrompi tentando entender o que dissera. — Três dias? – repeti estupefata. O médico se sentou ao meu lado no confortável sofá. — Sim, a senhora esteve em coma por quarto dias e acordou muito bem, pelo que estou percebendo, mas ainda teremos que fazer alguns exames para saber seu real estado. Eu não me importava mais comigo mesma, queria saber de Gustavo. — Mas ele ficará bem? Por quanto tempo ficará aqui? O médico suspirou.

— Não sabemos ainda. Tiraremos o sedativo dele para que acorde e então veremos como ele reage. Acho que será uma boa ideia agora que a senhora acordou. Pode ser que ele se acalme.

Eu me senti muito mais culpada agora. Voltei resignadamente para a cama, amparada pelo médico e deixei que ele me examinasse. Meus olhos não se desviaram de Gustavo ao meu lado. Aquilo parecia um de meus pesadelos, mas infelizmente era real, porque a dor me fazia ter certeza disso.

Uma lágrima escorreu de meus olhos pelas bochechas e parou no lençol da cama.

***

Marcel Vieira estava envolto em sombras na pequena sala. A única luz era da grande tela a sua frente. Ele assistia a coletiva do astrônomo no jornal da noite. Um sorriso travesso repuxou o canto de sua boca.

O jovem louro, de pele clara e rosada, e olhos da cor do mel estava radiante. Não só porque já sabia sobre o alinhamento e a data, mas porque também havia descoberto a localização do primeiro elemento e da maneira mais interessante possível.

Não, pensou tentando se concentrar no que via na tela. Não podia se permitir devanear no momento fantástico que vivera há cinco dias. Pensando agora, como fazia tempo. Era uma lembrança muito viva ainda. E como sua vida mudara radicalmente há apenas cinco dias.

Estava no auge de sua carreira como biólogo aos 36 anos e nunca havia lhe ocorrido que faltava alguma coisa. Que seu interesse em assuntos relacionados a natureza escondia um segredo sobre sua concepção. Um segredo sobre seu destino. Por que sua mãe havia escondido isso dele por tanto tempo?

Bem, agora era a hora de saber. E como previam, os dons dele eram frágeis demais, enferrujados pelos anos sem prática. Mas ao unir o seu talento com o de Suzane, completamente sem querer, tudo ficou visível. Sabia para onde deveria ir. Podia ver o fogo e senti-lo. Sim, agora ele sabia para que viera a esse mundo.

Suspirou. As lembranças daquele dia davam voltas em sua cabeça, causando-lhe frenesi. Ah, era delicioso lembrar. Bem, alguma coisa Suzane devia a ele, afinal. E eles eram uma equipe, não, uma dupla infalível. Funcionavam muito bem juntos. *Bem demais*, pensou durante

outro suspiro. *Foco, Marcel. Foco!* Obrigou-se a prestar atenção na coletiva novamente. Afinal, tinha que se organizar para dar início a sua missão extraordinária o mais depressa possível.

O alinhamento aconteceria em poucos meses, e que engraçado, bem na época do aniversário...

— Ah – grunhiu em voz alta.

Isso o estava tirando do sério. Não era mais um adolescente para estar se sentindo dessa forma com relação à Suzane. Mas fazia tempo que não se sentia assim. *Ah, um bom tempo*.

Neste momento, recordou-se de outra imagem, outra lembrança. Tamires batendo a cabeça contra a rocha. *Hum, isso deve ter doído muito*, pensou com um careta. E durante quatro dias, sentiu como se o fogo tivesse apagado. Depois vira que Tamires estava em coma.

Quase se perdeu com outra lembrança. O rosto de Suzane contorcido pela tristeza assistindo, como ele, a cena da moça de cabelo vermelho desacordada em uma cama de hospital. Não era a pior imagem que tinham dela. A certeza de que ainda estava viva era um conforto.

Depois Marcel se lembrou do homem. Sabia exatamente quem ele era. Sabia o que ele havia feito e Suzane também. E eles compartilhavam o mesmo asco por ele. Mas depois do quase infarto, chegaram quase a sentir pena. Em seguida, deram de ombros e disseram em voz alta e ao mesmo tempo.

— Bem feito!

Sentiram vergonha disso. Não eram pessoas más, como ele. Porém, fingir que amava tanto Tamires... *Hum, será que era mesmo fingimento?*, pensou de novo, fazendo uma pausa em seu raciocínio. Marcel logo concluiu que era melhor acreditar que era fingimento. Senão essa história ia ficar confusa demais.

Depois seus pensamentos foram para a pequena Sofia. Ele se lembrou da lágrima balançando no canto do olho de Suzane. Ah, como ela ficara enfeitiçada pela pequena. *Pena que ela é tão parecida com o pai*, pensou Marcel, interrompendo de novo sua linha de pensamento.

Suzane nada falara sobre esse fato e ele concluiu que não importava porque ela já amava Sofia também. Suspirou novamente. Bem, agora que Tamires estava fora de perigo e seu marido ainda hospitalizado, impossibilitado e fragilizado, ele não poderia mais impedi-los de se encontrarem.

Pegaria o voo para Foz do Iguaçu e já sabia exatamente onde encontrá-la. Marcel olhou o rosto cansaço do astrônomo na televisão e sorriu. A Via Látea estava preparando um espetáculo para todos os humanos. *Hum, mas o melhor espetáculo será longe dos olhos deles*, pensou Marcel na maior expectativa.

***

Gustavo estava com o rosto atormentado. As lágrimas escorriam descontroladamente por sua face e o pranto sacudia seu corpo sobre a cama do hospital. Tamires chorava junto implorando que se acalmasse.

— Não, não! Eu não posso deixar de me culpar, porque foi minha culpa. Eu devia estar ao seu lado. Você não teria corrido este risco se eu estivesse lá.

Tamires segurava o corpo dele em seus braços com força. A eletricidade do contato dando choques. Aquilo tinha que parar. Apesar da tristeza em ter que partir, não queria que ele tivesse outro infarto e seu coração, já fraco pelo primeiro ataque, poderia muito bem parar depois dessa emoção toda.

— Pare, Gustavo. A culpa não é sua, é minha. Eu quis ir e fui. Você não podia me impedir. Eu estava muito consciente do que estava fazendo. – abrandou um pouco a voz e acrescentou – O importante é que você chegou na hora certa, querido. Eu te amo demais. Acalme-se, por favor, senão terão que sedá-lo novamente. Não quero que tenha outro ataque.

Gustavo fungou ruidosamente. Tamires o olhou com agonia. Parecia uma criança. Pobre, querido. Mas o que estava acontecendo com ele? Por que toda essa culpa se ele havia salvado sua vida? Ela não compreendia, mas era melhor deixar para lá. Agora que recebera alta, estava ansiosa para encontrar Sofia.

Apesar de estar triste por se afastar dele, sentia muita saudade da filha. Seus adoráveis cachinhos castanhos, tão bem modelados, seu perfume, seus olhos profundos, duas jabuticabas redondas e brilhantes.

— Agora, querido, quero que se recupere. – Tamires voltou a falar, bem devagar – Por mim, pelo nosso amor, por nossa filha. Precisa estar bem para voltar para casa logo. Você precisa se acalmar agora, está bem?

Gustavo já diminuíra o choro e balançou a cabeça positivamente. Tamires sentiu uma grande ternura pelo homem maduro e forte agindo com tanta sensibilidade e emoção. Acariciou seu cabelo brilhante e lhe deu um beijo rápido nos lábios. Percebeu que ele esperava por mais, mas ela já estava longe, falando enquanto se afastava.

— Volto em breve para vê-lo. Eu amo você.

Tamires ainda sentia a eletricidade percorrendo seu corpo por causa do contato prolongado com o marido. Isso era muito estranho, tinha que admitir a si mesma. Gustavo fez beicinho e com um risinho fraco acenou um “até logo”. Jogou um beijo no ar em resposta ao aceno, deu uma piscadela e se virou.

Era curioso, ao se afastar dele, sentiu alívio. O que estava acontecendo? Mas antes que a culpa e o remorso começassem a incomodá-la, resolveu afastar esses pensamentos e sensações perturbadoras. Pensou em Sofia. Há cinco dias não a via. Estava morrendo de saudades de sua

filha.

Ao cruzar a porta do quarto, levou um susto e paralisou. A porta terminou de fechar sozinha, revelando a Gustavo, por uma fresta, quem estava no corredor. E, inexplicavelmente, pela primeira vez, não gostou de vê-lo.

O homem encostado na parede era mais alto e mais magro que Gustavo, apesar da saliência evidente de seus músculos muito definidos. Por mais que a semelhança física não deixasse dúvidas do parentesco entre eles, esse homem era muito, mas muito mais bonito que Gustavo.

— Ah, Alexandre, que susto você me deu. – suspirou Tamires.

O sorriso que recebeu em troca foi indescritível. Alexandre sempre intrigara Tamires. Ele era uma incógnita e seu charme despreocupado parecia ser meticulosamente medido para causar exatamente a sensação de feitiço.

Tamires sorriu de volta sem graça. Conhecia bem o poder dos homens daquela família, mas somente Gustavo produzia algum encantamento sobre ela. Alexandre era apenas uma curiosidade.

Ela se recordava do dia em que o conhecera. Alguns meses depois de começar oficialmente o namoro, Gustavo agendara um jantar misterioso e fizera a apresentação formal de seu irmão mais novo.

Durante a refeição, contara que Alexandre estava na cidade para melhorar a vida profissional. Tamires vira nos olhos de Gustavo a alegria em reencontrar o irmão caçula. Há muitos anos não se viam e a partir daquele dia, a família estava maior e isso a fez mais feliz.

— Como ele está? – perguntou Alexandre balançando a cabeça na direção do quarto.

Tamires deixou os olhos entristecerem novamente. — Nada bem. Ele não para de se culpar pelo que me aconteceu. Alexandre saiu de sua pose de indiferença e caminhou com firmeza até a cunhada. Pousou uma das mãos sobre um de seus ombros participando de seu sofrimento.

— Não se preocupe, Tamires. Vá para casa. Eu ficarei com ele hoje.

Tamires agradeceu com um sorriso tímido, se despediu e caminhou para a saída do hospital. A babá estava no banco de trás do carro com Sofia. O motorista segurava a porta aberta para Tamires entrar. Um sorriso iluminou o rostinho da filha ao vê-la.

— Mamãe! – a pequena exclamou estendendo os braços para ela. Tamires entrou no carro preparada para recebê-la e apertou a filha com força. — Está me apertando muito! – reclamou a menina.

Tamires riu soltamente e afrouxou o braço. Agora sim era um abraço. Sofia estava muito feliz por ter a mãe por perto de novo, mas a pequena não ia deixar barato, não é mesmo?

— Mamãe, cadê papai? – perguntou depois de se afastar.

A realidade a cercou como um monstro. Tamires fechou a cara. Não queria dizer à filha que Gustavo não voltaria para casa com elas. Engoliu com dificuldade a saliva concentrada na boca. E, sem escolha, respondeu a verdade.

— Papai está bem, querida, mas terá que ficar no hospital por mais alguns dias. Ele também se machucou, mas os médicos estão cuidando muito bem dele e, olha só, papai está com saudade e quer vê-la. Poderemos visitá-lo todos os dias. O que acha disso?

Sofia apagou a tristeza em seus olhos com um sorriso bem aberto. Bateu palmas, com alegria, gritando viva. Tamires a segurou contra o peito de novo enquanto seus olhos seguiam o caminho que o motorista tomava para casa.

Casa, que palavra doce. O clima do hospital não era nada agradável, mas era necessário. Por sorte ainda estava viva. Sorte mesmo era Gustavo existir em sua vida, seu guardião.

Tamires manteve os pensamentos tão fixos quanto seus olhos. Sim, precisava refletir sobre o que fizera, o que vira, o que faria a partir de agora. A primeira coisa que queria era estudar sobre o alinhamento e não faltaria à palestra do astrônomo.

Não sabia quanto tempo mais Gustavo ficaria no hospital. Doenças do coração não eram simples. Tamires ficou intrigada de novo. O marido era um homem em forma, fazia exercícios regularmente, *check up* todo ano, era completamente saudável. Por que o ataque, então?

Tamires concluiu que devia ser emocional e isso a deixou triste de novo. *É culpa minha*, pensou com tristeza. Afinal, por mais que Gustavo se cuidasse, ele não estava na flor da idade. Não era velho, mas também não era mais um jovenzinho cheio de energia.

Teria que tomar mais cuidado a partir de agora. Não podia perdê-lo, não aceitaria. Não podia mais preocupá-lo dessa maneira com atitudes loucas. Ainda bem que ele estava no hospital, longe de suas maluquices, se recuperando. Poderia fazer pesquisas sem preocupá-lo.

Sentiu uma facada no peito. *Traidora*. Não, não era isso. Só queria poupá-lo. *Pelo menos enquanto ele estiver tão frágil*, pensou de novo. Apertou a bolsa à esquerda lembrando-se da ametista. Sentiu um calor estranho vindo dela. Sabia que ela estava acesa de novo. Ela era seu único guia agora.

NATUREZA

Deixei os pensamentos flutuarem enquanto não via o caminho para casa à minha frente. Meus pensamentos vagaram por tudo que aconteceu nesses últimos dias. Como podia, em uma noite, minha vida tranquila e pacata virar de pernas para o ar dessa maneira?

Não tinha mais controle sobre meu destino. Era exatamente essa a única certeza que havia em minha mente agora. Estava à mercê do jogo da vida, do carma, do que fosse. Destino, refleti por um momento no sentido da palavra. Nunca soubera exatamente o que seria de mim, mas nunca questionara meu futuro antes. Não era uma preocupação ao contrário de meu passado silencioso, esquecido e longínquo.

Não tinha mais certeza de nada, nem sobre meu futuro nem sobre minha vida. Havia uma energia estranha no ar. Uma mudança radical nos sentidos, como se a natureza estivesse voltada para mim. Como se todos os olhos estivessem aguardando o desfecho dessa história intrigante e confusa.

Realmente era como se vários olhos estivessem sobre mim. Que estranho. Um arrepio percorreu minha espinha como um choque elétrico. Balancei a cabeça para afastar a sensação achando que estava apenas em minha mente, mas simplesmente não passava. Resolvi olhar ao redor para procurar ciente de que não encontraria nada.

Sofia estava no meu colo e brincava com as pontas de meu cabelo. Seus olhos estavam fixos em mim sorrindo. Sorri de volta, mas a estranha sensação não desapareceu ao encontrar o olhar inocente de minha filha. Olhei para o lado, a babá olhava para mim com o rosto em pânico e do retrovisor, o motorista também me encarava.

Segui a indicação silenciosa para o para-brisa. E, além dele, pude ver. Havia uma multidão de repórteres em frente ao meu condomínio. Todos olhavam para o carro e corriam em nossa direção como se estivessem em uma maratona.

— Senhora? – o motorista suplicou para mim.

Do espanto à raiva, meu rosto se toldou de vermelho. Quem havia dado a língua nos dentes? Com certeza alguém do hospital. Sempre havia um engraçadinho a informante em um hospital tão conceituado que deveria preservar a privacidade de seus pacientes. Respirando fundo, irritada, respondi ao motorista.

— Não pare, Frederico. Passe reto. Melhor não entrarmos no condomínio agora.

O motorista diminuiu a marcha tentando desviar dos corpos em volta do carro sem machucá-los. A multidão já cercava o veículo e inúmeras vozes falaram ao mesmo tempo.

— Senhora do Valle, o que houve com a senhora?

— Tamires do Valle, o que aconteceu com seu marido?

— Senhora, o que a motivou a se jogar no rio Iguaçu?

— É verdade que seu marido a salvou, senhora do Valle?

— Ele se feriu ao salvá-la ou teve um início de infarto?

— Quando o empresário sairá do hospital?

Franzi o cenho a cada pergunta fazendo uma linha cada vez mais funda na testa. Eles sabiam de tudo. A impaciência me dominava agora. Enquanto pegava o telefone celular, ordenei ao motorista com voz ríspida.

— Saia logo daqui, Frederico!

O motor do carro roncou alto, afastando a turba de perguntas a minha volta. Eu ainda procurava o número do hospital na agenda do celular quando ele tocou. A bina denunciou quem chamava.

— Judite. – suspirei em voz alta enfadada.

Judite Bittencourt era dada a fofocas sobre a alta sociedade da cidade, uma socialite frívola. Sorri com sarcasmo substituindo minha raiva de imediato. Claro que Judite não perderia essa por nada, morria de inveja da minha vida e a notícia sobre o acidente deveria ter confirmado, para ela, suas suspeitas de que eu e Gustavo mentíamos sobre nossa felicidade. Esta é minha chance de amenizar as coisas. E ardentemente desejei que Gustavo se recuperasse logo para que minha vida voltasse ao normal.

— Olá, Judite, como vai? – atendi, minha voz de repente muito calma e melodiosa.

Percebi que Judite engoliu alto, com espanto. Ela não esperava aquele tom ao ouvir minha voz. Ainda assim, respondeu com fingida cordialidade.

— Vou bem e você, Tamires querida?

O tom falso da última palavra não passou despercebido por mim e outra linha de expressão se formou em minha testa. Mas minha voz continuou a mesma.

— Muito bem, obrigada.

Judite pigarreou, tentando disfarçar o nervosismo.

— Oh, querida, o que aconteceu com vocês? Sabia que está na televisão?

Senti a raiva tingir meu rosto de novo, queimando. Malditos sejam esses repórteres. Consegui me recompor rapidamente para não revelar meu abalo, mas Judite estava atenta do outro lado da linha.

— Bem, apenas um pequeno acidente, nada sério. Gustavo terá que ficar no hospital mais alguns dias, mas sairá em breve.

Meu coração saltava com fúria em meu peito. Sabia o quanto Judite estava se regozijando por causa do que acontecera e estaria deduzindo o pior, mas logo eu saberia o que estavam

falando.

— Ah, então ele vai passar o Natal no hospital, coitado! – a voz de Judite fingia pesar.

Eu fiquei pálida. A raiva se foi e o espanto voltou ao meu rosto. Havia me esquecido completamente do Natal. Ah, coitada de Sofia! Passar a data em um hospital não era bem o que planejara para ela. Olhei para minha filha e simplesmente respondi ao telefone enquanto acariciava seus cachinhos.

— É, infelizmente, sim. – consegui fazer uma voz impassível.

Judite parecia satisfeita com as informações que conseguira, então encerrou a ligação o mais depressa que pode.

— Sinto muito, querida, estimo melhoras para seu marido. Um beijo para você e feliz Natal.

Respondi automaticamente e desliguei o celular. Meu rosto era triste agora. Havia estragado o dia feliz que tivemos e também o dia de Natal tão especial para minha filha, bem agora que ela entendia melhor a data e estava ansiosa para receber a visita do Papai Noel! Ah, que droga!

Teria que compensá-la de alguma forma. Resolvi ligar para o hospital para iniciar os preparativos imediatamente. E não me esqueci dos repórteres. Falei com a administração do hospital furiosa.

— Senhora Sônia, eu estou muito decepcionada com o hospital por quebrar o sigilo sobre nossos acidentes. – percebi o desconforto do outro lado da linha enquanto me exaltava – Toda a imprensa está na porta da minha casa agora. Estamos na televisão e sabe-se lá o que estão pensando de nós. – minha voz se elevava a cada palavra que eu pronunciava – Não podemos tolerar a falta de privacidade de sua equipe. Subtende-se falta de profissionalismo, senhora. Portanto, exijo que encontre o delator e o demita imediatamente. Do contrário, passaremos nosso plano para o hospital concorrente hoje mesmo.

A mulher do outro lado da linha estava atordoava. Desculpava-se com insistência dizendo que faria tudo o que eu desejasse. Sônia sabia que seu diretor jamais admitiria uma falha dessas com um dos seus melhores clientes. Depois de ouvir as desculpas da mulher com impaciência, minha voz denotava autoridade. Ainda havia os preparativos para o Natal.

— Então acredito que não haverá problemas se eu montar uma árvore de natal e levar minha filha para passar a data com o pai amanhã?

A mulher concordou sem pensar. Claro que não haveria nenhum problema, afinal era importante que a família estivesse reunida nesta data especial e blábláblá. Agradeci interrompendo a mulher impaciente e desliguei o telefone quase sem aviso.

Suspirei ruidosamente. Meu coração batia muito rápido e a raiva não passava. Uma

confusão de pensamentos e sentimentos me afligia. Fechei os olhos, procurando me acalmar. Sabia que o rostinho de Sofia estava inquietantemente ligado ao meu. Não queria assustá-la mais. Os últimos acontecimentos já fizeram esse papel. Estava na hora de trazer de volta a paz para sua vida tão curta e tão repleto de futuro.

Inspirei profundamente sentindo a calma voltar, devagar, ao meu corpo e mente. Olha-res ainda não me deixavam. Mas também sentia uma onda suave me envolvendo. Uma onda de tranquilidade tão intensa que rapidamente me lembrei do que era. A ametista. Abri os olhos no mesmo instante em que pensei na pedra. Tive uma ideia repentina. Como não pensara nisso antes? Falei com o motorista novamente ansiosa.

— Frederico, vá à joalheria na qual meu marido comprou a joia.

O motorista concordou com um único movimento de cabeça e fez a volta com o carro para o destino que determinei.

Sorri com tranquilidade. Já havia decidido que nunca mais me separaria da ametista e essa ideia iria me ajudar a não perdê-la mais. Sorri de satisfação sabendo que a força mística da pedra e a imagem do rosto de minha mãe estariam sempre perto de mim agora.

Não demorou muito para chegarmos à joalheria. Deixei Sofia com a babá e saí do carro carregando minha enorme bolsa de couro. Olhei ao redor, desconfiada, não havia nenhum repórter ali. Dei passadas rápidas para cruzar logo a entrada da loja. O vendedor me reconheceu assim que atravessei a porta.

— Senhora Tamires do Valle, como vai? – cumprimentou com simpatia.

Respondi educadamente e com um sorriso para o joalheiro. Tirei da bolsa a ametista e a mostrei a ele.

— Poderia, por gentileza, transformar esta pedra em um pingente? Não quero que a lapide. Quero que fique exatamente como está.

O joalheiro tomou a pedra nas mãos. Era de um lilás muito doce. Ele sorriu contente ao tocá-la. Observei pensativa. A pedra também transmitia sua energia para outras pessoas. Quase senti ciúmes, que absurdo! Em seguida, cogitei se a gema também o machucaria como percebi que fizera com Gustavo e ela apenas irradiou uma luz fraca incentivada pelo reflexo do dia. Para afastar minha intriga emendei uma pergunta.

— Em quanto tempo o senhor pode concluir o pingente?

O joalheiro acordou de seu devaneio e me encarou a fim de responder.

— Sim, ela é bela bruta exatamente como é. Acredito que até o final da tarde estará pronto.

Fiquei muito feliz com a rapidez.

— Ótimo, mando buscar às dezessete horas, obrigada.

Enquanto ouvia a resposta sussurrada do joalheiro, eu já me virava para sair. Outra

decisão surgia em minha mente, precisava consultar alguns livros. Era hora de ir a uma livraria. Ao voltar para o carro, informei o novo destino ao motorista.

Na livraria mais próxima analisei as lombadas dos livros da seção esotéricos. Um vendedor se postou prestativo ao meu lado.

— Posso ajudá-la?

Sem tirar os olhos dos títulos, respondi.

— Sim, estou à procura de um livro sobre pedras místicas e seus poderes.

O vendedor se apressou em selecionar todos que estivessem relacionados com o tema e um dos títulos chamou minha atenção em particular. Sussurrei.

— As pedras e os guardiões da natureza.

Minha voz denunciava a curiosidade que me dominava. O vendedor se pôs logo à explanação.

— Ah, sim. Este livro fala da relação das pedras com uma lenda antiga sobre os guardiões da natureza. O autor fez uma pesquisa profunda por todo o mundo, absorvendo o que era comum nas lendas para formar uma única teoria sobre os guardiões. Segundo ele, a natureza escolhe pessoas e lhes dá dons naturais para que possam usá-los a favor da natureza a fim de protegê-la. Ele salienta que a natureza é perfeita em cada parte e consegue se desenvolver sozinha. Porém, os homens com sua sede por dinheiro, estão destruindo a si mesmos quando destroem a natureza, sua própria essência. Por isso, nomeia guardiões que mantém acesa a chama da preservação. O livro é bem interessante e não é apelativo ao tema meio ambiente porque traz histórias antigas muito intrigantes.

O vendedor sorriu e parou de falar. Eu estava visivelmente curiosa e o instiguei a continuar.

— Que tipo de histórias antigas?

O vendedor sorriu de volta.

— O autor descobriu uma lenda sobre a Era de Aquário. Ele diz que a Era será iniciada quando o alinhamento perfeito dos planetas de nossa galáxia acontecer e que isso é um plano da natureza para reunir todos seus guardiões mais poderosos e se fortalecer contra aqueles que querem destruí-la. Com a união dos quatro elementos durante o alinhamento, uma força incomum permitirá que o portal para o coração da natureza se abra e por ele todos os guardiões perdidos poderão retornar e revigorá-lo para os próximos milênios, transmitindo essa luz para todos os humanos, em consequência.

O vendedor sorriu ao terminar seu relato. Não ficou satisfeito com o que viu em meus olhos. Acredito que teve medo que eu tivesse perdido o interesse, mas eu estava absorvendo tudo que ele acabara de me dizer. Eu já ouvira algumas daquelas palavras antes, por isso, não esbocei

nenhuma reação. O vendedor acrescentou.

— Bem, são apenas lendas, mas são interessantes, principalmente porque o famoso astrônomo Pedro Tosquini anunciou esta semana a descoberta da data em que este alinhamento perfeito deve acontecer, contrariando qualquer teoria de que isto era impossível ou pouco provável. E para nos deixar ainda mais intrigados, ele também falou sobre a Era de Aquário. Talvez ele tenha lido este livro, não é mesmo?

Eu olhava para a capa do livro confusa com a explicação do vendedor. Seria possível? Afinal, nós humanos somos parte da natureza por mais que tentemos destruí-la. E por que a natureza escolheria humanos para ajudá-la em sua preservação? As pedras, os astros, os signos, a força da natureza com certeza pairavam sobre nós, regendo nossas vidas. Disso eu não podia mais duvidar. Voltei-me para o vendedor e perguntei.

— Quanto devo?

O vendedor ficou visivelmente aliviado pela venda que conseguira fechar. Eu fiquei com três livros. Ao voltar para o carro, pedi para que o motorista voltasse para casa. Esta-va na hora de enfrentar a turba de repórteres na entrada do condomínio.

Ao nos aproximarmos de casa, uma fúria violenta me fez ranger e resmungar entredentes.

— Abutres!

Passamos pela entrada sem olhar para os repórteres enquanto choviam as mesmas perguntas de antes. Tentei controlar a raiva enquanto segurava Sofia que já dormia. Não olhei pela janela, não queria ver meu próprio reflexo, furioso, no vidro nem os rostos do lado de fora do carro. Queria apenas a segurança de meu lar.

Ao sairmos do carro já dentro da garagem coberta e protegida, me despedi dando o resto do dia de folga para a babá e pedindo ao motorista que fosse às cinco horas buscar meu pingente na joalheria. Depois disso, ele também estaria liberado por hoje.

Eu queria apenas olhar o rosto adormecido de Sofia. Não queria falar com ninguém. Não liguei a televisão quando entrei no apartamento, também não queria ver as reportagens. Deitei Sofia em sua cama e me sentei na poltrona para observá-la dormir com tranquilidade. Nessas horas, eu desejava voltar a ser criança e não ter as preocupações de adultos. Queria poder dormir e relaxar sem me incomodar em ter que enfrentar outros a-dultos curiosos e enxeridos.

Pensei em Gustavo. Eu o amava tanto. Ele era o pai de Sofia e era o homem da minha vida, mas eu me sentia muito distante dele agora, como se ele tivesse feito parte de minha vida em outra existência, em outro momento. Por que sentia isso?

Não havia motivo. Pelo contrário, só podia amá-lo ainda mais. Ele havia salvado minha vida de muitas formas. E, da última vez, quase perdera a própria vida. Não era justo que estivesse confusa dessa maneira. Não me permitiria mais esse tipo de pensamento.

Voltei os olhos para Sofia. Ela ainda dormia com tranquilidade. Sorri feliz. Ela era com

certeza a coisa mais importante de minha vida agora. A felicidade dela importava acima de tudo. O bem-estar dela estava acima do meu próprio, suas vontades estavam acima de meus maiores desejos.

Fiquei pensando em Sofia por um momento e decidi começar a leitura o quanto antes. Fiquei sentada na poltrona por horas enquanto a luz da manhã mudava de posição no quarto de minha filha. Ao me concentrar no livro, apaguei definitivamente as dúvidas so-bre meus sentimentos e antes que pudesse terminá-lo, adormeci desconfortavelmente.

***

O dia andava a passos lentos enquanto Gustavo olhava fixamente pela janela do quarto de hospital. O sol estava a pino no céu agora. Ignorara propositadamente a presença do irmão, que tentara muitas vezes conversar com ele sem receber nem um olhar como resposta. Por fim, Alexandre dera um tempo para o irmão mais velho e o deixara sozinho.

Gustavo estava na mesma posição desde que Tamires fora embora. Depois de pensar na despedida por horas, concluiu que a atitude dela fora meio estranha, porém sem justificativa.

Talvez ela só estivesse ansiosa para sair do hospital e ver Sofia, pensou o empresário. Tamires se recuperara muito rápido e estava nítido que sua própria recuperação demoraria muito.

Todos os exames provaram que ela poderia receber alta e ele não. Estava preso, inquestionavelmente, no hospital. Ele se sentia muito fraco, verdade. Seu coração havia se alterado pouco, mas suficiente para deixá-lo exausto por dias e sentia que ainda não estava perto de se sentir completamente bem.

Deu um suspiro tristonho. Era frustrante estar preso àquela cama. Sempre fora um homem muito ativo, inquieto, forte e cheio de saúde, mas sabia o que abalara seu coração com tanta força.

As escolhas sempre traziam consequências, boas ou ruins. Esse fato praticamente se materializou em sua vida, inquestionável, visível, palpável. Era difícil admitir que seu erro o colocara sobre aquela cama e agora a vida estava lhe pedindo para voltar atrás. Era um grito exigente, podia ouvi-lo com muita nitidez.

Diga a verdade a ela, Gustavo.

Não, não e não! Sou covarde. Não consigo fazer isso, pensou em resposta, balançando negativa e veementemente a cabeça. Gustavo sentiu uma pontada de medo no peito. Outra frase lhe veio à cabeça imediatamente a sua resposta.

Mesmo que você não conte, ela vai descobrir sozinha.

Essa era uma verdade inevitável. A natureza se encarregaria de mostrar a ela seu destino e ele estava preso naquele hospital triste impossibilitado de impedi-la. Gustavo girou a

cabeça para a cama, agora vazia, que Tamires ocupara. Tinha ou-tra ideia martelando em sua cabeça desde o afogamento dela naquela madrugada.

Talvez se eu contar a ela antes, se eu confessar o que fiz, ela veja meu arrependimento e possa me perdoar. Fechou os olhos com força para não chorar novamente. A cena de mais cedo fora muito ridícula para se permitir repeti-la, nem que fosse somen-te para si mesmo.

Sentiu-se ainda pior pela falta de força de vontade em relação à confissão. Não sabia de onde tirar essa coragem. Sentia-se cada vez mais frágil emocionalmente.

Afinal, a justiça seria feita se ela me deixasse, pensou com tristeza. Talvez seja o que mereço pelo que fiz e talvez somente depois desse grande sofrimento eu realmente possa ser absolvido e possa viver em paz sozinho.

Porém, ainda havia mais uma peça muito importante nesse jogo que era sua vida. Sofia. A doce Sofia de olhos negros e cabelos cacheados. Tão parecida comigo, pensou com um sorriso nos lábios ainda arroxeados.

Apaixonar-se por Tamires nunca estivera em seus planos quando resolvera ficar na cidade há muitos anos. Simplesmente sua natureza humana gritara por isso. Exigira. Seu corpo tinha sede do dela, sua boca chamava por ela. Seus cabelos exalavam um perfume hipnotizador ao vento das cataratas.

A escolha que fizera de abandonar sua outra vida e estabelecer residência e trabalho em Foz do Iguaçu nada tinha que ver com Tamires e sim com ele mesmo. Estava cansado de seu mestre, de receber ordens, de ser obrigado a fazer tudo o que ele queria. Mas se livrar dele exigia deixar seu verdadeiro lar.

Escolheu Foz porque gostava da energia que emanava do lugar. Era uma energia agradável, intensa, viva e constante. Parecia que aquele lugar poderia durar a vida toda e a cidade poderia lhe proporcionar um pouco do que fora sua casa.

Sentia muita saudade, mas sabia que não deveria voltar. Não queria voltar de verdade nem ser mais escravo. Já havia feito sua escolha e ela era irreversível. E, no entanto, a natureza lhe pregara a maior de todas as peças. Fizera seu destino cruzar com o de Tamires e os uniu de uma forma eterna. Não havia mais escapatória para ele. Estaria ligado a ela mesmo que não estivessem mais juntos, mesmo que ela voltasse e ele não, mesmo que eles morressem.

Um tremor percorreu seu corpo com a ideia de morte. Com certeza, estariam ligados até depois da morte, mas isso não o tranquilizava. Pensar que ele quase a perdera, por apenas alguns instantes, o fez tremer de novo.

A morte não era aceitável, por mais que agora era inevitável para ele. Havia escolhido a mortalidade ao virar as costas para sua origem e a morte estava à espreita em sua nova existência. Esse era um fato irrevogável.

Pensou que, se fosse para Tamires permanecer viva e feliz, seria melhor mesmo que o

deixasse. Isso com certeza permitiria uma existência muito mais plena para ela e até para Sofia. Ficaria feliz em saber que elas estariam muito melhor sem ele.

O egoísmo é uma falha humana muito potente e foi ele que apagou esse último pensamento da cabeça de Gustavo. Não, ele não ficaria feliz se elas estivessem longe dele mesmo que isso as mantivesse seguras. Talvez a morte fosse seu único alívio, se elas o deixassem, pensou.

Virou a cabeça novamente para a janela. O sol já deitava no céu inclinando-se para a tarde, mas para Gustavo, o dia continuava se arrastando como se desejasse prolongar sua dor. Estava muito alerta para adormecer e se permitir descansar um pouco de seu tormento íntimo.

Uma enfermeira entrou no quarto o distraindo de seus devaneios momentaneamente. Ela conferiu os aparelhos e o examinou rapidamente. Ela sorriu para ele.

— Está muito melhor, senhor Gustavo. Dá para ver que a cor natural está voltando para seu rosto.

Ele deu um meio sorriso em resposta, com certeza não era nada animador para ele. Ainda ficaria mais alguns dias no hospital, porém, a enfermeira não desistiu de animá-lo.

— Sua esposa ligou mais cedo e disse que trará sua filha amanhã para passar o dia de Natal com o senhor.

Gustavo sorriu com a lembrança de Sofia. Somente aquela pequena criaturinha poderia animá-lo nesse momento tão solitário. Antes de sair, a enfermeira ligou a televisão para ajudar a distraí-lo e realmente alcançou seu propósito. No aparelho, o astrônomo Pedro Tosquini falava em outro pronunciamento.

— Minha agenda de palestras sobre o alinhamento já está montada e confirmada. Estaremos nas cidades mais importantes do país discursando sobre o alinhamento e as pedras. – consultando as folhas de papel à mesa, o cientista continuou – Começaremos uma semana depois do Ano Novo por Foz do Iguaçu.

Um sorriso encheu os lábios de Gustavo. Havia pouco, mas tempo suficiente para se recuperar até essa data. Com certeza todos estavam vendo essa reportagem agora e, desprotegidos de seu escudo de cegueira, seriam instigados pela verdade que se aproximava.

Acreditava que recuperaria o tempo perdido durante sua reabilitação. Talvez levasse Tamires e Sofia para fora do país em uma viagem de férias. Talvez para a Europa. Com certeza ficaria tão excitada com a viagem que nem se lembraria do alinhamento. Assim sua vida perfeita voltaria ao normal. Gustavo acreditava que a influência dos astros e das pedras não eram forte o bastante para ele. Assim que estivesse cem por cento recuperado, claro.

***

Deitado no sofá dessa vez, Marcel assistia novamente televisão no escuro. Via agora, por

seus próprios olhos através das câmeras dos programas de TV, o rosto de Tamires muito pálido diante dos muitos repórteres à entrada de seu condomínio e muito pensativo. Havia um problema que não tinham avaliado antes. Ela é muito conhecida, pensou. Isso, com certeza, vai atrapalhar nossos planos.

Mas o encontro estava marcado, em sua mente, para o dia da palestra do astrônomo. Com certeza lá não haveria problemas com imprensa. Oh, não! Engano total. Haveria o dobro de repórteres por causa do evento. Imprensa do mundo inteiro. Com certeza, não seria o melhor lugar, nem o melhor momento para fa-lar com ela.

Teriam que fazer um novo plano. Pediria a ajuda de Suzane. Ela haveria de ver no futuro próximo qual seria o melhor momento de encontrá-la. O pensamento de Marcel divagou quando pensou nela e em seu próximo encontro. A parte de "ver no futuro" encheu seu rosto de uma estranha expressão de entusiasmo exa-gerado.

Marcel se obrigou a não pensar mais nela. Suspirou afastando as ideias de um próximo encontro. Pensou em Tamires novamente. A experiência de quase morte que ela vivera não deixara marcas profundas, aparentemente, em seu rosto. Ela parecia estranhamente normal, como se nada de verdadeiramente grave tivesse acontecido com ela. Uma calma estranha e assustadora a envolvia.

Podia sentir a forte influência da ametista em seu temperamento decidido. Com certeza, essa era a expressão correta que a definia nesse momento. Decidida. Ela sabia exatamente o que ia fazer, agora que saíra do hospital.

E isso ele teria que conferir com Suzane de novo. Um sorriso malicioso dan-çou em seus lábios. Forçou-se a olhar com clareza para a tela brilhante e colorida à sua frente e acompanhou as imagens que mostravam o momento em que Tamires voltava para casa depois da fuga mais cedo.

Riu das caras de bobos dos repórteres. Claro que ela não iria falar nada. Como poderia explicar uma não tentativa de suicídio a um bando de gente que já a taxava como suicida? E como ela explicaria que o motivo fora uma pedra que bri-lhava sozinha?

Riu largamente. Além de suicida, a chamariam de maluca. Talvez até conseguissem interná-la. Não havia como os humanos comuns entenderem o que os guardiões da natureza sabiam, faziam e mantinham em segredo absoluto e Marcel se viu ansioso em ajudar Tamires a encontrar o caminho de volta para casa, para sua origem, de onde nunca deveria ter saído, há trinta anos.

Outra dúvida surgiu em sua mente. Será que ela o reconheceria? Afinal, passaram-se muitos anos desde aquele dia triste, sombrio e gelado correndo pelos corredores de pedra de mãos dadas. Será que ela se lembraria de sua amizade?

Acreditava que sim. Tamires estava cercada por uma névoa que a impedia de enxergar

as coisas com clareza até agora, mas a pedra acendera e estava iluminando novamente sua mente antes vazia da verdade.

E ela prevaleceria no final.

***

Alexandre observava o irmão calado e pensativo através do vidro da porta do quarto onde ele estava internado. Respeitava o silêncio de Gustavo e entendia que não quisesse compartilhar seus temores. Gustavo sempre fora o mais forte dos dois e Alexandre sempre o admirara por isso, mas agora olhava com tristeza sua fraqueza.

Gustavo, fracote.

Desde que o reencontrara há alguns anos, Alexandre percebera o brilho diferente em seus olhos. Gustavo estava feliz, não podia negar, mas sempre com uma pontinha de preocupação, também podia notar e isso o deixava muito intrigado.

Alexandre começava a pensar que Gustavo não era mais tão forte assim, que agora, na família, ele era o melhor filho. Mais bonito, mais charmoso, mais en-cantador, mais livre e também o mais poderoso.

Desculpe, Gustavo.

Alexandre sorriu sozinho.

PREPARATIVOS

Tamires acordou com uma voz estridente a chamando. Ainda assim, abriu os olhos preguiçosamente, esticou os membros se espreguiçando. À sua frente, Sofia se mexia na cama também despertando.

O sol estava quente naquela tarde e o calor invadia o quarto pela janela. Tamires havia se esquecido de ligar o ar condicionado. Logo percebeu a roupa úmida pelo suor e o corpo molhado. Que horas seriam?

— Senhora, desculpe por tê-la acordado. – falou a cozinheira – Mas já passa da hora do almoço e não sei o que fazer para comerem.

Tamires se levantou lentamente sorrindo. Tinham dormindo algumas horas. Não havia notado o quanto ainda estava cansada depois de passar dias deitada em uma cama de hospital, mas agora se sentia muito bem, revigorada.

— Ah, Neusa, não se preocupe conosco. – olhou para a filha que agora a encarava da cama e voltando-se para a cozinheira respondeu – Nós vamos nos virar sozinhas. Tire o resto do dia de folga, afinal, hoje é véspera de Natal. – Tamires olhou de volta para a filhinha – O que você acha, Sofia, de fazermos um concurso para eleger o melhor lanche?

Sofia praticamente saltou da cama conforme podia com suas perninhas curtas. Ficou muito contente com a brincadeira que a mãe inventou.

— Eu vou fazer um lanche bem grandão. – garantiu entusiasmada.

Tamires riu à vontade com as palavras da filha enquanto a empregada se despedia com um sussurro e se retirava do quarto, mas antes que a cozinheira saísse, se recordou de algo e a chamou de volta.

— Neusa, antes de ir, por favor, fale para a Rute levar a árvore e os presentes de Natal para o hospital onde meu marido está internado. Peça ao Frederico para levá-la.

A cozinheira já respondia positivamente à patroa quando Sofia deixou uma ruguinha se formar entre as sobrancelhas e interveio na conversa das adultas.

— Mas, mamãe, sem a árvore não vou ganhar presente do Papai Noel.

As duas mulheres riram da preocupação da pequena, mas a menina continua-va esperando uma resposta para seu questionamento.

— Minha filha, não se preocupe. Papai Noel sabe exatamente onde está sua árvore. Ele irá encontrá-la onde quer que ela esteja.

Oferecendo a mão à pequena, Tamires a guiou até a cozinha. Sua ruguinha de

preocupação desapareceu e ela disparou a falar sobre o concurso que estavam promovendo.

Sofia abriu a geladeira e começou a pegar tudo que via pela frente para colocar em seu sanduíche. Tamires começou a cortar os ingredientes para que ela pudesse montá-lo. Toda sua atenção e alegria estavam voltadas para a filha. A mãe nem percebia o alvoroço na sala entre Neusa, Rute, Frederico, a árvore de natal e os presentes.

Enquanto Tamires a observava, sentia-se muito feliz e tranquila. Todas as preocupações dos últimos dias se foram. As lembranças que a assombraram ficaram em algum lugar muito distante em sua mente. Até Gustavo estava esquecido, guardado em algum lugar junto com suas dúvidas e preocupações. Agora no mundo só havia ela e a filha.

Sofia realmente montou o maior lanche que Tamires já vira. Também era impossível comê-lo. Não era mesmo o que a garotinha pretendia. Colocara todos os ingredientes que encontrara nele e o sanduíche ficou tão alto que não conseguia ficar reto. Pendia levemente para o lado. Tamires começou a rir olhando a pe-quena obra de Sofia e teve uma ideia.

— Sofia, vou chamar seu sanduíche de Pisa.

E voltou a rir. Sofia não entendeu a piada, mas ainda assim riu com a mãe. Já estava se sentindo a campeã do campeonato e a mãe ainda nem havia feito o lan-che dela.

— Eu ganhei, eu ganhei, eu ganhei. – saltitava contente Sofia.

Tamires criou uma medalha com barbante e um biscoito furadinho e o colocou no pescoço da filha. Com ingenuidade e transparência características da infância, Sofia ficou muito satisfeita consigo mesma e se contentou em observar a mãe fazer lanches comestíveis. Porém, a menina não parava de falar. Estava eufórica.

Contou cada detalhe do que fizera nos cinco dias em que a mãe estivera no hospital. Contou todas as brincadeiras com a babá, sobre todos os desenhos que assistiram, sobre todos os jogos que brincaram, todas as historinhas de bonecas que criaram, enfim, cada passinho em companhia da paciente babá.

Ao contrário do que pudesse parecer, Tamires ouviu com muito interesse. Não sabia o que acontecera com Sofia em sua ausência. Primeiro porque estivera quatro dias em coma e segundo, quando acordou, levara um susto com a interna-ção de Gustavo.

Não pensou nele agora. Não pensar era natural como respirar. Engraçado que nem Sofia falava nele. Então não devia estar pensando também e o pai já estava ausente há dois dias. Sofia era muito apegada a ele, mas a pequena estava com muita saudade da mãe.

As duas comeram seus lanches enquanto conversavam e bebericavam o suco. A ampla e planejada cozinha era uma área da casa que Tamires costumava frequentar. Sempre palpitava ou ajudava a cozinheira, até se atrevia a preparar um jantar especial para a família.

Também ficava um pouco nervosa ali, mas tinha um paladar apurado e gostava do seu próprio tempero. Além disso, cuidar da alimentação de sua família era muito prazeroso apesar

do pouco talento que tinha.

Sabia o básico e até arriscava aprimorar alguns pratos. Porém, os mais elaborados exigiam seguir rigorosamente uma receita que ela tirava da internet ou conseguia com alguém. Aprendeu um pouco mais durante a gravidez. Queria oferecer uma alimentação equilibrada, balanceada e rica em vitaminas para seu bebê desde a gestação. Foi aí que se dedicou mais a arte de cozinhar.

Antes que pudessem terminar o lanche, o interfone tocou. Tamires, seguida por Sofia, foi atendê-lo. Não ficou surpresa com o anúncio do porteiro. Autorizou a visitante a subir e abriu a porta da sala à espera. Em seu condomínio nenhum apartamento possuía vizinhos no mesmo andar. Então elas esperaram no pequeno rall que separava o elevador privativo da entrada da cobertura.

Quando a porta do elevador se abriu, o rosto espantado de uma jovem surgiu. Vestia roupas simples que cobriam seu corpo arredondado. O cabelo, de raízes escuras e pontas claras preso em um rabo de cavalo no alto da cabeça, emoldurava seu rosto redondo, de boca larga e lábios chamativos.

— Carol!

Tamires ficou feliz ao vê-la. Carolina Silva era sua melhor amiga desde o orfanato. Ambas foram caixa de supermercado após saírem da instituição e hoje Carolina trabalhava em um cargo administrativo na empresa de Gustavo. Obra de Tamires.

— Ai, Tamires, o que é isso em frente ao seu prédio? – disse ao abraçar a amiga – Quase não consegui atravessar o portão. – enquanto entravam no apartamento ela concluiu – Se eu soubesse que apareceria na televisão, teria vindo com uma roupa melhor.

Tamires riu. Carolina era divertida, sincera e batalhadora. Sabia que ela era realista, apesar de ainda sonhar com um príncipe encantado. Ao contrário de muitos, ela não tinha inveja da vida de Tamires. Carol torcia muito por ela e gostava de compartilhar de sua felicidade e a vida que a amiga tinha alimentava as esperanças de que príncipes encantados existiam, só precisam ser encontrados.

Carolina também era apaixonada por Sofia. Sonhava em ser mãe um dia. Enquanto isso, se divertia com a filha de sua melhor amiga. Pegou a menina no colo quando sentaram no sofá.

— Tamires, preciso te contar o que as pessoas estão falando. Por isso vim o mais rápido que pude.

A ruiva engoliu em seco, mas gostava disso na amiga, ia direto ao ponto.

— Tenho até medo de ouvir, Carol.

Antes de começar a falar, Carolina teve o bom senso de mandar Sofia para seu enorme quarto de brinquedos. Com a voz muito grave e aflita, anunciou.

— Estão sugerindo que você tentou suicídio nas cataratas.

Tamires não se espantou. Já imaginava que esse seria o pensamento depois que viu a imprensa em sua porta mais cedo.

— É, eu logo desconfiei. Judite Bittencourt me ligou assim que me viu no noticiário de manhã. Mal tinha saído do hospital e a voz dela, você sabe, insinuava um "eu sabia".

O rosto de Carolina se endureceu ao ouvir o nome da socialite.

— Essa mulher é uma invejosa insuportável. Ela tem um casamento de fachada e por isso não acredita na felicidade dos outros. Não sei como você consegue conviver com essa falsa.

Com um sorriso torto nos lábios, meio que afirmando "é, eu também não sei", Tamires ficou pensando por um minuto. Carolina a observou por alguns instantes e depois perguntou.

— Amiga, o que aconteceu naquela noite?

Em dúvida, Tamires não sabia se devia contar toda a verdade. Confiava nela, mas será que entenderia sobre as coisas sobrenaturais que havia acontecido? Carolina era dada a acreditar em coisas absurdas, mas será que dessa vez ela compreenderia?

— Eu tive outro pesadelo no meio da noite, mas foi totalmente diferente porque ele continuava de onde havia parado na noite anterior.

Carol ouvia impassível. Não queria perturbar Tamires. Estava ali apenas para ouvi-la. E assim ela saberia que poderia contar com Carol para tudo. Tamires se sentiu à vontade para continuar, mas resolveu ocultar algumas partes contando com cautela.

— No sonho achei que havia visto o rosto de minha mãe. Não tenho lembranças dela, você sabe. Mas no sonho, tinha certeza de que era ela. E até agora a imagem daquele rosto não sai da minha cabeça.

A amiga conhecia bem a história obscura de Tamires. Até nisso ela era mais feliz. Porque Carol tinha lembranças horríveis de sua infância. Maus-tratos, bebedeira, muito sangue, abandono, solidão e muitas, muitas lágrimas.

— Eu não pensei duas vezes. Peguei a ametista e corri o mais rápido que pude até o parque. A chuva começou no caminho, mas não me preocupei com ela. O rosto de minha mãe ainda estava muito claro em minha mente e eu achava que lá eu poderia vê-lo ao vivo.

Tamires balançou a cabeça como se repreendesse a si mesma.

— Bem, e no final das contas, acabei dentro do rio, bati a cabeça em uma pedra e desmaiei. Quando acordei, estava no hospital.

Carolina sabia que ela havia pulado detalhes, mas respeitou o desejo da amiga de omiti-los. Talvez fossem muito dolorosos para serem expressados verbalmente.

— Foi só aí que eu soube que Gustavo havia me salvado, mas que sofrera um início de infarto e agora está hospitalizado. – Tamires deixou uma lágrima rolar por sua face – Carol, a

culpa é toda minha. Se eu não fosse tão insana ele estaria aqui agora. O que está acontecendo comigo?

Carolina abraçou a amiga confortando-a. Não sabia o que dizer. Como saberia o que estava acontecendo se nem ela mesma sabia? Só podia tentar tranquilizá-la com palavras de esperança.

— Acalme-se, Tamires, tenho certeza de que encontraremos a resposta todos juntos. Vamos esperar Gustavo sair do hospital.

Tamires se afastou abruptamente do abraço de Carolina.

— Não, Gustavo não sabe de nada.

Carolina ficou espantada.

— Como não? Você não contou nada a ele?

Tamires fez sinal com a cabeça fungando por causa do choro.

— Por que você não contou a ele, Tamires? Ele deve estar pirando pra saber o que está acontecendo com você. Talvez por isso ele tenha quase infartado.

Carolina se arrependeu imediatamente do que dissera. Tamires começou a chorar novamente.

— Eu sei que a culpa é minha, mas não posso dizer a ele. É loucura demais.

Carolina tentou se desculpar.

— Perdoe-me, Tamires, não quis dizer isso, mas eu não entendo você. Gustavo sempre foi tão compreensivo. Você nunca escondeu nada dele, por que isso agora?

Tamires não sabia explicar. Contentou-se em chorar por um tempo. Era seu único consolo. Não sabia como explicar estranhos acontecimentos que simples-mente se fizeram verdade, mesmo que a descrença a tenha feito não acreditar em sua possibilidade até agora. Ao se controlar novamente, Tamires enxugou as lá-grimas e ainda sem dar respostas fez um pedido a amiga.

— Carol, prometa que não vai falar nada disso para Gustavo.

A amiga ia protestar, mas a súplica no olhar de Tamires a fez concordar resignadamente. Nunca havia quebrado uma promessa e teria que respeitar a vontade da amiga. Era a vida dela, afinal, e não tinha o direito de decidir por ela, mesmo que não concordasse.

Tamires mudou de assunto levando Carolina até o quarto de brinquedos de Sofia. E a menina viu suas brincadeiras ganharem vida. As duas adultas brincaram feito crianças novamente.

Assim que a amiga foi embora com a promessa de ir com ela ao hospital no dia seguinte, e antes que Sofia esgotasse todas as suas energias e caísse novamente no sono depois de horas brincando, Tamires decidiu que mudassem de atividade.

— Que tal a gente começar a se preparar para o Natal? Papai Noel está esperando que

estejamos prontas e bonitas na hora que ele chegar.

Sofia adorou a ideia e foi para seu quarto escolher a roupa que iria usar no dia seguinte. Depois, lembrando-se do pai, ela acrescentou.

— Mamãe, quero fazer um cartão de natal para o papai.

Tamires deu um sorriso meio triste. Ainda bem que Sofia era pequena demais pra sofrer com tudo o que estava acontecendo com seus pais. Quase perdeu os dois de uma só vez. Ao pensar nisso, Tamires se sentiu muito culpada pelo que fizera. Se Gustavo não tivesse chegado a tempo, teria abandonado Sofia. Teria se tornado uma lembrança muito vaga na vida dela. Um rosto reconhecido somente em fotos. Perderia todos os anos de sua vida. Perderia os grandes acontecimentos também.

Em seguida, sentiu raiva. Gustavo também fora irresponsável e quase deixou Sofia órfã de pai e mãe de uma vez só. Isso era imperdoável. Tudo bem que ela estivesse louca vendo pedras brilhantes e rostos sorrindo. Até que encaixava o que fizera diante de tanta maluquice. Mas Gustavo não. Ele não podia ter sido tão irracional. Deveria ter pensado em Sofia primeiro.

A menina voltou com um belo vestido nas mãos. Tamires apagou a raiva do rosto e estampou rapidamente o mais sincero e intenso sorriso para a filha.

***

Gustavo acompanhava com os olhos o entra e sai de pessoas em seu quarto. Objetos coloridos passavam em sua frente e iam para um canto destinados à árvore de natal e às comemorações do dia seguinte.

Ele não se sentia no clima. Estava terrivelmente triste e cansado. Comemorar o Natal em uma cama de hospital não era sua ideia de dia feliz. Ainda mais ele que tanto amava festas. Amava planejá-las também, fazer surpresas para as duas mulheres de sua vida. Mas esse ano estava preso. Preso pelo próprio coração.

Uma coisa não saía de sua cabeça. Por que a própria Tamires não viera organizar os preparativos? Ela era dada aos detalhes. Gostava de tudo perfeito, exatamente como imaginava. Gostava de tudo a seu gosto, quando não era pega por alguma surpresa do marido.

Esse descuido dela, como classificou, pareceu um recado de que não se importava com a data agora. Era uma mensagem de que estava apenas mantendo a tradição, as aparências. Também não deveria estar no clima.

Gustavo estava tão entretido em seus pensamentos que nem notara os olhos especuladores de Frederico toda vez que ele entrava no quarto trazendo caixas e enfeites. O motorista notou também a linha de expressão cada vez mais funda na testa do patrão.

Frederico odiava se meter na vida dos patrões, mas tinha que fazer alguma coisa para ajudar. Sabia que dona Tamires não conseguiria lidar com a situação e também sabia que o

senhor Gustavo tinha sangue frio suficiente para enfrentá-la. Por isso, não enrolou mais e assim que trouxe o último objeto, se aproximou da cama do patrão e o chamou de volta à realidade.

— Senhor Gustavo, com licença. Não quero perturbá-lo em seu repouso, mas tem algo que precisa saber.

Gustavo imediatamente prestou atenção em Frederico. Talvez ele tivesse respostas às suas dúvidas íntimas. Depois suspirou e concluiu que provavelmente não. Mas tudo bem, estava pronto para ouvi-lo mesmo assim.

— Sim, Frederico. – respondeu ao motorista – Então, diga.

O motorista se aproximou um pouco mais da cama e baixou a voz.

— O senhor precisa saber que alguém do hospital contou pra imprensa sobre... bem... os acidentes. – ficou meio perdido com as palavras certas que deveria usar, mas se recompôs rápido e continuou – Quando chegamos à cobertura pela manhã, havia um batalhão de repórteres em frente ao condomínio aguardando dona Tamires para entrevistá-la. – o motorista analisou o rosto impassível de Gustavo por um momento e prosseguiu – O senhor sabe como ela é, não falou com eles e demonstraram saber muito pelas perguntas que fizeram. Desejavam apenas que ela confirmasse e talvez ela o tenha feito com sua negativa. – o homem apertou os dedos com nervosismo – Então, senhor, sabe-se lá o que estão pensando e falando. Podem estar confundindo os fatos, imaginando algo que não aconteceu de verdade.

Gustavo pensou por um momento, sabia que não precisava se preocupar com a falha do hospital, com certeza Tamires se encarregara disso. Mas a imprensa era outra coisa. Precisava de um porta-voz e uma boa história para contar.

— Frederico, – respondeu ao motorista – passe no escritório do meu advogado e peça a ele que venha aqui imediatamente. Precisamos acalmar a imprensa e abafar os boatos.

Depois que o motorista se retirou, Gustavo se convenceu que talvez esse fosse o verdadeiro motivo de Tamires não ter voltado ao hospital no período da tarde. Ela deveria estar muito brava com a imprensa enraizada em frente ao prédio.

Ele riu pensando na cara de brava da mulher. Realmente era uma expressão mais engraçada do que assustadora, mas nunca deixaria que ela soubesse disso. Nunca o perdoaria por duvidar de sua fúria.

Até isso amava nela. A carinha de brava que ela fazia de vez em quando, principalmente porque sempre precedia um sorriso muito aberto, muitos beijos também, muito carinho.

A popularidade não era um problema para Gustavo. Amava estar em evidência. Seu ego era grandioso, sempre cabia mais uma nota no jornal. Em contrapartida sempre havia um convite especial, um jantar, uma festa, um evento pomposo.

Gustavo já estava acostumado com os paparazzi que os seguiam por todos os lados. Depois que ele passara a frequentar as cataratas, Tamires também começou a fazer parte das

notas. Isso a irritava muito, mas o regozijava. Amava exibi-la co-mo um troféu.

Sofia era outra história. Não gostava de expô-la. Era muito pequena ainda para viver esse tipo de vaidade. Não queria misturar sua filha com seus egocentrismos. Ela tinha suas próprias escolhas a fazer quando tivesse idade para isso.

O advogado Daniel Nunes não demorou a aparecer no hospital. Gustavo continuava absorto em seus devaneios quando o profissional entrou no quarto. Antes de falar, teve um último pensamento. Esta cama ainda vai fundir meu cérebro e estou pensando demais.

— Como vai, Daniel? – cumprimentou o empresário.

O advogado era um homem experiente com mais de sessenta anos, mas mantinha um ar grave e superior passando a falsa impressão de ser mais jovem. Porém, seus cabelos quase brancos e suas rugas bem marcadas entregavam a verdade.

— Vou bem, Gustavo. E você? – respondeu Nunes.

Gustavo retorceu o nariz transformando a expressão em uma careta. O advogado o conhecia bem para entender o recado, mas também sabia que o empresário jamais seria mal-educado com ele.

— Na medida do possível, estou bem. Obrigado. Sente-se, por favor.

Daniel Nunes se sentou na poltrona ao lado da cama. Já esperava o chamado do empresário depois do noticiário da manhã. Também já havia pensado em algumas hipóteses para esclarecimentos, que sugeriria a Gustavo, mas tinha que ouvir a versão completa do cliente primeiro.

Gustavo então contou com todos os detalhes que conhecia o que aconteceu naquela noite. Daniel não demonstrou espanto quando ele afirmou que tirou Tamires das águas do rio Iguaçu, mas o empresário acrescentou que a viu boiando sobre a água e a puxou com um longo galho até a margem. Para o advogado, pareceu bem plausível apesar de sentir que era mentira. Como a teria visto na escuridão total e embaixo de uma chuva tão grossa? E como encontrou o galho tão rápido? E como não escorregou nas pedras? Humanamente impossível. Seu papel não era questionar os fatos e sim contá-los.

— Bem, Gustavo, não temos um problema muito grande aqui, mas teremos que omitir ou alterar alguns detalhes. Principalmente, a parte que você a salvou. O mais correto é dizer que você solicitou ajuda para retirá-la da água. Por isso está são e salvo agora.

Gustavo assentiu com a cabeça enquanto pensava na ideia. Não era muito de seu feitio mentir, mas não havia testemunhas e comprar um ajudante não seria difícil.

— Tudo bem. – concordou o empresário – Mas temos que arrumar um motivo para Tamires ter ido até lá no meio da noite. Eu pensei em sonambulismo. Acha muito forçado?

O advogado pensou por um momento, depois respondeu.

— Não, acho admissível. Assim descartamos a ideia de suicídio que deve estar rodando por aí.

Gustavo engoliu ruidosamente. Sim, parecia tentativa de suicídio. Precisava sair daquele hospital logo para exibir a felicidade que sempre reinou em seu casamento. Em seguida, acrescentou.

— E sobre meu infarto não temos muito a dizer. Tamires não acordava, fiquei muito nervoso e quase enfartei. Fato.

O advogado assentiu. Era algo possível de acontecer a qualquer pessoa e pelo que percebia, era exatamente o que havia acontecido. Caso resolvido.

— Sim, perfeito, Gustavo. Nenhuma resposta a mais para dar?

Gustavo pensou um pouco. Era melhor ser curto e grosso, não dar muitos detalhes para não causar mais inquietação na mídia.

— Não, mais nenhuma. Conte exatamente o que conversamos aqui e não deixe margem para novas dúvidas nem para outras respostas. Repita sempre a mesma história, desta forma a imprensa será convencida. Não podemos cair no joguinho deles e sermos desmentidos. Temos que acreditar em cada parte dessa história e transmiti-la com segurança para que também acreditem.

Daniel Nunes não teria problemas com isso. Era um advogado muito competente e sua aparência séria e profissional não deixaria margens para dúvidas. Acreditava muito em seu poder de persuasão.

Gustavo deu mais instruções a respeito da empresa. Não estava exatamente preocupado com ela já que tinha uma equipe capacitada para continuar o trabalho em sua ausência. Tanto que não aparecia na empresa há uma semana e ela continuava funcionando normalmente. Mas agora o empresário decidiu dar férias para todos e pediu ao advogado para transmitir sua decisão ainda naquela tarde na empresa. A equipe deveria voltar às atividades depois do ano novo.

O empresário fechou os olhos assim que o advogado saiu. Suspirou. O silêncio reinava novamente e seus pensamentos ainda ferviam em sua cabeça, falando com ele sem parar. Tamires. Era sua força no momento. Não queria ter dúvidas sobre seus sentimentos e pensamentos. Sempre foram tão claros para ele. Porém, agora, estavam em uma escuridão profunda. Não havia um ponto de luz para se focar e encontrar as respostas a suas dúvidas.

Achou-se juvenil e tentou dormir para apagar as vozes confusas em sua cabeça.

***

O sol ainda estava a pino no final da tarde. O horário de verão dava ao dia uma hora a mais de sol. Eu amava o verão, amava a claridade e amava poder curtir o início da noite com uma luz incandescente ainda brilhando no céu.

Sofia estava brincando ainda, mas dessa vez, com menos entusiasmo. De quando em

quando bocejava, cansada. Achei melhor lhe dar um banho antes que adormecesse.

O banho a despertou. Enquanto a limpava, Sofia ainda se divertia com brinquedos de borracha dentro da banheira. Fazia sons engraçados com a boca. Eu não me divertia assim há tanto tempo. Ser feliz com pouco fazia a diferença em momentos turbulentos.

Aquele dia havia sido muito especial para nós duas. Há algum tempo não tínhamos um momento assim e senti a urgência de não deixá-los acabarem. Cada minuto da vida de Sofia era muito importante. Não podia perder nada.

Depois de trocada, Sofia voltou para as bonecas em seu quarto de brinquedos. Peguei o livro que comprara mais cedo e continuei lendo. Observava e respondia à minha filha quando ela solicitava minha atenção.

A leitura sobre os astros e as pedras era muito explicativa. Eu nem imaginava que eles tivessem tanta influência sobre os humanos. Sabia da influência sobre a natureza. Mas afinal, todos fazíamos parte dela, fazia sentido.

Eu entendia cada vez melhor minha relação com a ametista, mas nada no livro expli-cava porque ela brilhava daquele jeito. Nem a lenda falava de pedras brilhantes. Ri em silêncio. Essa história estava começando a ficar bizarra. Eu não podia acreditar inclusive em lendas. Aí era demais.

O som do interfone me chamou de volta a realidade. Fui até o aparelho na cozinha e atendi. O motorista estava subindo com uma encomenda. A ametista, o pingente estava pronto.

Ansiosa, fui abrir a porta para Frederico. O motorista segurava uma delicada caixa nas mãos. Sorrindo, me entregou. Agradeci e o dispensei, acrescentei que não precisava vir no dia seguinte, devia ficar com a família no dia de Natal. Iria me virar com o carro.

Abri a caixa na sala mesmo. Não me lembrava de ter sentido saudade da pedra antes, mas não era saudade. Era necessidade. Tirei a corrente de ouro do pescoço e coloquei imediatamente o novo pingente nela.

Agora me sentia muito feliz. Completa. Como se uma parte de mim tivesse sido arrancada e agora era devolvida ao lugar de onde nunca deveria ter saído. O ritmo de meu coração voltou ao normal. Minha respiração ficou tranquila. A paz reinava em meu corpo e minha mente também. Uma paz maior da que sentira durante todo o dia. Porque antes, as preocupações ainda estavam lá, escondidas. Agora não estavam mais. Simplesmente não existiam. Nunca existiram.

Voltei ao quarto de minha filha e ao livro. Enxergava com mais clareza agora cada linha a minha frente. Cada movimento de Sofia também. Parecia mais atenta aos detalhes. Mais capaz. Melhor. Perfeita.

Mas não prestei mais atenção nisso. A paz reinava dentro e fora de mim. Nem a passagem do tempo fez com que eu me movesse. Somente quando percebi que Sofia adormecia sobre as

bonecas que me levantei da poltrona.

O sol finalmente deixara a terra. Estava escuro agora, mas era uma noite muito estrelada, iluminada, cheia de vida. Os sons da noite invadiram o quarto de Sofia. Velei seu sono por horas enquanto terminava de ler o livro à luz de uma luminária no canto do quarto. O sono de Sofia não foi perturbado por nada, nem por sonhos. Ela dormia muito quieta, apenas respirando normalmente.

Fiquei na mesma posição na poltrona por horas e quando terminei de ler o livro, as doze badaladas do sino da igreja matriz de Foz do Iguaçu soaram na noite silenciosa. Meia-noite. Era Natal e eu estava preparada para o novo dia que surgia.

Fechei o livro e olhei pela janela. Meus cabelos vermelhos refletiam a luz da luminária ao meu lado. Pareciam de fogo no espelho. A brisa vinda da noite os esvoaçava dando ainda mais a impressão do crepitar de uma fogueira.

Não sentia sono. Levantei-me e fui para a sala. Não ligara a televisão o dia todo e ago-ra sentia necessidade de algo que me distraísse para que pudesse adormecer. Minha mente estava muito clara, muito descansada, apensar das horas de leitura. Um filme qualquer me faria adormecer mais rápido.

Liguei a televisão em meu canal preferido. Nem vi que filme passava, mas deixei lá mesmo assim. Tentei várias vezes, até conseguir, me concentrar na história. Logo compreendi o enredo e me desliguei da realidade.

Depois de meia hora, meus olhos piscaram sonolentos. Estava deitada no sofá quase adormecendo. Então me obriguei a levantar e ir pra cama. Uma cama muito grande para dormir sozinha, mas estava embriagada demais com o sono para pensar nisso. Minha mente estava vazia. Meu coração estava em paz.

Na hora que deitei, adormeci.

NATAL

Sofia despertou Tamires com estardalhaço ainda muito cedo. Coisa de criança. Estava ansiosa para comemorar o Natal. Não parava de pular sobre a cama, mas Tamires não queria se mexer. Havia dormido pesado aquela noite e não se sentia pronta para levantar ainda.

Apesar dos preparativos para o grande dia, Tamires não estava nem um pouco animada e pensar no triste dia de Natal que passariam juntos em um gélido quarto de hospital a aborrecia. Não podia estragar o dia que sua filha tanto esperara durante o ano inteiro.

— Mamãe, acorda, é Natal. Preciso ver se Papai Noel achou a árvore. Mamãe, levanta, precisamos ir.

Tamires se levantou lentamente descabelada e sorridente. Era impossível ficar brava com a filha. Depois dos preparativos matinais, mãe e filha vestiram suas roupas de Natal, pegaram as guloseimas preparadas por Neusa e antes de descerem Tamires se lembrou de conferir a frente do edifício.

Olhou pela sacada. Vazio total. Não havia nem vestígio da turba de repórteres do dia anterior. Será que era muito cedo ou eles não trabalhavam no Natal? Pouco importava, pelo menos poderiam ir ao hospital com tranquilidade. *Privacidade, amém*.

Na porta do apartamento, Sofia se lembrou de algo e voltou correndo para seu quarto.

— Vamos, Sofia, você não estava com pressa? – reclamou a mãe. A menina voltou com um desenho (mais um rabisco) colorido nas mãos. — O cartão de natal do papai. Tamires torceu os lábios. Sofia amava muito o pai. Não havia dúvidas e isso a

comovia. Com lágrimas dançando nos olhos, dando um brilho especial ao seu tom de verde, a mãe se ajoelhou e recebeu nos braços a pequena filha. Sofia retribuiu o abraço apertando o máximo que pode e lhe deu um beijo estalado e úmido na bochecha.

— Te amo, mamãe.

Tamires permitiu que as lágrimas escorressem por sua face. Como era possível sentir tanto amor por um ser tão pequeno, tão frágil, tão doce?

— Também te amo, Sofia. Feliz Natal!

Dando pulinhos de alegria, Sofia saiu do apartamento cantando uma música de natal. Tamires enxugou as lágrimas discretamente e acompanhou a filha até o estacionamento. Mesmo em sua cadeirinha, Sofia era só alegria e falou o caminho todo.

Tamires manteve os vidros escuros erguidos e assim puderam circular tranquilamente pela cidade. Estava muito calmo, quase não havia ninguém nas ruas. O sol ainda estava fraco,

realmente era muito cedo.

No hospital, foram recepcionadas pela administradora calorosamente. — Feliz Natal, senhora Tamires. Sofia. – a mulher as abraçou efusivamente. Tamires e Sofia retribuíram o cumprimento conforme puderam. A menina ficou um pouco constrangida com o abraço da estranha, mas não se negou a ele. Tamires vestiu uma máscara de boa amiga e andou até o quarto do marido com a mulher ao seu lado. Pelo menos não estava se desculpando novamente pelo erro do hospital.

Abriram a porta do quarto meio que abruptamente assustando Gustavo. Logo que as viu, um sorriso radiante iluminou seu rosto meio rosado. Tamires o achou melhor do que no dia anterior. Sofia correu para o pai com seu cartão na mão.

— Papai, feliz Natal!

Gustavo a tomou nos braços e a ergueu até a cama. Beijou seu rostinho em várias partes, na testa, nos olhos, nas bochechas, nos cabelos. Achava seu perfume delicioso, revigorante. Vê-la logo cedo quase lhe fez esquecer onde estava.

— Que saudade de você, minha filha! A menina entregou o cartão ao pai aproveitando a deixa. — Fiz este cartão para você, papai. Uma teimosa lágrima dançou no canto do olho de Gustavo. Como a amava!

Como era bom que ela existisse e que fosse sua filha, que parecesse tanto com ele e que o amasse também. Essa pequena frase trouxe de volta a felicidade ao seu coração angustiado. Gustavo conseguiu, entre lágrimas, balbuciar um agradecimento constrangido.

Sônia se retirou do quarto sem ser notada.

Tamires observou a cena com lágrimas nos olhos também. Nunca se arrependeria da linda família que formara. Nunca se arrependeria do amor que dedicara tanto a Gustavo quanto a Sofia. Independente de qualquer coisa, essa era sua nova família, mesmo que a sua nunca mais fosse reunida novamente.

Marido e mulher se olharam. Houve uma cumplicidade, uma compreensão mútua nesse momento. Sem que fosse necessário dizer palavra, Gustavo e Tamires sabiam que estavam pensando a mesma coisa e que provavelmente os acontecimentos trágicos dos últimos dias fizeram esses sentimentos se tornarem mais fortes.

Viram em seus olhares coisas diferentes. Tamires viu em Gustavo questionamentos, cobranças e insegurança. Gustavo viu em Tamires decisões, dúvidas e certezas. Havia algo mais acontecendo dentro deles, modificando, talvez, não o que sentiam um pelo outro, mas o modo como enxergavam o mundo, a realidade e os sentimentos.

Conheciam-se muito bem para saber que havia algo mais. Algo indizível e inaudível. E, no entanto, que claramente gritava através de seus olhos. Concluíram que aquele dia não seria nada fácil para nenhum dos dois. Os pensamentos e os sentimentos estavam, mais uma vez, em

total sintonia.

Tamires se aproximou lentamente do marido. A ametista cobria seu coração por baixo da blusa. Curvou-se sobre a cama e beijou os lábios de Gustavo ternamente, mas quando ele começou a erguer os braços para apertá-la entre eles, ela já havia se afastado o suficiente para que ele não a alcançasse.

Aquela sensação estranha a havia tomado novamente, como se o contato com os lábios do marido lhe causasse choque elétrico. Susto foi o recado de seus olhos a Gustavo. Quando se curvara para beijá-lo, não se lembrava mais daquela sensação.

Por mais que os lábios de Tamires estranhamente queimassem os seus, Gustavo não queria que terminasse. Tinha muita saudade da boca da mulher, mesmo que lhe causasse dor. Seus olhos lançaram mais questionamentos para ela.

Tamires desviou os olhos do marido e se concentrou em Sofia. Ela era a distração mais gostosa nas últimas vinte e quatro horas. Deixou que a pequena orquestrasse os acontecimentos do dia. Iria segui-la como se fosse a maestrina de sua vida. Gustavo logo percebeu a fuga da mulher, seguiu os acordes, mas na primeira pausa, aproveitaria pra desafinar essa melodia. Tinha muita coisa pra questionar.

Sofia procurou seus presentes, principalmente o que pedira ao Papai Noel. Sob a árvore havia muitas caixas e procurou pelos seus nas maiores. Não estava enganada. Logo encontrou tudo que lhe pertencia e com a ajuda de Tamires abriu todas elas. A mãe deixou a filha entretida com os brinquedos enquanto levava ao marido os presentes dele.

Aproveitando a distração da filha, Gustavo começou o interrogatório com uma voz muito baixa para não chamar a atenção.

— Por que não veio ontem trazer a decoração pessoalmente?

Tamires engoliu seco. Não teria como escapar das perguntas de Gustavo. Responderia rápido para cortar o assunto.

— A imprensa estava toda na porta de casa. – falou com uma voz indiferente. Enquanto abria sem cuidado ou atenção seus presentes, Gustavo continuou. — É, fiquei sabendo. Inclusive já tomei providências sobre isso. Você não viu o

jornal? Tamires não se espantou. Sabia o quanto o marido era influente mesmo em uma cama de hospital. Simplesmente, respondeu. — Não, fiquei brincando com Sofia a tarde toda. Carolina também nos visitou. Apesar da verdade em suas respostas, Gustavo não se sentia satisfeito. Seu tom

era evasivo e distraído demais, como se respondesse por obrigação. Por isso, procurou fazer perguntas que a abalassem.

— Por que não está usando o presente que te dei? Você sempre o usa no Natal.

Pronto, conseguira. Tamires havia se esquecido completamente da joia. Era um diamante muito chamativo e estava sobre a cômoda de seu quarto desde a manhã na qual o ganhara. O susto que tomou foi logo substituído pela tranquilidade da resposta certa que lhe veio à mente com velocidade.

— Sim, sempre uso os presentes em uma festa. É o que aquela joia riquíssima exige. E, bem, – precisava procurar as palavras certas, não queria magoá-lo – hoje, excepcionalmente, não iremos a nenhuma festa.

Mesmo com todo o cuidado que tomara, Tamires percebeu que sua resposta o incomodou bastante. Gustavo não tinha planejado adoecer e ficou com raiva. Sentiu vontade de se vingar e de dizer que a culpa era dela, mas respirou fundo e apenas retrucou, como uma criança teimosa.

— Mas você poderia tê-la usado por mim, para me agradar.

Gustavo salientou exageradamente as últimas palavras. Ele queria que ela o agradasse com qualquer gesto por menor que fosse. E esse seria um gesto muito positivo para ele.

Mas Tamires não estava disposta a colaborar. Na verdade, não estava pensando nos detalhes e nas necessidades sentimentais de Gustavo. Talvez estivesse sendo egoísta, mas havia algo muito maior tomando toda sua atenção. Anterior- mente, teria previsto essa situação com facilidade.

Tamires forçou um sorriso percebendo a insegurança do marido. Queria tranquilizá-lo, mas não sabia como fazê-lo. Por isso, pegou sua mão e a apertou. O choque do contato percorreu seu corpo, mas ela se manteve firme. Nunca fora pressionada pelo marido antes.

Gustavo sentiu a mão queimar ao toque da mulher. Não transmitia a sentimento que precisava, mas já era alguma coisa. Mesmo sentindo o calor intenso, se recusou a se afastar. Queria sofrer fisicamente se isso fosse deixá-los próximos. Pele com pele.

Ela era desconfiança. Ele era desespero. Enquanto se enxergavam em silêncio, os sentimentos estranhos que os inun-

davam só aumentavam. Como resistir? Como fugir? Como fazê-los desaparecer de dentro deles? Ternura invadiu o coração de Tamires. Havia algo muito maior escondido, camuflado, por esse novo e estranho sentimento de alerta. Ela ainda o amava muito e sentia muita falta desse contato. Sentia muita falta dele. Um sorriso de satisfação se desenhou em seus lábios.

— Eu te amo, Gustavo. – Tamires simplesmente expressou seus sentimentos ao marido com toda a sinceridade.

Antes que ele pudesse responder, ela se curvou sobre seu rosto contorcido pela mistura de surpresa e alegria e o beijou. O primeiro choque não a afastou como o anterior. A corrente já

circulava em seu corpo, entorpecendo-o. Ela o beijou como antes, como sempre, como se nada tivesse mudado entre eles.

Gustavo retribuiu com desespero, urgência e gula. Estava sedento dela. Só esse contato intenso acalmaria seu coração. Apertou suas mãos em volta dos braços dela, prendendo-a, mas logo sentiu que não era necessário. Ela não lutava contra. Tamires o tocava com o desejo de sempre e mesmo sentindo seu toque queimando cada parte do seu corpo, ele desejou que esse momento jamais tivesse fim.

Ainda era sua Tamires. A mulher que entrara na igreja deslumbrante e lhe dissera sim no altar. A única capaz de fazê-lo amar de verdade. Uma mulher sem passado. Uma mulher com um futuro incerto. Uma mulher cheia de sentimentos intensos. A única mulher da cidade que ele não podia amar e, no entanto, ele aceitara o carma que lhe fora dado com alegria.

O beijo durou tempo demais contando com a presença de Sofia no quarto e tempo de menos para matar a saudade que sentia. Com muita gentileza e carinho, Tamires foi se afastando do marido. O sorriso que lhe ofereceu foi fascinante. Era o sorriso mais belo que já vira e antes que ela se afastasse demais para poder ouvir seu sussurro, ele disse.

— Eu também te amo, mais que a minha própria vida.

Tamires apertou sua mão em resposta e se aproximou de Sofia novamente. O coração de Gustavo disparou. Ninguém na sala percebeu a acusação no aparelho. Uma felicidade gigantesca o envolvia. Todo o pesar e desespero anteriores desapareceram. Ficava só a certeza de que Tamires o amava como sempre.

E para a surpresa de todos, a porta do quarto se abriu novamente e lá estava o casal menos provável da cidade: Alexandre e Carolina. Apesar de ser o tão desejado anseio da amiga, Tamires sabia que o cunhado nunca olhava para mulher nenhuma. Só não entendia por quê. Tinha pena das vãs esperanças de Carol.

Tamires e Sofia receberam os dois. A pequena adorava o tio. Alexandre era enorme perto dela e por isso teve que se abaixar muito. Pegou-a no colo logo que ela correu para seus braços compridos e fortes.

Ao abraçar a amiga, Tamires agradeceu. Sabia que era sacrificante para ela passar o dia de Natal em um hospital, um lugar que odiava estar, mas há muito tempo que Carolina adotara a família da amiga como sua e essas datas eram religiosamente sagradas para ela. Estar com a família era o mais importante. Cochichando, Carol foi logo dividindo seus pensamentos.

— Ai, amiga, que homem é esse. Fiquei me achando quando ele parou o carro em frente de casa. Queria que minhas vizinhas o vissem e morressem de inveja. Como ele consegue ser tão lindo, gentil, atencioso, simpático, charmoso, irresistível...

Tamires riu diante de tantos elogios, mas já estava acostumada com os enlevos da amiga.

— Olha que isso é incesto, hein, Carol. – brincou Tamires devido ao parentesco que a amiga dizia ter com sua família.

Quando Alexandre largou Sofia e foi abraçar a cunhada, Gustavo travou os dentes. Como era ridículo ter ciúmes do irmão, mas Alexandre era jovem, saudável e estava disponível enquanto ele estava preso naquele maldito hospital. Nem percebeu quando Carolina se aproximou de sua cama desejando 'feliz natal' visivelmente empolgada. Carol seguiu os olhos de Gustavo e sussurrou.

— É, também acho.

Gustavo olhou para a moça sem entender. Ela olhava bem nos olhos dele muito séria.

— Do que está falando? – perguntou o empresário. Ela apontou para o casal ajeitando os novos presentes aos pés da árvore. — Eles são lindos. Gustavo olhou novamente para eles. Tinha consciência da beleza do irmão e

talvez fosse isso que o incomodasse tanto, mas por que não o incomodara antes? Por que só agora? Ele percebeu, pelas palavras de Carolina, que isso devia incomodá-la há muito tempo. Sentiram-se cúmplices por alguns segundos. A relação entre os dois era uma guerra constante. Em quase nada concordavam e aquela curta conversa era a primeira em anos em que eles finalmente deram uma trégua.

Alexandre foi dar um abraço efusivo no irmão assim que libertou os braços dos presentes que, educadamente, se propôs a carregar para Carolina. Como Gustavo, o caçula também tinha suas vaidades e a admiração de Carol era algo que alimentava e desejava por puro egoísmo. Mas jamais se interessaria por ela de verdade.

Ele era um homem muito focado, talvez ainda mais que Gustavo. Por não se permitir distrações, sua única preocupação era o trabalho que vinha executando discretamente. Nem seu irmão mais velho sabia detalhes. Era um trabalho sigiloso.

— Feliz Natal, meu irmão! – ao pé do ouvido de Gustavo, Alexandre sussurrou brincalhão – Fica bom logo pra gente tomar um chopinho.

Sorrindo, Alexandre se sentou ao lado do irmão na poltrona. Ambos ficaram olhando a alegria e os risos das mulheres.

— Qualquer lugar fica esfuziante onde há mulheres, não é mesmo? – falou Gustavo.

Alexandre interpretou a palavra esfuziante como barulhento, turbulento e sorriu balançando a cabeça para concordar.

— Você tem toda a razão. Gustavo olhou nos olhos do irmão caçula e perguntou à queima-roupa. — Por que você não dá uma chance à Carol? Aquilo pegou o irmão caçula completamente desprevenido. Gustavo nunca

havia questionado sua vida antes. Ele sabia que esse tipo de invasão não era permitida.

Mas já estavam juntos há tanto tempo, depois de se reencontrarem, talvez o irmão tivesse se sentido no direito de questionar.

— Na minha vida não tem espaço para romance, Gustavo.

Alexandre respondeu muito sério, esperando que o assunto parasse ali mesmo. Não queria ter esse tipo de conversar com o irmão mais velho. Gustavo não sabia se sentia alívio ou ainda mais medo. A resposta do irmão caçula tinha duas interpretações. Ou ele não tinha se permitido amar alguém ainda. Ou o coração dele estava fechado para sempre por amar uma mulher que não devia. Ao invés de acalmá-lo, a resposta o deixou ainda mais aflito e para se livrar das perguntas inconvenientes de Gustavo, Alexandre chamou as mulheres.

— Meninas, vocês criaram um clube da luluzinha? Juntem-se a nós, por favor.

Sofia brincava com seus presentes e nem deu atenção aos adultos. Carolina e Tamires se sentaram em volta da cama formando um semicírculo ao redor do doente. Gustavo tomou a mão da mulher com força exagerada causando estranheza em Tamires.

— O que faremos no Ano Novo? – perguntou Alexandre puxando assunto. Gustavo deu de ombros e respondeu meio seco. — O de sempre. Festa da Virada na mansão dos Bittencourt. Alexandre fez uma careta. Era o tipo de festa que Gustavo o obrigava a ir todo

ano. Por mais que amasse a admiração das socialites da cidade, ele ainda achava uma chatice. Mesmo assim, nunca recusou o convite do irmão.

Carolina era convidada de Tamires, mas nunca conseguiu fazer par com Alexandre como sempre desejou. Adorava entrar no salão próxima a ele, para dar a impressão de que estavam juntos, mas ele sempre dava um jeito de escapulir. Então ela o deixava em paz. Sabia muito bem qual era seu lugar.

Alimentar esse sentimento por Alexandre não era algo que fazia de propósito, só não conseguia controlar. Quando estava perto dele ficava tão fascinada que quase perdia a razão. O mais engraçado era quando saía de perto e voltava a raciocinar. Considerava então que o que sentia era um fascínio momentâneo, não uma paixão verdadeira.

Tamires amava as festas porque podia trocar experiências com pessoas interessantes, mas tinha que ter paciência com pessoas como Judite: fútil, invejosa e desprovida de qualquer brilho. E ela brilhava nessas festas. Não tinha esse tipo de vaidade, mas era consciente da sua beleza que chamava a atenção de todos, de sua conversa interessante que revelava uma inteligência modesta, e um conhecimento variado, o que causava inveja em mulheres frívolas.

Gustavo sabia que sua mulher era diferente de todas as outras e tinha orgulho por tê-la escolhido. Além de admirar sua beleza, Gustavo também se orgulhava de sua inteligência e era vaidoso suficiente para exibi-la. Ele tinha certeza de que formavam um casal perfeito. Feitos para um para o outro.

As distrações sobre o Ano Novo animaram Gustavo. Ele acreditava que até lá estaria

bem o suficiente para voltar a tomar as rédeas de sua vida. A vida que ele escolheu. Não, melhor, a vida que ele criou.

Um plantonista apareceu para conferir o estado de saúde do paciente após o meio-dia. A família estava animada, lanchando as guloseimas de Natal. Inclusive Gustavo beliscava biscoitos. Isso não agradou ao médico. Mesmo assim ele procurou não ser muito severo.

— Está com uma aparência muito melhor, senhor Gustavo. A visita de sua família o revigorou. Acho que estava fingindo estar doente só para receber toda essa atenção. – riu – Mas cuidado com as gorduras e os doces. Ainda não está cem por cento. E mesmo depois que sair daqui, continuará seguindo uma dieta rigorosa, mas hoje é Natal, então vamos liberar só um pouquinho de guloseimas, certo? – e se retirou.

Tamires e Gustavo sorriram para o médico agradecendo enquanto ele saia do quarto. Alexandre e Carolina aproveitaram a deixa e se despediram. A mulher olhou para o marido depois que ficaram novamente sozinhos. Realmente parecia bem melhor, talvez recebesse alta antes do réveillon.

Gustavo se lembrou de especular uma ideia que lhe ocorrera ali no hospital.

— Tamires, eu estava pensando como a vida é curta e o quanto eu tenho trabalhado. Sabe, aqui nesta cama, tenho muito tempo. Eu estava pensando em viajarmos no início do próximo mês. Pensei em passarmos quinze ou vinte dias na Europa. O que você acha?

O empresário já havia levado Tamires a Europa. E, no momento, ela não queria, melhor, não devia sair do Brasil. Para Sofia uma viagem de férias em família seria ótima. Mas... Não era o momento de discutir com Gustavo. Não em uma cama de hospital. Portanto, ela concordou e mudou de assunto em seguida.

— É uma ótima ideia, querido. Vamos ver isso com calma quando sair daqui. Agora eu estou pensando na festa do Ano Novo. Qual vestido devo usar com a joia que me deu?

O assunto era muito fútil, mas era a melhor maneira de desviar de sua pergunta. E funcionou. Gustavo ficou examinando em sua memória modelos de vestidos que amava ver no corpo da mulher, mas sabia que ela merecia mais. Então decidiu.

— Compre um vestido novo, querida. Você merece. Escolha um do modelo sereia.

Tamires riu. Gustavo não conhecia os modelos dos vestidos. Tinha seus próprios nomes para eles e era bem divertido vê-lo nomeá-los dessa maneira. Os assuntos se perderam entre vários outros descontraídos. Sofia, inclusive, narrou o dia anterior para o pai. A família estava reunida e feliz. Até que a pequena se cansou e adormeceu na poltrona. Estava na hora de partir.

— Gustavo, amanhã estaremos de volta. Agora precisamos ir. Sofia precisa dormir na cama.

Era verdade. Não havia porque ficar ansioso de novo. Gustavo sorriu de volta para

Tamires e concordou.

— Tudo bem, amor. Sentirei saudades.

Eles se beijaram novamente com a mesma intensidade ou mais por causa da separação forçada. Tamires saiu carregando Sofia no colo pensando que o dia fora muito bom. Ontem pensara que seria um dia terrível, arrastado, triste, mas fora muito fácil lidar com ele. Haviam superado todo o tormento que sentiram nos últimos dias. O amor superara tudo.

Gustavo ficou sorrindo por um bom tempo. Estava feliz, muito feliz. Estaria de volta à sua rotina em breve. Agora acreditava. Sentia as força invadirem seu corpo de novo. Sentia-se saudável, bem fisicamente. Seu coração saltitava com alegria.

Ambos sabiam que um dia como aquele no hospital nunca mais se repetiria. Amanhã seria uma visita com tempo limitado. Fora apenas uma exceção por causa do Natal, mas eles sabiam também que em breve estariam juntos novamente e em casa.

A alegria invadiu Gustavo. Não havia mais com que se preocupar e uma certeza Tamires também se sentia alegre. Não importava o que estava acontecendo de diferente com ela, seus sentimentos pelo marido não mudaram. Não queria que algo novo afetasse a relação entre eles.

Apesar da tranquilidade que sentiam agora, depois de um dia de esclarecimentos silenciosos, ambos sabiam que havia alguma coisa acontecendo. E querendo ou não, os afetaria de alguma forma. Só não sabiam se era positiva ou negativamente.

Algo grandioso estava por vir. Viam no céu, sentiam em seus corpos quando estavam juntos. Alguma coisa acontecia como para repeli-los. Mas o amor os ligava como um imã e esperavam que fosse suficiente para mantê-los juntos, apesar de...

SAGITÁRIO

A brisa fresca do amanhecer agitava o fogo de meus cabelos a seu bel prazer. Era a única hora do dia que havia algum frescor. No horizonte, o sol se erguia majestoso no céu muito azul com poucas nuvens.

Mal conseguira dormir. Um inquietar me perturbou a noite inteira. Desisti de tentar e fiquei olhando a cidade adormecida do alto da sacada da cobertura. O bairro ficava em um dos lugares mais altos da cidade. Dava para visualizar cada ponto de luz lá embaixo.

Liberdade. Era o sentimento que me inundava. Fechei os olhos sentindo os primeiros raios de sol tocar minha pele muito clara. Abri os braços em um gesto de entrega. Era livre, tão livre quanto um pássaro voando no céu.

Há alguns anos não me sentia assim. Lembrava-me muito bem do dia em que me sentira exatamente da mesma forma, quando completei dezoito anos e saí definitivamente do orfanato.

Não que fosse infeliz ou prisioneira naquele lugar, mas a partir daquele dia, seria dona de meu próprio nariz. Cuidaria de minha vida como quisesse. Não teria que dar satisfação a mais ninguém. Seria completamente livre e esse foi o dia mais feliz de minha vida até aquele momento.

Alguns anos mais tarde, conheci Gustavo. A companhia de alguém era algo que fazia falta em minha vida, por mais que amasse minha liberdade de ir e vir. Ter uma família – ter minha família – era algo que ansiava tão profundamente quanto ser independente.

Amava intensamente a vida e queria vivê-la em sua totalidade sem poupar nenhum minuto sequer. Por isso, permiti a aproximação de Gustavo, apaixonar-me por ele e viver essa história de amor.

Agora a sensação de liberdade voltava com toda a força. Desde meu casamento não a sentia. Essa era uma verdade que não contestara até agora. Não me sentira contrariada antes porque estava feliz e me deixei levar pelas boas sensações que me dominavam.

Naquela manhã, o amanhecer era um espetáculo aos meus olhos nunca notado antes. Era de uma beleza que emudecia. Eu estava espantada. Podia ver os raios se projetando sobre a terra. Podia sentir seu calor. Podia ver sua energia. O toque da brisa em meu rosto era um carinho, um beijo, um roçar suave de uma mão invisível. O aroma da manhã, vindo das cataratas, era doce e muito agradável ao meu olfato. A natureza me desejava um bom dia e os meus sentidos estavam atentos ao aceno dela.

Espantoso, como nunca havia percebido isso antes? Era maravilhoso estar em sintonia com a natureza dessa forma. Sentir que fazia parte dela. Melhor, que era parte importante dela.

Era exatamente dessa forma que me sentia, parte de algo muito maior do que apenas minha própria existência e minha pequena família.

Todas as vidas do universo estavam entrelaçadas. Desde um microorganismo até o maior astro, tudo estava exatamente onde deveria estar e mantinha o equilíbrio entre existência e desenvolvimento. Era a essência da vida.

Essas ideias muito novas para mim simplesmente fluíam em minha mente como verdades absolutas. Como se elas sempre estivessem ali apenas encobertas.

Sentia-me poderosa. Palavra difícil de usar sem parecer forçada, mas era a que melhor traduzia o sentimento. Havia uma energia, uma magia, uma força dentro de mim nascendo. Algo que aguçava meus sentidos. Algo que revelava todos os mistérios.

Não me sentia mais fora do lugar. Sabia exatamente que fazia parte do cosmos, do universo, da natureza. Minha existência era tão necessária quanto o sol. O sol e sua luz ofuscante. O poderoso doador da vida. O fogo e a sobrevivência, emaranhados como um só.

Respirei fundo o ar fresco da manhã que me sorria. Minha mente também se sentia muito livre. As verdades que surgiam me libertavam de dúvidas e desconfianças e de meus pesadelos também. Agora notava que desde que acordara do coma não tivera mais pesadelos. Estava realmente livre de corpo, mente e coração.

Algo incrível acontecera comigo durante a noite insone ou durante os últimos dias. Não sabia o momento exato da mudança, mas hoje eu era uma nova Tamires. Não, não era uma nova Tamires. Era a antiga Tamires. A Tamires que há trinta anos se escondeu dentro de mim mesma. Era essa mesma Tamires que despertava agora junto com o novo dia.

Sentia-me muito viva, muito real. Tudo a minha volta era muito intenso também. Vivo. Colorido. Perfumado. Físico. Podia perceber detalhes imperceptíveis antes. Tudo era muito mais belo do que sempre fora. O mesmo cenário mudou de tom.

A impressão que tinha era que estava sob um encantamento que durara trinta anos. Um encantamento que me cegara, que me tornara insensível aos verdadeiros aromas e bloqueara meus sentidos para as verdadeiras belezas ao meu redor.

Queria sair pelas ruas sem rumo provando as novas sensações através de meus sentidos aguçados. Queria sair da rotina. Queria viver com a mesma intensidade que a vida me era apresentada agora. Experimentar, degustar, perceber, aspirar, devorar...

A primeira pessoa que encontrei ao sair do quarto foi Sofia. Ela estava se levantando lindamente descabelada. Como minha filha era linda. Muito mais agora. E quando a tomei nos braços, senti uma onda de prazer imensa, de amor, de paz e felicidade. Percebi com espanto que os sentimentos de Sofia estavam sendo transmitidos através do contato de nossos olhos.

Pus minha filha no chão e me sentei à sua frente. Olhei direto em seus olhos negros. Eram muito doces e eles me diziam o quanto Sofia me achava linda e o quanto me amava. Isso era

fantástico. Podia ver a alma das pessoas. Podia saber o que verdadeiramente sentiam e quem realmente eram.

Precisava sair logo. Tomei uma decisão injusta com minha filha. Sabia que ficar vagando sem rumo, com uma criança a tiracolo não seria muito sensato. Então decidi levá-la à casa da babá por algumas horas. Não pretendia tirar meus empregados da folga pós-natal, mas precisava desse tempo sozinha. Dirigi até o bairro onde a Maria morava.

A babá não se importou, como pude confirmar em seus olhos. Ela também amava Sofia. Isso me foi dito pelo seu olhar. Sua alma era só alegria. Maria também tinha um filho e a companhia distrairia minha filha enquanto eu estivesse ausente.

Não me preocupei com o destino que tomaria. Não escolhi nenhum. Apenas dirigi. Segui o fluxo. Passei por uma avenida após a outra. Virava uma rua e depois a seguinte.

Cheguei ao centro. Era um bom lugar para testar minha nova habilidade. Parei o carro em um estacionamento particular e não me incomodei com o espanto do rapaz que me atendeu quando me reconheceu.

Surpresa.

Sorri para ele, gentilmente. Mas estava com pressa, então virei as costas e saí do estacionamento. À minha frente havia uma multidão andando apressada de um lado para outro com enormes sacolas a tiracolo. Era o dia da troca de presentes.

Olhei atentamente cada rosto e tentei ler suas almas ansiosamente. Preocupação. Ansiedade. Tristeza. Raiva. Dor. Sofrimento. Calor. Pressa. Mágoa. Vingança. Ódio. Cansaço. Impaciência. Mau-humor. Desespero. Agonia. Desesperança.

Estaquei. Quanto sentimento negativo. Nesse instante, os olhos penetrantes de um homem cruzaram com os meus e, com espanto, eu também li sua alma. Desejo. *Desviei os olhos imediatamente. Meu rosto estava ardendo, vermelho como meu cabelo. Arrependi-me da ideia absurda que tivera. Fiquei triste. Como eu podia me sentir tão feliz enquanto as pessoas ao meu redor não se sentiam na mesma maneira? Achei-me egoísta.*

Levantei a cabeça com tristeza e o olhar da jovem que encontrei em seguida acompanhado de um sincero sorriso me deu esperança. Beleza. Alegria. Paixão. *A moça estava apaixonada. Ufa. Ainda existiam pessoas felizes no mundo.*

Eu teria que aprender a lidar com esses sentimentos que me eram transmitidos. Então decidi continuar lendo. Andei cautelosamente, minha empolgação inicial dando lugar à precaução. A verdade era que não esperava ver sentimentos ruins, apenas bons, mas era inevitável todo tipo de sentimentos.

Uma mistura deles cruzou por mim. Tentei controlar minha emoção. Precisava ver sem que fosse afetada diretamente por eles. Só precisava saber, não precisava sentir. Medo.

Compaixão. Inveja. Ciúmes. Solidão. Carinho. Otimismo. Pessimismo. Receio. Dúvida. Insegurança. Fome. Angústia. Despeito. Orgulho. Patriotismo. Fidelidade. Tranquilidade. Vaidade. Fúria. Egoísmo. Inferioridade. Respeito.

Estava encantada. Como as pessoas eram diferentes. Únicas, intensas, complexas. E eram todas peças importantes e essenciais para o funcionamento do universo. Eu podia sentir isso. Eu sabia disso e meu dom poderia ser usado em prol do equilíbrio da balança da vida.

A manhã passou depressa demais para que eu pudesse satisfazer minha curiosidade diante de mais essa novidade. Era tão assombrosa que era difícil de absorver. Porém, ao mesmo tempo, foi tão fácil aceitar. Como recusar o belo? Como recusar um dom?

Eu também me sentia pronta para aquilo como se esperasse por ele há trinta anos. Pareceu para mim como se durante esse tempo eu estivesse me preparando para esse momento incrível.

Depois de pegar Sofia com Maria e passar uma hora com Gustavo no hospital, decidi voltar ao lugar que, com certeza, me proporcionaria o maior espetáculo do dia. Estava muito ansiosa para vê-lo.

Não dissera absolutamente nada a Gustavo. Ainda havia algo dentro de mim pedindo para manter segredo. O único que eu tinha até hoje. O mais intrigante fora quando cruzei com seu olhar. Amor. Saudade. Alegria. Medo. Arrependimento. Insegurança. *Foi isso que a alma de Gustavo dissera para mim. Os sentimentos negativos me deixaram intrigada. Ele também devia ter um segredo. E, portanto, estávamos quites.*

Afastei esses pensamentos no mesmo instante que chegamos ao Parque Nacional do Iguaçu. Fiquei sentada no carro encantada demais para me mexer. Dali podia assistir cada detalhe com minha visão perfeita.

O sol se punha atrás da montanha de onde as abundantes águas jorravam. Nunca em minha vida vira uma cena tão bela. Podia notar cada partícula de água que espirrava sem rumo com a força da queda. Podia ver cada tonalidade de cor do arco-íris que se formava acima das águas. Podia ver, através da bruma de gotículas que encobria quase toda a paisagem, as grandes quedas d'água refletindo o tom dourado do sol se pondo. Podia notar, a cada segundo, a variação sutil nas tonalidades quentes que o pôr-do-sol pintava no céu ao tentar se esconder da noite. Podia ver os tons de verde, marrom e cinza que cobriam as rochas ao redor da água do rio. Tudo era muito mais belo do que eu notara, mesmo frequentando aquele lugar todos os dias por mais de dez anos.

— Mamãe? – Sofia me chamou com sua voz suave e infantil nitidamente curiosa.

Olhei para ela sorrindo lembrando-me que não estava sozinha. Meus olhos estavam muito brilhantes ainda sob o efeito do show de cores que presenciava a cada minuto. Sofia quase se assustou ao olhá-los.

— Mamãe, seus olhos estão pegando fogo! Sim. Havia fogo em meus olhos. Um fogo revelador que me fazia enxergar além.

***

Ninguém estava mais ansioso pela chegada do alinhamento dos planetas do que Fernando Alves, o ajudante de trinta anos do astrônomo Pedro Tosquini. Sua vida sempre fora o céu, desde pequeno o amava. Seus pais eram conscientes disso e a cada aniversário, ele ganhava uma luneta melhor que a outra. Tinha uma coleção delas.

A partir do momento que conseguira o cargo de ajudante do maior astrônomo do Brasil, Fernando fizera tudo ao seu alcance para cair nas graças do cientista e conseguira sua confiança. Tanto que há cinco anos, quando Pedro Tosquini decidiu que a data do alinhamento perfeito dos planetas seria sua última descoberta científica, Fernando iniciara o treinamento necessário para substituir o cientista quando ele se aposentasse.

Orgulhosamente, conquistara seu objetivo profissional. Lutara e estudara muito para alcançá-lo e agora, com a descoberta da data, Fernando teria apenas que esperar três meses para que o astrônomo confirmasse sua aposentadoria.

Fernando tinha muita admiração por Pedro. Por isso, faria por merecer sua confiança. Faria com que tivesse orgulho de tê-lo escolhido como substituto. Melhor, digno da função. E Pedro, enquanto ainda estivesse entre eles, seria seu mentor, seu mestre, sua referência profissional.

O jovem ajudante planejava descobrir muitas estrelas, cometas, planetas, constelações e, quem sabe, outras galáxias. Queria fazer história, como Pedro fizera. Queria se manter à altura do maior astrônomo brasileiro. E sabia que, com muito esforço e força de vontade, conseguiria.

Sua carreira seria astronômica como o universo e decolaria como um foguete. A ansiedade se misturava à satisfação pessoal que o envolvia.

Nessa noite, como em todas as outras, Fernando estava no observatório de Phoenix, em Minas Gerais, observando o céu através de um telescópio capaz de alcançar quilômetros de distância. Nunca se cansava de olhar o céu. Era seu calmante e também sua adrenalina.

A Kaus Australis, astro mais importante da constelação de Sagitário, brilhava assombrosamente há sete dias como conferia novamente pelo telescópio. Fernando nunca vira uma estrela se destacar das demais por tanto tempo em toda sua vida como observador. Sagitário estava regendo o céu.

***

Marcel também olhava a Kaus Australis, porém a olho nu. O campo aberto

onde estava deitado era todo iluminado pelo céu estrelado. Ele sorria. *Ela, finalmente,*

descobriu e em breve estará pronta.

O encontro estava muito próximo de acontecer e agora nada nem ninguém conseguiria impedi-lo. O centauro apontava ferozmente seu arco contra o escorpião.

DISCUSSÃO

O médico entrou no quarto com um sorriso enorme no rosto redondo de bochechas salientes e boca pequena. A barriga era projetada para frente sob o jaleco e as mãos gorduchas estavam enfiadas nos bolsos. Era bastante alto também combinando perfeitamente com seu porte exageradamente grande.

Era um homem que passava muita tranquilidade, mas sua presença no quarto do marido sempre deixava Tamires nervosa. Tinha medo que ele fosse portador de más notícias, porém seus olhos estavam contentes e o tom de sua voz expres-sou imediatamente seu entusiasmo incontido.

— Tenho uma boa notícia, Gustavo, você receberá alta hoje.

O rosto do paciente resplandeceu. Era tudo que mais queria no momento: Voltar para casa, ficar perto de sua família, parar de comer as refeições insossas do hospital, voltar para sua vida, voltar a ter controle sobre ela. Tamires ficou dividida entre a vontade de tê-lo de novo em casa e seu sexto sentido que lhe dizia, discretamente, que deveria manter distância.

— Ah, doutor, o senhor não podia ter trazido notícia melhor. Muito obrigado. – respondeu Gustavo entusiasmado.

O médico sempre ficava feliz ao dar boas notícias às famílias e a seus pacientes. Detestava quando eram péssimas, mas já havia superado isso e seu compromisso com seus pacientes era, sem dúvida, muito mais importante do que seus sentimentos.

— Mas não abuse, Gustavo. De preferência, nada de bebidas alcoólicas nem comida gordurosa nem doces. Quero que mantenha a vigilância sobre seu coração.

Gustavo concordou meio contra vontade. Como comemoraria o novo ano sem um bom champanhe? O médico estava pedindo demais, mas concordaria com qualquer coisa para sair daquele hospital o mais rápido possível.

O médico saiu do quarto para providenciar a papelada da alta. Gustavo ficou pensando em seus planos. Não queria perder mais tempo, iria colocá-los em prática assim que chegassem em casa.

Sofia não estava entendendo muito bem o que estava acontecendo. Tamires logo percebeu que ela precisava de uma explicação mais simples.

— Olha que coisa boa, querida. – contou a mãe – Papai vai para casa com a gente hoje, não é demais?

A menina deu pulinhos de alegria e Gustavo ficou ainda mais contente. Ficar doente não

era uma coisa que Gustavo estivesse acostumado. E desde o nascimento de Sofia nunca havia se separado dela mais do que as horas que passava no escritório, cuidando dos negócios. Ficar quatro dias em um hospital, longe de Sofia e de Tamires, foi bastante torturante para ele. E estava grato por, finalmen-te, dar por encerrada sua prisão forçada. Tamires procurou não pensar mais. Melhor não dar margens a suas dúvidas e inseguranças. Melhor deixar rolar sem se preocupar com o que viria em seguida.

O motorista os aguardava no carro e ficou surpreso quando viu Gustavo acompanhando Tamires e Sofia. Em seguida, mudou a expressão para contentamento.

— Fico feliz que esteja voltando para casa, senhor. – cumprimentou Frederico ao abrir a porta para o empresário.

— Obrigado, Frederico. – respondeu Gustavo – Também estou muito feliz.

Neusa, Rute e Maria também demonstraram o mesmo sentimento quando viram a pequena e bonita família entrar pela porta da cobertura naquela tarde. Tamires sorriu para elas. Havia sinceridade em seus olhos e isso a deixou muito feliz e tranquila. Estava cercada por pessoas que realmente a queriam bem. Saber o que elas sentiam era um trunfo, uma dádiva que Tamires recebera agradecida.

Gustavo foi direto para o quarto do casal. Sentia muita falta daquele cômodo, da sua cama, de seu banheiro, de sua privacidade. As duas mulheres de sua vida o seguiram e se jogaram na cama cada uma de um lado dele.

O empresário as abraçou. Suas peles eram macias e seus corpos quentes. Gustavo sentiu o fogo queimar sua pele enquanto abraçava Tamires e aquela sensação começava a irritá-lo. Já havia percebido que ela transformara em pingente a pedra lilás. Queria arrancar aquela pedra de seu pescoço em um movimento brusco, mas achou melhor deixá-la em paz.

Não entendia por que o corpo de Tamires o repelia quando ela usava a ametista. Que poderes ela tinha? Era somente uma pedra que adornava seu adorável pescoço. Não, não era verdade. Ele não podia ignorar seus conhecimentos sobre a influência das pedras. Ele sabia o que elas podiam fazer.

Resolveu que ignoraria a sensação de queimação. Não importava. Queria ficar abraçado a sua mulher. Não importava que isso lhe causasse dor física. Era forte o bastante para suportar.

Enquanto conversavam sobre coisas diversas, Sofia adormeceu. Ao perceber, Gustavo a levou para seu quarto a fim de que pudessem ficar sozinhos. Tamires sentiu o coração disparar. Era o momento que tentava evitar desde que Gustavo chegara em casa, mas não teria como fugir mais. Era hora de enfrentar seus recei-os e encarar seu marido nos olhos. Sem interrupção. Sem testemunhas. Seriam somente os dois.

Gustavo voltou rápido. Não parecia nem um pouco preocupado com a situação. Ao contrário, estava aguardando ansioso por ela e sorrindo maliciosamente se jogou na cama e rolou

sobre a mulher sentindo seu corpo inteiro pegar fogo.

O choque familiar percorreu cada centímetro do corpo de Tamires no segundo em que ele a cobriu e a apertou em seus braços. Seus lábios se encontraram com intensidade e ambos fingiram não sentir nada além da paixão. Sentimentos mistos os confundiam. Sensações novas, físicas e emocionais.

Gustavo a desejava tanto e a cada dia mais. Finalizou o beijo com carinho e rolou para o lado sem soltar sua mão.

— Senti tanto sua falta, amor.

Tamires o olhou e viu que era verdade. Seus olhos nunca mentiriam para ela. Sorrindo, respondeu.

— Eu também. – ela girou de lado para ficar totalmente de frente para ele – E nunca mais me dê um susto desses. – repreendeu ela.

Ele riu, mas ela também devia prometer isso a ele.

— Lembre-se que você me assustou primeiro. – retrucou ele.

O sorriso fugiu do rosto de Tamires. Também era verdade e ela sabia que agora era hora de falar com o marido sobre o assunto. Já haviam adiado mais de uma semana essa conversa. Até gostara disso, mas agora não haveria mais como fugir. Permitiu que ele fizesse a pergunta que pairava entre eles.

— O que aconteceu naquela noite, Tamires? Tem alguma coisa a ver com esta pedra, não é? – apontou para o pingente em seu pescoço.

Tamires não respondeu. Como ia explicar a ele o que havia acontecido naquela noite? Como contar tudo sem que parecesse uma maluca? Por mais que soubesse que poderia dizer qualquer coisa a ele, como saberia que acreditaria em sua história? E seu sexto sentido pedia para que mentisse novamente.

— Eu escorreguei nas pedras. Estava escuro e chovia muito. Não tem nada a ver com a pedra.

Mentira. Gustavo podia perceber isso. Conhecia Tamires muito bem, mas o que estaria acontecendo para que ela mentisse para ele?

— Mas por que foi para lá no meio da noite? – o marido continuou especulando.

Essa pergunta era muito mais fácil de responder.

— Tive outro pesadelo e quando acordei uma vontade incontrolável de ir ao parque me dominou. Eu nem pensei direito, simplesmente fiz o que meu coração mandava.

Gustavo estava satisfeito com essa resposta. Parecia muito mais verdadeira do que a primeira e era plausível que acordasse confusa depois de um sonho ruim. Ele já presenciara as reações de Tamires depois de seus pesadelos e sempre eram muito intensas. Podia compreender.

Sabia que havia algo mais que ela não estava contando. Por quê? Por que ela estaria escondendo algo dele? O que estava acontecendo? Estava ansioso para receber as respostas, mas apertar a mulher contra a parede não daria o resultado esperado. Porém, não podia deixar de pressionar um pouquinho só. Tinha que ter uma confirmação de sua desconfiança.

Enquanto Gustavo pensava, Tamires lia cada sentimento dele através de seus olhos profundamente negros. Incerteza. Curiosidade. Ansiedade. Insatisfação. Sim, ela sabia que ele não pararia por ali. Tentaria arrancar o máximo que pudesse de-la.

— Tamires, se tivesse acontecido mais alguma coisa, por mais estranha que fosse, você me contaria, não é verdade? – o marido foi cauteloso ao fazer essa pergunta.

Tamires não mudou a expressão. Tentava não transparecer seus sentimentos, mas seu coração saltitava. Mentia muito mal, descaradamente, e Gustavo sabia disso. Percebeu que ela havia omitido informações. Estava fazendo tudo errado, mas por que não conseguia dizer a verdade a ele?

— Claro que sim, Gustavo. – respondeu ela sem titubear – Mas não aconteceu mais nada.

Eles se encararam por alguns segundos em silêncio. Ela esperava tê-lo convencido. Ele esperava que fosse verdade. Mas não tinham como ter certeza. Aquele assunto não passaria desse ponto por enquanto. Estava encerrado. Gustavo pros-seguiu, com cuidado, o interrogatório que preparara para Tamires.

— Por que fez um pingente da pedra?

Tamires suspirou. Ele nunca falava o nome da ametista. Na verdade, não dava a menor importância para a pedra preciosa que era muito importante para ela. Automaticamente, levou a mão ao pingente, apertando-o com força.

— Ela é muito bonita. Não sei por que não tive essa ideia antes. Afinal, ela é a única ligação com a minha origem e quero que fique comigo o tempo todo.

Gustavo pareceu convencido com essa resposta, porém insatisfeito com a decisão. Mais silêncio se seguiu. Os pensamentos de Gustavo eram um turbilhão sem sentido. Tantas dúvidas. Tantas perguntas. E, no entanto, poucas respostas, muito poucas para arrancar aquele tormento de dentro dele.

Tamires estava confusa, atormentada pela culpa. Não queria mentir. Não queria de verdade, mas havia algo muito maior acontecendo e ela mesma não entendia bem. Como explicar, então?

Gustavo se perguntava se ela sabia sobre o alinhamento. Arriscou.

— Você viu a notícia sobre o alinhamento dos planetas na TV?

Tamires, definitivamente, não esperava por essa pergunta. O que Gustavo sabia sobre o

alinhamento? Será que só estava jogando conversa fora para quebrar o silêncio entre eles?

— Vi, sim. – tentou não demonstrar interesse pelo assunto.

Então ela sabe. Mas ficou forçando uma cara de pouco interesse. Desconfiado, Gustavo acreditou que havia alguma coisa ali. Teria que especular mais.

— O que achou disso? – perguntou.

— Não sei. – deu de ombros – O tal astrônomo disse que ele terá o poder de fazer uma mudança no planeta. Nunca ouvi falar nada parecido.

Gustavo olhava fundo em seus olhos, mas não conseguia ver nada claramente. Somente o que ela deixava transparecer. Ele não tinha o dom de Tamires.

— É. – concordou ele.

Aquela conversa estava irritante, evasiva e controlada demais. Estava na hora de sacudi-la um pouco. Por isso, Gustavo decidiu que iria executar seu plano agora mesmo.

— Amor, – tentou deixar a voz bem mais suave para afastar o clima pesado que se formara – sobre a viagem que sugeri ainda no hospital estava pensando em adiantá-la. Seria muito legal passar o Ano Novo na Europa, não acha?

Tamires ficou aliviada com a mudança de assunto e respondeu rápido.

— Acho bacana, mas temos dois empecilhos. Você acaba de sair do hospital. Não acho que uma viagem de doze horas em um avião seja adequada. E, segundo, você tem que trabalhar dia dois.

Gustavo sorriu diante dos obstáculos que Tamires impusera.

— Primeiro, – retrucou ele – estou ótimo e não vejo problema nenhum em viajar agora. E, segundo, tenho direito de tirar férias com minha família. Há algum tempo não fazemos isso. A empresa pode ser administrada com competência pelos funcionários e diretores. Eles podem ficar sem mim por algumas semanas.

Tamires prestou atenção excessiva nas últimas palavras do marido.

— Algumas semanas? Quanto tempo deseja ficar fora?

Gustavo deu de ombros.

— Estava pensando em uns vinte dias. Não seria ótimo?

Vinte dias! Não, não seria ótimo. Tinha um compromisso muito importante dali pouco mais de uma semana. Não era hora de sair do Brasil. Ela não queria, não podia e não iria.

— Sinceramente, Gustavo, não acho boa ideia. Você ainda está de dieta e é tempo demais para deixar a empresa sob o cuidado de outros. Não acho sensato.

Por que Tamires está sendo tão contra? Realmente não esperava tantas desculpas para dizer um simples não.

— Qual é o problema, Tamires? Você não quer viajar? – a voz de Gustavo soou mais alta do que deveria, com certa raiva.

Aquilo pegou Tamires desprevenida, mas não ficou por baixo, respondeu no mesmo tom.

— Não é nada disso, Gustavo. Você não está sendo racional e eu estou tentando fazê-lo ver isso.

Agora Gustavo ficou muito irritado.

— Não, não é verdade. Você está procurando desculpas muito fracas. A viagem seria maravilhosa. Tudo o que você apontou como empecilho é totalmente contornável.

Tamires começava a ficar vermelha.

— O problema, Gustavo, é que tudo tem que ser do seu jeito, na sua hora, conforme você quer.

Era verdade. Ela nunca havia questionado isso antes e isso deixou Gustavo enlouquecido.

— Na verdade, Tamires, estou planejando uma maravilhosa viagem em família para o lugar mais belo do mundo. Nós dois amamos a Europa e realmente não vejo problema nenhum em querer levá-las para lá no Ano Novo. Não estou im-pondo nada. Só acho absurda sua recusa. Você nunca recusou uma viagem antes.

Também era verdade. Tamires não estava tendo sucesso em fazê-lo acreditar em seus motivos, porque realmente eram apenas desculpas, mas estava decidida a não ceder.

— Não me interessa o que eu teria feito antes, Gustavo. Não quero e não vou tolerar sua imposição agora. Não vejo problema nenhum em viajarmos, mas precisamos de mais tempo para planejar com calma. Não quero sair do Brasil como se estivesse fugindo da polícia, nesse desespero todo. Vamos deixar para depois.

Gustavo estava começando a ficar descontrolado.

— Tamires, por que está fazendo isso? Nós acabamos de passar por momentos bem estressantes. Merecemos esta viagem agora. Não devemos pensar muito. Devemos apenas ir e curtir.

— Não, Gustavo. Eu não vou. Se quiser, pode ir.

Aquilo era totalmente inaceitável. Tamires estava sugerindo que ele fosse sozinho? Jamais!

— Você sabe que eu não iria sem você.

Tamires estava enfurecida.

— Sim, eu sei. Então se contente com minha resposta. – as palavras seguintes pronunciou pausadamente – Eu não vou.

Gustavo agarrou com firmeza o braço de Tamires quando ela tentou se afastar dele.

— Tamires, você não está sendo razoável.

Com força, Tamires se livrou da mão do marido. Esse contato lhe causara dor física e

por instinto se livrara da garra imediatamente. Gustavo também sentiu sua mão queimar dolorosamente. As sensações estavam muito mais fortes agora.

— Seja razoável, você, Gustavo. – praticamente cuspiu com fúria a resposta na cara do marido – Pare de agir como uma criança contrariada e considere este as-sunto encerrado por hora.

Tamires se levantou da cama e foi direto para sala. Seu coração batia com muita força no peito. Tremia dos pés a cabeça, mas não queria se acalmar e não mudaria de ideia. Estava decidida.

Gustavo foi atrás dela. Não a deixaria em paz tão cedo. Sua atitude era inadmissível.

— Não me deixe falando sozinho, Tamires, nunca mais.

A voz dele era uma explosão atrás dela. Tamires se virou para ficar de frente para ele, pronta para enfrentá-lo.

— Abaixe esse tom de voz comigo, Gustavo. Você não é meu patrão. Você é meu marido e não pode me dar ordens.

Gustavo tentou controlar a voz antes de responder.

— Tudo bem, Tamires. Mas você precisa entender...

— Eu entendi muito bem, Gustavo. – o interrompeu – Mas já chega por hoje antes que você tenha outro infarto.

Sentou-se no sofá e ligou a televisão dando a conversa por encerrada de novo.

— Tamires, eu... – mas se interrompeu desistindo de completar a frase.

Não estava se sentindo vencido. Teria que afastá-la da cidade o mais depressa possível e faria qualquer coisa para conseguir isso. Talvez se... Uma ideia um tanto absurda se formou em sua mente, mas estava decidido a pô-la em prática mesmo assim e o quanto antes.

Tamires olhou para Gustavo e não gostou do que viu. Havia um sentimento meio enlouquecido em seus olhos. Decisão. Loucura. Raiva. Ficou paralisada enquanto Gustavo saía do apartamento pisando duro. Bateu com força a porta da sala atrás de si quando passou por ela.

***

Gustavo dirigia com pressa pela cidade enquanto os pensamentos malucos que tivera há pouco se enraizavam em sua mente. Não se arrependeria porque sabia que daria certo. Tamires iria para a Europa com ele ou atrás dele. Por sua própria vontade ou por desespero. Ele estava disposto a tentar qualquer coisa.

O aeroporto internacional de Foz do Iguaçu estava apinhado de gente vindo e indo. Gustavo estacionou na primeira vaga que encontrou e foi direto para o guichê da Air France no saguão do aeroporto.

— Por favor, três passagens para Paris.

— Boa tarde, senhor. – cumprimentou o atendente – Para que data deseja?

— A mais próxima.

O homem do outro lado do balcão conferiu em seu sistema as datas disponíveis.

— Estamos com quase todos os voos lotados, senhor. O mais próximo será somente depois de amanhã, às seis e meia da manhã. Tudo bem?

Gustavo concordou, maneando a cabeça apressadamente.

— Por favor, os nomes dos passageiros. – solicitou o atendente.

— Gustavo do Valle, Tamires do Valle e Sofia do Valle.

O atendente digitou depressa os nomes no computador.

— Algum dos passageiros é menor, senhor?

Gustavo estava ficando impaciente, mas respondeu logo.

— Sim, Sofia tem apenas dois anos.

— Não se esqueça dos documentos da menor, senhor, senão não conseguirá embarcar.

Gustavo concordou novamente. O atendente emitiu as passagens em alguns minutos e as passou por cima do balcão ao mesmo tempo em que pegava o cartão de crédito que o empresário lhe oferecia para pagá-las.

Gustavo voltou para casa um pouco melhor. Tinha absoluta certeza de que seu plano, apesar de absurdo, daria o resultado que esperava. Escondeu as passagens no bolso interno do paletó de microfibra preta que usava e sorriu.

— Você vai para a Europa, Tamires. Ah, vai!

***

Marcel estava espantado. Sabia exatamente o que Gustavo planejava e isso realmente era um absurdo. Suzane ficara horrorizada e amedrontada quando viram juntos o que aconteceria dali dois dias. Gustavo, definitivamente, havia enlouquecido. E ele só dava mais motivos para que eles não gostassem nem confiassem nele.

Na mesma hora, Suzane quisera pegar um avião e voar quase o Brasil inteiro até Foz do Iguaçu para alertar Tamires. Mas Marcel a convenceu a não fazer nada. Não podiam interferir e ele tinha certeza que Tamires saberia o que fazer.

Mas a atitude de Gustavo o deixava preocupado. Realmente ele faria qualquer coisa para afastá-la deles. O coração de Gustavo ainda estava poluído pela influência negativa de seu mestre, apesar do bom tempo que não tinham mais contato.

Marcel também se segurava para não fazer nada, mas confiava em Tamires e sabia que ela estava pronta para enfrentar as novas situações que viriam com uma força sobrenatural.

SEQ UESTRO

O sol ainda estava longe de nascer quando Gustavo tirou Sofia da cama silenciosamente. A pequena resmungou alguma coisa enquanto se aninhava no colo do pai e voltava a dormir.

Gustavo saiu da cobertura em sigilo. Colocou a filha adormecida na cadeirinha no banco de trás do carro. Ao passar pela portaria, fez um sinal de cumplicidade ao porteiro.

Seus pensamentos estavam muito mais agitados do que sua aparência denunciava. Por dois dias planejou aquele momento e estava satisfeito porque ao final sabia que venceria.

Como Tamires podia ser tão teimosa a ponto de fazê-lo tomar atitudes tão drásticas? Sorriu. Queria ser uma mosquinha para ver a cara da mulher na hora que ela encontrasse o recado. Com certeza ela ficaria furiosa, muito mais por ter que ceder.

Não, definitivamente, não queria estar lá. Gustavo sabia que ela ficaria irritada demais. Melhor que ela se acalmasse antes de se encontrarem. Será que se veriam ainda hoje ou somente na próxima madrugada? Tudo dependeria da hora em que Tamires acordasse. Gustavo estava torcendo para que fosse ainda hoje. Ou seria cedo demais para que ela estivesse calma o suficiente?

Gustavo se divertia e se preocupava com os pensamentos que brincavam em sua mente. Quase se sentiu como um adolescente travesso, o coração disparado, a adrenalina da aventura correndo em suas veias o deixando muito desperto, muito atento, aguçando todos os seus sentidos.

Ouviu Sofia suspirar e se mexer no banco de trás. Espiou pelo retrovisor. Ela ainda dormia. Como era linda. Nunca se cansava de contemplá-la. Dormindo então parecia um anjinho.

Gustavo se prendeu novamente ao trânsito a sua frente. As ruas ainda estavam vazias. Apenas os faróis de alguns veículos surgiam de quando em quando. Em sua mente, se concentrou em novos planos. Planos para mais tarde. Planos para um lugar muito longe dali. Muito longe da verdade que estava rodeando Tamires como uma onça faminta pronta para atacá-la.

Não, ele não podia perder tempo. Dois dias já foram demais. Mais dois dias e seria ano novo e então, faltaria apenas uma semana. Precisava de quinze dias para afastá-la de vez do que mais temia: perdê-la. Para que ela não encontrasse os seus. Para que nunca soubesse da verdade. E então, poderia vir o alinhamento que ela estaria imune a tudo aquilo para sempre.

Isso era o que desejava, mas na verdade não sabia se daria certo. Não sabia se ainda era capaz de deter o fluxo natural dos acontecimentos. O andar natural do destino que estava reservado à Tamires há muito tempo. Porém tentaria com todas suas forças. Sabia de seus

poderes, mas não conhecia suas limitações. Ainda mais com um poder novo que ainda não fora mensurado.

Não sabia o quanto esse poder estava em Tamires. O quanto ela o conhecia ou dominava. Mas sabia que era muito recente e que havia uma chance de conseguir o que pretendia. Destino. Fugira do seu há muito tempo e escondera Tamires até agora do dela.

Uma angústia o dominou de repente. O que seria de Sofia se seus pais retornassem aos seus destinos? A única coisa que Gustavo sabia era que seu casamento não existiria mais. Ambos andariam por caminhos opostos. Jamais poderiam continuar juntos. E Sofia? De que lado ficaria?

Ela era muito pequena para decidir, mas sabia que alguma coisa aconteceria com ela no futuro. A pequena herdara seus genes, com certeza também teria algum dom especial ainda não manifestado.

Gustavo suspirou. Não adiantava se afligir tanto. Sentia que desde sua primeira decisão outras atitudes foram desencadeadas. Ações das quais não se orgulhava. Mas aquele era ele. Não podia nascer de novo. Havia recebido um dom e com ele mudara muitas vidas. Inclusive a sua.

Negar quem era havia sido a última decisão mais difícil que tomara. Anulou-se em prol do amor por Tamires e, consequentemente, mudou a trajetória da vida dela também.

Fazia um bom tempo que não tinha mais que se preocupar tanto com esse passado distante. Era feliz. Tinha uma vida perfeita. Apenas mantinha a vigilância. Mas não podia prever o que o destino reservava para Tamires. E agora, voltava a fazer coisas drásticas para manter sua vida no ritmo normal. A vida que, com tanto amor, dedicação e dificuldade conseguiu construir para ele mesmo e para sua família.

Desde que acordara no hospital que percebera Tamires estranha e Gustavo soube no mesmo instante que alguma coisa havia mudado dentro dela para sempre. Reconheceu em seu olhar a chegada do poder e ela ficara arisca como se algo a fizesse desconfiar dele.

Então, Gustavo percebeu que o dia que mais temera estava muito próximo de chegar. Portanto, usaria todas as opções que tinha para afastar a verdade. E sabia que isso ele poderia fazer com facilidade. Foi o que sempre fez desde pequeno. Sabia muito bem como encontrar saídas agora.

O familiar e grandioso prédio do aeroporto internacional de Foz do Iguaçu surgiu em seu campo de visão, interrompendo seus pensamentos. Um sorriso sarcástico se desenhou em seus lábios.

***

Os primeiros raios de sol invadiram o quarto através da cortina e iluminaram o rosto adormecido de Tamires. O calor do carinho matinal a fez sorrir antes de abrir os olhos. Acordou muito bem-disposta.

Depois da discussão com Gustavo, há dois dias, Tamires tentou não pensar mais nela,

mas algo a fizera repensar cada palavra inúmeras vezes. Quando Gustavo saiu e voltou pouco depois, quase teve certeza de que tudo recomeçaria. Porém ele estava muito calmo e sorridente. Tamires então concluiu que fora apenas espairecer para não brigar mais.

Como se nada tivesse acontecido, Gustavo a tratou com muito carinho e doçura, participando Sofia em tudo. Planejou outros passeios em família para distraí-las e Tamires ficou satisfeita com isso.

Apesar de toda a atitude despreocupada do marido, algo fazia Tamires desconfiar que ele escondia alguma carta na manga. Ficara alerta o tempo todo esperando que algo acontecesse.

Mas, antes de dormir na noite anterior, havia decidido dar um voto de confiança ao marido e um basta em toda sua suspeita. Não havia motivo para temer. Ele parecia ter mudado totalmente de atitude.

Agora Tamires estava pensando ainda mais no dia da palestra. Estava ansiosa e ele chegaria em breve. Não podia pensar em fazer uma viagem. Não podia pensar nem no Ano Novo.

Mesmo assim, Tamires passeara com Gustavo nas lojas mais caras da cidade a procura de um lindo vestido para a virada do ano. E para a surpresa do marido não escolheu um vestido branco, mas sim vermelho. E ficara lindo nela. Parecia que havia sido feito sob medida. Uma maravilha. Gustavo não se cansara de elogiá-la na loja.

Tamires sorriu ao se lembrar da cara de espanto dele ao vê-la experimentando o vestido e ele havia acrescentado boquiaberto.

— Como você conseguiu ficar ainda mais bonita? Como isso é possível?

Estendeu o braço para o travesseiro ao lado na esperança de tocar o rosto do marido. Porém, encontrou-o vazio. Levantou-se ainda sorrindo. No corredor deu uma espiadela no quarto de Sofia para vê-la adormecida. A caminha estava vazia e desarrumada.

Foi até a cozinha. Certamente pai e filha estariam fazendo a maior bagunça atrás de comida. Estava vazia também. Intrigada, Tamires praticamente correu até a sala. Sobre a mesa havia um envelope e um bilhete. Ela leu com muito espanto.

"Querida, bom dia. Eu e Sofia estamos esperando por você no aeroporto. Vamos para Paris. Te amo." Tamires segurou o bilhete em choque por alguns minutos. Não podia acreditar no que Gustavo fizera. Logo agora que estava disposta a perdoá-lo definitivamente e acabar com todo o receio. Porém, mais uma vez, ele quebrara todas as regras.

Um rubor subiu em seu rosto de repente após o primeiro choque. Mas isso não ficaria assim, de jeito nenhum. Ele estava perdido. Estava muito certa de desconfiar de suas atitudes, afinal. Como pode se descuidar e acreditar nele?

Não, não, a culpa não era sua. Era dele. Ele havia perdido a noção de tudo. Havia

ultrapassado todos os limites. Havia perdido a sanidade. E tudo isso para convencê-la de fazer algo que ela não queria de jeito nenhum. Esse não era o Gustavo com quem se casara. Por mais que se impusesse, ele nunca fora capaz de fazer uma loucura desse tamanho para obrigá-la a concordar com ele.

Esse era o plano? Obrigá-la a viajar para fora do país contra a sua vontade? Mas isso não ficaria assim. E, agora, mais clara, sabia exatamente o que fazer. Pegou o telefone sobre a mesinha e discou três números rapidamente. Assim que atenderam do outro lado da linha, falou.

— Quero denunciar um sequestro.

***

Marcel gargalhava sozinho e o som alto e cristalino ecoava na sala vazia. Na penumbra, seu vulto se agitava ao ritmo de sua risada. Assim que viram o que Gustavo faria, foi difícil se segurarem para não interferir, mas não demorou muito para terem a visão do que Tamires faria.

E era exatamente essa imagem que Marcel se recordava nesse momento e que o fazia rir tanto. Ele ria principalmente da cara de Gustavo. A cara de espanto. Ele não acreditava, sinceramente, que Tamires fosse capaz de agir dessa maneira, mas ela também não imaginava que o marido pudesse fazer o que fez.

Marcel queria estar presente no aeroporto naquele momento. Seria muito mais divertido ao vivo. E o que viria depois da cena, seria extraordinário. Suzane ficara feliz ao saber que mais um se uniria a sua causa em breve. Que a natureza presenteara mais um membro da família com um dom.

Bem que Marcel previra que os destinos deles estavam traçados e nada poderia mudar isso. Somente a decisão de um escolhido. A decisão negativa, o que não era o caso de Tamires.

Marcel se conteve. Ainda havia a chance de Tamires se recusar quando soubesse de tudo. Ele agitou a cabeça tentando afastar a ideia. Não, ela não podia se desviar de seu destino. O futuro de todos dependia de seu sim.

***

O aeroporto estava muito mais apinhado de gente do que há dois dias. Gustavo ainda segurava Sofia no colo agora acordada. Não queria perdê-la no meio daquela turba. Estavam na fila do *check in*.

Gustavo não tinha pressa. Queria dar tempo para Tamires chegar e se juntar a eles. Enquanto acompanhava o andar lento da longa fila procurava pela esposa nas brechas entre a multidão.

Sofia já perguntara pela mãe e Gustavo dissera que ela estava vindo. Não ousou telefonar. Era melhor que ela viesse por conta própria, mas realmente achava estranho que ela não tivesse ligado até agora. Talvez ela não tivesse acordado ainda.

Embarcariam assim mesmo e talvez se reencontrassem apenas em Paris, mais tarde. Ah, Paris. A cidade dos enamorados. Gustavo se lembrava dos detalhes de cada momento que passara com Tamires lá.

A carinha dela de medo, misturada com a ansiedade da viagem. Uma caipirinha. Gustavo sorriu com a lembrança. Fora a primeira viagem de avião de Tamires e uma viagem bem longa. Mas ela não dormira. Ficara olhando pela janela as luzes das cidades lá embaixo. E quando só havia o oceano, ficara encantada com sua imensidão. Achara a cor linda à luz do sol.

— É de um azul único. Azul oceano. Azul iluminado. – classificara a cor.

Tamires também se esbaldara com o serviço de bordo da primeira classe. Experimentara de tudo. Bebidas, comidas, doces. Gustavo se sentira muito jovem ao lado dela.

A viagem teve um significado importante. Fora no rio Senna que Gustavo a pedira em casamento. Tomou a decisão de fazer o pedido e em seguida planejou a viagem. Uma surpresa.

Gustavo tivera que mentir sobre o destino para conseguir levá-la. Durante seus quatro anos de namoro ele tentara várias vezes levá-la para viajar de avião, mas ela recusara todas. Morria de medo.

Pobre Tamires. Sua primeira viagem de avião fora a mais longa que podia imaginar, mas ela ficou tão emocionada com a surpresa, com a realização do sonho de conhecer a França, que nem se abalara quando chegaram ao aeroporto e ele finalmente dissera para onde estavam indo.

Gustavo sempre quis isso. Garantir felicidade, amor e conforto para Tamires, porque ela estava devolvendo a vida para ele. O amor dela estava lhe dando a única chance de ser feliz.

Em seus mais de trinta anos, viveu muita solidão e tristeza. O sorriso de Tamires trouxe um sentimento que nunca imaginara que pudesse existir. Muito menos que pudesse sentir. E agora não queria perdê-lo de maneira nenhuma.

***

Enquanto dirigia quase costurando pelo trânsito já bastante animado da cidade, eu estava enfurecida e meu rosto estava retorcido de raiva. O sol já havia nascido completamente.

O céu estava muito claro e muito azul. Um anúncio de que faria muito calor.

Pela primeira vez nesses seis anos, eu tinha dúvidas de minha relação com Gustavo. Não tinha mais certeza de que o conhecia. Seria possível alguém mudar tanto? De um gentil e afetuoso marido para um monstruoso sequestrador?

Tentei afastar o pensamento. Eu estava exagerando, mas também estava vendo tudo vermelho à minha frente. Mesmo assim, algo acontecia com Gustavo, algo muito errado. Nunca imaginara que ele fosse capaz de fazer qualquer coisa para me persuadir.

E por isso a dúvida martelava em minha cabeça. Quem era aquele Gustavo? Com certeza não era o homem para quem eu dissera sim. Para quem entregara minha vida. E quem me

entregara de volta uma vida de sonho e de rainha.

De repente freei. A fila de carro atrás de mim freou a tempo porque nem todos corriam como eu. Por trás do buzinaço e dos gritos enfurecidos dos outros motoristas pronunciei em voz alta a certeza que me veio à mente como um raio.

— Minha vida toda é uma farsa. Meu casamento feliz é a maior fraude que existe.

Claro, estava na minha cara o tempo todo, mas achei mais fácil acreditar na história da gata borralheira que encontrou seu príncipe encantado do que enxergar a verdade. Eu realmente estava prisioneira em um feitiço de amor e felicidade.

Agora podia ver com clareza. Mas por quê? Culpa. *Era a única resposta que eu tinha. Havia visto em sua alma, através de seu olhar, Gustavo sentia culpa. E por quê? Porque estava me enganando.*

Subitamente consciente, arranquei o carro novamente rumo ao meu destino com mais pressa que antes. Lágrimas grossas brotaram em meus olhos imediatamente e rolaram com facilidade por meu rosto vermelho. Mais raiva me dominou.

Toda minha vida, de felicidade inabalável, de perfeição invejável era uma mentira. Estava doendo muito e meu ódio, crescente, só fazia aumentar a dor.

Repassei minha história de amor. Cada surpresa. Cada sorriso. Cada palavra. Cada momento especial. Cada viagem. Cada declaração de amor. Cada presente. Cada beijo.

Sofia. Sofia era fruto da mentira que Gustavo construíra. Não, Sofia era real, de carne e osso. Era a única verdade nessa história toda. Não podia macular a imagem de minha filha.

As lágrimas escorriam em torrente e encharcavam minha roupa. Via o trânsito com dificuldade, mas as questões em minha mente me perturbavam e dominavam.

Precisava saber por que ele se sentia culpado. Precisava saber por que ele criou um cenário perfeito para me enganar. Precisava pressioná-lo. Precisava de todas as respostas.

Precisava da verdade e se não a tivesse, teria que tomar uma drástica atitude. Uma decisão irreversível.

O que Gustavo fez fora resultado de uma mentira muito maior. Eu via agora. E eu lhe daria um ultimato. Jogaria em sua cara tudo que estava engasgado em minha garganta agora sem me preocupar com as consequências disso.

Levei a mão ao rosto para tentar, inutilmente, limpar as lágrimas que desciam por minhas bochechas. Senti um calor incontrolável surgir dentro de mim no momento em que avistei o enorme prédio do aeroporto.

***

Chegaram ao guichê do *check in* e ainda nem sinal de Tamires. Gustavo apresentou seus documentos e de Sofia junto com os *vouchers* para a atendente da Air France. A mulher sorriu

reconhecendo o nome do empresário.

— Quantas bagagens, senhor do Valle? – perguntou.

Gustavo sorriu de volta. Ficava fascinado com o poder que seu nome tinha sobre as pessoas quando o reconheciam. Sentia-se muito importante e isso era muito bom para seu ego. Falando em ego, ele não estava totalmente satisfeito porque perderia a festa de Ano Novo da família Bittencourt. Era a festa mais badalada da cidade há alguns anos e ser convidado para ela era motivo de orgulho para qualquer pessoa da alta sociedade de Foz do Iguaçu. Mas sabia que era preciso perdê-la por um bem maior.

— Não, nenhuma, senhorita. – respondeu também sorrindo Gustavo.

A mulher não se espantou. Não era incomum homens ricos viajarem sem bagagem. Ela imaginava que voltariam com malas enormes da Europa.

Gustavo realmente não se preocupou com a bagagem por dois motivos. Primeiro, não podia levantar suspeitas. E segundo, realmente estavam indo para a cidade da moda. Vestir a família lá não seria um problema, mas sim um grande prazer e proporcionaria um passeio.

Antes de se afastar do balcão, Gustavo deu outra olhada ao redor da multidão à procura de Tamires e nada de novo. Levou Sofia para a área vip a fim de esperar a hora do embarque.

Quando entraram, ouviram o anúncio de que o embarque começaria em alguns minutos. Como o tempo passara rápido enquanto esperavam na fila. Nem deu para aproveitar o atendimento privilegiado. Antes que pudessem se mexer, Gustavo ouviu uma voz atrás de si.

— Senhor do Valle?

Gustavo se virou para ver quem o chamava. Deu de cara com um policial fardado.

— Sim, em que posso ajudar? – respondeu.

— O senhor tem autorização para viajar com a criança? – o policial apontou para Sofia no colo do pai.

Instintivamente, Gustavo apertou com mais firmeza a filha nos braços. Que coisa estranha de perguntar. Ainda assim, era bom ficar bem alerta.

— Como assim? Ela é minha filha.

O policial deu um passo em sua direção.

— Mesmo assim, senhor, precisa de uma autorização por escrito da mãe para viajar com a criança, mesmo que seja sua filha.

Gustavo deu um passo para trás fugindo da aproximação do policial.

— Eu não tenho autorização porque minha mulher vai viajar conosco. Ela só está atrasada.

A voz de Gustavo era firme e impassível. Não queria revelar o tanto que estava abalado. Queria mostrar sua superioridade para que o policial o deixasse em paz.

— Eu sinto muito, senhor, mas não permitirei que embarque com a criança.

Gustavo ficou atordoado.

— Como? O senhor não pode me impedir de viajar com minha própria filha! – exclamou.

— Sim, posso e recebemos uma denúncia de sequestro. O senhor ficará exatamente onde está, senão terei que detê-lo.

As pessoas que também aguardavam na sala vip, apesar da estranheza da cena que assistiam, começaram a evacuar o local para não perderem o embarque. Gustavo se viu desesperado. Não podia estar acontecendo uma coisa dessas com ele.

— Quem fez essa denúncia absurda?

No mesmo instante em que perguntava, Gustavo avistou um cabelo vermelho muito familiar por trás do policial entrando na sala. O olhar de Tamires queimou no seu literalmente. Enquanto piscava para aliviar a sensação, Gustavo ouviu com espanto a resposta da boca de sua mulher.

— Fui eu!

PODERES

— Mamãe!

Sofia ficou eufórica ao me ver. Eu não sorri ao responder sem olhar para ela.

— Querida, nós não vamos mais viajar.

Meu coração era lava, fogo incandescente, meu corpo tremia de dor e ódio. Meus olhos não enxergavam a doçura e a alegria nos de minha filha. Estavam presos em outros, negros e muito familiares. Mas nesse momento não me traziam a calma e a paz de antes.

O olhar de Gustavo estava preso ao meu. Desde o momento em que se cruzaram não conseguiram se afastar por um segundo sequer. Apesar da tortura que lhe causava espasmos estranhos pelo corpo, ele não desviava os olhos dos meus. Estava completamente dominado.

Eu podia sentir a raiva fluindo de meus olhos, de meus dedos, de minha respiração, de minha pele. Era toda raiva. Quase me sentia queimando. Quase sentia o bafo quente da raiva emanando de meu corpo como se ele estivesse em chamas. O policial se afastou de nós, mas ficou do lado de fora da sala esperando, caso eu precisasse de sua ajuda.

Gustavo tentava, com todas suas forças, controlar os espasmos de seu corpo, mas era inútil. E a força desses espasmos o agitou tanto que Sofia chacoalhava em seus braços. Sem entender direito, a pequena olhava do pai para mim e de mim para o pai.

O silêncio parecia gritar, falar, esmurrar o espaço entre nós. Eu lia com confiança a alma de Gustavo. Dor. Sofrimento. Dúvida. Decepção. *Fiquei feliz com o que vi, mas queria mais. Ele estava sofrendo muito pouco. Ele merecia mais dor para pagar pelo que fizera. Eu precisava falar. Estava engasgada demais com a raiva que sentia. Poderia sufocar se não despejasse logo o que estava me angustiando.*

— Você ficou maluco, Gustavo? Pretendia sequestrar nossa filha para me obrigar a viajar agora?

Entre os espasmos, Gustavo tentou responder e só conseguiu gaguejando.

— Seeequeeestrooo? Dooo queee essstáaa faaalaaando? Soofiiia éee miiiinha fiiilha tammmbém.

Eu senti a raiva aumentar e meu sangue correr em minhas veias com pressa. Parecia lava fumegante subindo para o topo de um vulcão em erupção. Estava pronta para cuspir toda aquela lava nele. Eu via que alguma coisa acontecia com Gustavo e rapidamente grandes gotas de suor brotaram em sua pele e escorreram pelas curvas bem torneadas de seu corpo como se minha raiva o atingisse fisicamente.

— Você sabe muito bem que não pode viajar com Sofia sem minha autorização. – falei com fúria – E se fizesse isso, seria caracterizado como sequestro.

Gustavo tentou enxugar o suor com a manga da camisa. Estava ficando visivelmente cansado, como se tivesse corrido uma maratona.

— Você sabe muito bem que eu não estava sequestrando Sofia. – dessa vez, milagrosamente, conseguiu juntar as palavras com mais facilidade apesar de estar sem fôlego – Eu tinha certeza de que viria conosco se fôssemos à frente. Esta era minha intenção. Nunca pensei em separá-la de você.

Apertei os olhos. Via que era verdade, mas não amoleceria de novo. Sabia que, mesmo que ele não estivesse mentindo agora, estava escondendo algo muito maior e nunca o perdoaria por isso.

O suor de Gustavo diminuiu, mas os espasmos voltaram. Parecia exausto como se estivesse realizando um exercício físico muito intenso.

— Diga-me a verdade, Gustavo. Por que você quer tanto que eu saía do Brasil agora? O que você está tentando esconder de mim? Por que você está mentindo para mim?

Gustavo piscou várias vezes sem desviar os olhos dos meus. As gotas de suor invadiam seus olhos e dificultavam sua visão. Os espasmos voltaram a descontrolar seus movimentos e dificultar sua fala.

— Meeentiiindo paaara vooocê? Eeeeu nãaaao essstou. Fiiiiquei louuuco quannndo vooocê se reeecusou. Vooocê tiiinha raaazão. Nãaao gosssto de sssser connntrariaaaado.

Eu sabia que não era de todo mentira, mas não permitiria que me enganasse novamente e sabia que ele estava usando uma parte da verdade como desculpa para sua insensatez.

— Então, se é apenas isso, por que se sente tão culpado? O que você fez de errado para se sentir assim?

Gustavo engoliu em seco. Vi que o peguei totalmente desprevenido. Devia estar se perguntando como eu sabia que se sentia culpado se nunca me contara sobre isso antes. O choque, os espasmos, o calor intenso estavam esgotando suas forças físicas. Seu corpo se debruçava. Ele lutava para se manter em pé, mas se encurvou devagar até que seus joelhos tocaram o chão. Respirava com grande dificuldade.

Eu estava cega de raiva. Imaginei que ele estava fazendo uma cena para que eu amolecesse e isso só piorou meu sentimento de ódio. Estava completamente dominada por ele. Estava, intimamente, feliz pelo sofrimento de Gustavo. Ele merecia cada espasmo de dor.

Com um dos braços, Gustavo tentava se manter pelo menos ajoelhado e com o outro, ainda segurava Sofia. Ela estava em pé no chão, porque ele não tinha mais forças para segurá-la no colo. A pobre Sofia arregalou os dois olhinhos escuros quando viu o sofrimento no rosto de seu pai. Ficou olhando de Gustavo para mim tentando entender o que acontecia. Seu rosto mudou de

repente. Ela viu alguma coisa que eu não podia. Deu um grito tão alto de susto que me acordou de meu transe.

— Mamãe, está machucando papai!

Pisquei os olhos assustada. O que Sofia disse? Que eu estou machucando Gustavo? *Incrédula, pensei:* Como posso estar machucando Gustavo se estou há alguns metros de distância dele? *Mas lá estava ele debruçado sobre si mesmo, desmanchando em suor, lutando para respirar.* O que está havendo?

Sofia olhou novamente desesperada para mim. Em seguida, entre nós, mas não havia nada ali. Eu podia sentir um calor, uma energia fluindo de mim para fora, mas era só isso. Eu ainda não entendia como poderia machucar Gustavo fisicamente, mas a preocupação de Sofia mudou algo em mim. Eu deixei o olhar preocupado dela dissipar todos os sentimentos ruins que alimentei até agora. Pensando com mais clareza, percebi que essa

conversa deveria mesmo ser adiada. Sofia não devia assisti-la. Os olhinhos de minha filha sorriram quando viu Gustavo voltando a respirar com mais naturalidade. Olhei para minhas mãos intrigada. O que havia acontecido naquele momento? Será que além de ler a alma das pessoas também podia atingi-las de alguma forma invisível e física? E como poderia controlar esse poder? Como poderia usá-lo da maneira correta? Como poderia saber em qual momento estava acontecendo? Será que eu poderia ter matado Gustavo?

Sofia afagou o rosto do pai. Ele ainda piscava os olhos, os cílios molhados, mas parecia melhor. Precisava apenas de alguns minutos para recuperar as forças. Nossa filha sorriu.

— Papai, a fumaça vermelha foi embora.

***

Marcel estava maravilhado com Sofia. Que dom maravilhoso ela tinha. Ela podia ver os poderes. Com certeza essa seria apenas uma pequena manifestação de seu verdadeiro talento. O tempo traria novas facetas.

Sentado em seu sofá, no escuro como sempre, os olhos fechados, Marcel ficou imaginando a utilidade desse dom na guerra que teriam que enfrentar daqui há algum tempo.

Mas afastou rapidamente a ideia. Claro que Suzane jamais permitiria que Sofia participasse. Afinal, ela tinha apenas dois anos e Marcel ficou inconformado com isso. O dom de Sofia seria de grande utilidade contra os inimigos. Com certeza era um desperdício para a causa.

Bem, teria que esperar que o futuro se revelasse para que soubesse se seria necessário usar Sofia ou não. Ou se estava reservado alguma coisa para ela nessa guerra. Não poderia forçar a barra com Suzane. Ela ficaria irritada e talvez não compartilhasse mais com ele suas visões. E isso, por vários motivos, ele não poderia perder jamais.

***

Recuperado e em casa, Gustavo era esperto e devia ter imaginado que a trégua se dera somente por causa de Sofia e por isso mesmo não saía de perto dela. Fiquei sentada na poltrona da sala vigiando os dois com meus olhos e meu próprio interior. Precisava aprender a ativar e controlar meu novo poder. Precisava usá-lo moderadamente. Não queria matar Gustavo, ainda mais sem querer. Não queria carregar essa culpa.

Tentei me concentrar na cena do aeroporto e nas palavras de Sofia. Precisava saber o que ativou o ataque, mas só sabia que estava com muita raiva, fúria e até com ódio. Estava cega e na hora não percebi nada.

Tentei, em pensamentos, me prender aos detalhes. O que teria acontecido de diferente? Na hora estava distraída, mas agora estava com a mente clara, seria mais fácil perceber.

Repassei toda a cena em minha mente. Lembrei que fiquei totalmente focada nele. Senti, naquele momento, que não podia desviar os olhos. E logo vi que Gustavo também me fitava ininterruptamente. Ah, ele estava amarrado. Agora eu podia perceber que o havia dominado e preso só com o olhar. Interessante.

A cena que se seguiu foi a de Gustavo se retorcendo em espasmos que o fazia gaguejar irritantemente. Não, não deveria ter sido naquele momento, mas se não fosse, como ele estaria tão alterado? Não, não, foi em algum momento antes. Aconteceu alguma coisa, mas só conseguia me lembrar da raiva, do sentimento de calor que ela me causava.

Arregalei os olhos. Mas claro, só podia ser isso. A raiva. A fúria. O ódio. Foi o sentimento que ativou o poder. Conhecia-me muito bem e uma de minhas características mais marcantes era meu gênio forte. Meus sentimentos sempre eram muito intensos e se realmente fossem, por força do destino, a chave de meu poder, não seria estranho. Pelo contrário, seria óbvio.

Mas com certeza haveria um jeito de dominar esse poder para ativá-lo quando eu quisesse, mesmo que não estivesse dominada por sentimentos de fúria. E a maior dúvida permanecia. Até onde meu poder chegaria? Seria capaz de matar?

Ah, meu Deus, não! E me senti mal com o pensamento. Nunca me imaginei, sequer por um momento, matando alguém, muito menos por uma força mística. Resolvi dissipar esse pensamento o mais rápido possível.

Pensei em Sofia, minha razão de viver e na inesperada capacidade que se manifestou nela. Desde quando tudo isso começou, eu não havia pensado na possibilidade de minha filha também ter recebido um dom.

Fiquei imediatamente preocupada. Não queria envolver uma criança de dois anos em uma história tão fora do normal, mas também não escolhera entrar nela. Estava envolvida de tal forma que ficara impossível escapar. Protegeria Sofia com minha própria vida se necessário e a protegeria do pai também.

Olhei novamente para os dois que continuavam brincando. Não vi nenhum perigo na

cena. Por mais que Gustavo estivesse me enganando, eu sabia que nunca faria nada contra Sofia, mesmo quando agia feito um maluco e tinha coragem de incluir a pequena em suas loucuras.

Nada mais importava agora. Teria a conversa com Gustavo longe de Sofia. Ela amava o pai e não merecia ver a fúria que se manifestava em mim desde que descobrira que havia alguma coisa irreal em minha vida perfeita. Sim, irreal. Que vida poderia ser tão perfeita se não houvesse a influência de algo muito poderoso?

Isso me fez pensar que Gustavo também deveria ter poderes. Bem, se fosse verdade, poderia jogar todo meu poder sobre ele que não o mataria. Estava ansiosa para continuar a conversa, por isso, encerrei a brincadeira mandando Sofia para o chuveiro e, em seguida, para a cama. Gustavo ficou esperando em nosso quarto.

Quando entrei, fechei a porta atrás de mim. Gustavo estava em pé na sacada apreciando a vista. Não enrolei.

— Agora vamos continuar nossa conversa.

Gustavo se virou lentamente para olhar nos meus olhos confiante. Não demonstrou temer o encontro de nossos olhares. Eu não estava dominada por nenhum sentimento de fúria. Lúcida, queria dominar minhas habilidades. Concentrei-me e imediatamente senti, sutil e delicadamente, o poder emanar de meu corpo. Foi um choque. Gustavo parecia não sentir nada. Aquilo me deixou frustrada. Forcei mais e senti o poder nítido novamente. Queria mais intensidade para atacá-lo. Gustavo estava impassível e me perguntou.

— O que quer, Tamires, me acusar de algo que eu não fiz?

Sentia a força ir e voltar como se batesse em uma parede refletora. A raiva novamente acelerou meus batimentos cardíacos e, a minha volta, podia sentir meu próprio poder me rodeando lentamente. Estava totalmente consciente dele agora. Fiquei muito satisfeita com isso, mas não com o fato de Gustavo estar inabalável.

— Não minta mais para mim, Gustavo. Não vou tolerar mais isso. Eu despertei. Você me manteve prisioneira em uma felicidade falsa, um casamento perfeito, uma vida sublime e para quê? Diga-me logo o que está me escondendo!

A energia de meu poder cresceu e me rodava com velocidade como um tufão se formando em uma tempestade. Podia sentir que sua força aumentava e que em breve Gustavo não poderia mais se proteger. Porém, ele continuou me provocando, parecia não perceber o perigo que o cercava.

— Falsa felicidade? Então o que você está me dizendo é que nunca foi feliz comigo? – o sarcasmo em sua voz passou para a fúria em seguida – Você está sendo injusta, Tamires! Tudo o que fiz foi pela sua felicidade e de nossa filha!

Senti os olhos queimarem como fogo e Gustavo viu que eu estava enfurecida como no

aeroporto. Ainda assim não conseguia atingi-lo. Eu não sabia o tamanho de meu poder. Não sabia se seria capaz de transpor aquela barreira invisível. Deixei os sentimentos me dominarem novamente.

— Não brinca comigo, Gustavo! Eu quero a verdade. – e acrescentei com autoridade – O que você não quer que eu descubra?

Vi que Gustavo mudou a feição, de repente, depois de um leve espasmo. Finalmente, eu estava transpondo a barreira. Nitidamente percebi que ele se concentrou de novo para afastar meu poder e eu continuei fazendo pressão ao seu redor, apertando, sufocando e esmagando sua fortaleza. Com grande esforço para segurar sua proteção, resolveu me responder.

— Eu só quero proporcionar um belo passeio para nossa família.

Aquilo foi a gota d'água. Senti a fúria me dominar totalmente. O tufão a minha volta agora se tornara um furacão descontrolado. Senti o ar se mover com a tempestade que meu poder produzia no quarto.

Objetos flutuaram. Eu os ignorei, concentrada. Distraído com o que via, Gustavo deixou sua barreira se romper e uma dor física o atingiu imediatamente atirando-o ao chão. Não podia se mexer preso pelo sofrimento que lhe causava. Por fim me senti satisfeita. Era aquilo que queria ver desde o início. Agora ele estava em minhas mãos. Agora ele tinha que confessar.

— Confesse, Gustavo, o que você fez! Confesse sua culpa! Diga que mentiu para mim!

Subitamente me senti flutuando. Olhei para baixo para confirmar. Realmente estava alguns centímetros acima do chão. Aquilo fez com que me assustasse e imediatamente meus pés voltaram a tocá-lo. A tortura de Gustavo se dissipou junto com a tempestade a nossa volta.

Olhei para ele com espanto por alguns segundos. Ele me encarou de volta da mesma maneira e antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, me virei e saí correndo do quarto. Cada hora uma novidade maior que a outra. Supliquei em pensamento enquanto corria. Meu Deus, preciso de ajuda!

***

Marcel entendia Tamires. Também ficara espantado, junto com Suzane, quando descobriram do que eram capazes, mas também sabia que logo se acostumaria. Tanto, que já estava gostando da ideia.

Fique tranquila, Tamires, iremos ajudá-la em breve.

Mais do que nunca, aguardava ansiosamente por esse encontro, mas sabia que não podia acontecer agora. Tinha que esperar a hora certa para que tudo corresse conforme devia.

Sabia que Tamires e Gustavo ainda passariam por muitas provações até que se encontrassem. Era necessário para que o destino se cumprisse e para que Tamires estivesse preparada para sua missão final e mais importante.

Logo ela teria as respostas para todas suas perguntas.

***

Vaguei a pé pela noite quente sem rumo. Que outras novidades estavam guardadas para mim? Percebia que o poder que me fora concedido era muito maior do que eu pensava e agora tinha certeza de que Gustavo também possuía um dom.

E, no entanto, nada disso estava resolvendo meus maiores conflitos. Precisava de respostas e pelo que percebia, não adiantaria torturar Gustavo porque ele nunca confessaria.

Lágrimas rolaram por meu rosto. Estava me sentindo uma manteiga derretida ultimamente. Nem parecia uma mulher adulta, decidida, dona de meu próprio nariz.

Mas como poderia ser tudo isso se não sabia o mínimo sobre mim mesma? Quem eram meus pais? De onde eu viera? Por que estava sozinha? Por que a ametista me protegia? Por que ela brilhava? Por que eu tinha dons? Para que serviam? E por que meu próprio marido, o homem em quem confiava, estava me enganando há anos?

Minha vida não tinha sentido. Minha existência era uma incógnita enorme. Será que eu morrerei sem entender? Não, eu sentia que não e ainda havia uma esperança. Uma porta de escape. Talvez a janela de minha salvação. O dia que não demoraria tanto para chegar.

E eu o aguardava com maior intensidade agora.

***

A verdade caiu sobre Gustavo como um raio. Estava frágil. *Frágil como um humano comum*. Agora entendia o que significava, de verdade, o ataque do coração que tivera. Seu poder estava enfraquecido e nunca imaginara que isso pudesse acontecer um dia, por mais que conhecesse todas as consequências de sua escolha.

E para piorar um pouco sua situação, o poder de Tamires se manifestara grandioso. Tão grande que podia dominar os elementos. *Meu Deus, a profecia está se cumprindo*. Mas Gustavo se recusava a aceitar essa sina de braços cruzados. Mesmo que Tamires estivesse convencida de que havia alguma coisa errada, ainda não tinha certeza e ele usaria a dúvida a seu favor.

Enquanto ela ainda não soubesse exatamente o que fizera, afinal não tinha a menor ideia do por que de sua culpa, ainda havia alguma chance de conseguir reverter a situação e tentaria. Talvez morresse tentando.

Agora não duvidava mais de que ela seria capaz de matá-lo. Em um mesmo dia ela quase o matou por duas vezes. Teria que reconquistá-la. Sua confiança, seu amor, seu carinho, mas como faria isso? Como, se ela acreditava piamente que ele a estava enganando? Como fazê-la desacreditar em seu instinto? Havia uma força muito maior controlando-a e fazendo-a enxergar, pela primeira vez, a realidade de sua vida e dentro dela mesma. Teria que frear isso o mais depressa possível.

Por um instante, desejou que seu mestre estivesse ao seu lado. Com seus poderes unidos seria muito mais fácil anuviar a mente de Tamires a ponto de acreditar que tudo que viveu nos últimos dias fora apenas um sonho. Muito estranho, mas somente um sonho.

Depois dissipou a ideia. Sabia muito bem como amplificar seu poder sem a ajuda do mestre. Faria isso sozinho. Aproveitando que Tamires não estava em casa, Gustavo procurou e juntou vários objetos.

Um copo com água, uma pedra preciosa preta chamada granada escondida no fundo de uma gaveta, um pedaço de ferro, flores e incenso de eucalipto. Acendeu o incenso, colocou todos esses objetos dentro de uma caixa e deixou tudo sobre o criado mudo enquanto se concentrava, com os olhos fechados, e se fortalecia gradativamente.

***

Só havia um lugar onde eu recobrava minha paz: nas cataratas do Iguaçu. Lá eu tinha a sensação de estar em casa. Quando as gotas doces das águas tocaram meu rosto foi a glória. Nos últimos dias havia sido displicente com aquele lugar. Agora sentia que fizera muita falta para meu espírito.

A paz invadiu meu coração tumultuado. Não ousei fazer perguntas para mim mesma. Estava cansada delas. Quem as responderia? Eu não podia e estava completamente sozinha diante daquele mistério.

Queria apenas me sentir tranquila para sempre, mas sabia que teria que voltar para casa, ou melhor, para minha filha. A partir dessa noite não considerava mais Gustavo.

Gustavo. Meu grande amor. Como podia, agora que estava com a mente e o coração brandos, ainda amá-lo? Mas essa era a verdade. Eu ainda o amava e era isso que doía mais nessa história de mentiras.

Mas se ele também me amava, como vira em seus olhos, como poderia ter feito alguma coisa contra mim? Será que com medo de me perder? Lembrei-me que ele não me atacou, apenas se protegeu.

Um calor diferente me fez abrir os olhos. Olhei na direção dele. A ametista, que estava por baixo de minha blusa entre os seios, brilhava novamente. Não percebi se aconteceu naquele momento ou se já estava acontecendo antes de eu chegar ali, mas era diferente dessa vez. Ela pulsava como se estivesse viva, como se fosse um coração.

Caminhei descalça sobre as pedras ao redor do rio. Sentia que o batimento da pedra acelerava. Andei rente ao paredão de rocha e de repente estaquei. A ametista pulsava descontroladamente e luzia com intensidade.

Sim, eu me lembrava daquele lugar. Fora ali que me encontraram. Era meu lugar nas rochas e era para lá que ela queria que eu retornasse. Eu só tinha a ela agora. Estiquei a mão para tocar a parede feita de pedra como uma carícia. Estava escuro, mas a pedra iluminava

exatamente o lugar onde minha mão tocaria.

Eu via a parede, mas não a sentia com meus dedos. Continuei movendo a mão e estranhamente ela sumiu inteira como engolida pela rocha. Assustada, puxei-a de volta com medo de perdê-la.

Não senti dor. Devia estar delirando. Como seria possível que minha mão transpassasse uma pedra? Tentei novamente tocar a rocha, mas, para minha decepção, e ao mesmo tempo alívio, a palma de minha mão logo a encontrou e, imediatamente, a luz da pedra se apagou.

Tudo a minha volta mergulhou na escuridão novamente.

NOVO ANO

Trégua. Essa era a palavra de ordem na vida de Tamires e Gustavo. Durante os dias seguintes mal se falaram, somente o necessário para continuar vivendo e proporcionar uma convivência pacífica em nome da filha.

Tamires dormira na bicama com Sofia. Decretou distância total do marido. Aquilo o incomodou terrivelmente, mas todas as tentativas de dissuadi-la foram em vão. Estava totalmente disposta a ignorá-lo.

E a noite de réveillon finalmente chegou.

Gustavo esperava inquieto por Tamires e Sofia no andar de baixo da cobertura. Andava de um lado para o outro como uma onça enjaulada. Estava ansioso por essa festa e acreditava ser a maior chance que teria de ficar perto da mulher. Então, ela teria que ouvi-lo. Quem sabe essa era a hora apropriada para a reconciliação?

O pior era não saber o que ela estava pensando. Simplesmente se calou e se afastou. Não sabia se estava com raiva, magoada ou até pensando em se separar. Mas Gustavo tirou a ideia de separação da cabeça. Porque se Tamires estivesse pensando nisso, já o teria feito. Afastar-se do marido era mais como um castigo. Estaria esperando que, com isso, ele mudasse de ideia e Gustavo se agarrou com todas as forças nessa única esperança.

Voltou-se sorrindo para a escada quando ouviu os passos das duas mulheres no mezanino e o choque que percorreu seu corpo foi aterrorizante. Tamires estava linda. Não, não era a beleza que ele notava todos os dias. Era uma beleza diferente. Tudo nela era muito mais intenso. Seus cabelos estavam muito mais vermelhos, brilhantes, presos por presilhas de diamantes. Alguns fios caíam sobre seu rosto lhe dando um ar de mistério.

A face estava muito mais aveludada, muito branca e levemente rosada nas bochechas. Seus olhos, por baixo dos fios ruivos, eram muito verdes, como esmeraldas brilhantes e ofuscantes. Sua boca de um vermelho natural com contornos bem marcados e seus dentes muito brancos formavam um sorriso encantador. Não, era exuberante. *Hipnotizante*.

Seu corpo ondulava em curvas perfeitas que o vestido vermelho marcava com louvor. Seu andar era suave como se flutuasse. Seus movimentos acompanhavam seus passos como os regendo em uma música bem orquestrada. Em seu colo a ametista brilhava, refletindo a luz, enquanto Tamires se movia. *Uma diva*.

Nunca a havia visto assim e pela segunda vez em sua existência, Gustavo se viu loucamente apaixonado. Era impossível desviar os olhos. Era impossível não ser atraído. Era

impossível não dizer...

— Meu Deus, Tamires, você está deslumbrante.

Tamires não sentiu modéstia. Tinha consciência de sua própria beleza e o espanto de Gustavo não deixava dúvidas de que estava sendo sincero. Ela agradeceu com um sorriso especial que deu de presente ao marido.

Enquanto a seguia com o olhar sem encontrar mais palavras para expressar seus pensamentos, sentindo-se medíocre, Tamires passou por ele de mãos dadas com Sofia. Quando ela quase chegava à porta, Gustavo acordou de seu transe e correu para abri-la.

Tamires quase tomou um susto com a gentileza, mas por fim aceitou o gesto. Gustavo também fez questão de abrir a porta do carro. Um verdadeiro cavalheiro e em todos os gestos ganhou sorrisinhos encantadores de Tamires.

Fizeram o trajeto até a casa de Carolina calados. Gustavo se sentia atraído como um imã e espiava a mulher pelo canto do olho. Por sua vez, Tamires parecia nem notá-lo. Ficou sentada despreocupadamente alheia, elegância e a beleza exalando dela.

Carolina era uma mulher distraída às vezes, mas na maioria das situações conseguia notar, rapidamente, o que acontecia ao seu redor. Na hora que entrou no carro sentiu o clima entre Gustavo e Tamires. Não compreendeu de imediato a devoção exagerada dele nem o desprezo sutil dela.

Em seguida, buscaram Alexandre e a distração tomou conta de Carol. Quando o viu saindo de casa, o cabelo jogado pelo vento no rosto que afastou rapidamente, Carolina estava entregue a sua presença inebriante. Esqueceu-se imediatamente de Gustavo e Tamires.

Alexandre logo sentiu o clima e não ousou quebrá-lo. Preferiu ficar sentado do lado oposto de Carol deixando Sofia no centro, em sua cadeirinha e ficou brincando com ela até a mansão dos Bittencourt.

Achando o irmão ridículo, Alexandre viu Gustavo sair correndo do carro para abrir a porta para Tamires. Concentrou-se em ajudar Sofia a se desprender da cadeirinha e a descer do automóvel. Carol se desiludiu rapidamente ao vê-lo distante do carro de mãos dadas com a sobrinha e se apressou em sair também para não ficar para trás.

Tamires pegou a mão esquerda livre de Sofia antes que chegassem à escada da porta de entrada da mansão. Nesse instante, finalmente, Alexandre olhou para a cunhada e quando as portas se abriram estava paralisado diante de sua beleza. *Divina*.

Foi a primeira vez que a enxergou de verdade e ele logo percebeu que havia algo muito diferente nela. Lembrava a antiga Tamires, mas era uma nova mulher, completamente diferente. *Iluminada*.

Percebendo que Sofia não andava, tendo Gustavo do outro lado, Tamires se virou para

Alexandre encarando-o. Ofereceu seu sorriso muito novo e muito intenso. Alexandre sentiu as pernas bambas e se desviou, rapidamente, de seu olhar hipnótico deixando-se guiar pela sobrinha. Nenhuma reação escapou à Carolina que andava, resignadamente, ao seu lado direito.

O burburinho podia ser percebido antes das portas se abrirem. Porém, depois de abertas, um silêncio pesado se fez. Durou apenas alguns segundos, mas foi tempo suficiente para que a família que chegava percebesse o espanto geral. A festa parou e duas pessoas tornaram-se assunto imediatamente.

— Não acredito que eles vieram. Tamires está muito bem.

— Ela só pode ter feito algum tratamento estético. Ninguém fica com essa aparência depois de sair do coma.

— Que ousadia usar um vestido desses em uma festa de ano novo.

— Nossa, que homem, meu Deus! Eu nunca tinha notado como esse irmão do Gustavo é lindo.

— Alexandre é mil vezes mais bonito que o irmão. — Como eu nunca o percebi antes?

A suntuosa sala de visitas da mansão era inacreditável. Cabiam seis salas comuns nela. Os Bittencourt a fizeram exatamente como um salão para promover eventos. Tinham o maior orgulho de exibir a luxuosa casa que construíram. A mansão tinha três andares. O térreo era composto apenas pela sala e pela cozinha, também muito grande. As escadas, decoradas com um carpete finíssimo, levavam ao mezanino onde várias salas eram distribuídas pelo comprido corredor. Sala de estar, de televisão, de jogos, de cinema. Mais um lance de escadas até várias suítes, com banheiras, que cobriam toda a extensão da casa. A garagem, no fundo, era preenchida com vários carros importados. *Ostentação*.

Judite Bittencourt cruzou o caminho de Tamires para recebê-la. — Boa noite, Tamires. Vejo que está muito bem. Fico contente por isso. Tamires retribuiu os cumprimentos educadamente. — Como vai, Judite? A festa está maravilhosa. A anfitriã respondeu orgulhosa. — Está mesmo. Este ano Jorge abriu a mão e liberou uma verba alta. Jorge Bittencourt era um homem muito sério. Todos sabiam que a mulher

mandava nele e por isso era muito triste. Porém não conseguia se livrar de suas garras. Já era tarde demais para ele.

Sofia se livrou da mão da mãe e arrastou o tio pela enorme sala. Tamires a seguiu com os olhos até que ela sumiu entre os convidados, mas a cabeça de Alexandre, muito alta, estava acima das outras e ela ficou espiando o cunhado enquanto Judite narrava todos os detalhes da festa.

Gustavo tentou se aproximar da mulher aproveitando que ela estava parada e, a um passo de alcançá-la, foi puxado por Jorge para uma conversa maçante. Enquanto o ouvia, seus

olhos não se desviavam de Tamires.

Carolina seguia Alexandre de longe atacando as bandejas que passavam por ela sem piedade. Queria aproveitar o que mais amava nessas festas: a comida e a bebida. Porém a ansiedade era colaboradora de sua gula.

Alexandre considerou Sofia uma benção muito bem-vinda. Enviada pelos céus. Afastar-se de Tamires o tirou do transe. Sentiu-se novamente dono de si mesmo e outra vantagem, afastara-se também de Carolina.

Era engraçado aquele homem grandão brincando com uma criança tão pequena. Mas o que menos importava era o que os outros estavam pensando. Prometera a si mesmo que se divertiria essa noite. Concentrou-se em Sofia e se desligou do resto.

Foi muito difícil para Tamires se desvencilhar de Judite. Só conseguiu depois que posou para uma foto ao lado de Gustavo e Jorge. Ao toque de Gustavo em sua cintura um arrepio lhe passou pela coluna. Há dias não sentia o calor de sua mão em seu corpo e ele reclamou com saudade. Controlando seu desejo, afastou-se do marido o mais depressa que pode, procurando por Alexandre no salão lotado.

Gustavo, em seu estado anormal, sentiu-se desamparado ao perdê-la tão depressa. Nem o choque habitual o fez despertar. Precisava tanto de Tamires e, no entanto, ela não dava o braço a torcer nem em dia de festa.

Sentir seu corpo quente, nem que fosse uma parte insignificante dele como sua cintura bem marcada, fez seu corpo aquecer. Um desejo muito intenso surgiu, mesmo com um encontro tão rápido de seus corpos e seus olhos arderam como se pudessem devorá-la enquanto a seguiam pela ampla sala.

Por onde passava, Tamires causava alvoroço. Sua audição, visão e percepção aguçadas permitiam que soubesse disso sem que ninguém percebesse. Ela andou entre as pessoas cumprimentando-as enquanto seguia a direção da cabeçorra do cunhado.

Os convidados abriram passagem para que ela passasse. Era uma deusa causando admiração e inveja, temor e devoção entre os convidados. Ninguém conseguia resistir à tentação de olhar para ela naquela noite.

Conforme abriam espaço, cada pedacinho de Alexandre era revelado. Ele estava de costas, com as mãos na cintura, como se estivesse dando uma bronca em Sofia. E quando chegou mais perto, Tamires viu porquê.

— Sofia! – exclamou repreendendo-a entre um riso espontâneo que lhe escapou.

A garotinha roubava doces da mesa e comia satisfeita tentando se esconder atrás das longas pernas do tio. Sua boquinha estava toda lambuzada de chocolate, morango, maracujá e pedacinhos de coco.

Ao ouvir a repreensão da mãe, Sofia parou no meio da mordida e mostrou um sorriso

engraçadinho com os dentinhos coloridos denunciando os diversos doces que comera. Tamires e Alexandre soltaram uma gostosa gargalhada.

Ao som da voz da cunhada, Alexandre estremeceu. Estava enlevado com tudo que vinha dela e Tamires merecia que ele compartilhasse de seu agradável riso.

A mãe pegou a filha pela mão e a levou ao banheiro para se limpar. — Sofia, meu amor, você tem que esperar para comer os doces. Enquanto via Tamires lavando suas mãozinhas respondeu: — Mas titio disse que eu podia comer.

— Tudo bem, querida. – suspirou resignada – Melhor eu não sair mais de perto de você hoje. Porque se eu bobear, seu tio vai deixar você fazer tudo que quiser.

Sofia soltou um risinho feliz. — Quero brincar mais com titio. Tamires sorriu. Ficava feliz que a filha amasse tanto o cunhado. — Você pode continuar brincando se ele ainda quiser. – enquanto a enxugava continuou – Agora que você está limpa e linda outra vez com certeza ele vai querer brincar com você de novo.

Sofia saiu na frente da mãe sem dar ouvidos ao pedido para que não corresse, mas Alexandre a viu a tempo e interceptou seu caminho, pegando-a no colo.

— Onde a senhorita pensa que vai? — Brincar no jardim. Vem, titio. Como Alexandre poderia dizer não àquele anjinho? Tamires os seguia de perto. Carolina fazia o caminho das bandejas até a sacada mais próxima que dava para o jardim. Gustavo tentava se desvencilhar de homens desinteressantes para poder se aproximar mais já que não conseguia mais vê-los.

O jardim era muito bonito. Como tudo na casa era exuberante e exagerado, mas de muito bom gosto. Havia diversos bancos espalhados pelo gramado assombreados por árvores trepadeiras de flores perfumadas e coloridas. Estava lotado. O clima era ameno naquela parte da casa. Árvores menores, aparadas como muros, formavam corredores verdes. No centro, uma fonte jorrava cores e luzes. Tudo fora cuidadosamente pensado por Judite Bittencout.

Sofia corria pelo jardim e queria que Alexandre a seguisse. Para ele era fácil. Suas pernas compridas não faziam esforço para alcançá-la. Por isso, ela logo mudou de brincadeira e escolheu esconde-esconde. Pelo menos ela teria alguma vantagem.

Tamires se aproximou de Alexandre enquanto Sofia corria para se esconder. O perfume dela invadiu e perturbou a calma do rapaz. Imediatamente ele a olhou surpreso e desnorteado. Não conseguiu evitar o ato e nem o novo tremor. Desviou os olhos assim que ela o encarou de volta e foi logo falando para quebrar o silêncio.

— Você está diferente hoje, cunhada.

Alexandre tentou parecer íntimo ao chamá-la pelo título de parentesco, mas não deu certo. Estava invadindo a alma de Tamires e, portanto, se arrependeu imediatamente da sinceridade que deixou escapar. Estava perdendo o controle sobre seus sentidos de novo.

— Diferente como?

Mas Alexandre não ouviu sua própria razão e a fitou com firmeza antes de responder.

— Não sei explicar. Você está fulgurante. Brilhante. Como se tivesse um holofote em você.

Tamires riu calmamente, não parecia preocupada com isso.

— Holofote em mim? Sabe, com esse povo todo me olhando desse jeito até parece mesmo. Você descreveu muito bem.

Alexandre sorriu de volta, mas a corrigiu.

— Não, eu não disse que havia um holofote voltado para você. Eu quis dizer que havia um holofote saindo de você. Você está emanando luz. – e acrescentou tentando se explicar melhor – Como fogo.

Tamires leu algo que não queria. Os olhos de Alexandre ardiam e um sentimento novo brotou em sua alma e ela viu exatamente o segundo em que isso aconteceu. *Desejo.*

Imediatamente, como se tivessem combinado, os dois abaixaram a cabeça juntos. Alexandre se arrependeu novamente do que dissera. Seu coração estava disparado. *O que está acontecendo comigo?* Onde estava sua razão e seu autocontrole? Quando começou a agir precipitadamente?

Tamires sabia que algo muito especial estava acontecendo com ela e que isso era transparente. Todo mundo via. Mas nunca imaginara que isso mexeria com Alexandre. Ele sempre fora tão distante e controlado. Era a única pessoa que, até agora, tinha certeza que não agiria pela emoção.

Sem que nenhum dos dois percebessem, Sofia se esgueirou de volta e bateu três vezes na árvore.

— Salva!

Assustados com seu gritinho, olharam para a garotinha triunfante a poucos metros de onde estavam.

— Está com você de novo, titio.

Distraídos pela pequena, Alexandre e Tamires resolveram se afastar um do outro. Ele voltou a brincar com a sobrinha, se concentrando totalmente no que fazia. Procurou-a pelo jardim fingindo não ter visto onde estava escondida.

Carolina estava com um prato lotado de petiscos em uma mão. Não entendia porque as porções eram sempre tão pequenas em festas de rico. *Comida boa tem que comer à vontade*. Na outra mão, uma taça de champanhe meio cheia. Estava assistindo, sem ouvir, a conversa de Tamires e Alexandre, e quando leu a expressão dele virou a bebida que restava de uma só vez. Uma tonteira gostosa a balançou no mesmo instante. Seus olhos não desgrudaram de Alexandre.

Sorriu contente porque agora o havia multiplicado por dois.

Gustavo mordeu o lábio quando chegou à sacada e procurou por Tamires. Não demorou muito para encontrá-la sentada sorrindo em um dos bancos sob uma árvore. Ela olhava para algum lugar entre os caminhos. Seguindo a direção de seu olhar, viu o irmão brincando com sua filha e também sorriu. Não deixou de notar como a cena era cômica. Viu quando Sofia se afastou do tio novamente.

Alexandre e Tamires ficaram sozinhos de novo enquanto a garotinha se escondia. Aproximou-se da cunhada para não ver onde a sobrinha estava. Ele estava curioso e agora não havia nada que o fizesse se conter quando estava perto da mulher de seu irmão.

— O que houve com Gustavo hoje? Ele está estranho.

Tamires procurou pelo marido e seus olhos se cruzaram quando o encontrou na sacada observando-os. Ela não se sentiu intimidada e o encarou por alguns segundos. Nada na alma de Gustavo havia mudado desde a última vez em que a lera. Cortou a conexão e olhou direto para Alexandre de forma penetrante e franca, e o deixou tonto.

— Ele está tentando fazer as pazes. – deu de ombros – Eu estou dando uma lição nele.

Alexandre soltou uma risada gostosa. Estava conhecendo um lado divertido da família que até então ignorara. Tamires nunca havia percebido como sua gargalhada era sonora. Tão agradável de ouvir que contagiava. Não pode evitar rir junto.

Gustavo agarrou a grade da sacada com força. Daria tudo para ouvir o que estavam falando. E por que não? Mas quando se virou deu de cara com outro empresário que acabava de se aproximar amistoso. Não podia fazer essa desfeita. Festas também serviam como relações de negócios. Tinha que se concentrar em seu dever agora. Suspirou. Hoje estava especialmente difícil não se distrair. Armou a melhor cara de satisfação que conseguiu.

Carolina engoliu dois petiscos de uma só vez e, para ajudar, tomou mais uma taça de champanhe inteira. A tonturinha gostosa se acentuou e a taça de cristal fino escorregou de sua mão e se espatifou no piso em mil cacos. Ao invés de entrar em pânico ou tentar esconder o desastre, Carol desatou a rir sozinha chamando muito mais atenção para si. Os garçons vieram rápido limpar o chão.

Judite Bittencourt torceu o nariz. Detestava aquela pobretona, mal-arrumada e comilona em sua festa chique. Mas não podia dizer “não” para Tamires do Valle. Portanto, tinha que suportá-la. Antes que ela aprontasse mais alguma, a anfitriã ordenou que os garçons ficassem de olho nela e lhe servissem somente refrigerante a partir de agora.

Apesar do que previra, a noite estava muito agradável. Alexandre estava feliz por estar ali e por estar iluminado pelo sorriso e olhar de Tamires. Na verdade, percebia que todos estavam muito melhores porque ela estava lá. Era estranho se deixar envolver por esse tipo de sensação, porém era prazerosa.

Fascinada com a paciência do cunhado, Tamires observava Sofia brincar com Alexandre. Era a melhor distração que poderia ter naquela noite. E, como há dias não acontecia, suas maiores preocupações ficaram escondidas em algum lugar muito distante. Era feliz por algumas horas.

Alguém correu até a sacada e anunciou, aos berros.

— Faltam cinco minutos!

O ano novo estava chegando. Tamires queria estar junto das pessoas que mais amava. Levantou-se imediatamente e chamou pela filha.

— Sofia.

Tamires esperou os cachinhos escuros surgirem entre o verde do jardim, mas isso não aconteceu.

— Sofia! – chamou novamente mais alto se mostrando impaciente.

Alexandre estava próximo de Tamires ainda e também ficou olhando à espera, mas nada se mexeu entre as folhas. Levemente preocupada, ela deu um passo para frente e Alexandre deu um maior que o dela e a segurou pelo punho com firmeza. Encararam-se. Os olhos do cunhado demonstravam segurança.

— Não se preocupe, Tamires. Ela deve estar escondida esperando que eu a encontre. Fique aqui caso ela volte por outro lado. – não estava verdadeiramente preocupado – Eu vou atrás dela.

O toque foi muito mais do que esperavam. Um tremor violento percorreu seus corpos e os corações dispararam. E, por mais estranho que fosse, mesmo depois que se separaram, a sensação não os deixou. Alexandre aproveitou a adrenalina para percorrer o jardim com rapidez. Tamires ficou paralisada e em choque pela sensação nova que o cunhado despertou nela.

Gustavo tentava educadamente se desvencilhar do empresário bêbado que o segurava em um abraço apertado para encontrar sua família a tempo das doze badaladas, mas estava difícil. O homem não o soltava por mais que fizesse força para afastá-lo.

Outra voz gritou.

— Três minutos! O tempo estava se esgotando e Gustavo precisava se afastar rápido. De repente, Carolina estava ao seu lado, os olhos marejados e semiabertos. Estava visivelmente bêbada e estranhamente abalada.

— Meu Deus, Carol, você está horrível! – falou espantado Gustavo ainda lutando com o convidado.

Carolina entortou a boca em resposta tentando falar corretamente e ficar ereta ao mesmo tempo.

— Tamires está tão maravilhosa! Qualquer um fica horrível perto dela.

Gustavo olhou para a esposa sentada novamente no banco do jardim. Sob o luar, sua beleza era mais pálida, mas ainda era tão encantadora quanto à luz resplandecente.

— É, e os olhares desta festa não saíram de cima dela à noite toda. Estamos todos hipnotizados.

Carolina balançou a cabeça concordando.

— Inclusive seu irmãozinho. O tom de Carol era de despeito. Imediatamente, Gustavo a encarou intrigado, abandonando a visão no jardim.

— Vai me dizer que não notou? – respondeu ela atropelando as letras.

Os olhos de Gustavo crisparam em resposta à sua insolência. Suas sobrancelhas formando um V em sua testa. Respirou fundo e se controlou. Não valia a pena descontar na pobre. Por ciúme, ela havia se embriagado, mas mesmo que ela fosse apaixonada por Alexandre, por que teria ciúme de Tamires?

Gustavo voltou o olhar na direção da mulher e repentinamente tudo estava nítido. A cena que viu traduziu as palavras de Carolina.

A contagem regressiva para a virada do ano havia começado. Dez, nove, oito...

Alexandre se aproximou de Tamires e tomou suas mãos. Os dois se olharam profundamente nos olhos por um tempo longo demais, achou Gustavo.

Sete, seis, cinco...

Sem pensar duas vezes, Gustavo se desvencilhou do empresário sem educação nenhuma. Pisando duro correu o mais rápido que pode até o jardim.

Quatro, três, dois... Tamires e Alexandre se aproximavam perigosamente. Um! Uma explosão de fogos de artifício rompeu o segundo de silêncio que se seguiu. Desejos e abraços de 'Feliz Ano Novo' eram abafados pelo som. Os convidados tentavam se cumprimentar e ver o colorido no céu ao mesmo tempo. Todo mundo olhava para cima.

Ao chegar perto o suficiente para ser ouvido, Gustavo gritou.

— Alexandre!

E assim que o irmão mais novo olhou na direção da voz, Gustavo já estava com as duas mãos sobre seu braço empurrando-o para as sombras das árvores.

— O que é isso, Gustavo? – perguntou Alexandre espantado quase caindo com o empurrão.

Com os olhos crispando e rangendo os dentes, Gustavo o empurrou com toda a força que pode. Alexandre caiu de costas sobre a grama fofa.

— Tira suas mãos de Tamires, Alexandre! O que pensa que está fazendo?

Ah, ele está com ciúmes. O irmão caçula entendeu imediatamente. Sabia que Tamires estava evitando o irmão mais velho, por isso resolveu provocá-lo ainda mais.

— Qual é o problema, Gustavo? Sou parte da família. – e com um sorriso maroto, acrescentou – Para ela não vai fazer diferença mesmo. Afinal, somos muito parecidos.

Gustavo partiu para cima do irmão mais novo disposto a enchê-lo de socos. Porém, Alexandre conseguiu se desvencilhar das tentativas, deixando-o ainda mais nervoso.

— Você precisa de uma lição para aprender a não mexer com a mulher dos outros.

O irmão mais velho finalmente agarrou Alexandre e ambos rolaram sobre a grama. Tudo havia acontecido tão rápido que Tamires demorou a entender. Correu até onde eles caíram, mas chegou tarde demais para impedi-los de se engalfinharem.

— Gustavo, pelo amor de Deus, pare com isso agora!

Mas o marido não a ouvia. Estava furioso. O ciúme o transformou de um homem educado em um selvagem. No fundo ela estava lisonjeada, mas seu maior medo se cumpriu. Gustavo dominou a luta e pegou Alexandre desprevenido. Deu um soco no rosto do irmão caçula com toda força que tinha.

— Não, Gustavo. Pare com isso! Você vai machucá-lo!

Aquilo só o deixou mais nervoso. Por que ela o estava defendendo? Aos cochichos, repreendeu Alexandre.

— Você a enfeitiçou?

Alexandre não estava disposto a acalmar Gustavo. Até que estava gostando de viver um pouco de ação. Sua vida andava meio monótona.

— Que mulher não se encanta com minha beleza?

Aquilo foi demais. Gustavo, que estava em cima do irmão, travou as pernas a fim de prendê-lo e desferiu vários golpes em seu rosto. Para Tamires, a brincadeira acabou ali, incluindo sua vaidade. Não tinha mais a menor graça. Não queria incitar a violência.

— Pare, Gustavo! Nós estávamos procurando Sofia. Ela se escondeu e sumiu.

Diante disso, Gustavo foi convencido. Parou com os socos e ajudou Alexandre a ficar de pé enquanto via Tamires correr atrás da filha. Como ganhara a luta, deu mais um aviso.

— Não se aproxime mais dela, senão vou ter que esquecer que você é meu irmão.

Alexandre sorriu. O canto de sua boca estava cortado e sangrava. Limpou com a manga da camisa branca.

— Você já se esqueceu de mim, irmão, desde o momento em que se apaixonou por ela.

***

Enquanto isso, eu andava pelas veredas do jardim à procura de Sofia e quando a chamei pela terceira vez, finalmente ouvi sua resposta baixinha.

— Estou aqui, mamãe!

Eu a encontrei agachada atrás de um arbusto, cochichando sozinha. Fiquei aliviada.

— Sofia! – abracei-a apertado – Nunca mais suma da minha frente. Você deixou a mamãe

muito triste. Tive medo de nunca mais te ver. Sofia tentava se desprender do meu abraço para falar.

— Eu estava com minha amiguinha fada, mamãe.

Olhei para Sofia desconfiada.

— Fada?

— Sim, eu segui sua luzinha rosa até aqui. Ela estava me contando que existem fadas, duendes, gnomos, centauros...

— É mesmo, querida? – interrompi Sofia sorrindo – Mamãe está cansada. Diga adeus para sua amiguinha e vamos embora.

Eu ainda não estava propensa a acreditar em seres místicos, mas se até poderes haviam se manifestado em mim e na pedra que eu carregava, por que não acreditar em minha filha? Ela já havia demonstrado ver coisas que nossos olhos não podiam. Diferentemente de mim, ela vira a manifestação de meus poderes. Ela tinha apenas dois anos, mas não havia porque duvidar do que dizia.

Acreditaria em qualquer coisa a partir de agora.

RECAÍDA

Diante do imenso espelho da suíte, eu desprendia as presilhas de diamantes dos cabelos. Assim que se viram livres, eles caíram sobre meus ombros e costas, causando um belo espetáculo. Exatamente nesse momento, Gustavo entrou no quarto.

Nossos olhares se cruzaram através do espelho. Os meus olhos o varreram por dentro. Ciúme. *Era ridículo, mas foi exatamente o que li em sua alma. Não estava triste e sim com uma revolta que assustaria qualquer um.*

Porém eu não me assustei, apenas engoli seco. Gustavo não imaginava, mas eu estava com remorso do que fizera. Fora longe demais com a lição. E por isso ele perdera completamente o controle, culminando na cena violenta com o próprio irmão.

Por mais que eu me sentisse lisonjeada, não queria causar intriga na família nem magoar Carolina. Nunca pensei em usar Alexandre para provocar meu marido. Aconteceu totalmente sem querer. Mas ainda não estava disposta a fazer as pazes com Gustavo. Ainda o torturaria mais um pouquinho.

Gustavo me encarava de maneira estranha, como nunca antes. Não demorou muito para começar o falatório.

— O que foi aquilo no jardim, Tamires? – sua voz soou grave e potente.

Eu dava pouca atenção a ele. Tirava os brincos das orelhas com cautela exagerada acompanhando os gestos pelo espelho.

— Aquilo o quê, Gustavo? – me fiz de desentendida.

Não era fúria que o inundava, era despeito, puro ciúme e isso me divertia muito intimamente. Mas meu rosto era uma máscara de indiferença.

— Você e Alexandre! – berrou ele em resposta.

Guardando as jóias com atenção excessiva em meus movimentos nem olhei para ele, apenas repeti o que já havia afirmado no jardim.

— Estávamos com Sofia.

Gustavo deu um passo à frente e eu percebi de imediato o gesto. Não tive medo, mas fiquei alerta, a adrenalina dando energia aos meus músculos para reagirem caso houve necessidade.

— Não finja que não estava rolando nada entre vocês, Tamires. Você perdeu o respeito por mim! – deu mais um passo à frente – E por sua amiga também. Você não viu o estado em que ela ficou?

Eu vira e não gostara nada. O remorso me inundou de novo com força, mas tentei não demonstrar.

— Carolina bebeu demais e estava vendo coisas que não existiam.

Continuei meus cuidados lentamente. Agora eu estava passando o demaquilante no rosto. Gustavo parecia nem me ouvir. Por que eu ainda insistia em responder?

— O meu próprio irmão, Tamires! Você não podia ter me dado um golpe mais baixo! Não parei o que fazia nem olhei para ele. Estava ficando cansada daquele papo.

— Gustavo, você não está em condições de fazer acusações, muito menos de me recriminar por algo que eu não fiz. Ele se aproximava cada vez mais de mim a passos lentos e firmes.

— Não adianta negar, Tamires. Eu vi! – fez uma pausa enquanto me analisava cuidadosamente – Você sabe o quanto está sendo injusta e ingrata comigo esses dias.

Parei o que fazia e procurei os olhos de meu marido através do espelho para responder. Queria que ele lesse minha expressão de desdém.

— Gustavo, me poupe dessa chantagem emocional. Você está apelando.

Em um último passo, Gustavo ficou bem atrás de mim.

— Estou sendo muito apelativo para você? – terminei a limpeza da pele enquanto ele falava – Então vamos falar a verdade, Tamires. Eu o enfrentei pelo espelho novamente esperando o absurdo que viria em seguida. Segurei minha cara de incredulidade. — Quem te deu amor quando você não tinha mais ninguém neste mundo?

O que Gustavo pretendia, me atacar? Tocou em uma ferida muito dolorida para mim apesar do tempo em que eu a havia tratado e cicatrizado.

— Quem te deu companheirismo e compreensão? – continuou ele – Fui eu, Tamires! Fui eu! – fez uma breve pausa talvez esperando minha reação que eu tentava segurar – Quem esteve ao seu lado em todas as noites terríveis depois de seus pesadelos?

Gustavo estava sendo cruel e revirava a ferida agora sem piedade. Engoli o bolo que atravessava minha garganta.

— Quem te deu uma filha linda? – sua voz denunciava o quanto estava emocionado, a beira do choro, apesar da crescente raiva – Quem se preocupa só com a felicidade de vocês duas?

Eu precisava fazer alguma coisa. Não aguentava mais ouvir seus insultos maquiados. Eu me ergui imediatamente, calando-o. Aquela cena era ainda mais ridícula do que a briga que teve com Alexandre no jardim dos Bittencourt. Ficando cara a cara com Gustavo, tentei encerrar a conversa.

— Chega, Gustavo! Que conversa mais absurda!

Tentei sair do quarto para dar, realmente, fim ao assunto, mas ele me segurou pelo braço

com brutalidade, como nunca antes havia agido comigo. Sua expressão emocionada mudou drasticamente para a ferocidade anterior.

— Não tente fugir, você vai ouvir tudo o que tenho para dizer agora.

Eu o encarei com firmeza e cruzei os braços contrariada, me livrando de sua garra. Fiquei estática no mesmo lugar esperando que terminasse o espetáculo idiota que estava representando sozinho, porque eu me recusava a participar com ele.

— Vamos aos detalhes, Tamires. Você não gosta deles? – me desafiava buscando uma reação emocional em mim, mas eu permaneci inabalável. Apontando ao redor, ele prosseguiu – Quem te deu esta cobertura luxuosa? Quem te deu um carro com motorista, uma cozinheira e uma babá para ajudar a cuidar de nossa filha? – e batendo ferozmente no próprio peito, respondeu – Fui eu!

Eu sabia que não tinha nada e tudo que conquistei foi através de suas mãos e de seu dinheiro. Eu só tinha amor para oferecer em troca. O remorso e a mágoa reviravam em meu peito. Não era justo esse tipo de apelo. O que ele pretendia? Eu era muito grata por tudo o que ele fizera por mim. Sabia que ele salvara minha vida ao me conhecer, ao me pedir em namoro, depois em casamento. E junto com seu amor, ele me dera uma existência que eu jamais conseguiria alcançar sozinha. Por tudo isso eu não fazia minhas malas e ia embora agora mesmo.

No entanto, Gustavo queria que eu afirmasse que ele estava certo. Queria me ver rastejando, agradecida demais para me erguer. Humilhada. Ele sempre fora orgulhoso e egocêntrico, mas hoje estava além das expectativas. Eu nunca permitiria isso, por mais grata que fosse. Gratidão não tinha nada a ver com submissão. Nem com amor. Eram coisas distintas para mim.

Os olhos faiscantes e enlouquecidos de Gustavo me devoravam buscando um vestígio de que seu ataque estava surtindo efeito. Sem que estivéssemos nos tocando realmente, sentia a energia que emanava de nós como se fosse palpável.

— Quem te encheu de joias? Essas joias mesmo que acaba de tirar dos cabelos? Fui eu, Tamires! – e se aproximando mais, apontou para meu corpo – E este vestido que você amou tanto, quem te deu, Tamires?

Nós nos encaramos por um segundo delirante. Os olhos enfurecidos de Gustavo amedrontariam qualquer mulher, mas eu estava muito segura. Sabia que ele nunca me machucaria de verdade fisicamente. E que, mesmo que tentasse, eu saberia muito bem me defender. O estágio da loucura de Gustavo chegou ao extremo. O que o ciúme não é capaz de fazer com um homem.

— E assim, Tamires, depois de tudo explicado nos mínimos detalhes, eu chego à categórica conclusão de que tudo que está ao seu redor na verdade é meu. E, portanto, você é completamente minha. Ninguém tem o direito de tocá-la!

Gustavo se aproximou de mim como quem fosse cometer um desatino. E realmente, o que ele fez a seguir, me espantou tanto, que em choque, eu não pude nem falar nem me mexer.

— Olha o que faço com esse vestido.

Gustavo puxou com tanta força que arrebentou toda a costura de um lado e rasgou uma parte do fino tecido do outro. O lindo vestido vermelho ficou imprestável, em trapos desfiados. Sorrindo, desvairado de prazer, Gustavo apreciou meu corpo coberto apenas pela lingerie. Algo cintilava sobre meu colo, eu via o reflexo no rosto dele.

— Esta maldita pedra é a única coisa que é sua, Tamires. – pegando a ametista entre os dedos, prosseguiu – Mas como você é minha, eu não quero que a use mais. Quero vê-la com a joia que te dei de presente e você se recusou a colocá-la hoje.

Ao terminar a frase, Gustavo puxou a pedra com força suficiente para arrebentar a corrente do meu pescoço e jogou a ametista para trás de si com desprezo. Eu acompanhei com o olhar, boquiaberta, o caminho que a gema fez até parar debaixo da cama.

Sentia os ombros e o pescoço arderem devido à violência dos puxões, mas continuei impassível. Estava disposta a enfrentar a situação de cabeça erguida, calada e resignada. Permiti que ele descontasse todo seu ciúme em mim. Afinal, eu realmente não agira bem naquela noite. Eu merecia o castigo que me foi sentenciado.

Gustavo pegou na cômoda e abotoou o enorme diamante no meu pescoço. Era a primeira vez que o usava desde quando o ganhara e havia ficado lindo sobre minha pele. Eu me permiti devanear enquanto admirava a joia por alguns segundos.

— Quero vê-la nua, agora! – seus olhos eram um misto de desejo e loucura.

E quando Gustavo pousou as duas mãos sobre meus ombros, tomei o choque de sempre, e como despertasse de um transe, instintivamente resolvi que lutaria. Não permitiria mais aquele absurdo. Ele estava indo longe demais.

Com muita rapidez, afastei as mãos de Gustavo de meu corpo e desferi uma bofetada em sua face direita para trazê-lo de volta a razão. Por reflexo, Gustavo segurou no ar meu braço direito que estava erguido na tentativa de lhe dar outro tapa. Não me senti vencida. Ergui a mão esquerda com agilidade e esbofeteei a outra face de Gustavo. Imediatamente ele a prendeu também.

Nossos olhares se cruzaram e uma onda de calor, choque e desespero passou por nós ao mesmo tempo. Eu lia sua alma perturbada. Ciúme. Desejo. *Mas não estava preparada para o que ele faria a seguir.*

Gustavo prendeu sua boca, violentamente, na minha, quase me impedindo de respirar. O choque do contato fez doer os ossos de meu rosto. Eu tentei me desvencilhar, mas quanto mais lutava, mais ele apertava seus lábios nos meus e seus braços a minha volta. E ele era forte, muito

forte. E não amenizou a força.

Não era repulsa que eu sentia. Ao contrário. Meu corpo ardia de desejo por Gustavo. Esse anseio estava traindo minha razão e por isso lutava. Mas era inútil. Ele me dominou completamente depressa. Minhas curvas conheciam suas mãos. Meus lábios, sua língua. Meu corpo vibrava com seu calor.

Apertava seu membro rijo contra mim. Esfregava minha pele deixando-a ainda mais quente, mordia meu lábio inferior sem o menor cuidado. Minha entrega foi imediata. Nem por isso diminuiu a força. Seu desejo descontrolado fez com que mordesse meu rosto, sugasse minha orelha, arranhasse meu pescoço e meu queixo, deixando marcas de dentes por toda minha face. Era como se quisesse me desfigurar para que ninguém mais me olhasse. Ao pé do meu ouvido, sussurrou.

– Você é minha, Tamires. Somente minha. Totalmente minha.

A minha resposta foi uma recusa sussurrada sem a menor convicção.

– Não é verdade, Gustavo. Sou dona de mim mesma.

Minhas palavras morreram em outro beijo feroz, junto com minhas vãs tentativas de escapar. Sua língua dançava dentro de minha boca, me invadindo. Latejava de desejo, um desejo tão desesperado quanto o dele. As fibras de meu ser dançavam, vibravam, retiniam.

Desceu os lábios por meu colo, encontrando a corrente da joia que me dera. Fez o contorno desbravando meus seios. Não deixava de apertar, sugar e morder toda pele que encontrava no caminho que sua boca traçava em meu corpo, causando frenezi em meu sangue.

Repentinamente, me ergueu do chão e mais do que entregue, enlacei-o com as pernas e os braços. Ele me sustentou no ar, sem grande esforço e sem parar de me devorar quase que literalmente com a boca, a língua e os dentes. Resfoleguei em busca de ar.

Gustavo me carregou até a cama, que não estava muito longe, e me empurrou nela de maneira rude. Não me assustei, me retorci de prazer e meus olhos só diziam que eu queria mais, enquanto o assistia tirando as roupas o mais depressa que pode, não desprendendo seu olhar de mim. A visão de seu corpo másculo e definido me fez pulsar de expectativa.

Largando todo o peso de seu corpo quente e grande sobre o meu, segurou meus braços com força acima de minha cabeça contra o colchão e voltou a me beijar com ardor. Enroscou e apertou seu corpo todo no meu, deixando-me louca de prazer. Sua pele suada escorregava na minha.

Arrancou minha lingerie *com os dentes, deixando marcas vermelhas em minha pele clara, enquanto suas mãos me apertavam e alisavam, explorando minha sensibilidade aflorada. Voltou a me segurar pelos braços. E, prevendo o que ia acontecer, prendi seu quadril com as pernas.*

Mesmo que estivesse esperando pelo que viria, não imaginava sentir aquilo. Um misto de dor e prazer me envolveu, por um segundo. Simplesmente me penetrou de uma só vez, com força,

chegando ao fundo imediatamente. Enverguei o tronco, elevando-o alguns centímetros de colchão, extasiada.

Era a primeira vez que era amada dessa forma tão violenta. Gustavo sempre fora muito carinhoso e gentil quando fazíamos amor. Mas, contrariando a tudo que eu conhecia até hoje, estava muito estimulada. E o misto de dor e prazer só fez aumentar minha excitação.

Gustavo assistia às minhas expressões com olhos esbugalhados de satisfação e desejo. Não soltou meus braços por um único instante. Seu corpo forte, másculo e viril ia e vinha sobre mim, sempre com força, e já em um ritmo acelerado, denunciando urgência em me ter e me fazer sua. Quando ele se aproximava, dizia baixinho.

– Você é só minha, Tamires e de mais ninguém.

E para provar que realmente mandava, permaneceu sobre mim, regendo o ritmo do amor violento e desesperado que fazíamos. Cada vez mais rápido, com mais energia, nossos corpos suando, quentes, o prazer e a dor, tudo em uma dose única, medida pelo ciúme e pela paixão. Sangrava desejo, gotejava loucura.

Chegamos juntos ao ápice, mantendo-nos unidos por mais alguns segundos. Nossos olhos brilhando pelo prolongado instante de êxtase que alcançamos. Seu ar em mim, queimando meus lábios. Desejei que não acabasse. Sentia minhas pernas bambas, meu coração disparado e a respiração ofegante.

Sem dizer palavra, Gustavo ficou jogado sobre meu corpo, ainda dentro de mim. Eu o sentia ainda pulsar em um desejo insano plenamente satisfeito. E o abracei apertado, almejando que nunca mais brigássemos de novo. Ou talvez, seria melhor que o fizéssemos para que aquele momento mágico se repetisse, muitas vezes.

Nunca mais poderia duvidar do amor desse homem, capaz de me amar de todas as formas possíveis. Amor, paixão, ciúme e sofrimento. *E então, eu finalmente compreendi a célebre frase: "prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza", mas eu acrescentaria antes de finalizá-la "no prazer e na dor até que a morte nos separe".*

– Gustavo. – sussurrei em seu ouvido ainda sem fôlego – Eu te amo.

Sorridente e vitorioso, ele respondeu com um beijo ardente. Sua língua rastejou na minha pele como uma salamandra em chamas. Precisava sentir aquele homem por inteiro. Com algum esforço, consegui que girasse nossos corpos. Senti-o latejar de excitação por estar sobre ele. Sorri, feliz com as possibilidades.

Prensei seus braços contra o colchão, roçando meus lábios nos dele enquanto murmurava.

– Também gosto de dominar.

Calei seu riso com um beijo sufocante. Então, tudo recomeçou.

DESAMPARO

Essa época do ano não era nada especial para Pedro Tosquini. Ao encontrá-lo jogado em sua escrivaninha bêbado, Fernando Alves sentira muita pena. O astrônomo era um homem inteligente, influente e que realizara grandes feitos. Mas a solidão o assolava nessas datas.

Enquanto todos comemoravam, Pedro ficava em sua mesa de trabalho, cercado por garrafas de bebida vazias. Fernando, que sempre passava as datas com a família, percorria os cento e cinquenta quilômetros até Cláudio, no interior de Minas Gerais, para abraçar seu mestre. Ele morava na casa ao lado do observatório, onde instalaram o escritório. E, por fim, acabava tendo que ajudá-lo a encontrar a cama em um dos quartos da casa.

Mesmo todo desgrenhado, fedido e cambaleando, o ajudante admirava o astrônomo. Aceitava seu abraço desajeitado e intenso quando se encontravam. Prendia a respiração quando ele tentava falar enrolando a língua. Aguentava seu peso enquanto o carregava ou tentava segurá-lo para que não caísse.

O que mais o impressionava era seu amor pelo céu. Era seu único consolo, concluíra. Talvez nunca se sentisse sozinho quando olhava para ele através do telescópio. Talvez suas confidentes fossem as estrelas e sua paixão a lua.

A meia-noite já havia passado quando chegou ao observatório. Já era 2012. Estava bastante animado e queria comemorá-lo novamente. Aquele seria seu ano. O ano da maior descoberta da ciência e estava também muito feliz por fazer parte da história.

Enquanto limpava a bagunça que Pedro deixara no escritório, Fernando refletia sobre sua própria vida. Não queria ficar dependente do céu, como seu mestre. Queria ter uma vida plena, satisfatória e completa.

Fernando não entendia porque Pedro se anulara por tanto tempo. Por que se envolvera apenas com livros e trabalho. Se tivesse dado uma chance a si mesmo teria agora uma família para compartilhar suas vitórias. Talvez até netos. Não apenas um ajudante.

Era uma pena mesmo. Um homem que merecia tanto, não ter tudo que podia. A vida realmente era muito estranha. Fernando sabia que ele ainda era jovem e mesmo que esperasse mais um pouco, poderia encontrar alguém e formar uma família a qualquer momento. Não se preocupava com isso agora porque sua meta principal era se preparar para substituir o astrônomo. Depois se permitiria conhecer alguém especial.

Ao contrário de Pedro, Fernando tivera muitas namoradas. Com a última havia mantido uma relação prolongada de quatro anos. Mas nenhuma mulher aguentava namorar tanto tempo

sem que se falasse em casamento. E Fernando não podia pensar nisso agora.

Havia uma grande chance de perder a oportunidade. Não sabia quando assumiria sua tarefa tão esperada. Estava arriscando ficar como Pedro. Enquanto pensava nisso, concluiu que não sabia nada sobre ele.

A verdade era que sabia muito pouco sobre o cientista. Sabia que era um homem instruído e apaixonado pela profissão que escolheu. Isso por si só já falava muito sobre ele. Mas a respeito de seus sentimentos mais íntimos, ele era fechado como uma rocha.

Tinha passatempos como velejar na represa, viajar para outros países e ler bons livros, tanto para instrução quanto para diversão. Amava correr na trilha ao redor do observatório enquanto o sol nascia.

Acompanhar Pedro Tosquini nessa maratona quase lhe causara um infarto, mas valera pela experiência. O amanhecer era um espetáculo à parte. Ambos ficaram calados assistindo o cenário criado por Deus.

Depois de três dias, Fernando não conseguiu mais acompanhá-lo e apesar dos anos que carregava consigo, o astrônomo levantava todo dia às seis e meia da manhã e voltada uma hora depois tão revigorado que parecia milagrosamente dez anos mais jovem.

Fernando desejou entrar na cabeça do cientista inúmeras vezes. Tanto para apreender todo seu vasto conhecimento, quanto para entender o modo como ele encarava a vida. Mesmo incompleta para ele, Pedro a achava sublime e ficava encantado com pormenores como o canto dos pássaros no alvorecer, a luz do sol alterando as cores da natureza, o passeio que ele realizava durante o dia no céu e o tímido esconderijo ao final do dia.

Era fascinante o modo simples que encarava a existência, não só dos seres humanos, mas de cada ser vivo. Ele respeitava a vida acima de tudo e ainda assim não era radical ou fanático. Era equilibrado.

Às vezes o ajudante sentia que precisava muito mais do que imaginava do exemplo de seu mestre. Ele tentava enxergar além de seu próprio umbigo, mas, na maioria das vezes, era muito difícil.

Fernando possuía um grande defeito: amor próprio demais. Confiava demais em si mesmo e odiava ser contrariado porque achava que sempre estava certo. Ele lutava contra seu egocentrismo. Tentava ser uma alma boa e por isso mesmo estava agora arrumando a bagunça que Pedro deixara.

Antes de voltar para sua família, Fernando se aproximou com passos muito lentos do quarto escuro nos fundos da casa. Lá estava Pedro, ainda vestido, camisa aberta, sapatos jogados ao lado da cama – que Fernando tirara – dormindo profundamente.

Fernando se pegou contemplando com pena o astrônomo.

— Feliz 2012, doutor. – sussurrou o ajudante.

Quando se virava para sair, ouviu a voz do astrônomo.

— Fernando?

Voltou-se imediatamente. Não queria acordá-lo.

— Sim, senhor. Precisa de alguma coisa?

Apesar do escuro, Fernando podia muito bem perceber o brilho dos olhos de Pedro fixos nele.

— Meu jovem, tem muita coisa a aprender ainda. Por isso, não tenha pena de mim. Ao contrário do que pareça, não estou deprimido. Estou muito feliz e celebro a natureza. Em breve você entenderá o que estou dizendo. Esteja aqui bem cedo na segunda-feira e eu te contarei tudo.

***

O cheiro de comida invadiu todo o ambiente e fez os três estômagos roncarem alto. A pequena família ria enquanto punha a mesa da sala de jantar. Gustavo e Sofia auxiliaram Tamires na cozinha durante a preparação da comida. O interfone tocou e Tamires correu a fim de autorizar seus convidados a subirem. Bem na hora, pensou.

Apesar do calor e do sol da tarde, estava toda coberta. Vestia uma blusa de manga três quartos e gola rolê. Inutilmente tentara esconder as marcar roxas com maquiagem. Desistira e apelara para as peças de roupa mais fechadas.

Pelo menos, a maquiagem ajudara com as olheiras. Tamires e Gustavo não dormiram. Fizeram amor a noite toda e ao raiar do sol haviam entrado em um acordo. Ofereceriam um almoço em família para Alexandre e Carolina como um tímido pedido de desculpas pela noite anterior.

Haviam cometido apenas um erro com medo de estragar a noite, não conversaram sobre eles novamente. Esqueceram todos os motivos anteriores ao ciúme de Gustavo que vinham testando a confiança deles. Permaneceram tão calados sobre isso como antes. Os pensamentos apagados da cabeça forçadamente. Queriam acreditar no amor. Desejavam que fosse o suficiente.

Carolina entrou no apartamento radiante. Estava aliviada por Gustavo e Tamires terem feito as pazes. Desejava, além da sua própria, a felicidade deles. Talvez a harmonia entre eles garantisse alguma esperança para ela própria.

Já Alexandre aceitara o convite desconcertado e tentara afastar a decepção ao saber que estava tudo bem entre eles. Na verdade, queria afastá-la à força, porque esse novo sentimento não tinha autorização para permanecer dentro dele.

Porém, tudo veio à tona quando encontrou os olhos verdes de Tamires. Mesmo em trajes mais modestos e sem o brilho, a sensualidade e o glamour da noite anterior, Tamires continuava linda e ofuscante diante de seus olhos.

Recebeu o abraço do irmão mais velho automaticamente. Estava hipnotizado de novo. Não enxergava mais nada além de Tamires naquele primeiro momento. E o dia, com certeza, oferecia toda sua luz para que ela fosse contemplada como merecia, em cada detalhe.

Ao abraçá-la, Alexandre se perdeu em seu perfume. *Inebriante. Intenso. Marcante*. Sentiu o coração disparar e as pernas tremerem novamente. Afastou-a antes que perdesse a razão. Precisava se livrar daquela sensação depressa.

Por sua vez, Tamires estava de volta ao seu lugar. Não se abalou com nada. Era dona de si de novo. Aquilo que sentira por Alexandre na noite anterior fora tão momentâneo quanto um piscar de olhos. E os momentos com Gustavo deixaram, literalmente, marcas que a tornaram imune a outro. Menos ao marido.

O casal era só amor de novo. Abraços, beijos, toques de mão, olhares intensos, sorrisos abertos. Eram pura alegria. *Chega a dar nojo*, pensou Alexandre. Carolina amava vê-los como antes. *Fico feliz que estejam bem novamente*.

Tamires e Carolina subiram com o pretexto de lavar as mãos para almoçar. Gustavo e Alexandre se encararam por alguns segundos em silêncio depois que as mulheres sumiram no mezanino. Foi o irmão mais velho quem resolveu quebrá-lo.

— Como está isso? – e apontou para a boca cortada e inchada do irmão mais novo.

Por alguns minutos havia se esquecido do que acontecera. A aparição de sua deusa apagara os momentos ruins do réveillon mais estranho de sua vida. Em sua mente ficara apenas sua desconcertante beleza. Alexandre levou a língua ao corte. Não fez careta ao sentir o ferimento arder.

— Tudo bem, Gustavo. Não foi nada. – apesar do sussurro, não havia ressentimento em sua voz.

Gustavo sorriu timidamente. Apesar de ser emotivo, tinha dificuldade em lidar com perdão, ciúme e sofrimento. Era mais fácil dar um tom de brincadeira a eles.

— Desculpe por ontem. Eu fiquei meio cego.

Alexandre também riu, aliviado pelo tom mais descontraído.

— Eu percebi. Até que foi divertido. Eu estava precisando praticar luta livre mesmo. – encarando o irmão mais velho, acrescentou – Pelo menos serviu para que fizessem as pazes.

Gustavo se inflou. Estava muito satisfeito com a vitória sobre Tamires.

— É, foi muito útil mesmo.

Ambos riram. Não queriam prolongar a conversar até o ponto do que haviam

dito um para o outro. Ambos não eram muito bons em falar sobre sentimentos. Relevaram como se nada tivesse acontecido, como se tudo fizesse parte do momento, da fúria, da provocação apenas. Não levaram como verdade. Mas cada um, dentro de si mesmo, sabia

que cada palavra pronunciada era a pura verdade.

— E seu misterioso trabalho, como vai? – perguntou Gustavo mudando de assunto para quebrar o clima pesado.

Alexandre deu de ombros. Sempre era muito evasivo sobre esse tema.

— A passos lentos, mas espero que tenhamos novidades em breve. Na próxima etapa terei de viajar. Ficarei fora por tempo indeterminado. Talvez não volte mais.

Gustavo engoliu em seco. Já estava acostumado com o irmão por perto, não queria se afastar dele. Na verdade, não cogitara essa possibilidade desde que se reencontraram.

— Você vai me deixar?

Alexandre detestava conversas nesse tom, mas ainda assim respondeu o mais racional possível. *Sempre tão passional.*

— Meu trabalho exige essas viagens, mas não durará para sempre e quando terminar, ainda não sei o que farei.

Nada de promessas. Gustavo o encarou com profundidade. A pergunta seguinte era óbvia.

— Você está pensando em voltar para casa?

Alexandre entendeu que o irmão não estava se referindo à Foz do Iguaçu.

— Talvez sim.

Os irmãos se encararam novamente. Há muitos anos tiveram uma conversa sobre o lar que Gustavo deixara e para onde não pretendia mais voltar e nunca mais tocaram no assunto novamente. Agora faziam uma alusão ao lugar mais temido por Gustavo. Porém, ele não sabia quais os sentimentos do irmão mais novo a respeito daquele lugar sombrio. E, pela resposta de agora, percebia que Alexandre não tinha a mesma aversão.

— Então talvez não nos vejamos mais.

Alexandre apenas balançou a cabeça para confirmar a afirmação. Não queria esse tipo de cena. Achava patético um adeus melodramático. Parecia que Gustavo ia chorar a qualquer momento. Então, as mulheres voltaram. Ufa, estava a salvo.

Ver Tamires descendo as escadas, toda iluminada, o sorriso encantador nos lábios vermelhos, o cabelo pegando fogo ao balançar de seus passos, o fez perder o chão de novo. Só havia uma luz muito intensa à sua frente. Uma luz que nunca vira antes.

Tamires sentiu os olhares sobre ela. Encarou os dois homens paralisados abaixo. Sorriu, mas desviou os olhos antes que a cena do jardim se repetisse na sua casa.

— Sofia, venha almoçar, querida. – chamou.

***

Enquanto os irmãos conversavam na sala, Tamires e Carolina confidenciavam no lavabo

no andar superior da cobertura. A amiga olhou para a ruiva através do espelho. Estavam lado a lado. O sorriso de ambas denunciava um contentamento silencioso.

— Você está tão diferente, Tamires.

Correspondendo ao olhar, pensou que não era a primeira vez que ouvia isso.

— É, eu sei. Estou tão feliz, Carol, que não caibo em mim mesma.

Carolina riu à vontade com as palavras de Tamires.

— Isso dá para ver. A noite foi ótima, não é?

Tamires apenas balançou a cabeça positivamente. O sorriso se estendeu em seu rosto claro.

— Mas não é disso que estou falando. – retrucou Carolina – Tem alguma coisa acontecendo aí dentro de você. Algo que está transbordando.

Tamires diminuiu automaticamente o sorriso. Carolina tinha uma sensibilidade aguçada. Não havia como esconder dela o que estava acontecendo por muito tempo. Ela perceberia mais cedo ou mais tarde.

— Sim, é verdade, Carol. Achei que pudesse esconder isso de você, mas estou vendo que é impossível.

Carolina franziu o cenho.

— Você estava escondendo um segredo de mim? Qual é, Tamires. Achei que fôssemos amigas.

Virou as costas para não olhar nos olhos da amiga entre a irritação e a ofensa.

— Desculpe, Carol. Não foi por mal. É tudo muito novo, muito estranho. Não sei explicar para mim mesma. Como vou contar para você?

Carolina não estava satisfeita. Encarou a amiga com severidade.

— Isso não justifica nada. Bastava me contar. Apenas isso. – fazendo uma pausa dramática, acrescentou – É por causa dessa coisa nova que você e Gustavo estão brigando tanto, não é?

O sorriso lindo que estampava o rosto de Tamires sumiu totalmente. Seria mais fácil deixá-la adivinhar do que tentar explicar.

— É. – respondeu simplesmente.

Carolina olhou mais fundo em seus olhos. Tamires se sentiu invadida, mas permitiu e sustentou o olhar. Queria que Carol pudesse ler sua alma como ela podia.

— Tem a ver com seu passado, não tem?

Tamires concordou de novo. A amiga estava indo muito bem.

— Então você tem alguma pista de sua origem?

Tamires ficou decepcionada. Carolina não havia percebido a sutileza de seus poderes que se manifestavam claramente. Mas como poderia? Nesse mundo era algo improvável.

Balançou a cabeça negativamente e a baixou triste.

— Você não vai confiar em mim, Tamires? O ultimato a abalou mais. Carolina não estava sendo justa com ela.

— Não é isso, Carol. Não sei como te explicar e não parecer louca, uma desequilibrada.

O silêncio pairou entre elas por alguns momentos. Carolina pensava. Tamires aguardava. E os olhares delas falavam silenciosamente. *Mistério*. Carolina adorava desvendar charadas, mas aquela estava bem complicada. Colocou na cabeça que tinha que se desapegar do óbvio. *Por que diabos Tamires não consegue me explicar? Deve ser algo que eu nunca pensaria, algo improvável*. Arriscou um palpite.

— É uma coisa mágica?

Arrependeu-se em seguida, que absurdo. *O que foi que eu disse? Mágica? Eu devo estar ficando louca*. Mas o que mais poderia ser?

O rosto de Tamires se iluminou. Carolina havia conseguido. Balançou a cabeça a fim de confirmar e incentivar a amiga a continuar tentando. Carolina abriu a boca espantada.

— Magia? Ai, meu Deus, Tamires! Mágica existe? É isso que você está tentando me dizer?

Carolina ficou em silêncio feliz pela descoberta. Seus pensamentos foram da amiga a Alexandre em segundos, suficientes para dispersar todo o raciocínio dela.

— Alexandre...

Tamires caiu na gargalhada entre o alívio e a frustração.

— Carol, porque você tinha que divagar? Você estava indo tão bem. Carolina se sentiu envergonhada pela infantilidade.

— Desculpe, mas foi inevitável. Para mim é como se magia e Alexandre estivessem ligados. O que sinto quando estou perto dele parece feitiço. – deu de ombros.

Tamires pegou a amiga pelo braço e a levou para fora do lavabo.

— Bem, chega de devaneios por hoje, vamos almoçar antes que a comida esfrie.

***

Durante o almoço observei cada rosto e li cada alma sentada à mesa. Eu já estava acostumada a isso. Era parte de mim a partir de agora e era bom poder saber, com certeza, o que eles sentiam. Estava me sentindo feliz como antes, como se nada de ruim ou estranho tivesse me acontecido nos últimos dias. Apenas curtia minha pequena família. Eu aceitei as mudanças em mim como melhoramentos. Não queria me ver como uma aberração.

Mas os sentimentos que eu via não eram como os meus. Gustavo estava feliz, não havia dúvidas, mas havia uma ponta de, bem, de tristeza. Não sabia se essa era a palavra certa. Ele estava dividido entre a felicidade e alguma coisa que o estava inquietando, tanto que seus olhos

vagavam, muitas vezes, longe dos meus.

Segui seu olhar para tentar decifrar esse sentimento. Inquieto, procurava pelo olhar do irmão. O que teria acontecido entre eles? Haviam ficado sozinhos por tão pouco tempo, teria sido suficiente para uma briga? Eu esperava que aquele precioso tempo tivesse servido para se reconciliarem. Não queria ser o pivô de uma desavença entre os dois. Queria que nossa vida continuasse exatamente como sempre foi.

Alexandre estava, como sempre, alheio. Ele parecia ter o dom de se desligar literalmente. Ele conseguia se fechar dentro de si mesmo como uma ostra. Seus olhos não me transmitiam nada além de indiferença. Sei lá. Não tinha dúvidas de seu amor pelo irmão, mas Alexandre era um tanto distante, seco. Sofia era a única capaz de lhe arrancar um lindo sorriso e um olhar de amor.

E eu sabia exatamente o que ele sentia quando me olhava. Um arrepio passou pela minha espinha. Medo. *Eu não queria que ele alimentasse algum desejo por mim. Queria que seu irmão fosse mais importante ainda que não ligasse para os sentimentos da minha amiga.*

Apesar de não desejar aquele homem, eu sentia inexplicavelmente uma sutil atração por ele. A curiosidade de antes estava se modificando dentro de mim. Pela primeira vez, na noite anterior, eu o havia visto como ele realmente era. Um belo homem.

Isso de fato não mexeu comigo mais do que alguns minutos, mas não deixava de me intrigar. E consequentemente me fazia olhar para ele de novo. Meus pensamentos imediatamente foram para Carolina e minha atenção também.

Minha adorada melhor amiga, tão sensível. Eu não gostava de vê-la sofrer. Não gostava de vê-la sozinha, mas o que eu podia fazer diante de sua teimosia em continuar se iludindo com Alexandre? Só podia alertá-la. Mais do que já havia feito? Impossível!

Carolina fora uma menina muito doce. Conseguira ficar imune aos maus-tratos recebidos na infância. Ela era toda carinho, afeto e amor. O homem que se apaixonasse por ela seria muito feliz. Eu tinha certeza disso.

Hoje ela estava tranquila. Era exatamente esse sentimento que eu via em sua alma. Seus olhos iam de mim a Alexandre durante toda a refeição. Éramos as pessoas mais importantes de sua vida. Eu soube disso no momento em que a olhei e ela me sorriu de volta.

E eu só podia estar muito feliz. Parecia que nada me faltava. O mundo estava girando, dando sua volta costumeira no sol, como sempre. Tudo estava como deveria e eu estava no centro da minha família.

Eu era seu sol. Aquecia seus corações. Iluminava suas almas. Fazia-os sorrir apenas por existir. Aquele momento de união me mostrou que nunca ficaria sozinha de novo. E não haveria nada a temer dali para frente.

Até que a hora do crepúsculo mudou a cor do céu e com a ausência do sol, veio o desamparo. A ausência me acertou em cheio. Do sol, de Carolina, de Alexandre, de Sofia, de

Gustavo. Minha família estava separada novamente. Mas não fazia sentido me sentir assim só porque anoitecera.

Eu sabia que Alexandre e Carolina uma hora tinham que ir embora. Gustavo estava bebericando na sala de estar, estranhamente calado, envolto em pensamentos que não quis dividir comigo. Sofia já estava dormindo em sua cama.

Tudo ainda continuava normal. E, no entanto, eu estava sozinha. Meu quarto era o retrato do abandono. Olhar o anoitecer através da sacada me deixou triste. Sentia-me estranhamente desamparada. O que estava acontecendo?

Caminhei pela enorme suíte olhando a bagunça deixada por nós na noite anterior. Os lençóis amarrotados, os travesseiros jogados, as roupas de Gustavo ao pé da cama, meu vestido despedaçado por todos os lados.

Levei a mão imediatamente ao coração. Estava faltando alguma coisa. Podia sentir agora, um aperto enorme, mas o que seria? Não conseguia me lembrar. O desamparo apertava mais e mais meu coração. Sem saber o que procurava, apenas sabia que precisava encontrar. Desesperadamente. Mas como procurar algo que desconhecia?

Dei várias voltas no aposento. A dor começou a nascer em minha cabeça. Sentia-me anuviada. Alguma coisa me cegava e entorpecia. Onde estava todo o sentimento bom do dia? Onde estava minha coragem? Minha força? Meu amor? Minha felicidade?

Firmei-me em um móvel qualquer para dissipar a sensação. Precisava enxergar com clareza de novo. Precisava me lembrar com urgência de alguma coisa. Um brilho me chamou a atenção. Uma luz de esperança que encheu meus olhos e aquietou meu coração.

Era somente reflexo da lâmpada sobre algum objeto no tapete, mas foi o suficiente para me fazer recordar. A ametista. Havia ficado sem ela o dia todo. Agora me lembrava porquê. Gustavo a havia tirado de mim e a atirado em um canto qualquer do quarto. Porém, eu sabia onde estava. Eu havia prestado atenção no caminho que percorrera.

Agachei-me ao lado da enorme cama e olhei embaixo do estrado. Não havia nada. Mas como não? Eu não estava louca. Eu a havia visto cair embaixo da cama com a força que Gustavo a atirou. Olhei por um tempo com mais calma. Talvez a escuridão lá embaixo a estivesse ocultando. Esperei que minhas pupilas se adaptassem a falta de luz. Vasculhei cuidadosamente cada centímetro quadrado sob a cama. Tateei às cegas. Talvez meus olhos estivessem me enganando. Talvez minhas mãos estivessem me enganando. Talvez Gustavo estivesse me enganando...

O pensamento veio tão naturalmente que eu paralisei na posição desajeitada que estava. Uma mão esticada sob a cama, as pernas encolhidas, uma mão apoiando meu corpo contra o chão, meu pescoço meio torto e meus olhos encarando o nada.

E então a certeza me atingiu. Ele a havia destruído. Se ficar sem ela por algumas horas já havia me deixado desconsolada, o que seria de mim agora que ficaria sozinha para sempre?

Eu vivi toda minha vida com ela por perto, mesmo que não soubesse muito bem sua importância. Agora que sabia um pouco mais, mas não tudo ainda, sobre o que ela podia fazer, ficara totalmente dependente dela. Era a peça mais importante do meu passado. Era a chave que abriria a porta para que eu pudesse reencontrar minha família.

Sentei-me desamparada no chão, as lágrimas escorrendo pela minha face. A dor era imensa como se tivessem arrancado um pedaço de mim.

— Você não podia ter feito isso comigo, Gustavo. É a única coisa que não posso perdoar.

MORTE

Fernando não tinha certeza se estava acordado ou sonhando. Melhor, não sabia se estava imaginando coisas ou tendo um pesadelo. A imagem diante de seus olhos lembrava uma assustadora cena de filme de terror.

Para salientar o horror, a noite estava densa de tão escura. O irritante som que vinha da janela era um uivo ensurdecedor. O vento urrava, gemendo e batendo no vidro de quando em quando, sobressaltando-o.

As árvores do jardim jogavam suas sombras agitadas para dentro do quarto, assombrando-o como espíritos. Os galhos altos semelhantes a braços prontos para arrastá-lo para o inferno. O que ele tinha feito para merecer esse destino?

Mas somente uma imagem dominava toda a sua atenção. Uma forma espectral estava parada em frente à sua cama. O escuro não permitia ver seu rosto. Sua voz metálica chacoalhava seu corpo em arrepios congelantes.

— Ouça com atenção, Fernando!

O rapaz tremia dos pés a cabeça. Tentava gritar, mas não podia. Tentava se mexer, mas não conseguia. Seus olhos estavam paralisados na direção do vulto sem visualizar o rosto à sua frente. Seu corpo estava inerte, por isso achava que estava sonhando.

Tentou acordar, mas também não conseguiu. Sentia-se amarrado a cama, mas não havia cordas em seu corpo. Sentia-se amordaçado, mas não havia nada em sua boca. O desespero tomou conta de sua mente. Era a única coisa que tinha completo domínio sobre si mesmo. Estava confuso e desorientado.

Ideias desajustadas povoaram seus pensamentos. *Será que estou morto? Será que fui para o inferno e este é o diabo?* Tentou clarear a mente de novo, mas não conseguia encontrar nada que pudesse ajudá-lo. E a voz voltou a atormentá-lo.

— Eu sei o que você deseja. Eu conheço seu coração, Fernando.

Quem era aquela sombra? *O que ele pode saber sobre o que eu quero?* Tentou argumentar, levantar ou atacar, mas nenhuma parte de seu corpo respondia. *Estou preso. Socorro! Mãe, pai, alguém, me ajude!* Então, a voz prosseguiu.

— O astrônomo Pedro Tosquini não irá se aposentar depois do alinhamento como prometeu a você. Ele mudará de ideia. Voltará atrás na palavra e vai deixá-lo exatamente no mesmo lugar de sempre. Em segundo plano. Descartável.

A risada infernal do espectro fez com que Fernando urinasse de medo. *Que droga, por que isso eu consigo fazer?* E já que não podia impedi-lo, a sombra prosseguiu seu discurso macabro.

— Pedro não acredita que você esteja pronto, Fernando. Ele não confia em sua capacidade. Não acredita em seu potencial. Para ele, você é um fracote, filhinho da mamãe. Ele acredita que você jamais será um grande cientista, como ele acha que é!

O calor da urina em seu pijama era tão real que Fernando teve certeza de que estava acordado. Em seguida, aboliu a ideia. Como alguém poderia entrar em seu quarto no meio da noite, dominá-lo como por magia e falar sobre coisas que só estavam na cabeça de Pedro?

Fernando sabia que Pedro não tinha com quem dividir esse tipo de informação. *Mas que absurdo, é claro que estou sonhando. Pior, estou tendo um terrível pesadelo. É meu subconsciente. Estou com medo de que Pedro desista da aposentadoria. Só pode ser isso*. Mas a voz, mais real do que nunca, voltou a falar com mais veemência.

— Você não pode tolerar isso! – a força da voz era tanta que Fernando imaginou sua mão espectral dando um soco em um móvel – Você tem que fazer alguma coisa. Tem que garantir que Pedro se aposente nem que seja contra a vontade. – a sombra fez uma pausa dramática e seus dentes brancos se alinharam em um sorriso diabólico e reflexivo – Ou definitivamente.

Definitivamente... o que ele quer dizer? A palavra dançou na cabeça de Fernando. Havia inúmeros significados para ela. De maneira definitiva, decididamente, terminantemente, convictamente, ultimato. E aplicado à frase da sombra poderia significar a morte de Pedro.

Fernando se espantou consigo mesmo. A ideia lhe veio à cabeça com tanta naturalidade que, tomando consciência disso, tentou afastá-la o mais rápido que pode, mas ela não o deixava. Corria por sua mente, fugindo da expulsão inútil que tentava lhe aplicar. E a palavra lhe apresentava opções tentadoras.

Com a morte de Pedro, você será o substituto natural. Quem seria mais próximo ao astrônomo para finalizar sua tarefa? Você, Fernando. Somente você o acompanhou por dez anos e conhece intimamente seu trabalho.

Uma carreira inteira está à sua frente. Você ainda é muito jovem. A glória, a descoberta e o reconhecimento. Essa é a oportunidade que você estava esperando. Apenas uma palavra pode mudar tudo isso e torná-lo um grande cientista. Definitivamente.

Sua mente estava dominada pela ideia do sucesso que o aguardava. Todo seu domínio próprio havia sido exterminado. O sorriso que surgiu em seu rosto revelou ao espectro que seu plano havia funcionado. Fernando nem percebeu que podia mover os lábios e que a sua prisão era apenas uma ilusão dentro de sua mente frágil. E quando a voz voltou a se fazer ouvida, ele

não temia mais.

— Isso mesmo, Fernando. Você pode traçar seu destino com as suas próprias mãos.

Sim, eu acredito nisso. E ele conseguiria impulsionado apenas por uma palavra. *Definitivamente*.

***

Cercada por árvores da Mata Atlântica e por um braço da represa do Cajuru, uma casa se erguia acima do nível da água. Para Pedro Tosquini, a nova localização do Observatório Astronômico Phoenix era um pedaço do paraíso.

A necessidade de sair de Belo Horizonte aconteceu há muitos anos devido ao crescimento urbano e à poluição da cidade. Construíram o novo observatório no interior do estado, entre as cidadezinhas de Cláudio e Carmo do Cajuru, à margem da barragem do rio Pará e de uma usina hidrelétrica.

Além do prazer de trabalhar em um lugar belo, preservado e sem poluição, a área rural possuía pouca iluminação artificial, o que ajudava na observação do céu. Era o lugar ideal. Apesar dos cento e cinquenta quilômetros que separavam o observatório da capital de Minas Gerais, Pedro conquistara muita privacidade e o canto dos pássaros como sinfonia para seu trabalho.

Há anos dissera adeus ao barulho do trânsito quando decidiu que morar ao lado do observatório seria muito mais produtivo e menos estressante. E estava certo. A longa viagem não fizera bem a sua saúde e se mudar foi a melhor solução. Afinal, não tinha nenhum vínculo familiar em Belo Horizonte.

Mudança de hábitos também foi uma consequência. Aconteceu naturalmente. A natureza simplesmente o chamava à contemplação. E ele se viu fazendo exercícios físicos, o que pouco fizera na cidade, apesar de sua idade avançada e da necessidade de manter a saúde de seu coração, ainda se permitia extravagâncias.

Depois da bebedeira da virada do ano, Pedro decidira desintoxicar no dia seguinte. Aproveitou o tempo firme e com uma brisa quente para velejar na represa. Seus pensamentos flutuaram com o vento.

O astrônomo estava ansioso para começar a trabalhar novamente. Tirar uma folga não era normal para ele, mesmo nas datas comemorativas mais importantes. Mas o momento profissional que estava vivendo era muito especial para agir por impulso. Pedro queria estar são, com a mente clara e limpa para começar a escrever a palestra no primeiro dia útil do ano.

O texto tinha que tocar, ser verdadeiro e convincente. O mundo estaria olhando para ele. Não podia falhar. Era a chance que tanto esperava. As palavras foram se juntando em sua mente enquanto o vento acariciava seu rosto.

Estava em sintonia com a natureza mais do que nunca e era exatamente isso de que precisava. O universo estava olhando para ele. O evento que se aproximava mudaria sua história e de todos os outros seres humanos do planeta.

O reconhecimento de sua descoberta ia além da fama e da glória. A base de seu trabalho era a credibilidade. E ele a conquistara ao longo de anos de trabalho árduo. Por isso era tão importante ser eloquente. Seu objetivo principal era a verdade.

Não era em vão que dedicara sua vida em prol desse momento. O sacrifício era uma consequência, mas ele sabia disso quando escolheu esse caminho e estava certo ao fazê-lo. Alguém teria que realizar esse trabalho de qualquer forma. E se não fosse ele, ninguém o teria feito.

O tempo urgia. O alinhamento se aproximava silenciosamente. Os planetas da galáxia caminhavam para o maior espetáculo de todos os tempos e todos os seres da terra seriam beneficiados.

Estava na hora também de deixar seu assistente a par de toda a verdadeira essência de seu trabalho. Ele seria o primeiro a conhecer a verdade. Pretendia contar a ele assim que chegasse ao observatório na manhã seguinte.

Do outro lado da represa, Pedro percebeu movimento nos ranchos à margem e na água. As famílias estavam aproveitando o feriado para se refrescarem. O calor do verão era escaldante. O grito das crianças não o incomodava. Tinha o dom de se desligar da realidade quando desejava.

O dia caminhou a passos vagarosos. A mente do astrônomo estava agitada por ideias e pensamentos ansiosos. Seus olhos se voltavam para o céu de tempos em tempos para conferir a hora. Quando finalmente escureceu, Pedro andou pela enorme casa, sem rumo. A ansiedade o corroia. A madrugada seria muito longa.

Ficar sozinho não era desconfortável, principalmente nessas horas. Não queria conversar com ninguém sobre seus pensamentos e sentimentos. Ao contrário, podia pensar livremente sem interrupção. O isolamento somente fazia bem ao seu objetivo maior. O ano novo havia começado e com ele sua maior e mais esperada missão.

As horas se arrastavam como velhas reumáticas, raquíticas e encurvadas. Pedro não podia dormir. A ansiedade não permitia que o sono o tomasse. Sua mente estava em alerta, clara como água. Às duas horas da manhã se obrigou a ir para cama, mas rolou de um lado para o outro sem sono por muito tempo.

Estava atento à noite. Seus olhos cegos pelo escuro, mas seus ouvidos aguçados alcançavam longe. Escutou os sons que ecoavam da mata, da vida noturna, da hidrelétrica, do vento na janela, de um carro estacionando e da porta da frente se abrindo. Imediatamente se

sentou na cama.

Pedro nunca tivera medo de ficar sozinho naquela casa. Nunca tivera porque ter medo e por isso nunca trancara a porta da entrada. Agora seu coração disparou. Quem seria? Um ladrão? O mundo inteiro sabia seu endereço. Mesmo que acreditasse nisso, não estava realmente seguro. Mas quem iria até lá roubá-lo? Não possuía nada de valor, apenas conhecimento.

Passos ecoaram cautelosos pelo corredor. Pareciam sincronizados com as batidas de seu coração e se aproximavam lentamente. A pessoa não tinha pressa. Pedro não tinha realmente medo, mas estava alerta caso fosse necessário se defender.

Os passos cessaram do outro lado da porta do quarto. Na escuridão só podia ver o interruptor fluorescente, mas pode ouvir a maçaneta girar. A porta rangeu ao abrir devagar. O astrônomo segurou a respiração. Um vulto atravessou o alambrado. Estacou há um metro de sua cama e uma voz perguntou.

— Pedro? Está acordado?

Era uma voz conhecida. O astrônomo soltou o ar pela boca aliviado.

— Ah, é você, Fernando? – levantou-se, o tom de sua voz mostrava uma leve irritação – O que está fazendo aqui a esta hora?

Pedro percebeu que Fernando apertava as mãos com ansiedade. Alguma coisa estava errada com seu ajudante.

— Preciso te falar uma coisa. – o rapaz sussurrou ainda no escuro.

A voz trêmula. Pedro acendeu a luz para ver o rosto do auxiliar e tentar traduzir sua feição.

Fernando piscou os olhos com a claridade, estreitando-os.

— O que é tão importante que não pode esperar até amanhã?

A impaciência tomou conta de Pedro. Já não bastava sua própria ansiedade, ainda tinha que aturar um fedelho.

— Podíamos tomar um ar? Está muito abafado aqui.

Pedro resmungou, mas o seguiu para fora da casa. Estava velho e já não tinha tanta tolerância para a juventude impetuosa. Seguiram calados enquanto desciam o terreno inclinado entre a casa e a margem da barragem. Fernando caminhava apressado. Pedro o seguia sem pressa.

Por isso, Fernando chegou primeiro ao estaleiro onde o veleiro que o astrônomo possuía estava parado. O rapaz ficou olhando a água tranquila da represa enquanto esperava a aproximação do velhote. *Como é lento*.

Pedro parou ao lado e de frente para o ajudante se mostrando pouco paciente. Queria acabar logo com aquilo e voltar para seus próprios pensamentos. Fernando não falou de imediato.

Quase esgotou a paciência do astrônomo. Ele teve que iniciar a ansiosa conversa.

— O que houve? – perguntou.

O ajudante analisava as pontas dos sapatos enquanto falava.

— Eu não conseguia dormir. Estava ansioso com o alinhamento. Quero aprender mais sobre o que virá depois.

Pedro bufou. *Os jovens não sabem esperar.*

— Esta lição você receberá amanhã de manhã. Agora volte para casa e vá dormir. Ou use um dos quartos, como faz durante a semana.

Fernando encarou o astrônomo. À luz do luar, seus olhos eram negros e duros.

— Não. Tem que ser hoje. Amanhã será tarde demais. – sua voz acompanhava a essência de seu olhar.

Pedro tentou ser mais gentil para convencê-lo.

— Meu jovem, são três horas da manhã. Não é apropriado. Vamos descansar. Amanhã conversamos melhor. Boa noite.

Dando a conversa por encerrada, Pedro virou as costas para Fernando sem esperar que ele o seguisse. O rapaz ficou parado exatamente no mesmo lugar, olhando os passos lerdos e pesados do astrônomo pelo estaleiro.

Quando estava na metade do caminho, Pedro pisou em uma tábua que estralou alto. Antes que pudesse se recuperar do susto, a tábua rachou embaixo de seus pés abrindo uma fenda. Seu corpo ficou repleto de farpas ao raspar na madeira. Foi tudo tão rápido que nem deu tempo de perceber o que lhe havia acontecido antes que submergisse.

O barulho de algo caindo na água funda fez Fernando sorrir. Pedro não sabia nadar.

MISTÉRIO

Desde que descobrira que havia muito mais entre o céu e a terra, Marcel desconhecia o mistério. Quando se conhecia a pessoa capaz de prever o que estava por vir, nada mais estaria oculto.

Pensar sobre mistério o atordoava. *Como é possível que ela tenha desaparecido bem diante de nossos olhos? Ela não pode ter se desintegrado. Alguém a pegou. Mas quem e por quê?* Essa última não era bem a maior dúvida. Afinal, quem a tivesse roubado sabia exatamente o que ela representava.

Tentar compreender como a ametista sumira tirara seu sono. Insistira com Suzane para que unissem seus poderes para encontrá-la, mas ela se recusara veementemente. Depois da explosão de raiva, Marcel ficara decepcionado.

Primeiro porque desejava ardentemente estar ao seu lado. Isso já era inegável. Não conseguia mais ficar longe dela. E segundo, maximizar seus poderes havia dado resultado da primeira vez, mesmo sem querer.

Sabia que ela se recusara por causa do primeiro motivo. Ela o rejeitava firmemente. Lutava contra a atração que os seduzia. Queria permanecer focada no objetivo de encontrar e reunir as chaves. Essa era a missão do casal.

Marcel sabia o que tinha que fazer e o irritava que Suzane batesse na mesma tecla o tempo todo. Ao contrário de como ela o via, ele era um homem responsável, mas também não podia negar o que sentia por ela.

Desligar seus pensamentos de Suzane causou uma guerra íntima, mas era preciso. Havia algo muito estranho acontecendo. Fora pego de surpresa e isso era inaceitável. Pelo menos era a única lógica que conhecia desde que fatos sobrenaturais o cercaram.

Sozinho, sentado no sofá da sala, Marcel se concentrou por horas em Tamires e Gustavo. Vagou pela mente deles a procura de uma pista. Procurou pelo poder manifestado na pedra. Desde o dia em que despertara, Marcel sempre sentia sua presença muito facilmente.

Agora não sentia mais nada. Havia escuridão total. Era com se a ametista nunca tivesse existido. Marcel teve medo de ter se esquecido de como era seu poder. Porém, conseguia se lembrar muito bem.

Quente. Forte. Resistente. Envolvente. Uma força irresistível e atrativa.

Sofreu com Tamires. Sentia o poder dela pulsando em suas veias. Conseguiu localizá-la imediatamente. Acompanhou seu sofrimento que durara horas. Gritou. Chorou. Brigou com Gustavo.

Gustavo negou que pegara a ametista. Marcel procurou sentir o poder dela nele e não encontrou nada. Era possível que estivesse dizendo a verdade. E, finalmente derrotada pela exaustão, Tamires adormecera.

O maior mistério não estava em Foz do Iguaçu, e sim, bem ali dentro de casa. Suzane não previra o desaparecimento da pedra. E sem esse conhecimento, estavam de mãos atadas e cegos. Marcel estava muito preocupado. Preocupação que o levou quase ao desespero. Chegou ao cúmulo de acusar Suzane de ter negligenciado seu dever.

Marcel também estava infeliz consigo mesmo. Sentia-se incapacitado. Tinha que ficar alerta para compensar a cegueira. Observou e procurou a chave por muito tempo. Um pensamento lhe veio a mente. Será que a distração com seus próprios sentimentos o havia cegado tempo suficiente para que a roubassem? Não sabia, mas quando deu por si, a pedra não brilhava mais.

Mesmo assim, não entendia porque não conseguiam mais encontrá-la. Tudo parecia como antes. Nada estava fora do lugar. Não sentia nenhum poder tentando cegá-lo. Por isso estava pendendo a acreditar em Gustavo. Sempre que o poder dele se manifestava, podia sentir. E não havia nenhuma barreira agora. Então Gustavo realmente não estava escondendo a pedra. Ou conhecia um truque muito bom para fazer isso de forma que pudesse enganá-lo.

Marcel afastou a ideia. Não, Gustavo não podia esconder nada dele. Havia mais alguém e isso o deixava louco. Como não perceberam isso? Por mais que pensasse, não conseguia encontrar a resposta.

Frustrado e arrasado, sem saber o que fazer, Marcel passou a vasculhar o resto do mundo. Em sua mente, sentiu a presença de guardiões, espalhados por aí, com seus poderes escondidos dos humanos comuns.

Ficou maravilhado. Havia muita força presente em cada país. Os guardiões estavam felizes e se preparando para retornar ao seu lar, depois de trinta anos de isolamento. A profecia se cumpriria e acabaria com seu forçado exílio.

Mas não havia entre eles força como em Tamires e sua pedra e Marcel sabia porquê. A dúvida trouxe de volta sua frustração. Sua cabeça começou a doer pelo esforço. Tudo era muito recente ainda e não ter total domínio sobre si mesmo o irritava.

Sabia que tinha que ser paciente. Afinal, era sua primeira missão. Mas também sabia que falhas poderiam prejudicar todos os guardiões. Ele não possuía licença para falhar. O destino de todos estava em suas mãos.

Massageando as têmporas, Marcel resolveu vasculhar o autor da descoberta mais importante do século. Procurou pelo poder calmante e revelador de Pedro Tosquini. Em sua mente estava dentro da casa onde ele morava, em Minas Gerais.

Um estranho vazio era a forte presença no lugar. Intrigado, varreu cada cômodo. Não havia presença nenhuma ali. Em lugar algum sentia a luz do guardião. Era como se ela estivesse apagada.

Nesse instante, um grito de agonia encheu a noite. Marcel abriu os olhos e se viu de volta a sua sala escura. Graças a Deus havia insistido em ficar por perto.

Suzane havia acordado em desespero. Falava com incoerência. Estava sufocando. Havia água por todos os lados. O peso de seu corpo a afundava mais e mais. Não conseguia subir à superfície e respirar.

Com pavor, Marcel pensou que, se não tivesse despertado, talvez Suzane tivesse realmente morrido. Ela tivera um sonho. Um pesadelo horrível, como ela mesma disse. Nos braços de Marcel, ela contou enquanto tentava se acalmar, sua voz ofegando profundamente, aspirando com desespero o ar que outrora lhe faltara.

Narrou a angústia de um afogamento. A escuridão toldando suas vistas. A dor nas costas e no abdômen. Quanto mais tentava emergir, mais afundava. As bolhas de seu último resquício de ar subindo à superfície. A vontade incontrolável de respirar. Não podia respirar. Só precisava aguentar até conseguir alcançar a margem e ela estava tão perto. Um peso enorme impedia que seus pés batessem. Sua cabeça latejava. Seu corpo pedia ar desesperadamente. O calor da água a envolveu, entorpecendo seu corpo. Então teve certeza que era o fim.

Foi nesse momento que acordou gritando.

Ainda no escuro, Marcel pensou sobre a narrativa. Algo lhe dizia que aquele sonho podia ser mais uma visão. Por isso, insistiu que Suzane se acalmasse e tentasse ver mais detalhes além do afogamento. Depois de respirar compulsivamente para garantir que ficaria bem, ela finalmente se controlou e olhou para as imagens do sonho de fora, como espectadora.

Para Suzane tudo também era muito novo. As visões, muitas vezes, a confundiam com a realidade. Aprender a separar uma da outra era uma tarefa difícil. E era grata por ter com quem compartilhar esses sentimentos. Ela se agarrou ao corpo de Marcel com força. Doeria se ele não fosse bastante forte.

Suzane fechou os olhos e assistiu novamente, em sua memória, a visão. Prestou mais atenção a sua volta, tentando identificar onde estava. Enquanto via, narrava para Marcel.

Estava escuro, era noite. Estava em um lago ou algo parecido. A água era plácida. Havia o vulto de um estaleiro acima de sua cabeça. A lua era um borrão no céu filtrada pela água. Uma silhueta escura tapou a luz. Olhava através de um buraco no meio do estaleiro. Faltava uma tábua bem ali. Provavelmente fora por ali que caíra. E a dor nas costas e no abdômen podia significar que raspara na madeira ao cair.

Marcel se concentrou junto. Segurava Suzane apertado em seus braços. Procurou ir com

ela até o lugar onde acontecera a morte. Não demorou muito para conseguir. Maximizavam seus poderes quando estavam juntos, porque ele podia sentir e seguir o poder dela.

Primeiro viu a mesma cena. Sentiu-se sob a pressão da água, percebeu a angústia. Não conseguia ver o rosto. Então tentou identificar a pessoa que morria. Foi nesse momento que eles souberam.

Pedro Tosquini.

O guardião morreria. Marcel ainda achava que a visão era estranha. Limitada. Nunca fora assim antes. A visão sempre era muito clara. E quem era o vulto? Marcel procurou outra força ao redor do astrônomo. Não encontrou nenhuma além da própria morte.

Suzane e Marcel se encararam na escuridão.

— O que vai acontecer? – Marcel sussurrou.

Lágrimas escorreram do rosto da moça.

— A pergunta está formulada errada, Marcel. O correto é: o que aconteceu?

O quê? Suzane estava dizendo que era uma visão do passado?

— Você acha que já aconteceu?

Suzane balançou a cabeça negativamente.

— Não, eu acho que aconteceu exatamente no momento em que eu vi.

Marcel se levantou abruptamente.

— Isso não é possível, Suzane. Você sempre vê o que ainda vai acontecer.

O choro de Suzane era audível agora.

— Eu sei, mas tenho certeza que alguma coisa me impediu de prever o perigo.

Só pude ver quando estava acontecendo. Como se naquele momento a magia tivesse se quebrado e, assim, permitido que eu pudesse ver seu último suspiro. Marcel andava de um lado para o outro no quarto.

— Mas eu procurei por algum poder e não havia nada lá.

Suzane se levantou e o fez parar de andar. Olhou bem em seus olhos.

— Marcel, precisamos admitir que não estamos totalmente preparados para isso. Não somos invencíveis. Não conhecemos tudo sobre nossas capacidades nem limitações. Muito menos a de outros. Pode haver uma força por aí capaz de nos enganar. – fez uma pausa para concluir um pensamento que lhe veio à mente no mesmo instante – Eu tenho para mim que a mesma pessoa que pegou a chave provocou a morte de Pedro. Só pode ser a mesma força que nos cegou, nos dois momentos.

Marcel se livrou dos braços de Suzane e voltou para a sala. Não podia ser verdade o que Suzane dissera. Por mais que, lá no fundo, achasse que talvez ela tivesse razão. Será que confiaram demais em suas novas forças? Confiaram demais em Pedro Tosquini? Ambos

decidiram esperar o guardião cumprir sua missão para em seguida cumprirem a deles. Mas agora era tarde demais para ele e estavam atrasados.

Afinal, se existiam energias positivas, também haveria negativas. Nem todos os guardiões podiam ser puros e bons. Marcel conhecia bem a história que mudara sua vida. Se eles não fizessem nada agora, a verdade morreria com Pedro. Era isso, com certeza, que a pessoa que provocara sua morte e desaparecera com a chave desejava. E, com certeza, ele não pararia ali. Talvez a própria Tamires estivesse em perigo eminente.

Sem a orientação de Pedro, o mundo continuaria ignorante. O alinhamento chegaria e passaria sem que tivesse um significativo efeito sobre a humanidade. Muitos seriam sensíveis o suficiente para sentir, mas a grande maioria morreria na ignorância. E, sem a chave, o portal jamais seria aberto e os guardiões estariam perdidos para sempre. E com eles, a verdade.

Confuso, sentindo-se incapaz e desolado com a morte do guardião, Marcel também chorou. O adeus de Pedro significava o fracasso de tudo que eles eram e do que vieram fazer nesse mundo e da luta contra o gelo. Marcel sabia que precisavam do fogo. Mas sabia também que sem a ametista, ele não seria o bastante.

Conhecia apenas uma pessoa, que estava em Foz do Iguaçu, muito interessada na pedra e no alinhamento. *Gustavo do Valle*. Porém, irritantemente, não conseguia ver sua culpa. Sem provas, como acusá-lo? Havia sim a chance de não ter sido ele, mas o fato era que Gustavo seria o maior beneficiado.

Marcel se ergueu do sofá. Tinha que fazer alguma coisa. Quanto mais aliados, quanto mais poderes, maiores a chance de encontrarem a pedra. Precisava de Tamires. E mesmo que não soubesse lhe explicar onde encontrar a ametista, ele a convenceria a se juntar a eles na busca.

O dia da palestra não existia mais, mas o alinhamento não tardaria a acontecer. Anteciparia o encontro com Tamires e teria que ser o mais rápido possível. Antes que alguma coisa acontecesse a ela também. A partir de agora, estaria alerta vinte e quatro horas.

SEPARAÇÃO

Despertei de um sono muito agitado. Praticamente não dormira nada durante toda a noite. Sentia-me cansada, mas estava atenta. O sol acabara de nascer e inundava o ambiente com sua luz e calor.

Ainda assim, a sensação de desamparo não me deixava. Em vez do sono me revigorar e acalmar, me deixara muito mais desolada. Uma parte de mim sangrava com a perda. Outra parte tinha vontade de punir meu algoz.

Sentei-me no sofá sentindo as costas doerem. Era óbvio porque não havia tido uma boa noite de descanso. Dormira no sofá, mas eu não poderia dormir ao lado de Gustavo naquela noite. Dormir! Como se eu pudesse deitar a cabeça no travesseiro sem saber onde a ametista estava. A exaustão me fizera apagar.

A TV estava ligada. Minhas vistas embaralhadas, ainda se acostumando com a claridade, mal conseguiam ver o que passava nela. Mas meus ouvidos, atentos, podiam.

— Ao chegar ao Observatório Astronômico Phoenix hoje pela manhã, o assistente Fernando Alves encontrou o corpo do astrônomo Pedro Tosquini boiando na represa de Cajuru. Ainda não se sabe as causas, nem quando a morte do cientista ocorreu. Porém, tudo leva a crer que o astrônomo tenha se afogado durante o feriado enquanto velejava.

Minha cabeça começou a girar. O que a repórter estava dizendo? Pedro Tosquini estava morto? Lágrimas involuntárias brotaram em meus olhos e rolaram por minha face. A minha esperança acabou naquele momento.

Quando tudo estava indo tão bem, eu tinha que perder o único elo com meu passado e a única chance de saber parte da verdade do que sou e de onde vim? Esperei trinta longos anos para descobrir e a oportunidade se fora tão rapidamente quanto chegara. Teria que esperar mais trinta para ter uma nova chance? O que queria de mim, afinal? O que o universo tinha para me dizer e que eu nunca saberia? Por que Pedro Tosquini tinha que morrer antes de me contar? Por quê? Por quê?

Desorientada e em pranto, levantei do sofá com uma decisão: sair daquela cobertura imediatamente. Topei com Gustavo na entrada da sala de televisão. Não queria falar com ele agora. Talvez nunca mais quisesse.

— Aonde você vai, Tamires? – ele me perguntou – Precisamos conversar.

Queria apenas passar quieta, mas ele não deixava. Impedia minha passagem com seu corpo.

— Saia da minha frente, Gustavo. Deixe-me em paz!

Ele segurou meus ombros com as duas mãos.

— Não vou deixar você sair assim. Você está desnorteada.

Tive que atacar com todas as armas que possuía para me livrar dele.

— Não me interessa o que queira me dizer ou o que pensa. Eu não confio mais em você. Preciso de um tempo sozinha, bem longe daqui.

Ficou atônico. Aproveitei e fugi do apartamento antes que Sofia acordasse. Não queria fingir para ela que estava tudo bem. Também não queria afetá-la com meus sentimentos tumultuados. Em frente ao condomínio peguei um táxi.

— Por favor, – pedi – para o Parque Nacional do Iguaçu.

O parque ainda estava fechado para visitação, mas o vigia, senhor Roberto, me conhecia de longa data e permitiu minha entrada. Foi discreto ao fingir não notar as marcas de lágrimas em meu rosto. Sorri, agradecida, quando me deixou só.

Parte de mim morreu naquela manhã. Minha vida não tinha mais nenhum sentido. Essas duas semanas, que vivi intensamente, mesmo com a experiência de quase morte, foram o mais perto que eu cheguei da felicidade verdadeira. Meus olhos foram abertos na noite em que a ametista se iluminou e revelou o rosto de minha mãe.

Havia vivido trinta anos enganada, iludida, envolta em uma falsa felicidade, em um casamento fraudado e em uma vida perfeita demais para ser verdadeira. E quase me permiti acreditar na farsa novamente. Nunca devia ter admitido aquela recaída. Foi através dela que Gustavo arrancara de mim a ametista.

Caminhei até as rochas à margem do rio. O meu lugar. Era dali que eu vinha. Por que aquelas águas não me diziam nada? Elas sabiam a verdade. Testemunharam minha chegada, mas preferiram me dar à luz novamente e apagar de minha memória a vida anterior que eu tivera.

Toquei a rocha com os dedos me lembrando do dia em que eu pude transpassá-la. A ametista estava comigo, pulsando em meu peito, como se tivesse vida própria. Meu coração ficou apertado com a lembrança. O que havia por trás daquela rocha? O que a ametista queria me mostrar? Por que fui tão incrédula e não permiti que ela me revelasse seus mistérios antes?

Agora estava sem nada. Nem dúvidas, nem mistérios, nem vida. Era como se nunca tivesse existido. Como se aquelas duas semanas fossem apenas um sonho, um sonho muito louco, mas apenas um sonho e nada mais.

Mas eu ainda podia provar que aquilo não era mentira. Virei-me para o rio, mirei a água que corria apressada impulsionada pela queda. Concentrei-me. Ergui minhas mãos e com esse movimento as águas se reviraram tornando-se um pequeno redemoinho. Sorri. Eu realmente não estava sonhando. Eu podia controlar os elementos. Soprei em direção ao círculo e o redemoinho

se desfez imediatamente.

Uma ideia clareou minha mente. Eu podia procurar. Eu tinha poderes. Ainda havia uma chance. Eu poderia sentir a presença da ametista como eu já havia feito antes, mas teria que estender o alcance de minha busca. Afinal ela poderia estar em qualquer lugar da cidade.

Sentei-me encostada à rocha. Fechei os olhos. Concentrei-me na ametista. Meus sentidos, aos poucos, foram se desligando do barulho ensurdecedor das cataratas, do canto dos pássaros, do aroma úmido da mata.

Eu me vi dentro do meu apartamento, vasculhando novamente cada centímetro do meu quarto. Passei por Gustavo e Sofia na cozinha sem ser notada. Procurei na sala. Procurei nos outros quartos. Procurei em cada canto. Fiquei parada no centro da cobertura concentrada na energia da pedra, mas ela não estava lá.

Fui ao escritório de Gustavo em um piscar de olhos assim que pensei na possibilidade da ametista estar escondida lá. Andei pelo andar todo, procurando. Ainda não havia ninguém. Era muito cedo. Tentei identificar o esconderijo, mas estava enganada de novo.

Pensei no banco. Gustavo guardava as joias mais valiosas que me dava em um cofre. Imediatamente eu estava dentro do cofre. Não precisei abrir a gaveta. Logo percebi que a ametista também não estava lá.

Esgotando todas as possibilidades, abri os olhos e estava novamente no parque. Minha mente, clara como cristal, encontrou apenas uma alternativa. Gustavo realmente havia destruído a ametista.

***

Mesmo sem saber onde Tamires estava e o que estaria fazendo, Gustavo se obrigou a ir ao escritório. Localizado na região industrial da cidade, o prédio administrativo de dois andares ficava à frente do vasto terreno. O restante de área era preenchido por uma fábrica enorme.

A sala do presidente ficava no piso superior no canto direito. No enorme *hall*, à entrada da porta dupla de madeira pesada, ficava a mesa da secretária e vários estofados requintados. O andar inteiro era restrito à diretoria, funcionários de confiança e de maiores cargos da empresa.

Gustavo do Valle cruzou a entrada de vidro e entrou no campo de visão de sua secretária.

— Bom dia, Lívia. – cumprimentou-a.

A mulher, de pouco mais de trinta anos, sorriu para Gustavo enquanto respondia e se levantava da mesa automaticamente, acompanhando-o até sua sala.

— Bom dia, senhor do Valle. Vejo que está muito bem. Fico muito feliz.

Lívia estava com Gustavo desde o início da empresa, há mais ou menos dez anos. A empatia entre os dois era maior do que a que ele tinha com a própria mulher. Gustavo suspirou

ao se recordar de Tamires e dos últimos acontecimentos que conseguiram criar uma barreira, talvez sólida demais, entre eles.

— Obrigado, Lívia. Também estou muito feliz por estar de volta.

A sala do empresário tinha um toque de requinte e sofisticação em cada detalhe. A decoração era moderna com objetos futurísticos, quadros e móveis de vidro. Algumas plantas também faziam parte do ambiente e a parede era coberta por janelas enormes que garantiam iluminação natural o dia todo.

Enquanto Gustavo se sentava em sua poltrona de couro preto, Lívia foi direto ao pior assunto, sabendo que, mesmo contra a vontade, era sua obrigação dar péssimas notícias o quanto antes. Era isso que ele esperava dela.

— Acumulei bastante recortes de jornal em sua ausência. E devo acrescentar que, se deseja ler cada uma, vai precisar de tempo e paciência. A abordagem não foi das melhores.

Gustavo já imaginava isso, mas tinha muito interesse no que a imprensa estava falando sobre os acidentes. Nas últimas semanas não tivera tempo para ler ou assistir o noticiário. Estava muito focado em seus problemas particulares.

Lívia lhe entregou a pasta de capa dura e o deixou sozinho. Agora a realidade de uma sociedade cruel lhe invadia a privacidade. Antes que a secretária fechasse a porta, a pasta já estava aberta e a primeira imagem que viu foi de Tamires em um de seus momentos ao Parque Nacional do Iguaçu.

Pela roupa que ela vestia identificou que a foto foi tirada exatamente no dia do acidente, porém pela manhã quando estiveram lá. Seu rosto estava tranquilo apesar da profundidade de seus olhos claros presos nas cataratas. O empresário se pôs a ler avidamente.

A data da matéria era do dia seguinte ao que Tamires acordara, quando ocorreu o vazamento do acidente na imprensa. A abordagem era especulativa sobre os motivos que a teriam levado a se jogar no Iguaçu. *Suicídio? Será que o casal mais feliz de Foz do Iguaçu era uma fachada social?* Irritado com o tom sarcástico da pergunta ao final da reportagem, Gustavo virou o plástico com violência, quase o arrancou com a brutalidade do movimento.

A próxima reportagem estampava uma fotografia do carro da família em frente ao condomínio onde morava, os vidros escuros revelavam muito pouco do rosto enfurecido de Tamires no banco traseiro. O tom dessa não era muito diferente da anterior, apenas acrescentando que não havia previsão para saída de Gustavo do hospital, apesar da rápida alta de Tamires.

O estado de espírito de Gustavo não melhorou em nada. Estava apenas no início da leitura e não pretendia parar apesar de sua fúria. Virou outra página. A fotografia finalmente mudou. O recorte estampava Daniel Nunes e apresentava os argumentos convictos do advogado

conforme haviam combinado enquanto ainda estava no hospital. A abordagem melhorou um pouco, mas a dúvida de que a declaração fosse verdadeira estava sutilmente sugerida nas entrelinhas. E os recortes prosseguiram explanando sobre o tema, inclusive uma reportagem exclusiva sobre suicídio com um conhecido psiquiatra da cidade. Aquilo era um absurdo. Ainda assim Gustavo leu cada linha boquiaberto com a ousadia.

Um recorte lhe chamou atenção. Uma fotografia dele mesmo estava em destaque na página. Dava pra perceber que haviam ampliado a foto, provavelmente tirada a uma distância razoável. Era o dia em que Gustavo saíra do hospital. Não vira a imprensa por ali. Algum paparazzo deveria estar bem escondido, há distância.

Em primeiro plano, seu próprio perfil. O sorriso estampado no rosto. Estava a um passo de entrar no carro. Tamires estava em segundo plano, levemente embaçada. O topo da cabeça de Sofia aparecia ao lado dela. Olhavam para a mesma direção. Ele se lembrava daquele momento. Estava tão feliz em ir para casa que nem tomou o devido cuidado de conferir o redor. Todas as sensações daquele dia o invadiram alterando, por alguns minutos, os sentimentos revoltosos em seu peito.

Seus pensamentos foram interrompidos pela batida na porta e a entrada da secretária. Gustavo ergueu a cabeça e seu rosto revelou, por uma fração de segundo, os tumultuosos sentimentos que o envolviam.

— Oh! – exclamou paralisando as passadas – Desculpe.

Lívia abaixou a cabeça e começou a girar nos calcanhares para se retirar da sala esperando que ele fingisse não tê-la visto. Ela sabia que Gustavo jamais seria estúpido com ela, mesmo que fizesse algo constrangedor como agora.

— Tudo bem, Lívia. – suspirou o empresário – Não precisa sair.

A secretária engoliu em seco e voltou a olhar para Gustavo sem sorrir.

— Acabei de separar os recortes do feriado e aproveitando que estava lendo, achei melhor trazê-los imediatamente.

Gustavo estendeu a mão para recebê-los sem abrir a boca e o primeiro recorte de jornal o chocou. Ele nem percebeu quando Lívia fechou a porta com cuidado conferindo apreensiva seu rosto mais uma vez.

O coração de Gustavo acelerou perigosamente. Sua boca ficou seca. Seu estômago revirou. Apertou os olhos como se tentasse enxergar direito. Como se não estivesse vendo corretamente.

Pousou os recortes sobre a pasta na mesa automaticamente. As letras da manchete se embaralharam diante de seus olhos. E com grande esforço, finalmente se uniram corretamente, mesmo que ainda não fizessem nenhum sentido.

CUNHADO OU PIVÔ? ALEXANDRE É A SENSAÇÃO DO REVÉILLON AO LADO

DE TAMIRES DO VALLE

E a linha fina era ainda mais ousada.

ONDE ESTAVA GUSTAVO DO VALLE ENQUANTO A MULHER CONFABULAVA COM SEU IRMÃO NO JARDIM DOS BITTENCOURT?

Jornalzinho de quinta. Não sei como têm coragem de publicar um periódico deste nível.

A foto principal era de Tamires e Alexandre, muito íntimos, muito próximos, a iluminação da festa ao fundo transformando a cena. Gustavo intuiu a malícia na legenda e não errou.

CONQUISTANDO A ATENÇÃO DE TODOS, TAMIRES E ALEXANDRE DO VALLE FICARAM JUNTOS A NOITE TODA ISOLADOS NO JARDIM DA MANSÃO BITTENCOURT

Todo mundo havia notado. A beleza que irradiava de Tamires, mesmo em uma cópia grosseiramente mal impressa, não poderia mesmo passar despercebida. Todos os olhares se voltaram para ela naquela noite. E como Carolina havia sofrivelmente pronunciado, eles formavam um casal lindo.

Gustavo desviou os olhos para a foto menor a fim de se controlar e não rasgar o recorte, pelo menos não antes de terminar a leitura. Viu sua própria fisionomia. Estava no ambiente mais bem iluminado do salão cercado por autoridades importantes da cidade. Mas até a fotografia revelou que não prestava atenção neles. Seu olhar estava preso em outra direção.

GUSTAVO DO VALLE: DUAS PREOCUPAÇÕES NA CABEÇA?

Aquilo era demais. Não precisava ler a matéria para saber o que estariam insinuando. Sentiu-se ridicularizado publicamente. O ciúme toldou seus olhos de novo, como na festa, e eles ficaram ainda mais escuros. Tamires conseguira virar seu mundo mais uma vez.

***

Eu me sentia em paz novamente como não me sentia há algumas semanas. Mesmo perdendo a ametista, provavelmente para sempre, aquele lugar mágico me trouxe todo o conforto que outrora ela teria me oferecido.

O ar fresco teve o poder curador de limpar minha mente. Pela primeira vez em dias eu pensava racionalmente. Minhas emoções estavam devidamente controladas e dominadas pela razão.

Não havia mais motivos para me debater entre meus alvoroçados sentimentos. Eles pareciam ridículos agora diante da clareza de meus pensamentos. Eu tinha apenas um caminho a seguir. E era para ele que eu ia agora.

Cruzei a porta de vidro da antessala de Gustavo no momento em que a secretária saía para o almoço.

— Gustavo está ocupado? – perguntei sem parar para receber a resposta.

Lívia ficou branca ao se deparar comigo. Sua alma estava ressentida. Não compreendi o que vi. Ainda assim ela me respondeu com um sorriso ao se recompor depressa.

— Não, senhora. Apenas lendo uns recortes de jornal.

O olhar que me lançou era sarcástico. Eu não tinha tempo para especulações. Veria com meus próprios olhos o que ela insinuava. Gustavo não ergueu a cabeça quando entrei na ampla sala. Seus dedos massageavam as têmporas. Seus olhos estavam presos em diversos papéis sobre a mesa. Não notou minha aproximação. Espiei a papelada por cima. Meus olhos se arregalaram diante do que eu vi. Compreendi imediatamente o estado de Gustavo e a insinuação sutil da secretária, mas eu não estava ali para fraquejar.

— Colecionando figurinhas? – perguntei ganhando sua atenção de imediato.

Meu tom era despreocupado. Estava totalmente sob controle. Seu olhar estava fundo, um poço escuro e sombrio. O ciúme se deleitava vitorioso em seu coração e mente. Gustavo era novamente uma bomba de emoção e fiquei intimamente aliviada por ter escolhido o lugar certo para confrontá-lo pela última vez. E eu venceria, de qualquer maneira. Minha mente era minha aliada inseparável.

A ironia em minhas palavras não alterou suas emoções. Gustavo simplesmente a ignorou. Tinha outras preocupações em mente.

— Onde esteve a manhã toda? – mas a pergunta em seus olhos era outra.

Não pude deixar de sentir uma pontada no peito. Sentei na cadeira em sua frente e respondi com toda a sinceridade. Bastava de evasivas, sarcasmos e ironias. Era o momento da verdade. E já que era necessário, eu seria a primeira a me confessar.

— Não, mas deixei de confiar em você.

Gustavo baixou a cabeça. Havia entendido que eu respondera a pergunta de sua alma e não de seus lábios.

— Você só tem uma chance de mudar isso, Gustavo. – ele me encarou de volta e seus olhos brilhavam de emoção – Seja honesto comigo e me diga a verdade.

Nossos olhos se prenderam silenciosos.

— Eu também não deixei de te amar. – com maior profundidade, ele acrescentou – E nunca deixarei.

Eu tinha certeza de que era verdade. Engoli minha própria emoção e comecei o interrogatório que preparara.

— Tudo bem, então vamos para a segunda parte. Por que a culpa?

Gustavo ficou mais abalado com essa do que com a minha primeira pergunta. Mas ele sabia que eu estava usando do mesmo artifício em ambas. Então por que o desconforto? Ele não respondeu.

— Saiba que seu silêncio não é a melhor resposta para me dar agora.

Seus lábios estavam selados. Seus olhos revirando em intensas emoções represadas. Sua alma se abrindo para mim apesar do silêncio. Medo. Pavor.

— Prefere mesmo fingir que não tem nada acontecendo? – insisti.

Irritantemente, Gustavo apenas me olhava bem fundo nos olhos. Sua atitude contrária a enxurrada de emoção que impelia através deles direto para dentro de mim.

— Então eu vou começar. – acrescentei demonstrando uma paciência que eu mesma não sabia que podia ter.

Fiquei em silêncio de novo, esperando com ansiedade que ele me interrompesse e começasse finalmente a falar, mas foi apenas uma ilusão. Ele permaneceu do mesmo jeito como se estivesse paralisado.

— Naquela noite eu sonhei com o que eu acredito ser o rosto de minha mãe.

Gustavo permaneceu inabalável. Prossegui.

— Ao despertar, nosso quarto estava iluminado pela ametista. – li sua alma antes de continuar, sorrindo – Mas eu não precisava te contar isso, não é? Você já sabe. Estou sendo redundante.

Suspirei copiosamente. Seus olhos me transmitiram espanto.

— Uma pergunta não me deixa desde então, por quê? – esperei novamente. Nada ainda. Continuei – Por que ela se acende? Por que ela me transmite algum tipo de sensação? Por que eu descobri que sou capaz de fazer coisas sobre-humanas? – eu ri abertamente – Engraçado. Descobri que você e nossa filha também podem.

Inspirei profundamente. Gustavo permanecia intocável. Parecia até que ele tinha se enclausurado em sua mente e estava imune às minhas provocações. Mas seus olhos me acompanhavam com interesse e expectativa.

— Sabe o que é pior disso tudo, Gustavo? Você sabe o porquê e não quer me dizer. E novamente eu te pergunto: por quê?

Culpa. *Lá estava ela de novo*. Medo. *Além de seus olhos, seu próprio corpo o traiu com um arrepio. Gustavo tinha medo de me revelar a verdade.*

— Você não é o Gustavo que eu conheci e por quem me apaixonei! – explodi de repente – Ele jamais seria tão covarde!

Minhas palavras foram como um tapa na cara, um soco no estômago. Vi as emoções revirarem dentro dele novamente, aflitas, indecisas, temerosas.

— Você nunca pensou que me falar a verdade pode tornar as coisas menos piores para você? – acrescentei ainda com firmeza.

Precisava tirá-lo daquele transe. Gustavo aspirou devagar. Finalmente, ele ia falar.

— Já estou condenado, Tamires, não importa o que eu faça agora.

Eu me ergui, nitidamente frustrada e irritada. Meu coração saltitando quase abandonou meu peito. O caminho que eu deveria seguir agora seria o mais difícil. E eu me iludira lhe dando uma última chance. Mas Gustavo não me oferecia outra escolha.

— É uma pena que você prefira que seja assim.

Dei-lhe as costas abruptamente. Caminhei resignadamente até a porta. De lá observei que Gustavo ficou em pé em um impasse, me observando com os olhos implorativos como se me pedissem: Não, por favor, não vá!

— Não suportarei te perder. – balbuciou.

Eu sorri com tristeza profunda.

— A gente sempre paga por nossas escolhas. – e eu sabia que também pagaria muito caro pela minha.

Virei-me para atravessar a porta, mas voltei a fim de acrescentar um último pensamento. Não queria fechar aquela porta para sempre.

— Ah, Gustavo. Destino não é o fim. É apenas o começo.

PRESENTE

A pior coisa que eu podia ter feito agora era ir para casa. Somente quando atravessei a porta de entrada da cobertura a minha ficha caiu. Uma dor lacerante rasgou meu peito violentamente e um grito descomunal explodiu em minha garganta. Ouvi, horrorizada, o som em meus próprios ouvidos.

Era como o grito sufocado de um animal na última experiência de sua vida: a morte. O buraco aberto em meu peito queimava e inutilmente minhas lágrimas tentavam aliviar a dor. Meu coração batia em outro ritmo. Minha respiração falhava. Estava sufocando.

Calma, Tamires. Respire. *Eu respirei profundamente, mas a dor se intensificou. Prendi novamente o ar e lutei violentamente para permanecer em pé. Minhas pernas não respondiam como deveriam. Meu corpo se movia em câmera lenta.*

Consegui aspirar golfadas de ar entrecortadas a fim de evitar o sufocamento eminente. Eu sentia a morte mais perto de mim do que antes. Todo o autocontrole conquistado pela manhã havia me abandonado completamente. Mais do que nunca me senti frágil, apenas humana, de carne, osso e ferida.

Meu coração sangrava e gotejava em meu estômago revirando-o em espasmos e náuseas. Em breve, não sobraria mais nada dele. Eu podia ouvi-lo se partindo em milhões de pedacinhos tão lenta e dolorosamente. Era torturante e cruel.

As lembranças, esculpidas, desenhadas e gravadas, estavam por toda parte ao meu redor. Eu me arrastei pelos cômodos familiares. Cada detalhe me trazendo à tona imagens nítidas de momentos marcantes. Momentos que a partir de agora seriam apenas lembranças.

Flash.

Estava escuro e eu não sabia onde estava. A ansiedade me agitava. As mãos quentes de Gustavo em minha pele me aqueciam por dentro. Seu perfume me envolvia e inebriava. Seu calor incendiava minhas costas. Era bom. Quase me distraí o suficiente para me esquecer o que estava acontecendo.

— Por favor, Gustavo, eu preciso ver.

Estávamos parados depois de nos movermos por caminhos desconhecidos para mim. Gustavo me mantinha vendada. Ele havia me pedido em casamento há pouco tempo e agora preparara mais uma surpresa.

— Você é muito impaciente, meu amor. – suas mãos alisaram meus braços até alcançarem as vendas em meus olhos com calma. Minha pele arrepiou à passagem de seus dedos

– Mantenha os olhos fechados por mais um minuto, tudo bem?

Eu apenas assenti, sorrindo pela expectativa. Apertei os olhos para cumprir a promessa, mesmo morrendo de vontade de abri-los imediatamente. Percebi que o escuro me deixou e deu lugar a um vulto claro sobre minhas pálpebras. Gustavo ainda me fez dar alguns passos à frente antes de, finalmente, me dar permissão.

— Tudo bem, pode abrir agora.

Meu coração palpitava cadenciado. Ele sempre conseguia me surpreender. Abri os olhos lentamente a fim de prolongar a sensação. Então eu vi. A claridade alterava e alegrava as cores que dançavam na parede.

A ampla sala de estar estava completamente vazia, porém eu já podia visualizar os móveis que comporiam cada detalhe. Eu caminhei pelo vazio enquanto, mentalmente, pintava as paredes e mobiliava o apartamento.

Gustavo me seguia sem falar nada, feliz por perceber que eu havia amado a surpresa. A vista da sacada foi o que mais mexeu comigo. Tirou meu fôlego. Os braços de Gustavo me envolveram na altura dos ombros. Seus lábios, roçando minha orelha, me disseram.

— Eu te amo.

Era o sussurro mais doce da minha vida. Mais um arrepio me percorreu. De volta à solidão das lembranças, meus olhos estavam turvos devido às lágrimas. Eu arrisquei mais alguns passos, minhas pernas cambaleantes se arrastando contrariadas. Na sala de jantar, outro flash involuntário.

A penumbra era invadida pela luz tremeluzente das velas sobre a mesa de vidro. A decoração estava impecável. O clima era de comemoração. Era a noite de inauguração do apartamento. Ainda faltavam alguns meses para nosso casamento, porém não podíamos esperar mais para viver em nosso cantinho de amor. Isolados nas alturas, tão perto do céu e das estrelas quanto possível.

Gustavo tinha se revelado um mestre na cozinha. Preparou um jantar maravilhoso com todo o requinte e sabor de uma típica refeição francesa. Eu só podia me encantar cada vez mais com ele. Nossas mãos estavam entrelaçadas sobre a mesa e nossos olhos não podiam se separar.

Não precisávamos dizer nada. Estávamos maravilhados e amarrados um ao outro. O sentimento que batia em nossos corações nos envolvia fortemente e nos mantinha ligados, com um elo indestrutível.

A música ambiente fora muito bem escolhida por Gustavo. Era uma seleção de minhas prediletas. Porém, nesse momento, uma música lenta soou ao nosso redor. Era a preferida dele. Gustavo ergueu minha mão, fazendo um convite sem palavras. Eu o acompanhei até o centro da sala de estar, que estava preparada como uma pista de dança. Gustavo havia pensado em tudo. Em cada detalhe.

Meu olhar estava preso nele. Nossos corpos estavam juntos. Seu calor fazendo cócegas onde me tocava. Nossos rostos se colaram. Fechei meus olhos e deixei que ele me guiasse no ritmo das notas musicais. No instante seguinte, não me lembrava mais qual música tocava. Apenas tinha consciência de seus lábios em minha orelha, roçando de leve meu pescoço e deixando um formigamento agradável por onde passava.

O chão sumiu sob meus pés quando sua boca grudou na minha e ditou um novo ritmo para nossos corpos. A última coisa que percebi naquela noite, além de nós dois, foi a maciez do colchão sob meu corpo.

A enorme cama de casal ganhou foco diante de meus olhos turvos. Estava vazia. Uma dor aguda atingiu meu peito. O vazio me esmagava. Aquele cenário era um retrato, um espelho do meu coração. Forcei-me a sair dali antes que fosse destruída por aquela lembrança.

Parei na porta do quarto de Sofia. O novo flash veio tão rápido que me sobressaltou.

Estava parada diante das paredes vazias do dormitório. Nosso casamento havia acontecido há alguns meses. Eu estava muito feliz. Minha cabeça não parava de imaginar os pormenores que alegrariam aquele ambiente.

Gustavo chegou por trás me abraçando. Eu nem o ouvira se aproximar, mas pela escuridão fora da janela, eu sabia que o expediente na fábrica já havia se encerrado.

— O que está fazendo aí parada, meu amor? – perguntou ele.

Sua voz me envolveu, apesar de que era apenas um sussurro. Seu hálito quente em meu rosto fez meu coração palpitar forte.

— Eu estou imaginando a decoração deste quarto.

Gustavo tentou, mas não conseguiu segurar a risada. Não pretendia me ofender, como não o fez. Era apenas uma risada de satisfação.

— E o que pretende fazer aqui?

Eu me livrei do abraço para me mover pelo cômodo. Apontava enquanto falava.

— Aqui vou colocar um guarda-roupa, aqui uma bicama, aqui uma cômoda. Nesta parede, quadros e outros objetos decorativos. Na janela vou colocar uma bela cortina. E bem aqui – eu parei, olhei para ele nos olhos antes de continuar e acrescentei – vou colocar o berço.

Vi a expressão de Gustavo mudar. Foi do contentamento ao espanto e em seguida a alegria invadiu todo seu ser. Sem dizer nada, ele deu passos largos até mim e me apertou em seus braços, me enchendo de beijos. Por fim, me ergueu do chão e me girou no ar.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo.

E eu era a mulher mais feliz do mundo. Quando tomei consciência de mim novamente, estava estirada no chão do quarto de Sofia. Meu corpo doía terrivelmente, mas a dor que teimava em me guiar por esse labirinto de lembranças era insuportavelmente maior. E eu fui totalmente

rendida.

Um clarão me cegou por um segundo.

Era o primeiro dia de Sofia em casa. Gustavo e eu não saíamos do quarto dela. Tínhamos medo até de um suspiro do pequeno bebê. Vigiamos seu sono por horas, calados e de mãos dadas. Estávamos maravilhados com o milagre da vida diante de nossos olhos.

Quando o cansaço batia e não aguentávamos mais ficar em pé, nos sentávamos na bicama e continuávamos velando por ela. Quando Sofia chorava para mamar, nos sobressaltávamos. Dormíamos encostados um ao outro depois de devolvê-la ao berço. Foi o dia mais longo da minha vida. Porém, o primeiro de muita alegria acompanhando o crescimento de nossa filhinha.

Ser mãe me mudou completamente. Aprendi a ser menos egoísta, o sacrifício e a me doar completamente sem nada receber em troca. Eu me contentava apenas com um lindo e ingênuo sorriso daquele pequeno e frágil ser.

Aprendi que existem vários tipos de amor. Eu amava Carolina, amava Gustavo e amava Sofia. Mas em nada esses amores se comparavam um com o outro. Eram únicos. E, portanto, impossíveis de ordenar. Eu amava até a família da qual não me lembrava.

O oco dentro de mim cresceu com essa última lembrança. Porque não havia um momento sequer para me fazer rir ou chorar. Havia apenas a escuridão, como se aquela parte das minhas memórias tivesse sido apagada para sempre.

Mal percebi que havia parado de chorar. Fiquei estirada no chão do quarto de Sofia por muito tempo. Os sons ao meu redor estavam distantes, fora de sintonia. O teto de gesso branco era um borrão a minha frente. Minha mente havia sido preenchida pelo mesmo vazio de meu peito. Não havia mais nenhum pensamento ou lembrança que me fizesse sofrer agora.

Apenas um pensamento se fixou. Prometi a mim mesma que aquelas seriam as últimas lágrimas que derramaria por Gustavo.

***

A grande porta de madeira estava fechada. Como se alguém tivesse lacrado a sala. Como se o tivesse trancado ali e levado a chave embora. Estava há tanto tempo na mesma posição catatônica que não sabia se Tamires havia saído há apenas um minuto ou há uma hora.

As palavras dela ficaram em sua cabeça, repetidas vezes, o ferindo e açoitando. Mesmo depois de relembrá-las inúmeras vezes, Gustavo não conseguia entender seu sentido real. O que estava subtendido?

Ainda em pé, olhando para o ponto onde viu Tamires pela última vez, Gustavo repassava em sua mente mais uma vez a conversa que tiveram. Não sabia o que estava procurando. Ao mesmo tempo em que elas eram misteriosas, também eram muito claras. O problema era que ele não queria acreditar no óbvio.

Não suportarei te perder.

Essa verdade substituiu todas as outras frases em seu pensamento. Repetiu-as como se pudesse apagar todos seus temores e os últimos acontecimentos que ousaram criar um abismo entre ele e Tamires. Naquela sala, Gustavo sentiu como se um terremoto houvesse aberto um buraco entre eles e os obrigando a correr cada um para um lado.

Estavam em lados opostos a partir de agora. Gustavo queria saltar sobre esse abismo, confiante em uma força sobrenatural, mesmo que morresse tentando. Não conseguia aceitar esse veredito. Tinha que haver um jeito de transpor aquele buraco imenso entre eles. Tinha que reconquistar a confiança de Tamires.

E novamente a comichão. Havia algo mais nas entrelinhas. Alguma coisa que, talvez, lhe inspirasse a solução desse impasse. Qual foi o verdadeiro motivo que desencadeou a revolta de Tamires dessa vez? Gustavo repassou os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

A morte de Pedro Tosquini. Ela havia visto o noticiário pela manhã e saiu de casa desnorteada. Mas que ligação ela achava que tinha com o astrônomo? Gustavo sabia que ela esperava encontrá-lo, então, era compreensível que se abalasse com sua morte. Afinal, a pista que ele podia lhe indicar sobre a verdade foi enterrada junto com ele.

Gustavo sorriu. Recebera a notícia com grande alívio. Não sabia mais como conseguiria impedi-la de encontrá-lo na próxima semana. Sua morte foi providencial. Um golpe de sorte. Afinal, de que lado o destino estava?

Uma linha dividiu sua testa. Não podia evitar a preocupação. Sabia que era o único, nesse mundo, interessado na morte do astrônomo e a fatalidade de seu acidente deixava dúvidas de que pudesse ser obra de outro ser tão interessado quanto.

Não, não podia ser. Afastou a idéia. Afinal, se seu mestre tivesse vindo para esse lado, por que não o procuraria? E se não procurou, será que estaria vigiando? Acreditava que não. O mago não suportaria passar por aqui e não lhe dar um belo puxão de orelhas.

Sorriu com a lembrança. Gustavo não conseguia não associar a imagem do mestre com a de um pai, não, melhor, como a de um professor que ensina além da matéria, que também dá lições de vida. E a sua vida agora estava no caminho totalmente contrário a tudo que sempre lhe fora ensinado por ele.

Voltou aos seus pensamentos anteriores. Qual havia sido o acontecimento antes desse? Sim, Tamires havia dormido no sofá porque não encontrara a ametista. Ela acreditava que Gustavo havia sumido com ela.

Não que não lhe faltasse vontade. Sempre odiou a pedra. Com esse pensamento, uma luz se acendeu em sua cabeça. Sim, ali estava a resposta. Tinha que devolver a ametista para conseguir o perdão de Tamires. Sentiu seu organismo sair do torpor e ganhar vida com a injeção de adrenalina. Estava totalmente consciente agora de onde estava e do que deveria fazer.

Pegou as chaves do carro e sua carteira, e saiu porta a fora desvairado. Cruzou com Lívia na antessala, mas não respondeu quando ela perguntou onde estava indo. Gustavo estacionou em frente à joalheria onde costumava comprar as joias que presenteava Tamires. Entrou com urgência.

— Boa tarde, senhor do Valle. – foi prontamente recebido pelo atendente.

O senhor idoso estava acostumado com a presença do empresário em sua requintada loja. Sabia que ele tinha preferência em escolher pessoalmente os presentes que dava a sua mulher. Sorriu para o rosto sem expressão de Gustavo enquanto se aproximava.

— Boa tarde. O senhor fez o pingente da pedra lilás para minha mulher?

O homem transformou seu sorriso em uma carranca. Será que o empresário reclamaria do serviço?

— Sim, senhor. Houve algum problema com a peça?

Gustavo resolveu que a verdade não seria ruim.

— Minha esposa a perdeu e agora está inconsolável. Será que o senhor consegue fazer uma cópia exata dela para mim?

O suspiro de alívio do atendente não passou despercebido por Gustavo.

— Ah, sim, claro. Eu me preocupei em fazer uma fotografia dela. É para uma coleção particular.

Os olhos de Gustavo brilharam. Estava muito otimista.

— Que ótimo. E em quanto tempo fica pronto? A sua voz denotava toda sua ansiedade e o atendente resolveu confessar

— Bem, na verdade, eu já fiz uma cópia. – o rosto de Gustavo denunciou seu espanto e por isso o velho se apressou em explicar – É que a pedra era tão doce, transmitia uma sensação tão boa, que eu quis fazer uma cópia para mim. Não queria me separar dela. – estava envergonhado – Eu entendo o que sua esposa deve estar sentindo agora.

Gustavo apenas sorriu em resposta. Realmente o destino estava colaborando com ele. *Obrigado*.

— Tudo bem, não tem problema, mas o senhor não se importaria de vendê-la para mim? Eu não me importo que faça outra cópia depois.

O vendedor ficou satisfeito novamente.

— Ah, claro! Não tem problema. Foi até o fundo e voltou com a joia falsa. Entregou-a. — Não se preocupe em me pagar. Fica como um presente meu para o senhor.

Sei que agradar uma esposa nem sempre é tarefa fácil. Gustavo não discutiu. Tinha pressa em resolver esse impasse. Afinal aquela peça não valia nada mesmo.

— Obrigado.

De volta ao carro, Gustavo não podia conter sua alegria. Estava tudo correndo tão bem que ele se convenceu de que Tamires não seria tão difícil e, ao final, o perdoaria. Na cobertura, a primeira decepção.

— Ela não está, senhor. – informou a babá.

A cara suspeita de Maria não o agradou. Ela estava constrangida demais. Do que ela sabia?

— Onde ela foi, Maria?

Gustavo viu a corpulenta senhora estremecer antes de responder.

— Ela foi para o apartamento de Carolina. – já estava se virando para sair quando a babá prosseguiu – Ela me pediu para ficar esta noite com Sofia.

Gustavo estacou. Voltou-se para a mulher sem se preocupar em maquiar sua expressão de espanto.

— Por quê? – foi a única coisa que sua boca conseguiu pronunciar, mas ele já sabia a resposta.

— Ela disse que vem ficar com Sofia amanhã cedo e que poderei tirar o dia de folga. Estava claro como cristal, mas Gustavo queria ouvir com todas as letras. Esperou.

— Ela levou todas as suas coisas.

Tamires o havia deixado. Realmente nunca acreditou que isso pudesse acontecer de fato. Ela nunca havia saído de casa antes. Isso realmente significava que estava decidida e contando com seu autocontrole de mais cedo, ele não podia mesmo duvidar de que ela seria capaz disso, dessa vez.

Gustavo não quis conferir o quarto. Sabia o quanto ele deveria estar abandonado sem os pertences dela espalhados por lá. Seria desolador ver o vazio, literal, no cômodo e nos móveis. Teria que trazê-la de volta ainda hoje. Não sabia o que seria dele sem ela. Sem sua presença arrebatadora. Sem seu espírito apaixonante.

Virou-se sem dizer mais nada e dirigiu direto para o apartamento de Carolina. Sua arma secreta era sua última esperança. Se não desse certo, não saberia mais o que fazer para conseguir seu perdão. Mas pensaria em outra saída, caso acontecesse. Agora era hora de acreditar na ametista, mesmo sendo de vidro.

Talvez Tamires nem percebesse a diferença e ficasse tão feliz em tê-la de volta que pularia em seu colo no mesmo instante. Esse pensamento fez um sorriso brotar em seu rosto severo. Desceu do carro tão depressa que em dois passos estava na portaria.

— Boa noite, em que posso ajudá-lo?

— Por favor, gostaria de falar com Tamires. Ela está no apartamento de Carolina.

— Quem eu anuncio?

— Gustavo do Valle.

O porteiro interfonou. Gustavo ficou com o olhar preso no rosto do homem. Ele não demonstrava nenhum traço de reconhecimento. Talvez fosse uma dessas pessoas ignorantes que não sabiam nada sobre os grandes nomes da sociedade, mas isso o intrigou porque não estava acostumado a passar despercebido. O homem recolocou o aparelho no gancho antes de responder.

— Ela não quer recebê-lo.

Gustavo ficou chocado. Como ela poderia fazê-lo passar por isso?

— Senhor, ligue de novo e diga que eu estou com a ametista, por favor.

O homem era muito profissional. Gustavo estava surpreso. Sua expressão permaneceu tão impassível quanto antes. Ele fez o que o empresário pediu. Desligou novamente.

— Ela está descendo.

Conversar com Tamires na calçada seria constrangedor, mas que escolha tinha? Se quisesse reconquistá-la, teria que jogar conforme ela desejava. Avistou-a através da grade e para piorar um pouco a situação, ela não pediu para que o porteiro abrisse o portão.

— Tomara que não esteja mentindo para mim só para me fazer descer. – foi sua recepção.

O olhar de Tamires estava vazio. Seu rosto estava muito pálido e seus olhos muito brilhantes. Havia algo diferente nela.

— Por favor, podemos conversar em particular?

Tamires fechou a cara.

— Não. Se você veio me entregar a ametista, então entregue logo. – sua voz estava dura e fria.

Gustavo a tirou do bolso do paletó e passou o pingente pela grade. Tamires a pegou com alívio e satisfação. Ficou contemplando a pedra, esperando. Um vinco se formou em sua testa. Gustavo resolveu falar antes que ela fizesse alguma pergunta.

— Você não pode dormir aí, Tamires. Precisa voltar para casa.

Tamires ainda encarava a ametista quando respondeu.

— Não. – seus pensamentos pareciam distantes – Já decidi.

— Mas eu já devolvi a pedra, por que ainda quer ficar?

Ela o encarou com um olhar frio. Gustavo sentiu um arrepio lhe correr pela espinha.

— Devolvê-la era sua obrigação! – o empresário ficou preso naquele olhar que não lhe dizia mais nada – Você já fez sua escolha e eu a minha, Gustavo.

Tamires se virou e se afastou em passos lentos, apertando a pedra na mão. Gustavo segurou a grade enquanto a assistia partir, mas não estava disposto a fazer uma cena. Não em

público. O abismo que outrora havia imaginado rompeu com espantosa magnitude se tornando um gigante intransponível. *O que será de mim agora?* Enquanto via seus cabelos de fogo sumirem, seu celular tocou. Conferiu a bina.

— Alexandre! – atendeu.

Gustavo ficou visivelmente feliz por receber esse telefone agora. *Destino*.

— O que foi, Gustavo? Não gostei do tom de sua voz. Aconteceu alguma coisa?

O empresário caminhou de volta para o carro. Pelo menos lá teria mais privacidade.

— Sim, aconteceu. – Alexandre sentiu o corpo gelar enquanto aguardava o ir mão finalizar a frase – Tamires saiu de casa.

O silêncio do outro lado da linha fez com que Gustavo pensasse que o caçula estava em choque.

— É, eu sei. – continuou – Eu também não acreditava que ela fosse capaz disso. Ainda mais depois de nossa reconciliação. Alexandre procurava a própria voz. Sua cabeça trabalhava ferozmente.

— Mas o que houve? – sua pergunta foi feita pausadamente, medindo as palavras.

— É uma longa história, Alexandre. – pausou. Não estava disposto a confessar os pormenores de sua desavença – Ela está aqui no apartamento de Carolina agora.

Alexandre engoliu em seco. *No apartamento de Carolina*. Seus pensamentos travaram um conflito intenso. Tentou focar no que Gustavo dizia.

— Estou aqui em frente. Tentei convencê-la, mas ela está irredutível. Os olhos de Alexandre brilharam. Só havia uma pergunta a fazer agora.

— Ah, e você acha que é definitivo desta vez?

Gustavo pesou as palavras do irmão antes de responder. Estava na cara que Alexandre também não esperava que fosse permanente.

— Eu sinceramente não sei, mas é a primeira vez que ela sai de casa. Eu não sei o que esperar.

Alexandre se desligou. Seus pensamentos se misturaram. Intimamente, ficou feliz com a notícia, mas sua razão começou a lutar contra aquele sentimento imediatamente. A voz do irmão mais velho entrou em foco novamente.

— Não vou desistir assim tão fácil. – a voz de Gustavo estava dura – A guerra está apenas começando e esta é apenas a primeira batalha que eu perco.

Mas foi Alexandre que, contrariadamente, sorriu do outro lado da linha, invisível para Gustavo.

APROXIMAÇÃO

O pequeno apartamento de Carolina era decorado com poucos móveis, estritamente o essencial para quem vive sozinha. A sala de praticamente cinco metros de comprimento era composta por um pequeno sofá bege de três lugares, sua aparência desbotada contrastava com as almofadas mostarda de listras pretas. A televisão de vinte polegadas antiga repousava sobre uma pequena rack na parede oposta ao sofá.

Um pequeno móvel separava o que seria a sala de estar da sala de jantar, onde havia apenas uma pequena mesa redonda de quatro lugares com tampo de mármore e pés pintados de branco. Todo o cômodo era iluminado por uma sacada estreita de quase um metro de largura. Pouca decoração alegrava o ambiente. A maioria eram lembretes de viagens que Carolina nunca fez. Lembranças recebidas de Tamires.

Carolina nunca se preocupou com porta-retratos. O único e tímido objeto retangular ficava escondido em um canto da rack e revelava um dos poucos momentos felizes que viveu ao lado de sua única e melhor amiga. Era a fotografia que mais amava. Olhava para ela muitas vezes, em seus momentos de solidão, com lágrimas saudosas.

Lençóis e travesseiros estavam dobrados sobre o sofá. Enquanto Carolina os esticava, a porta de entrada do apartamento se abriu. Seus olhos se voltaram imediatamente para a direção do ranger da dobradiça. Tamires se encostou à porta fechada atrás de si. Seus olhos estavam presos em um objeto em suas mãos. Continuavam muito tristes e isso feriu o coração de Carolina profundamente.

Caminhou bem devagar até a absorta Tamires. Seu olhar não desviava de suas próprias mãos. A preocupação atormentou de novo Carol. Daria tudo para poder ajudá-la de alguma forma. Daria tudo para pelo menos saber o que exatamente estava acontecendo.

Pela primeira vez, sua melhor amiga não conseguia expressar seus sentimentos e tormentos, mas sabia que não podia pressioná-la. Tinha que esperar que estivesse pronta. Mas era tão difícil. Meu Deus, como era difícil ficar às cegas daquele jeito.

A aproximação da amiga não pareceu ser percebida por Tamires. Seus olhos estavam estranhamente secos apesar de ainda estarem vermelhos pelo pranto recente. Em poucos passos, o objeto entrou no campo de visão de Carolina que a reconheceu imediatamente.

— A ametista.

Carolina não pode evitar o sussurro. Sempre soube da importância dessa pedra na vida de Tamires, das sensações que a assaltavam quando estava com ela, apesar de nunca entender

totalmente por quê. Finalmente a amiga pareceu se lembrar de que tinha mais alguém na sala.

— É. – foi sua única e vaga resposta.

Tamires apertou fortemente a pedra na mão e fechou os olhos. Sua boca se contorceu em angústia. Carolina esperou enquanto observava o rosto da amiga. Procurou palavras, frases, letras que pudessem traduzir o que sentia e confortar seu coração. Não encontrou nada.

De repente, Tamires abriu os olhos. Havia um brilho estranho neles. Nunca havia visto ele ali antes. Era a expressão de dor mais intensa que já assistiu.

— Eu não sinto nada. – seus lábios se moveram praticamente sem som. Se Carolina não estivesse tão perto, não teria ouvido. Ficou ainda mais confusa.

— O que você deveria sentir?

Tamires estava lutando para ser forte, era visível. Mas ela permaneceu em pé, se segurando sabe-se lá em quê. Carolina estava desorientada.

— A ametista não está me tranquilizando. Não está me confortando nem transmitindo seu calor. – fez uma pausa, seus lábios se contorcendo novamente – Ela me abandonou.

Carolina precisava fazer alguma coisa antes que Tamires entrasse em colapso. Agarrou as mãos da amiga, tentando passar força através de sua pele.

— Calma, Tamires. Vai ficar tudo bem. Tamires balançou a cabeça negativamente bem devagar, porém insistentemente.

— A minha esperança acabou. Morreu...

Sua voz sumiu novamente, mas seus olhos trêmulos não se separavam de Carolina. A amiga resolveu fazê-la se sentar no sofá antes que caísse. Quando sentaram, apenas a abraçou por alguns instantes. Precisava dizer a coisa certa, mas ela nem sabia o que estava acontecendo. Isso era injusto. Estava incapacitada.

Tamires se deixou guiar. Ela não soluçava nem falou nada. Sua mente devia estar a um milhão. Seu coração sangrava violentamente, mas Carolina não podia saber. Não estava na pele dela. Não sabia o que era perder quem se amava. Só sabia o que era não ter quem se amava. Carolina decidiu tatear às cegas.

— Eu estou aqui. Eu posso te ajudar.

Tamires se afastou da amiga de supetão. Encarou-a bem nos olhos.

— Você não entende, Carol! A única pessoa que podia me ajudar está morta!

Agora havia terror em seus olhos. Carolina ficou apavorada também. Tamires estaria em perigo? *Tomara que não, por favor*.

— O quê? – balbuciou – Quem?

Tamires suspirou profundamente. Teria que começar a falar.

— O astrônomo Pedro Tosquini. Carolina piscou os olhos tentando entender.

— O que tem o cara do alinhamento? Você o conhecia?

Tamires balançou a cabeça. Um sorriso triste nos lábios.

— Não, mas eu pretendia conhecê-lo e também tinha esperanças de que ele pudesse me dar algumas repostas, já que Gustavo não colabora.

— Agora estou totalmente perdida. – choramingou Carolina.

Tamires se levantou e começou a andar de um lado para o outro do pequeno ambiente e as palavras foram saindo de uma só vez.

— Eu tinha esperanças de que ele pudesse me explicar por que essa pedra acende e me acalma. Por que eu vi o rosto de minha mãe embaixo da água do Iguaçu naquela noite trágica. Por que eu consigo ler a alma das pessoas através de seus olhos. Por que eu tenho poder de controlar os elementos. Por que meu marido está escondendo alguma coisa de mim. Por que eu não me lembro da minha origem. – parando em frente à amiga, finalizou – E por que eu?

Carolina ficou em choque. As palavras da amiga ficaram rodando em sua cabeça sem nexo algum. Ela precisava absorvê-las. Compreender que sentido tinham antes de responder. Apesar de não entender nada do que ela havia dito, sabia que alguma coisa especial estava acontecendo com Tamires e agora se lembrava do que ela havia lhe dito anteriormente.

— Mágica! – Carolina exclamou de repente.

Tamires piscou, esperando que ela se explicasse apesar de que ela mesma tinha muito mais a explicar.

— Magia. – Carolina se ergueu em um pulo – Tamires, a gente ouve falar disso o tempo todo, mas a gente nunca acreditou que poderia mesmo existir. Eu sem-re soube que existia. Claro que somente algumas pessoas são escolhidas. Ou possuem sensibilidade para entendê-la ou percebê-la.

Tamires ficou com a boca aberta paralisada. Carolina pegou sua cabeça entre as mãos.

— Tamires, você não vê? Faz todo o sentido agora. A pedra, os astros, os elementos, os signos. Todo mundo que já se interessou um pouco pelo zodíaco sabe que tudo está intimamente ligado.

Tamires piscou ainda incapaz de falar.

— É claro que não sei te explicar por quê. Talvez o alinhamento tenha despertado algum poder da pedra e dentro de você. Um poder que nasceu com você. Talvez você tenha sido escolhida pelos astros e tenha um papel importante a desempenhar.

Agora era Carolina que estava andando como que enjaulada.

— Está tudo tão claro como água. A Era de Aquário. Alguma coisa grande está por vir e você foi escolhida para participar ativamente. Que privilégio!

— Não, não e não, Carol. Tudo bem, eu já li sobre isso, mas você não está sendo

racional. O que está querendo dizer, que eu sou uma guardiã da natureza? Que pedras mágicas e astros me deram poderes sobrenaturais?

Carolina a encarou brava.

— Tamires, você é a escolhida. Você é a guardiã. A sua pedra pode te transmitir poderes e os astros também podem fazer seus próprios poderes se manifestarem. – Carolina se aproximou da amiga de novo tomando sua face entre as mãos – Você não vê, Tamires? Você provavelmente devia ter sido preparada para este momento, mas alguma coisa em seu passado, que foi apagado, a impediu de estar próxima daqueles que te dariam as orientações. Você nasceu para viver esta passagem e alguém provavelmente está impedindo seu conhecimento há muito tempo.

Destino. A palavra estava novamente assombrando a vida de Tamires.

— Tudo que você disse faz horrivelmente sentido se levarmos em conta que tudo o que eu te contei é verdade. Saindo pela sua boca, não parece insanidade. Mas em minha mente, não consigo fazer a ligação. – Tamires suspirou – Já decidi que não vou mais fugir disso. Afinal, eu não estou louca. Isso é totalmente real. Foi por isso que eu larguei Gustavo. Ele queria que eu fingisse que não estava acontecendo nada e queria que eu continuasse vivendo normalmente.

— Claro, claro. A gente não entende. Não aprendemos nada sobre isso, mas é a única explicação que eu encontro. E vamos encontrar um jeito ou o próprio universo se encarregará disso. Gustavo não poderá nos impedir. Estarei ao seu lado, amiga.

Um sorriso ameaçou surgir no rosto de Tamires.

— Tenho medo, Carol. Algo me diz que Pedro Tosquini foi apagado porque contaria a verdade para o mundo ou poderia contar a verdade para mim. E o sumiço da pedra também foi estranho. Parece que tem alguém tentando impedir. E tenho minhas dúvidas que meu próprio marido esteja envolvido nisso. Agora que você também sabe, tenho medo por sua segurança.

Carolina sorriu de volta.

— A gente sempre tem medo do desconhecido, mas eu tenho coragem. E você também precisa ter. Vamos acreditar e deixar o universo nos guiar.

Tamires resolveu confessar tudo para Carolina. Ambas se sentaram no sofá e foram dividindo seus parcos conhecimentos a respeito de astrologia. Ao final da conversa, não havia evoluído muito em suas conclusões, mas agora estavam mais unidas do que nunca seguindo um mesmo caminho e um mesmo alvo. *A verdade*.

— Afinal, Tamires, não há apenas um astrônomo no mundo.

Tamires sorriu abertamente agora. A busca por essa verdade inimaginável em sua vida teve o poder de abrandar a força da dor que corroía seu peito e amargava sua boca. Gustavo passou a ficar trancado, a sete chaves, em um baú no fundo de seu coração. Não sabia se devia

guardar a chave ou jogá-la fora. Decidiria isso depois que tivesse todas as respostas.

***

Um impasse. Não sabia o que estava fazendo parado em frente ao apartamento de Carolina. Estava dividido entre a razão e a emoção. Queria entrar e consolar Tamires, mas sua mente lutava freneticamente contra esse desejo. Nunca em toda sua vida tinha se deixado levar antes. A razão sempre fora sua aliada desde quando ainda era muito pequeno. Era seu escudo contra a dor. E ele ainda se lembrava da última dor que feriu seu coração, despedaçando-o para sempre. Acreditava que ele estivesse morto agora. Não pensava que pudesse amar novamente.

Havia algo forte palpitando em seu peito contrariando-o enquanto segurava firmemente o volante de seu carro. A emoção o havia levado até ali, mas a mente não permitia que suas pernas e mãos se movessem para fora.

Há vários minutos estava sentado ali, mas não sabia quantos. As palmas de suas mãos estavam vermelhas pela força que exercia contra o couro duro. Ardia. Mas a guerra travada dentro de si mesmo ganhava toda sua atenção no momento.

Nem percebeu que o porteiro do prédio começava a ficar impaciente e até preocupado. Os vidros negros do carro não o deixavam ver quem estava lá dentro e era seu dever prezar pela segurança dos moradores. Saiu de seu posto, escondendo atrás de si um objeto para se defender, se fosse o caso. Bateu no vidro do carro, sobressaltando o motorista.

— Olá. Pode baixar o vidro, por favor?

Obedecendo percebeu que suas mãos tremiam.

— O que o senhor quer? – sua voz grave perguntou de dentro do carro.

As palavras rudes afastaram o porteiro instintivamente. Seus olhos ainda estavam se adaptando à escuridão e tentavam ver o rosto do rapaz no automóvel.

— Eu é que pergunto, senhor. Faz meia hora que está parado em frente ao meu prédio. Está esperando alguém? Está perdido?

Toda a luta que travara até então, dissipou-se. Todo seu autocontrole se foi. Seu coração tomou conta total da situação. Estava vulnerável e sabia que se odiaria depois do que diria agora.

— Sim, na verdade, eu queria saber se Tamires está no apartamento de Carolina.

Finalmente, o porteiro conseguiu reconhecer seu rosto. Não sabia o nome dele, mas já o havia visto por ali várias vezes e sempre procurando por Carolina.

— Ah, sim, ela está lá em cima. Acho que vai passar uns dias. Trouxe malas.

O motorista torceu o volante do carro sem saber o que fazer.

— Se o senhor queria falar com ela, por que não me pediu?

Com um sorriso sem graça se viu sem saída.

— Fiquei esperando que talvez ela saísse.

— Ah, tudo bem. Eu vou avisar que está aqui.

Antes que pudesse impedi-lo, o porteiro já tinha se virado e se afastado. Viu horrorizado quando ele pegou o interfone do gancho e seus lábios se moveram. Não podia entender o que dizia. Seu coração, traidor, se regozijava. Sua mente havia perdido essa. Sem escolha, saiu do carro e se aproximou da portaria.

Já estava tarde. Nem havia percebido que o tempo passara tão rápido. De repente, não sabia mais o que dizer a Tamires. E Carolina? O que acharia de sua presença em seu apartamento àquela hora? Não queria pensar mais. Já havia cometido o maior erro do qual se arrependeria o resto de sua vida.

— O senhor pode subir.

Arrastou-se pelo *hall* do edifício e apertou o botão do elevador. Tentava controlar a ansiedade em seu peito para que a razão pudesse ajudá-lo a sair dessa enrascada. Esperava que alguma coisa acontecesse. Talvez o elevador parasse de funcionar. A energia fosse cortada. O prédio fosse invadido. Qualquer coisa que o impedisse de entrar naquele apartamento agora.

Contrariando a todos seus desejos mais íntimos, o elevador parou no andar certo sem nenhuma interrupção. Quando as portas de aço se abriram, ele ficou parado por alguns segundos, grudado no lugar, mas quando as portas se moveram automaticamente, saltou colocando as mãos entre elas para impedi-las de se fecharem.

Caminhou a passos de tartarugas até a porta do apartamento de Carolina. Estacou a alguns metros dela ainda indeciso. Tocar a campainha ou fugir? Odiava se ver como um covarde, mas fugir não seria covardia e sim sensatez nesse caso.

Enquanto se decidia, a porta se abriu abruptamente. Tamires ficou parada segurando a maçaneta. Seus olhos claros presos em seu rosto. Ele ficou paralisado pelo susto e amarrado por sua beleza. Tamires estava abatida, via-se nitidamente. Mas ainda era linda. Tão linda como nunca havia notado antes. Em lugar algum. Sua beleza feria seus olhos, descompassava seu coração, enfraquecia suas pernas e apagava o último resquício de sua razão.

Um sorriso se materializou nos lábios mais doces que já vira na vida. Ela caminhou até ele. Um caminhar leve, gracioso e sensual. Todo seu corpo balançando ao ritmo de seus passos. Seus cabelos compridos agitados como fogo pela brisa que invadia o corredor.

O perfume o alcançou antes que ela o tocasse. E quando ela o fez, foi de uma intensidade que o aqueceu. Tamires simplesmente o abraçou forte. Seus rostos colados. Seus cabelos esconderam parte de suas feições. Seus braços passavam por seu pescoço e toda a parte da frente de seu corpo se aderiu ao dele como velcro, encaixando-se perfeitamente.

Fechou os olhos aspirando e memorizando seu cheiro e envolveu sua cintura com os braços, prendendo-a o mais firme que podia. Ficaram por vários minutos desse jeito antes que ela quebrasse o silêncio. O som de sua voz soou como música aos seus ouvidos.

— Ao mesmo tempo em que você se parece com *ele* fisicamente, não vejo semelhança nenhuma em seus olhos.

Ele se sentiu invadido. O que ela havia visto em sua alma? Ela continuou.

— Eu não consigo mais confiar *nele*, mas em você, eu sinto que posso.

Ele sorriu. O destino estava ao seu lado. Afastou-se dela e a olhou bem nos olhos.

— Fico feliz pela confiança, mas fico triste com o que aconteceu. Pelo que conheço do meu teimoso irmão mais velho, ele aprontou mais alguma coisa com você. Estou certo?

Tamires deu um sorriso torto lindo e balançou positivamente a cabeça.

— Ele sumiu com a ametista e depois me devolveu.

A ametista. Ele também conhecia a história dessa pedra.

— Sei. E por que ele faria isso?

Tamires deu de ombros. O gesto o distraiu mais do que devia. Ela não parecia sofrer mais. Só quando olhava em seus olhos podia ver o brilho da dor escondida ali.

— Não sei, mas agora isso não importa mais.

Engoliu em seco de novo. Seu coração acelerou novamente. Odiou a reação achando-se bobo.

— Isso significa o que, exatamente? Tamires pareceu desconfiada. — Você não veio intervir por ele, não é?

Apressou-se em afastar esse pensamento. Os braços erguidos na defensiva.

— De jeito nenhum.

Tamires voltou a sorrir lindamente.

— Não vou pensar nisso agora. Tenho outras prioridades no momento. E, enquanto decido, ficarei o mais longe que puder. Refreou o sorriso que ameaçou estampar em seu rosto. Seria cara de pau demais demonstrar algum tipo de felicidade. Estava lutando contra sua razão ainda. Precisava se livrar disso antes que esse sentimento o dominasse.

— Eu entendo. – a olhou bem nos olhos tentando traduzi-los, mas ainda meio às cegas resolveu que faria a única oferta que podia – Se precisar de alguma coisa, gostaria que soubesse que estou aqui.

Tamires ficou espantada, apesar dela mesma ter demonstrado um carinho maior do que já tiveram um com o outro anteriormente. Ele segurou a expressão para encorajá-la.

— Obrigada. – conseguiu balbuciar.

Ficaram em silêncio novamente, olhando-se intensamente nos olhos. Estava lutando de novo. O desejo de beijá-la estava palpitando em sua língua. Quase podia imaginar o gosto de sua boca. Seus olhos se voltaram para os lábios dela. A imaginação corria solta agora. Ele havia aberto uma comporta impossível de represar.

Deu um passo a frente e estacou. *O que estou fazendo? Isso não está certo. Ela é mulher do meu irmão. E é claro que ela ainda o ama*. Mas suas pernas tinham vontade própria. Mais um passo curto. *Por que ela não foge? Por que não corre de mim? Será que estou conseguindo disfarçar minha expressão? Ela parece presa em meus olhos. Ah, como no jardim dos Bittencourt*. Suas mãos estavam erguendo, lentamente, em direção ao seu rosto macio, sem que percebesse a ação. Suspirou. Nada poderia detê-lo agora. Nem mesmo sua dominadora razão.

Nesse momento, Carolina apareceu atrás de Tamires. O rosto dela se iluminou por apenas um segundo. O suficiente para paralisá-lo.

— Alexandre! – sua voz denunciava que havia entendido o que estava prestes a acontecer.

***

Ah, Meu Deus! Por que não consigo me mexer? Por que ainda estou aqui parada mesmo sabendo o que está em sua alma? Desejo. *Sim, eu podia ver que ele me desejava ardentemente. Ah, esse olhar é muito parecido... Pare, Tamires, você precisa esquecer.*

Mas o sorriso não me abandonava. Estranho, a lembrança dele não me causava dor agora. Afinal aquele rosto e aqueles olhos não eram de Gustavo. Eram de Alexandre.

Uau, eu nunca havia prestado atenção neles antes. Tão intensos. Tão confusos. E pouco reveladores. Um mistério divertido e atraente. Sua altura assustadora, seus músculos chamativos, sua voz rouca e penetrante.

Um arrepio me passou pela extensão da espinha. Eu sabia o que ele estava prestes a fazer e ainda assim não conseguia me mover. Deus do Céu! Alexandre também! O que essa família tinha que me amarrava desta forma? Afastar-me de Gustavo abriu uma janela para o irmão. Eu podia ver agora. E eu estava adorando espiar por ela.

A voz de Carolina me tirou do transe. Pisquei os olhos e percebi que nossa conexão se desfez como fumaça. Eu teria que me vigiar melhor quando estivesse sozinha com Alexandre a partir de agora.

O que estou pensando? Em continuar com essa insanidade? Onde estou com a cabeça? *Mas era fato. Eu estava substituindo Gustavo, e minha dor, por uma dose diferente dele. Seu irmão caçula seria meu antídoto e minha droga. Eu podia alimentar meu vício dele e ainda assim manter a dor trancada. Essa escolha foi feita no segundo em que eu o vi parado diante da porta. E não haveria mais volta. Eu estava fadada a essa sina infeliz e ao mesmo tempo prazerosa.*

Mas até que ponto eu me permitiria chegar? Se Carolina não tivesse interrompido, eu teria pulado a janela e me permitido provar desse desejo? Um desejo que, lá no meu íntimo, eu sabia e não podia me esquecer, não me pertencia de verdade? Era apenas uma ilusão. Muito doce, quase real. Mas ainda assim não era verdade.

Alexandre não era uma versão melhorada ou verdadeira de Gustavo. Porém eu queria me apegar a essa falsa realidade que me foi apresentada, me iludir, ser feliz por alguns instantes, e depois voltar à vida real.

E como seria depois que essa ilusão se dissipasse para sempre? Porque eu sabia que Alexandre iria embora mais cedo ou mais tarde e talvez não voltasse mais. O que seria de mim sem minha droga? Entraria em crise de abstinência? Perderia o real motivo pelo qual o havia usado?

Que egoísta! Eu estava querendo passar por cima dos sentimentos de duas pessoas inocentes para aliviar minha dor. Eu olhei no fundo dos olhos de Carolina e vi a tradução de meus pensamentos neles. Eu não podia me sentir mais infeliz naquele momento. Eu estava estragando tudo de novo. Então só havia uma coisa a fazer agora.

— Obrigada pela sua preocupação, Alexandre, mas não acredito que eu vá precisar de alguma coisa. Carolina está me dando todo o apoio. Agora só preciso seguir minha vida e deixar Gustavo em último plano. Vai ficar tudo bem, tenho certeza disso. Mesmo assim, obrigada por vir. Tenha uma boa noite.

Sem dar tempo para sua resposta me virei e entrei no apartamento. Foi muito grosseiro de minha parte, mas era a única forma de consertar as coisas. Não ouvi o que Alexandre e Carolina balbuciaram na porta. Eu estava horrivelmente envergonhada. Afundei minha cabeça no travesseiro e me cobri totalmente com os lençóis.

Carolina passou por mim sem dizer palavra. Seus passos morreram no fundo do curto corredor. Depois que a porta se fechou, Carol soluçou baixinho e eu queria ser capaz de chorar novamente. Não por mim agora nem por Gustavo, mas por minha amiga. Eu não podia dizer mais nada. Não podia fazer mais nada.

SOLIDÃO

Vazio. O peito. A cama. O quarto. A cozinha. A vida. Desde que conhecera o amor e a companheira que preencheu esse vazio, um buraco que não sabia que existia dentro de si mesmo, Gustavo do Valle nunca mais se sentiu assim.

Hoje era a primeira vez.

O tempo parecia parado. O ar não se movia. As paredes se pressionavam sobre ele. Respirar era tão automático quanto estar ausente em uma importante reunião da diretoria. As vozes estavam no mudo. Gustavo mal percebia que os lábios se moviam.

Seus olhos estavam presos nos papéis a sua frente, mas não enxergava nada. Eram folhas em branco como aquele momento em sua vida. Vazias. As palavras não faziam sentido nem mesmo em sua mente sempre tão clara.

Palavras. Significados. Explicações. Não tinha nada. Tudo era um borrão. Sua vida, a partir do momento em que viu Tamires pela primeira vez, passava por sua mente como um filme no botão avançar. Tão rápido quanto assistiu, acabou.

A cena final de sua história fora na noite passada. Os olhos distantes de Tamires evitando enxergar sua alma. As palavras secas, triturando seu coração em pedaços. O adeus acabando com toda esperança de retomar sua vida de onde havia parado.

Era o fim. Abrupto, porém definitivo. Por que o destino permitira esse amor se um dia pretendia arrancá-lo de seu peito à força? *Por que me permiti viver este amor se eu sabia que teria que lutar para não perdê-lo pelo resto de minha vida?* E sua luta havia sido vã.

Ergueu os olhos dos papéis. Encontrou um olhar fixo nele do outro lado da mesa. Manteve a conexão por alguns instantes. Momentos suficientes para perceber que Carolina compartilhava de sua dor.

Abaixou os olhos novamente. Isso não era justo. Nem sofrer sozinho ele podia? Aquela mulher tinha que conhecer sua dor? Ela tinha que trabalhar no mesmo lugar que ele? Tinha que ser a melhor amiga de Tamires?

Já não bastava tentar fugir das lembranças em casa e no refúgio de seu escritório tinha que encontrar com aquele olhar compreensivo? Ele não queria compaixão. Ele queria que Tamires voltasse para casa.

Fizera tantas coisas para evitar que ela soubesse e, no entanto, agora se sentia vazio de opções. Tinha dado a cartada que acreditava ser a única capaz de demover sua determinação, mas a falsa ametista não causou o efeito desejado.

Usar Sofia novamente podia afastá-la de vez. Ao pensar em sua filha, uma luz se acendeu dentro dele. *Mas é claro, Tamires não vai deixá-la. Deve aparecer para vê-la e então terei a chance que preciso*.

Talvez um tempo fosse importante para que ela sentisse sua falta, de seu lar e de seu amor. Tentava se convencer a esperar mas estava difícil demais. A incerteza de seu próximo passo o deixava ansioso para que conseguisse a paciência desejada.

Precisava vê-la de novo ainda hoje. Precisava ouvir sua voz. Precisava olhar seus lindos olhos. Precisava ter esperança de tocar seus lábios novamente. Sua boca estava sentindo falta de seu sabor. Não queria esquecê-lo.

Pela primeira vez em anos almoçaria em casa. Queria pegá-la de surpresa para que não pudesse fugir dele. Com certeza ela iria até lá para ver Sofia enquanto ele estivesse fora. Tamires nunca negligenciaria a filha.

A movimentação na sala mudou. Parecia que todo mundo estava se levantando. Gustavo ergueu a cabeça novamente e se deparou com os olhos piedosos de Carolina. Aquilo o estava irritando profundamente. Manteve seu olhar o mais duro que pode tentando comunicar seus sentimentos antipáticos.

Mas a mulher era ousada. Sustentou o olhar e permaneceu sentada enquanto todos cruzavam a porta para sair da sala. Temendo ficar sozinho com ela, ergueu-se e seguiu a última pessoa. Mal se virou e sentiu uma mão em seu ombro. Voltou-se para encará-la.

— Eu sinto muito, Gustavo.

Estreitando os olhos, manteve a serenidade para não perder a educação.

— Não se preocupe comigo, Carolina.

Os olhos dela o vasculharam. Ele sabia que ela não possuía nenhum dom especial, mas tinha uma sensibilidade fora do normal para um ser humano comum.

— Eu quero que saiba que torço por vocês. Ainda acredito no amor que construíram. Eu sei que é verdadeiro.

O que ela achava que sabia? *Ai, meu Deus! Essa mulher quer acabar com minha paz*. Engoliu em seco para recompor a voz.

— Obrigado – e se virou para sair da sala.

— Gustavo, só mais uma coisa.

Ele estacou trêmulo de irritação. *Dá para você parar se meter na minha vida, garota?* Ficou de frente para ela novamente sem dizer nada com cara de poucos amigos.

— Você sabe que está em suas mãos acabar com essa separação. – seus olhos o espreitaram – Diga a Tamires o que sabe e tudo ficará bem.

Ela realmente tem certeza do que sabe. O que Tamires disse a ela? Será que contou todos

os segredos? A coisa está bem pior do que eu imaginava. Está totalmente fora de controle. Uma humana comum não entende quem somos.

— Quem você pensa que é, Carolina, para me dar conselhos? – se aproximou dela ameaçadoramente, mas ela permaneceu impassível – Eu sei muito bem cuidar da minha vida e da minha mulher.

Dizendo isso, deu a conversa por encerrada e se virou ainda mais apressado para sair da sala de reunião.

— Será mesmo, Gustavo? Se você realmente sabe como cuidar de sua vida e de sua mulher, por que será que ela não quer mais falar com você? Por que será que ela se enfiou no meu minúsculo apartamento para ficar longe de você?

Gustavo parou na porta vermelho. Respondeu enfurecido.

— Cala a boca, Carolina, e não se meta mais em nossa vida.

— Gustavo, preste atenção no que você está dizendo. Tamires é minha melhor amiga desde que nos conhecemos por gente. Eu a conheço muito melhor do que você pensa que conhece. Eu estou na vida dela muito antes de você. Pode ter certeza que eu me importo muito com o que está acontecendo. E ela confia em mim, tanto que o primeiro lugar que ela procurou foi a minha casa. Então não me diga para não me meter. Eu respeito sua dor e suas decisões, assim como as dela. Porém, não suporto vê-los sofrendo sabendo que vocês se amam de verdade e que só depende de você deixar de ser orgulhoso para que esse amor não se perca para sempre.

Carolina caminhou até ele com firmeza. Ela era mais forte e corajosa do que ele imaginara. Devia ser porque a única família que ela tinha estava sofrendo. Ela não pretendia ficar de braços cruzados assistindo aquilo.

— Entenda, Gustavo, eu acredito no amor de vocês mesmo que tenham cometido erros. Este amor com certeza é capaz de superá-los e continuar intacto. Você também precisa acreditar nisso e fazer a única escolha que vai fortalecer o amor de vocês para sempre. – disse as últimas palavras pausadamente – Diga a verdade a ela.

O destino estava usando uma porta-voz. Carolina estava possuída e o estava torturando. *Não, eu não posso. Por que ninguém entende isso? É muito fácil me julgar.*

— Carolina, se estivesse no meu lugar e soubesse de algo tão terrível e vergonhoso que teria certeza que Tamires jamais te perdoaria, mesmo assim você contaria isso a ela?

Carolina respirou profundamente, varrendo-o por dentro. Assistindo seus pavores.

— Infelizmente não estou em sua pele. Não posso responder a esta pergunta. Só estou te dizendo que acredito que esta seja a única saída para você agora. Afinal de contas, talvez você já a tenha perdido.

Gustavo ficou paralisado olhando o vazio onde Carolina estivera. Sentia o chão esvair-se.

Sentia o corpo flutuar. As palavras dela rodando sua mente como moscas nojentas e irritantes.

Estava incapacitado de pensar com clareza e o sermão de Carolina somente piorou a situação. O vazio o tomou por completo apagando sua vida como o botão deletar. O branco o envolveu. A sensação era enlouquecedora.

Olhando ao redor, esqueceu-se de onde estava. Não enxergava nada. Não sabia mais quem era e por que estava sentindo uma dor que nunca sentira antes em sua vida. Aquela dor o estava corroendo por dentro. Logo não sobraria mais nada de si mesmo. *E por que deveria me preocupar? Eu não sou mais nada*.

***

Ter companhia era o que mais desejava desde quando Tamires se casou. Mas tê-la em seu apartamento não mudou o sentimento de solidão que a corroía quase o tempo todo. A sua melhor amiga estava com problemas e precisava de apoio. Não estava lá para viverem juntas novamente.

Carolina não tinha esperanças de tê-la por perto por muito tempo. Nem queria estragar sua felicidade. Por isso mesmo decidiu intervir e falar com Gustavo. Conhecia e admirava o amor deles e não queria vê-lo morrer.

Enquanto caminhava para o refeitório, pegou-se perguntando o que realmente estava implícito em sua atitude de hoje. Será que tinha alguma coisa a ver com a visita inesperada de Alexandre a seu apartamento ontem?

Carolina respirou fundo. Uma fagulha acendeu em seu peito juntamente com o nome do lindo cunhado de Tamires. *Isso é loucura. Não posso suspirar pelo impossível. Essa atração que ele exerce sobre mim está fora de controle nos últimos dias. O que está acontecendo comigo?*

Era verdade. Ficara com ciúmes do olhar que Alexandre lançara para Tamires. Do magnetismo que havia entre eles. Não era justo! A vida estava sendo injusta. Por que Tamires tinha que ter dois e ela nenhum?

Carolina queria enfiar uma faca em seu peito agora. Queria sentir dor física para afastar seus pensamentos traidores. Não podia sentir ciúme de Tamires. Sabia que por mais que Alexandre, de repente, se apaixonasse por ela, não teria nenhuma chance. O coração de Tamires estava preso ao de Gustavo.

O quase alívio se foi quando um novo pensamento se implantou. *E se eu fui falar com Gustavo com medo de que Tamires se interesse por Alexandre? Não, não, ela nunca faria isso. Nem com Gustavo e nem comigo, mesmo que ela queira*. Carolina ficou visivelmente triste agora.

E se Alexandre e Tamires realmente se apaixonassem? Eu seria capaz de ter o mesmo desprendimento que tive com Gustavo? Eu seria capaz de renegar a minha felicidade para que ela pudesse ser feliz novamente? Seria capaz de entregar esse amor sem nem mesmo lutar por ele?

Amor! Isso era uma insanidade. Essa força que a puxava direto para os braços de Alexandre era sobre-humana. Irracional. Gravitacional. Ele era o sol e ela era a terra obrigatoriamente girando ao seu redor sem cessar.

Isso não era amor. E ela sabia que ele nunca olhara sequer para ela de verdade. Não a queria. Sempre a repelira. E pela primeira vez desde que o observava atentamente, viu um brilho intenso em seus olhos, o brilho que esperara durante anos que se acendesse para ela.

Mas ele se acendera para Tamires. Inexplicavelmente. Alexandre ficara trancado para o amor e para a paixão por anos. E, no entanto, em um momento de distração, em um dia como outro qualquer, ele olhara para ela e a enxergara como Carolina gostaria que tivesse acontecido, há muito tempo, com ela mesma. Quem seria capaz de explicar o destino, o amor, a paixão e o ciúme?

A comida no prato sobre a mesa estava esquecida. Carolina nem viu o que lhe foi servido. Sentada no refeitório, sua cabeça trabalhava a mil por hora. As vozes ao seu redor também estavam caladas. Seus sentimentos estavam revoltos e a única certeza que tinha era da própria solidão.

Não queria mais se atormentar com o que viria. Queria apenas que Gustavo a ouvisse e que resolvesse essa situação com Tamires para o bem deles próprios. Sabia que seu altruísmo talvez fosse falso, mas não queria mais questionar seus motivos. Queria fazer a coisa certa apenas. *Que Deus me perdoe se eu estiver sendo egoísta!*

Mas o que poderia fazer para mudar a direção do olhar de Alexandre? Por quantos anos o conhecia? E seu olhar nunca pousara sobre ela sequer por mais de um minuto. Ele sabia que ela existia, conversava com ela, mas era só. Nada mais íntimo que uma conversa trivial e um respeitável cumprimento à distância.

Por que eu tinha que encontrar a família mais complicada do mundo para adotar como minha? Apesar do pensamento, Carolina se permitiu um sorriso. Ela os amava e era o que importava. Também sabia que eles a amavam. De um jeito que a preenchia, mas que não a completava. Sabia que isso não a impedia de ser feliz. Até Tamires não era completamente feliz. Tinha um passado que gostaria de lembrar. *E eu tenho um passado que tento esquecer todos os dias*. Mas era impossível.

Lembrar-se de sua verdadeira família sempre a deixava desolada. A solidão se tornava palpável, porque desde que se sabia por gente, a solidão era sua companheira inseparável. E a dor, seu carrasco. Mas por que era punida? Por desejar ser feliz? Era tão errado assim? Isso lhe foi negado quando nasceu por algum carma? *Deus, por quê?*

As lágrimas brotaram em seus olhos e limparam sua visão. Viu onde estava e afastou imediatamente os pensamentos. Precisava se recompor antes que percebessem que estava

chorando.

Levantou-se da mesa segurando a bandeja intocada e a deixou na lixeira. Junto com os restos orgânicos, abandonou seu coração. Precisava da razão para continuar. Seu coração teria que ser substituído, já que o velho ela decidiu jogar fora antes de perdê-lo para sempre.

DESESPERO

— Ah! Está queimando! Socorro! Faça parar!

O repentino e assustador grito ecoou pela casa e tremulou nos ouvidos de Marcel. O que estava acontecendo agora? Será que as coisas estavam piorando de novo? E tinha como ficar pior?

Em um pulo, Marcel abandonou seu computador, onde realizava uma pesquisa sobre voos nacionais, e correu até o quarto de Suzane. Ultimamente, ela estava exausta demais para se levantar da cama. O esforço que fazia para vigiar Tamires consumia suas forças físicas.

Marcel tinha medo por ela. O que seria dela quando isso terminasse? Sua fraqueza o fazia sofrer. Mas não podia ajudá-la. Afinal, precisava de seus dons para realizar sua missão com sucesso.

Olhar seus olhos fundos, com olheiras, o torturava. Por isso, não acendeu a luz quando entrou no quarto. Ela estava encurvada sobre a cama, arfando violentamente. Seu frágil corpo tremia.

Suas mãos agarraram os braços de Marcel com pouca força, mas ele sabia que ela estava usando o máximo que possuía. Uma pontada lhe atingiu o peito. Como ela estava sofrendo. Isso o deixava doido.

Tomou-a nos braços imediatamente tentando inutilmente lhe passar suas forças e revigorá-la. Sentiu suas lágrimas molharem sua camisa, mas ela o afastou imediatamente, forçando-o a olhá-la em seus olhos chorosos na penumbra.

— Marcel, Tamires. – arfou Suzane ruidosamente buscando ar. Aquilo o deixou desesperado.

— Calma, Suzane, se recupere primeiro, depois você me conta. As unhas de suas mãos se enfiaram em seus braços.

— Não temos tempo. – arquejou novamente – Tamires será marcada a fogo!

Marcel ficou imóvel como uma estátua com o choque da declaração de Suzane. *O que, meu Deus, está prestes a acontecer com Tamires? Que tipo de loucura é essa? Algum tipo de ritual satânico?* Suzane parecia ler sua mente.

— Não dá para te explicar agora. Mas você precisa salvá-la. Temo que chegue tarde demais. Deveríamos ter ido para lá assim que Pedro se foi. Ela precisa de sua ajuda.

Marcel continuava sem se mover. Sua mente tentava processar as palavras que Suzane pronunciava.

— Ela ficará fragilizada por horas e por isso ficará vulnerável. – Suzane o chacoalhava para que despertasse do transe – Não conhecemos a força que está por trás do sumiço da pedra, mas se estiver perto o suficiente para se aproveitar... Não podemos correr o risco.

O rapaz piscou os olhos, aturdido e imóvel.

— Marcel, pelo amor de Deus, se mexa. Você precisa pegar o próximo avião ainda hoje. Precisa chegar a Foz do Iguaçu o mais rápido possível!

O rosto de Marcel estava torturado pela dúvida. Salvar Tamires e abandonar Suzane?

— Eu não posso ir com você, sabe que seria um estorvo.

Como ela leu meus pensamentos? Marcel engoliu em seco ainda sem saber o que fazer.

— Eu ficarei bem, Marcel.

Agarrando seu rosto com as frágeis mãos, Suzane o puxou para perto e Marcel se deixou guiar até seus lábios trêmulos. Em um sussurro, ela implorou, seu hálito acariciando sua face.

— Vá agora, mas volte depressa para mim.

***

Acordara me sentindo péssima. Havia dormido pesado na noite anterior, mas meu corpo estava cansado, como se eu tivesse feito exercícios físicos recentemente. Eu me sentia mole, fraca, preguiçosa. Julgava que talvez fosse o pequeno sofá de Carolina. Não reclamara enquanto saíamos do apartamento juntas, mas o olhar de minha amiga me espreitava. Ela vira que eu não estava bem, mas não dissera nada.

Fora difícil andar, falar, mover os braços e manter os olhos abertos. Minha mente estava em branco. E eu dera graças a Deus por isso. Aceitara feliz o torpor em meu coração. Mas eu queria manter minha força física. Porém, ela estava se esvaindo lentamente.

Passar a manhã com Sofia fora um desafio enorme. Eu estava me sentindo uma velhinha de bengala incapaz de acompanhar a energia de uma criança de dois anos. Quanto mais eu tentava, mais sentia a exaustão crescer. Talvez após o almoço minhas forças voltassem. Mas eu sabia que não era isso. Eu havia tomado café da manhã e ainda assim continuava me sentindo mal.

Há certa hora, o calor ficara insuportável. Devia ser o tempo. O sol já estava alto lá fora e eu evitava ligar o ar condicionado. Eu estava quase dormindo na poltrona do quarto de brinquedos de Sofia quando uma porta bateu com tanta violência que me sobressaltou. Passos apressados se aproximaram do cômodo. Eu fiquei olhando para a porta incapaz de pensar direito.

Gustavo parou embaixo do batente. Seus olhos me diziam a tormenta pela qual estava passando.

— Tamires, você voltou para casa? – sua pergunta era uma súplica.

Eu tive medo de não conseguir falar, mas também não queria responder em frente de Sofia.

— Podemos conversar outra hora?

Gustavo se jogou aos meus pés e eu fiquei espantada com o gesto. Senti a adrenalina injetando energia extra nos músculos do meu corpo. Imediatamente, fiquei em alerta.

— Por favor... – comecei a dizer.

Seus olhos implorativos se viraram para Sofia interrompendo meu pedido.

— Querida, diga para mamãe não ir embora.

Os olhinhos vivos de Sofia ficaram confusos e ela olhou para mim com desespero. Ela não sabia que eu dormira fora de casa. Saíra e voltara enquanto ela dormia.

— Mamãe vai embora?

Afastei Gustavo com um empurrão. Ouvi-o reclamar e pôr a mão sobre o braço onde eu o havia tocado, mas eu o ignorei e peguei nos ombros de minha filha.

— Mamãe não vai a lugar nenhum, meu amor.

— Ai! – gritou Sofia.

Fiquei ainda mais assustada e a apertei mais.

— Está quente, mamãe!

Gustavo avançou por trás de mim e me puxou para longe de Sofia. Então eu pude ver. Meus dedos ficaram em um desenho vermelho nos bracinhos dela.

— Oh! – exclamei.

Gustavo me soltou assim que eu vi o que fizera, chacoalhando as mãos como que para aliviar a dor. Eu fiquei paralisada, incapaz de entender o que estava acontecendo.

— Neusa! – chamou Gustavo.

Suor abundante escorria pelo meu corpo. Eu vi meu reflexo no vidro da janela e fiquei horrorizada. Um estranho rubor tingia meu rosto. Era intenso demais. Era como se eu estivesse febril. Meu coração bombeou apressadamente e o calor cresceu. Eu não entendia como isso era possível.

A cozinheira apareceu na porta e Gustavo pediu para que ela levasse Sofia para cuidar da queimadura. Ela estava assustada e não reclamou quando a empregada a tirou do quarto. Gustavo me olhou e caminhou até mim, porém tomou o cuidado de não me tocar.

— Tamires, você está bem? – sua voz era cautelosa.

Percebi que suas mãos estavam muito vermelhas. Provavelmente ficaram assim quando ele me puxou a fim de me afastar de Sofia. Eu balancei a cabeça para responder incapaz de dizer alguma coisa.

— Está tudo bem, amor. Deixe-me ajudar você. Recuei instintivamente e me obriguei a falar.

— Fique longe de mim!

Minha garganta ardeu violentamente. O que estava acontecendo comigo? Senti uma sede

terrível. Minha boca estava seca e gotas de suor pingaram no chão ao meu redor.

— Tamires, eu te amo! – tentava conquistar minha confiança.

Continuei recuando. Eu não podia e não permitiria que ele me tocasse novamente. Apesar de tudo que havíamos passado, eu não queria feri-lo.

— Não se aproxime! – ordenei.

Mas ele não me ouvia. Continuava me seguindo. Nossos passos lentos e cautelosos.

— Eu só quero o seu bem. Estou aqui para ajudá-la.

Seus olhos eram sinceros. Malditos olhos. Eu não queria a sinceridade de seus sentimentos e sim a verdade.

— Sei que posso te fazer feliz novamente.

Eu recobrei a fala. Tinha que acabar com suas esperanças de uma vez por todas.

— Você não pode me fazer feliz com uma mentira! Seus olhos foram da sinceridade para o desespero.

— Por favor, não me deixe! Eu não sei viver sem você.

Meu corpo inteiro pulsava. Minha mente me dizia para fugir.

— Seguirei meu destino, Gustavo. Você querendo ou não.

— E esse destino não me inclui? Nem a nossa filha?

Eu me perdi. Ainda não conhecia o caminho que seguiria, mas não havia pensado em Sofia. Separar-me dela ou levá-la comigo? Como poderia colocar em risco a vida dela? Eu não sabia o que estava reservado para mim. Eu não podia envolvê-la.

— Você já teve sua chance. – respondi.

Fui incapaz de falar sobre Sofia. Ainda não havia me decidido. O desconhecido me esperava. Talvez eu descobrisse o que aconteceria comigo e então poderia tomar minha decisão.

— Não permitirei que a leve de mim. – retrucou ele.

Os olhos de Gustavo faiscaram. Ele estava usando as armas que tinha novamente. Sem pudor.

— Se tentar, sabe que não vai conseguir chegar a lugar nenhum com ela.

Eu sabia. Sem a autorização dele, eu jamais sairia de Foz. Assim como eu havia feito antes, ele também colocaria a polícia atrás de mim. E em uma guerra judicial eu jamais ganharia. Eu não tinha estudo nem profissão. Não possuía renda e não poderia contratar um advogado competente para me ajudar com a guarda. Perderia um tempo precioso e Gustavo tiraria Sofia de mim para sempre de qualquer maneira.

— Não precisamos chegar a este ponto. – tranquilizou-me ele – Você não precisa ir.

Eu balancei a cabeça para clarear a mente, mas não era preciso muita inteligência para entender o que ele estava fazendo. Gustavo estava me chantageando. Estava disposto a usar nossa

filha novamente. Meu Deus, quem era aquele homem? Com certeza não era o homem com quem vivi por seis anos. Era um estranho. Uma pessoa fria e calculista. Um homem capaz de tudo quando estava desesperado.

Fiquei furiosa. Meu peito queimava com a força da raiva ou seria a acentuação do calor que já me consumia?

— Usar Sofia para me convencer a ficar é a coisa mais baixa que você poderia fazer, Gustavo. Como você quer que eu acredite em seu amor se você só me dá provas contrárias?

Eu me choquei contra a parede do quarto. Minha cabeça doía. Minhas costas ardiam. Gustavo sorriu maliciosamente. Eu estava em um beco sem saída.

— Provas? Você precisa de provas do meu amor? Já se esqueceu da noite do réveillon?

Não, eu não havia me esquecido, por mais que quisesse. Afastei as lembranças imediatamente assim que ousaram povoar minha mente. Gustavo colocou os braços com as mãos encostadas na parede, fechando o espaço ao meu redor, tomando cuidado de não me tocar. Seus olhos ardiam. Sua alma em evidente sintonia com suas palavras.

— Seu destino sou eu, Tamires. Você cruzou o meu caminho e isso mudou nossas vidas para sempre. Não importa o que fomos antes de nos conhecermos. Importa que o destino quis que nos amássemos.

Eu não acreditava nisso.

— Você manipulou meu destino, Gustavo. Fechou todas as portas e as janelas capazes de me fazer ver a saída e me deu apenas uma escolha.

Gustavo ficou visivelmente triste. Minhas palavras o feriram. Meu coração também estava machucado, mas cicatrizado. Por isso, não gemeu.

— O destino te deu como um presente para mim, Tamires. Ele não me deu escolha. Ele queria que eu te amasse apesar do que teria que fazer para ficar com você. E mesmo assim eu assumi e lutei com unhas e dentes por esse amor.

Estava enojada com sua confissão. Onde estava o escrúpulo daquele homem na minha frente? Então agora o fim justificava os meios?

— Havia outras formas de ser feliz, menos através de uma mentira.

Os olhos torturados, abrindo sua alma, gritavam comigo.

— Você não entende, Tamires! Eu não tive escolha! Eu fugi dessa verdade como o diabo foge da cruz. Eu desejei construir uma vida longe do meu cruel destino. Eu queria apagar da minha mente tudo que eu fui obrigado a fazer. Mesmo não acreditando que eu tivesse redenção, eu me permiti amá-la sabendo que essa verdade seria minha tortura pelo resto da vida. Eu acreditei que, por esse amor, tudo valeria a pena. Porque ele é grande demais para não ser vivido.

Cambaleei. Era verdade, mas por que ele não ia até o fim e me contava tudo?

— Amá-la era a única salvação para minha alma. É a única coisa que me fez

verdadeiramente feliz, que preencheu o vazio que se abriu em meu peito. – riu tristemente antes de continuar – Você era a única mulher do mundo que eu nunca poderia amar. E, no entanto, não saberia amar outra.

Sabia que comigo seria igual. Nunca amaria outro homem. Essa certeza me atingiu como um raio. E agora eu sabia que ele também não era o homem certo para mim. O que seria de nós agora?

Esperei que continuasse, que terminasse logo com aquele mistério e me contasse a verdade. Era a única coisa que nos separava agora. Talvez a verdade lhe desse a redenção que tanto almejava. Mas será que eu seria capaz de lhe oferecer meu perdão? Por que ele tinha tanto medo de me contar? Ele com certeza tinha dúvidas da minha reação.

Mas Gustavo já estava arriscando me perder agora ao esconder a verdade. E as fracas tentativas de me convencer a esquecer tudo e simplesmente ficar com ele me atormentavam. Talvez eu estivesse jogando fora a única felicidade que eu teria nessa vida. Mas que preço eu estava disposta a pagar para ser feliz?

Contrariando minhas palavras, Gustavo se inclinava sobre mim, não sem cautela. Ele conhecia a atração que exercia sobre mim e estava contando com isso. E eu me peguei ansiosa por aquele beijo. Sua boca de um desenho tão perfeito chegava a me dar apetite. Meu corpo inteiro se preparou para aquele momento. Meu coração afoitamente pulava em meu peito. Minha respiração acelerou. Meus olhos não desprendiam daquela boca. Minhas mãos erguiam-se lentamente para tocá-lo.

O calor que já estava dentro de mim se intensificou a ponto de me causar dor física. Meus olhos piscaram na tentativa de permanecerem abertos. Meu corpo se inclinou para frente para apressar o contato. Não, eu não estava preparada para o beijo, estava sem forças para ficar em pé.

Meus olhos finalmente fecharam e eu comecei a escorregar pela parede até cair no chão aos pés de Gustavo. Não conseguia me mexer. Sentia meu rosto afogueado. Cada centímetro do meu corpo queimava. Aquilo não era desejo. Era dor.

De repente, toda a ardência que estava em meu corpo se foi, mas não me deixou. Concentrou-se em uma pequena área do meu braço. Eu podia sentir nitidamente, todo o calor que outrora estava espalhado, queimando apenas uma parte dele. E era insuportável.

— Ah! Está queimando! Socorro! Faça parar!

Instintivamente pus a outra mão sobre o local que ardia. Meu corpo se contorcia inteiro. A dor era a única coisa que eu podia sentir agora. Eu estava sendo queimada. Minha pele estava derretendo.

— O que foi? – ouvi Gustavo balbuciar.

Ele se agachou sobre mim e tentou afastar minha mão do braço que queimava. Não

conseguia largá-lo. Uma força descomunal se concentrou nela. Todas as forças que outrora me deixaram estavam naquele braço agora. A dor me fazia delirar.

— Apague o fogo, Gustavo!

Ele puxou com muita força meu punho cerrado, mas não doeu. A única dor que me torturava era no outro braço. Talvez o teria quebrado se eu fosse uma humana comum.

— Eu estou no inferno! – berrei.

Finalmente, ele conseguiu separar meus braços. Em seguida, se jogou no chão ao meu lado, boquiaberto.

— Tamires, sua marca de nascença...

Arquejei e procurei seus olhos. Por que ele ainda estava parado?

— Vai buscar água para apagar o fogo, Gustavo!

— Não tem fogo nenhum!

O que ele pensava, que eu era idiota? Eu sabia muito bem que estava queimando.

— Pelo amor de Deus, Gustavo, faça alguma coisa!

Estava descontrolada. Não conseguia racionar direito.

— Tamires, me escute. Não tem fogo no seu braço.

Gustavo me balançou pelos ombros como se tentasse me despertar.

— Então por que é que estou queimando? – gritei ainda na dúvida.

O olhar de Gustavo estava muito mais desesperado do que antes.

— Não sei. Mas a sua marca de nascença...

E ele parou de falar de novo.

— O que tem minha marca de nascença? – bufei.

Antes que ele me respondesse, resolvi olhar para meu braço. Minha marca de nascence não passava de uma manchinha muito clara, quase imperceptível para quem não olhasse com atenção. Ela ficava exatamente do lado de dentro do meu antebraço, bem próxima a curva do cotovelo.

E então eu vi sobre o que ele estava falando. A marca de nascença estava muito nítida. Era um triângulo vermelho. Um dos lados era menor e as duas outras linhas maiores se uniam exatamente apontando para a curva do cotovelo. Apontava para mim. A aparência era de uma queimadura grave e ardia como tal. O calor, de repente, diminuiu, mas eu continuava arfando. A exaustão me dominava agora. E eu sabia que desmaiaria a qualquer momento.

— O que é isso? – balbuciei incrédula.

Gustavo parecia em choque. Não se mexia. Não falava. Seus olhos estavam presos na marca. Eu lutei contra a inconsciência. Tentei me levantar e me arrastei para longe dele. A ametista em meu peito continuava silenciosa. Então, só havia um lugar para onde eu poderia ir.

ALINHAMENTO

Depois do choque, vieram as explicações. Porém só depois de reservar as passagens para Foz do Iguaçu. Já que Marcel teria que esperar o próximo voo, Suzane teve tempo para explicar o que estava acontecendo antes que partisse.

Não foi difícil. Apenas um detalhe que Marcel havia se esquecido sobre a profecia. E ela previra tudo. O alinhamento, os quatro elementos, as chaves e as marcas. Ele já sabia que isso aconteceria a qualquer momento.

Tamires estava passando pelo último grau da transformação e essa passagem definitiva para o mundo sobrenatural lhe causaria dor física e vulnerabilidade. Seus novos talentos e sua força física ficariam enfraquecidos, já que todo seu organismo estaria concentrado no processo de mutação.

Marcel sorriu com o último pensamento. Mutação não era a palavra correta para explicar o que estava acontecendo com Tamires. Afinal, tudo o que se manifestava agora, nasceu com ela. Estava em sua genética.

Enquanto preparava sua mala para a longa viagem, com duas conexões, Marcel pensava que o medo de Suzane era infundado. Quem quer que tenha roubado a ametista deveria saber que a chave jamais funcionaria sem seu elemento. Ambos só poderiam co-existir juntos. Destruir um seria inutilizar o outro para sempre.

Portanto, Marcel não acreditava que alguém pretendesse machucar Tamires. E se planejasse fazer isso, já teria feito, com certeza. E eles não teriam conseguido impedir nem prever. Ainda assim, Suzane não se aquietava.

Marcel entendia porquê. A partir do momento em que descobriram que não eram irmãos e que Suzane tinha uma família perdida, ela estava desesperada para encontrá-los e reuni-los novamente.

O que mais o inquietava era deixá-la por tanto tempo. Pretendia convencê-la a usar o celular a fim de se falarem imediatamente, caso ela soubesse de mais alguma coisa que estava prestes a acontecer. E ele lhe daria notícias sobre o sucesso de sua missão.

Seria a primeira vez que ficariam longe um do outro em toda sua vida.

***

Remorso não era o sentimento que o inundava agora. Ao contrário, estava muito satisfeito consigo mesmo. Gravara todas as suas declarações à imprensa a partir da manhã em que encontrara o corpo de Pedro Tosquini boiando na represa do Cajuru. Até porque nunca

aparecera antes sequer como sombra atrás do astrônomo. Ele sempre fazia questão de estar sozinho ao falar com a mídia.

Consolava-o saber que não havia tirado nada dele. Pedro conquistara toda a glória de uma vida profissional muito bem-sucedida. Agora, haveria diversas instituições que o homenageariam com seu nome. Pedro Tosquini seria lembrado para sempre.

Por que não poderia partilhar também dessa fama? Afinal, foram dez anos de dedicação sem receber nada em trocar. Tinha tanto direito sobre a descoberta do alinhamento quanto o astrônomo. Por que um pouco do prestígio não poderia recair sobre ele?

Após o aclamado e noticiado enterro do maior cientista brasileiro, tinha que se preparar para dar continuidade ao trabalho. Ao contrário do que deveria, ainda não sabia tudo que precisava, mas havia muitas anotações. Só teria que estudá-las.

Precisava fazer um novo pronunciamento à imprensa. Adiaria as palestras por tempo indeterminado até que estivesse pronto para assumir essa responsabilidade. Estava excitado com o momento que estaria em frente às câmeras novamente, mas dessa vez, cumprindo o papel que trabalhou tanto para desempenhar.

Considerou preparar o que diria para se garantir. Queria causar uma boa primeira impressão. E desejava conquistar credibilidade, como Pedro o fizera. Enquanto dirigia até Cláudio, procurava formar as frases em sua mente.

Ainda vestia o que usara no enterro pela manhã. Era sua melhor roupa. A imprensa estaria no observatório no meio da tarde. Queria ficar bem diante das câmeras. Hoje seria o dia em que sua carreira decolaria finalmente.

À margem da represa surgiu a enorme casa que seria seu novo lar a partir de agora. Não havia mais vestígios da perícia. Tudo estava tão calmo como sempre foi. Seu esconderijo cercado pela natureza. O céu era o limite e estava bem ao alcance de seus dedos.

Estacionou em frente à casa e ficou contemplando por um minuto a beleza do lugar. Era muito mais fascinante agora. Nunca tivera paciência nem vontade de contemplá-lo antes, mas, como em tudo que fazia, Pedro Tosquini havia escolhido o local perfeito.

Inspirou profundamente, identificando os odores da mata. A água plácida, as árvores, as flores, a madeira. Tudo era tão novo. Lembrou-se do tanto que o astrônomo gostava daquele lugar e ficou feliz por ter lhe dado de presente o último suspiro em seu paraíso particular.

Distraiu-se com a cor do céu. Um azul muito claro, com poucas nuvens brancas. E o amarelo do sol tingindo o firmamento ao seu redor. Em contraste, o cinza escuro da hidrelétrica cortava o horizonte.

Nesse momento notou que havia uma pessoa parada próxima à barragem. E ela olhava fixamente em sua direção. Há quanto tempo estaria ali? Bem, pouco importava. E, àquela distância, jamais poderia identificá-la.

Porém, a pessoa não parecia intimidada ao ser pega. Manteve o olhar preso nele. Intrigado, Fernando sustentou os olhos em sua direção por alguns instantes. O estranho caminhou até um automóvel, sem parar de olhar para ele, e dirigiu lentamente, pegando o caminho que passaria exatamente em frente ao observatório. Fernando parou na inclinação em frente à casa encarando o veículo que se aproximava devagar. Seus olhos se estreitaram na tentativa de identificar o motorista, mas o reflexo do sol no para-brisa impedia que pudesse enxergar além do vidro.

Em poucos minutos, o carro estreitou a distância entre eles e, na mesma marcha lenta, passou em sua frente. Decepção invadiu o rosto de Fernando. O vidro da porta do motorista estava erguido e protegido com insufilm. Impossível ver o rosto do observador.

Um calafrio passou em sua espinha. Por mais que não pudesse vê-lo, tinha certeza de que o motorista podia e era exatamente o que estava fazendo. Viera olhá-lo bem de perto. O que aquilo significava?

Fernando Alves afastou os temores de sua mente junto com a imagem do veículo que, na primeira curva, desapareceu de sua área de visão. Seu ouvido ainda pode perceber que arrancou em disparada, derrapando na terra da estrada.

Suas pernas tremiam quando caminhou para dentro da casa direto ao escritório. A papelada estava espalhada por todos os lados. A bagunça organizada que só Pedro Tosquini conseguia entender. Fernando suspirou. Teria muito trabalho para organizar aquilo tudo. Devia ter começado antes, para poupar tempo. Mas hoje não. Tinha um discurso para escrever.

Sentou-se na escrivaninha que fora do astrônomo. Quanto sonhara no dia em que ela seria sua por direito. Curtiu a cadeira de couro por um tempo. O sorriso estampado no rosto. Pegou-se brincando de girar sob o eixo da cadeira.

Aos poucos, as palavras que viera formulando em sua mente desde Belo Horizonte saltaram diante de seus olhos. Tinha que começar a escrever. Ligou o computador e enquanto esperava, finalizou o discurso mentalmente.

Foi fácil transcrevê-lo. Em apenas quinze minutos o texto estava pronto. Relendo-o, ficou muito satisfeito consigo mesmo. Olhou no relógio no canto direito da tela. Faltavam trinta minutos para que a imprensa chegasse. Imprimiu o discurso e aguardou que o show finalmente começasse.

***

Todos os canais de notícias transmitiam ao vivo, de Cláudio, interior de Minas Gerais. Ao fundo das imagens, a enorme casa ao lado do Observatório de Phoenix estava fora de foco. Em primeiro plano, a imagem do ex-ajudante do astrônomo Pedro Tosquini, o jovem Fernando Alves, conforme a tarja na parte inferior da tela dizia.

O mundo inteiro estava parado diante de televisores para assistir àquela coletiva diferenciada. Em vez de uma sala cheia de cadeiras e acústica, o cenário era verde e exuberante. O ambiente aberto trazia o som da hidrelétrica e o burburinho dos repórteres ao redor de Fernando.

Sua imagem era austera, cheio de orgulho e satisfação. O buchicho da imprensa não era positivo. Fernando era vaidoso, totalmente diferente de Pedro Tosquini. Imediatamente, a antipatia cresceu entre os presentes.

Porém, Fernando estava ciente demais de si mesmo para perceber o murmúrio. Concentrado em seu discurso e na câmera mais próxima, ele falou por cinco minutos inteiros, sem ser interrompido. Entre o blábláblá interminável, somente um trecho foi editado e retransmitido pelas emissoras nos noticiários.

— As palestras estão adiadas por hora. Assim que o luto passar e eu aumentar a equipe, divulgarei as novas datas. Quero tranquilizá-los com relação ao tempo curto até o alinhamento. Antes que ele aconteça, vocês serão melhor informados sobre seu significado. Estou apto a dar continuidade ao trabalho iniciado pelo grande astrônomo Pedro Tosquini, que Deus o tenha. E não o decepcionarei.

A nação estava enojada com a falta de humildade do jovem. Quem ele pensava que era? O sombra também estava diante de sua TV assistindo ao pronunciamento. E ele era o único que acreditava na capacidade do ajudante de substituir efetivamente Pedro Tosquini. O mundo estava em luto pelo astrônomo e não queria aceitar o fato de que ele se fora e que agora outro assumiria seu luar.

Mas o espectro sabia que aquilo fora preciso. Havia cometido um erro ao subestimar Fernando Alves. Ele tinha todas as armas nas mãos, totalmente ao seu dispor, para conhecer e divulgar o trabalho iniciado por Pedro. Teria que impedi-lo agora. E sabia exatamente como fazê-lo, sem precisar sujar suas mãos como antes. Seguiria o antigo ditado: aqui se faz, aqui se paga.

***

Pela pequena janela do avião, Marcel viu o arquipélago ficar cada vez mais distante. O voo duraria cinquenta e oito minutos até o continente. O mais engraçado seria sair das ilhas às quatro horas da tarde e chegar ao continente na mesma hora devido ao fuso horário.

Porém, como estavam no horário de verão, a diferença com Foz do Iguaçu seria de menos duas horas, o que afetaria principalmente a viagem de volta. Perderia essas horas durante o voo e chegaria ao arquipélago ao anoitecer.

Marcel estava ansioso. Não conseguia cochilar. Mas pela curta viagem, nem valia a pena. Queria desligar a mente para parar de se preocupar com Suzane. Desde que o piloto

anunciara a decolagem, estava proibido de usar o celular. Agora, só poderia falar com ela daqui à uma hora e isso era angustiante. Era tempo suficiente para acontecer muita coisa e ele estaria incomunicável nesse período.

Os outros sessenta e cinco acentos estavam ocupados. Marcel se concentrou em observá-los para se distrair durante a próxima hora. Em sua maioria, eram turistas. Ele logo percebeu pelas conversas entusiasmadas sobre o arquipélago. Casais em lua de mel, famílias, grupo de jovens e de idosos. Percebeu que os mais centrados deviam ser profissionais, como professores, biólogos, cientistas.

O arquipélago era um dos lugares mais atrativos do país e Marcel se orgulhava de fazer parte da equipe de pesquisas concentradas em preservar a vida marinha.

Sentia saudade do mar. Da vida eclodindo dos ovos. Das pernas curtas na areia correndo para seu destino. Tivera que se afastar de seu trabalho em prol do alinhamento. Uma causa, ele sabia, muito maior. Estava lutando pela humanidade.

CONFRONTO

Por que eu estava morrendo tão lenta e dolorosamente? O que eu havia feito para merecer uma morte tão cruel? Eu me arrastei pelas trilhas do Parque Nacional do Iguaçu tentando arrancar da natureza as forças que me faltavam.

Não enxergava as belezas nem os rostos espantados e compadecidos com os quais cruzei pelo caminho. Eu não pretendia chamar atenção, mas era inevitável. Tropeçava em meus próprios pés o tempo todo. E, várias vezes, ia ao chão.

A sujeira em minhas roupas não me incomodava. Os arranhões em minhas mãos e pernas em nada se comparavam com a dor latejante na minha marca de nascença. Eu ainda queimava, cada vez mais.

O rosto de minha mãe dançava em minha frente como uma miragem no deserto. Às vezes ela estava sorrindo; outras, aflita. E sua voz ecoava em meus ouvidos. Fuja, Tamires! *E eu corria conforme minhas pernas eram capazes de obedecer.*

Era como se houvesse passos atrás de mim me seguindo. Eu sabia que precisava correr mais. Fugir da dor que a qualquer momento me fulminaria. Eu não queria morrer. Não podia morrer ainda. Não conhecia a verdade sobre mim mesma e tinha o direito de saber. Mas a dor me confundia e atormentava. Delirava entre viver ou morrer. Por quanto tempo ainda sentiria aquela dor alucinante?

Enquanto corria, não via o caminho que tomava. Os rostos em minha visão se alternavam. Ora era o da minha mãe, ora da minha filha, ora da minha melhor amiga, ora do único homem que eu amava.

E eu me permiti sentir aquela dor novamente pela última vez. Somada a dor física, meu corpo se curvou violentamente como se algo dentro de mim explodisse. De repente, fiquei dormente. Não sentia mais meus braços, minhas pernas, meus lábios, meus olhos, meu coração. Não sabia se ele ainda batia.

Caí violentamente no chão. Estava totalmente consciente da grama sob minhas costas, da terra fresca, do aroma da floresta se infiltrando em mim, do balançar das copas das árvores, do sol inclinado no céu.

Estava isenta de dor. Pisquei os olhos e percebi que minha visão escurecia lentamente. Mas logo avistei o azul celestial de novo. Se eu estivesse morta, aquele seria o paraíso. Mas se não, aquela seria a calmaria antes da tormenta final.

Aqueci minha alma à luz do sol escaldante. Fechei meus olhos e aspirei profundamente a

brisa. Deixei os raios solares me acariciarem e limparem minha mente. Fiquei vazia de dor e de pensamento. Novas sensações me inundaram.

Os tentáculos dos raios ultravioletas me envolveram e aninharam. Era tão bom. Tão macio e suave como um abraço. Reconfortante e seguro como uma enorme cama. Eu teria adormecido naquele colo se não estivesse estranhamente consciente dos pormenores ao meu redor.

O vento soprou como uma carícia em meu rosto e eu sorri, grata. Estava ficando quente e a brisa veio na hora certa para aliviar o calor. Eu não entendia como podia sentir tudo menos meu próprio corpo. Mas isso não importava agora, porque eu não me lembrava mais onde estava e nem por quê.

O som de água e o canto dos pássaros compunham uma orquestra aos meus ouvidos. Ecoavam em perfeita sintonia como regidos pela mão de Deus. Era uma doce canção de ninar. Eu me deleitei como uma criança. Tudo me levava a fechar os olhos e me esquecer de mim mesma.

Talvez a morte fosse assim. Um esquecimento inconsciente. Uma paz tangível. Meus olhos estavam vidrados no céu. Algumas nuvens brancas passeavam sossegadamente. Uma ave cruzou minha visão como um raio cortante. Tão rápido quanto apareceu, sumiu. E o sol reinava, majestoso, em seu trono de fogo. Movia-se muito lentamente pelo azul celeste como se não quisesse se afastar de mim.

Mesmo consciente de tantos sentidos, onde estaria meu corpo? Ele estaria com a minha mente, afinal sem ele, como poderia sentir calor ou frescor? Ou ainda me encantar com a sinfonia que a natureza tocava para mim? Ou admirar o rei do céu regendo minha existência?

Eu fiquei triste. Seria a última vez que veria a beleza e a perfeição da natureza. Ela me receberia de braços abertos e cobriria para sempre meus olhos. Cobriria minha face dos meus queridos. Cobriria meus ouvidos de suas palavras. Eu me tornaria o nada.

E como um presságio, uma nuvem negra caminhou rapidamente pelo céu e toldou o sol.

***

Em terra firme, a primeira coisa que fez foi ligar o celular. Havia algumas chamadas de Suzane. Ligou de volta para ela. Sua voz denunciava desespero. Era tarde demais, Marcel jamais chegaria a tempo. Tamires estava diante do perigo agora.

Só restava torcer para que alguma coisa acontecesse e a salvasse antes que ele chegasse e assumisse esse papel. Desejou poder voar ou correr tão rápido que estaria ao lado dela no mesmo instante.

Para aumentar sua tortura, ainda teria que esperar mais uma hora pelo próximo voo. Suzane tinha razão, deviam ter viajado assim que souberam o que havia acontecido com Pedro Tosquini.

Sabia que a viagem seria longa, mas nunca previra que seria urgente. A repentina morte

do astrônomo o encheu de terror e ansiedade. Já não sabia mais o que viria a seguir. A confiança que havia depositado no caminho natural daquela tarefa havia se despedaçado como uma ponte em ruínas.

Marcel estava sem chão. Só lhe restava a fé. Assim como havia alguma coisa que os levara até ali, tinha que haver outra saída para esse beco escuro e assustador. O medo e a insegurança são capazes de fechar nossos olhos para o óbvio. Mas a fé é capaz de acender nossa mente como um dia ensolarado.

Para se manter firme em seu propósito por mais uma hora de espera e mais de três horas de viagem, agarrou-se firmemente nesse fio de esperança. E rezou para que ele não se arrebentasse.

***

A nuvem negra continuava se movendo sobre mim a uma velocidade assustadora. Seria uma tempestade se aproximando? A brisa que soprava em meu rosto jamais moveria uma nuvem daquela forma. Só se lá em cima estivesse ventando forte. Intrigada, apertei os olhos para diminuir a entrada de luz na minha íris e, assim, enxergar aquela desfocada forma negra que me espreitava.

Deveria estar delirando. Será que a febre voltara? Mas eu me sentia tão bem. Contrariando meus pensamentos, eu defini na nuvem olhos, boca, nariz, orelhas e cabelo. E não era um rosto qualquer. Eu o conhecia muito bem e adorava cada traço. Seu nome palpitou em minha língua.

— Gustavo.

Eu não sabia que ainda podia falar. Minha voz saiu nítida, apesar de muito baixa. Era um sussurro fraco, sem a menor energia e logo perdi a fala novamente.

Como atendendo ao pedido de minha insanidade, o rosto de Gustavo, moreno e firme, se aproximou do meu em menos de um segundo. Meus olhos, sedentos daquela última visão, se deliciaram em cada detalhe.

Seus longos e marcantes cílios. Seus profundos olhos negros que me diziam o desespero de sua alma. Sua forte boca desenhada em agonia. Não era essa a última lembrança que eu queria ter dele. Minha mente estava mesmo perdida. Para me confundir ainda mais, senti suas mãos em meu rosto e cabelo. E sua voz grave soou em meus ouvidos.

— Você está bem, meu amor?

Antes que eu pudesse responder àquela amada voz, seus fortes braços me envolveram. A sensação do calor de seu corpo, o som cadenciado da batida de seu coração, a elevação de seu peito ao ritmo de sua respiração eram tão reais que eu tive medo de ter mesmo perdido a razão.

Mas se eu de fato morreria, por que não nos braços de quem eu amava? Mesmo que isso fosse somente um desejo de minha mente em seu último momento. Eu queria acreditar que ele estava ali comigo e que se importava de verdade. Não queria me lembrar das coisas insanas que

havia feito para me impedir de seguir esse caminho. Um caminho sem volta. Um caminho de separação.

Eu me aninhei em seus braços com os olhos fechados. Também não sabia que tinha recuperado o domínio sobre meu corpo e a aparição me presenteou novamente com sua voz.

— Graças a Deus eu te encontrei.

Eu sorri. Se eu soubesse que a morte fosse tão deleitosa não teria temido tanto encontrá-la. O perfume de Gustavo entorpeceu meus sentidos. Não havia mais nada ao meu redor agora. Somente a presença fantasmagórica da ilusão do meu amor.

— Sempre te amarei. – sussurrei ao vento, como uma despedida.

Poderia partir a qualquer momento e queria que, onde quer que ele estivesse, o vento levasse minhas palavras até seu coração e as gravasse ali como em uma rocha. Havíamos nos separado devido a minha escolha. E, no entanto, eu morreria antes que pudesse chegar ao meu destino.

Em resposta, a ilusão se inclinou sobre meu rosto novamente. Tão perto que eu pude sentir o sopro de seu hálito quente em minhas bochechas. Ergui meus lábios para encontrar aquela boca que me procurava.

Selei o último beijo que nunca efetivamente teria. A ilusão era minha e eu podia ir até onde quisesse. Portanto, não me intimidei. Deixei a paixão fluir por meu corpo e eclodir contra o fantasma de Gustavo nos meus braços.

Senti seu corpo quente em toda a extensão do meu. Um alucinante desejo queimou por dentro enquanto eu me deitava na terra e o puxava sobre mim. A paixão queimava e me confundia. Sabia que me arrependeria do que estava permitindo à minha mente. Mas quanto tempo ainda teria para sonhar?

Um calor estranho caminhou pelo meu corpo com lentidão, me tornando completamente consciente de cada parte dele. Eu estava encontrando meus braços, minhas pernas, meu peito palpitante. E meu coração batia tão forte que comecei a duvidar de que morreria logo.

O calor crescia conforme eu me afundava mais e mais no desejo. Agora não era só minha mente que se permitia sonhar. Meu corpo inteiro acompanhava os movimentos ditados por meu cérebro. Eu estava fisicamente sentindo Gustavo em meus braços. Era o grau máximo de minha loucura.

Minha respiração acelerou e eu arfei buscando ar. Não queria abrir os olhos para que minha ilusão não se dissipasse. Os lábios macios de Gustavo acariciavam meu pescoço e ele sussurrou em minha orelha.

— Eu te amo mais do que minha própria vida.

O ar que eu buscava não era suficiente. O calor havia aumentado significativamente e o

desejo, que outrora era uma queimação agradável, se tornou uma torturante agonia. Eu estava queimando violentamente. Havia fogo no meu corpo?

Em um segundo, me lembrei da primeira vez que havia sentido aquela queimação e como para me ajudar com a recordação, o calor se concentrou em uma pequena área no meu braço direito. A marca de nascença queimava como antes.

Minha mente estava livre de todo o desejo carnal que eu havia alimentado até agora. Mas então por que eu não deixava de sentir o corpo de Gustavo sobre mim? Só havia uma única explicação para isso. Relutantemente, abri os olhos.

— Gustavo! – exclamei com espanto.

Seus olhos encontraram os meus e o desejo se dissipou deles no mesmo instante.

— Saía de cima de mim agora! – gritei lutando inutilmente para afastá-lo.

Sem entender nada, Gustavo fez o que eu pedi e se colocou em pé ao meu lado, oferecendo uma mão para me ajudar a levantar. Com a ausência do corpo viril sobre mim, o meu se entregou completamente a dor. E eu lutei para manter minha mente consciente no que eu deveria fazer agora, antes que o mal-entendido se firmasse.

— Vá embora, Gustavo!

O buraco em meu peito sangrou enquanto meu braço continuava em chamas. Inutilmente tentava aplacar a queimação com a outra mão, como se eu pudesse abafar as labaredas que lambiam e feriam minha marca.

Dessa vez, ele não obedeceu. Ficou parado me olhando assustado enquanto assistia a mudança de minhas expressões sem compreender.

— Cuide de nossa filha. – comecei a soluçar; não havia percebido que estava chorando até ouvir o embargo em minha voz – Prometa que não vai deixar que ela me esqueça.

Eu estava me despedindo. Da maneira certa agora. Afinal, já havia dito o que importava para ele antes. Agora eu precisava dizer o que me importava antes de deixar esse mundo para sempre. Gustavo se agachou ao meu lado. Sua mão oscilando no ar entre nós em dúvida.

— Você vai mesmo me deixar?

Era só o que importava pra ele. E, no entanto, ele não percebia o verdadeiro motivo do meu adeus. Com medo de falar, apenas sacolejei a cabeça. Sem receios agora, Gustavo tomou minha mão entre as suas.

— Eu não permitirei!

Tentei me libertar, mas ele me segurava com muita força. Queria que ele fosse embora para não me ver partir.

— Gustavo, deixe-me morrer sozinha. Você não precisa ver isso.

A reação dele foi totalmente inesperada. Gustavo paralisou e vi o horror saltando de seus olhos para os meus.

— Eu estou queimando por dentro e não há nada que você possa fazer para me salvar.

Gustavo piscou os olhos ainda parado, a boca entreaberta. Meu corpo sacudia ao ritmo da fúria que dizimava minha vida. Eu pisquei os olhos aturdida. Então percebi que não era a queimação que me agitava. Eram as mãos de Gustavo nos meus ombros.

— Tamires, pare com isso, você não vai morrer!

O que ele pensava, que eu duraria para sempre? Eu realmente não sabia se morreria agora. Mas a dor que eu sentia era tão intensa que me consumia as forças. E eu estava perdendo as esperanças de resistir a ela por mais tempo. A escuridão se aproximava dos meus olhos. Eu lutava contra ela para poder olhar uma última vez para o rosto de Gustavo.

— Gustavo, me deixe só, por favor! – implorei.

Seus olhos estavam com um brilho insano. Um brilho que eu já vira antes e temi o que eles pudessem significar.

— Tamires, pare de bobagem. Você não vai morrer por causa dessa marca. É apenas uma passagem, uma transformação. Em algumas horas vai passar.

O quê? O que ele estava dizendo? Passagem? Transformação? De quê? Em quê? O que mais ele sabia e não me dissera? Aquela verdade explodiu no meu peito e senti as forças, que ameaçavam me deixar, voltarem para mim. Ainda assim, com alguma dificuldade, me pus em pé. Meus olhos se estreitaram com desconfiança.

— Agora você está querendo falar a verdade? – vociferei.

Gustavo engoliu em seco. Seus olhos percebendo a mudança que aquelas palavras impensadas causaram em mim.

— É. Eu vim te ajudar a passar por isso. – respondeu o mais tranquilo possível.

A raiva palpitou em mim. Eu cerrei os punhos com força e minhas unhas quase rasgaram as palmas de minhas mãos.

— Você veio aqui para me subjugar, controlar e dominar. Você não liga para a verdade que eu desejo saber. Você veio conferir de perto essa tal mudança.

Instintivamente, Gustavo deu dois passos para trás. Suas pernas longas abriram mais de dois metros de distância entre nós. Ele estava sendo cauteloso e eu achei muito sábio. Porque fraca ou queimando, ele sabia do que eu era capaz.

Fiquei feliz por realmente poder atingi-lo fisicamente. Eu precisava canalizar aquela raiva e nada melhor do que o objeto de minha fúria. Esperei por alguns instantes. O que me fez decidir foi seu silêncio que confirmou minhas palavras. Então, eu soube que estava autorizada a atacar.

Percebi imediatamente ao meu primeiro gesto que Gustavo não esperava que eu ainda tivesse força para agredi-lo tão brutalmente. Seu corpo foi lançado a cinco metros. E eu sorri satisfeita. A surpresa havia me dado vantagem.

Não me preocupei com seu estado. Em um segundo, ele estava de pé novamente. Seu rosto travado em uma expressão dura. E eu soube que havia mexido com seu brio. Essa luta, com certeza, seria de igual para igual dessa vez.

Estava me divertindo com a ideia. Desde que eu descobrira meus talentos e minha força, nunca tivera a oportunidade efetiva de medir seu alcance em uma luta real. Agora que a chance apareceu, eu a agarrei com força e fiquei satisfeita que Gustavo aceitou o desafio tão prontamente. Talvez ele duvidasse da minha vitória. Mas eu acreditava nos meus poderes. Eles já haviam me dado provas de sua grandeza antes. Não me desapontariam agora.

Voltei a atacar e, dessa vez, senti nitidamente o bloqueio que Gustavo criou ao seu redor. Eu busquei acentuar minhas forças e canalizá-las a fim de quebrar a barreira. Captei toda a reserva de energia que ainda existia dentro de mim.

Eu o encarei, concentrando e focando no meu alvo. Seus olhos estavam estranhos. Como em um espelho, refletiam minha fúria e autoconfiança. Sua expressão me revelou o que eu desejava saber. Gustavo estava revidando.

Eu sorri de volta. Não sentia seu ataque. Será que meus poderes foram capazes de bloquear sua tentativa? Será que seus poderes não eram páreos para toda a potência que eu despejava sobre ele?

Porém, ao contrário do que eu imaginava, eu os senti se encolherem como se retrocedessem intimidados. Também percebi que não sentia nada. A queimação estava nula. Apenas um palpitar fraco me lembrava da localização da marca de nascença.

Gustavo continuava de pé, parado no mesmo lugar, seu olhar concentrado em mim. E o sorriso agora estava estampado em seu rosto. Ele estava regozijando. Estava se sentindo vitorioso.

Meu coração arquejou irregular por um segundo. Meus olhos piscaram pesadamente. Meus ouvidos ficaram silenciosos. Meu corpo inteiro estava amortecido. Eu o havia perdido novamente. Pior, eu havia perdido a batalha e também o último resquício de forças que ainda possuía.

Antes que eu pudesse ter certeza do que havia acontecido, caí na inconsciência.

SEGREDO

Meus olhos continuavam escuros. Meus ouvidos silenciosos. Meu corpo inerte, ausente. Era como se eu estivesse em um lugar fechado, sem uma fresta de luz ou som. Sem vida. Eu estava abandonada no vazio, no nada.

Então a morte era assim. Não existia o paraíso ou o inferno. A morte era o nada. Nada de corpo, nada de luz, nada de sensações. Só o pensamento livre e solitário. Mas o que eu podia pensar no nada? Fazer uma reflexão sobre a minha vida? E do que me valeria isso agora? Iria me tirar do nada? Iria me levar para uma vida eterna? Iria me fazer reencarnar? Nada disso fazia sentido.

E eu estava cansada de pensar. Que utilidade pensar me traria no vazio? Eu não tinha nada para fazer, para olhar, para tocar, para falar. Estava sozinha e incapaz. Minha mente estava exausta.

Eu me enchi de nada. Deixei minha mente tão vazia quanto o meu redor. No nada também não havia gravidade. O nada deixou meu pensamento leve. Eu era só mente agora. E todo o peso de minhas questões evaporou.

A eternidade seria muito simples ali. Não haveria preocupações, confusões, desejos, dor, separação, lembrança. O vazio da morte era acolhedor e gratificante.

Afinal, teria o descanso eterno e a paz de espírito tão almejados. O esquecimento das limitações e aflições humanas. O esquecimento de tudo que fosse terreno, material e perecível. A ausência total do tempo era a maior dádiva. Eu teria a eternidade toda para curtir aquele estado mental.

Mais uma vez uma sensação muito conhecida me dominou, além da leveza. A liberdade. Minha mente estava livre. Livre para vagar por onde quisesse, sem limitações. Eu me agarrei a ela sem saber exatamente como poderia usá-la ali.

Ainda assim, fiquei satisfeita. Não sabia bem de onde vinha tudo isso, porém me deixei guiar. Não eram coisas que eu me obrigava a pensar. Elas simplesmente vinham até mim como se estivessem dando voltas ao meu redor, passeando distraídas. E, de quando em quando, elas resolviam parar em minha mente.

Outras sensações invadiram meu pensamento totalmente aberto e livre. Sentia-me flutuando como se estivesse submersa em água. Mas não sentia frio. Ao contrário, sentia calor.

Aquela estranha sensação, que era mais física do que psíquica, abriu as comportas. E elas me encobriram de uma só vez como uma avalanche. Seriam lembranças?

O sopro do vento. O calor do sol. O som de água. O aroma da flora. O movimento da fauna. O arrastar de passos. O batimento de um coração. O arfar de uma respiração. O perfume de um homem. Nossa, como era intenso. Eu não podia ver, mas podia sentir de forma tão real que até parecia que tinha alguém no vazio comigo. Então o nada não era solitário.

E será que essa pessoa era conhecida? Minha mente ainda estava vazia das lembranças de minha vida terrena. Eu não consegui associar as sensações a nenhuma imagem. As recordações eram um borrão. Impossível identificar algo.

Não lutei. Deixei minha mente livre para ir para onde quisesse. E apenas deixei as sensações me envolverem ainda mais, penetrando em mim, gravando-se em minha memória vazia.

Era tudo muito novo para mim. Apesar de que eu tinha certeza que já as conhecia de outra vida. Mas ela estava tão distante como se a eternidade tivesse passado e eu finalmente tivesse despertado para uma nova vida. Uma tênue claridade iluminou meus olhos, mas ainda não via nada. A luz não era intensa a ponto de me cegar. Então por que eu não podia ver nada?

Além das sensações, tomei consciência de meu próprio corpo. Podia sentir cada parte dele apesar de estar levemente dormente, como se estivesse acordando de um sono profundo. Em seguida, a sensação de outro corpo junto ao meu, braços me segurando com força contra um peito macio. Minha mão repousada despreocupadamente sobre a camisa, erguendo-se ao ritmo de sua respiração. O hálito quente acariciando meus cílios. Nesse momento, eu soube que estava com os olhos fechados e os abri rapidamente como se tivesse acionado um botão no meu cérebro.

O rosto era muito mais belo do que eu me lembrava. Mas que lembranças eu ainda teria se minha mente afundara em um poço escuro? Eu acreditava estar morta há alguns instantes. E, no entanto, ainda respirava e estava totalmente segura nos braços de um anjo.

Como um relâmpago cruzando o céu tudo o que aconteceu antes de eu ficar inconsciente estavam ali completando as lacunas. E olhando para aquele rosto, eu sabia que podia confiar nele apesar de que meu coração já havia me avisado disso muito antes de meu cérebro.

— Alexandre... – comecei a dizer, mas minha garganta estava tão seca que ardeu e eu parei de falar imediatamente.

Seus profundos olhos negros encontraram os meus. Estavam levemente ansiosos, mas ainda transmitiam a paz que eu tanto ansiava.

— Graças a Deus você acordou. Pensei que tivesse chegado tarde demais.

E uma certeza se instalou em mim: Alexandre também havia me procurado. Aquilo estava começando a ficar fora de controle. O que estava acontecendo com ele? O irmão caçula de meu marido sempre fora um homem indiferente a tudo que dizia respeito à família, apesar de não deixar de conviver conosco.

— O que aconteceu? – tentei falar novamente – E Gustavo?

Uma ruga vincou a testa de Alexandre quando pronunciei o nome de seu irmão mais

velho. O que quer que tenha acontecido, o aborrecia. Mais do que nunca eu queria saber tudo o que se passara.

— Eu te encontrei na hora em que você estava desmaiando. Consegui te amparar antes que você esborrachasse no chão.

A segunda pergunta ficou suspensa por alguns instantes. Eu lutava contra a ardência que agora surgia no meu braço. A marca de nascença. Aquilo ainda não havia acabado. Suspirando ruidosamente, Alexandre se obrigou a continuar falando. Ele não era conhecido por ser falante e estava se esforçando na escolha das palavras certas.

— Eu não sei de Gustavo.

Aquela resposta mais me pareceu uma evasiva. Eu me lembrava muito bem. Antes de perder a consciência, a última imagem que eu vi foi a de Gustavo. Como Alexandre me amparou antes que eu caísse sem que visse o irmão? Era impossível. Eu tinha que obrigá-lo a explicar.

— O que ele fez quando te viu?

Alexandre ficou irritado. Notei o tanto que ele estava se controlando para não explodir.

— Ele não fez nada. Ficou te olhando desmaiar como se tivesse abatido um inimigo.

Aquela comparação me fez estremecer e eu me lembrei dos olhos vitoriosos de Gustavo na clareira. Olhei para o céu, tentando me acalmar. O sol ainda estava iluminando o fim de tarde e as copas das árvores passavam diante dos meus olhos.

Ainda estávamos no parque. Então não fiquei desmaiada por tanto tempo. Mas também não sabia o quanto havia me infiltrado na floresta. Poderia ter vagado quilômetros adentro. Afinal, havia corrido sem rumo pelas trilhas por algumas horas.

De repente, o céu ficou totalmente azul e aberto. Percebi que o som dos passos de Alexandre mudou. Estávamos no asfalto agora. Mais alguns passos e parou. Ele abriu a porta de um carro, entrando por ela comigo ainda nos braços e me deitou no banco traseiro. Eu me deixei ficar. Seus olhos encontraram os meus com a mesma ansiedade de antes. Suas mãos tocaram minha face.

— Tamires, você está bem? Ainda está comigo?

Pisquei os olhos como se despertasse de um transe, mas não me lembrava onde minha mente vagou por esses instantes. Acho que voltaram para o nada.

— Sim. – apenas sussurrei.

Alexandre me olhou pouco confiante por mais alguns segundos e em seguida saiu do carro. Antes de entrar pela porta do motorista, ele conferiu a entrada do parque. Enquanto dirigia em alta velocidade voltou a falar.

— Não se preocupe, Tamires. Você vai ficar segura. Eu vou te levar para bem longe dele.

Sua voz era dura como aço. Eu me encolhi automaticamente com medo até de respirar.

Mas ainda assim não tive vontade de fugir. Realmente acreditava que estaria mais segura com Alexandre do que com Gustavo.

Ficamos em silêncio. O som do motor do carro resmungava. Alexandre não se preocupou em ligar o DVD player. De quando em quando ele me espiava pelo espelho retrovisor.

Eu me concentrei nos prédios que passavam pela janela. Procurei me distrair identificando-os e tentei adivinhar que rua e bairro percorríamos. A brincadeira ocupou muito tempo da viagem. Apesar do tanto que corríamos, ainda não estávamos nem perto do apartamento de Carolina.

Era estranho. Até então não havia me ligado ao caminho, somente aos objetos. Repassei todo o trajeto através da identificação que fizera e me sentei em um pulo.

— Estamos saindo da cidade! – quase gritei, mas ainda não tinha forças para tanto.

Alexandre se sobressaltou, porém ainda estava com o carro sob total controle.

— Preciso te levar o mais longe possível de Gustavo.

Não acreditava no que ele estava dizendo. Agora sentada eu pude avistar há poucos metros a rodovia BR 277 que levava à Ponte Internacional da Amizade. Ele pretendia me levar para o Paraguai.

— Faça a volta agora, Alexandre.

Sem se demover do destino que traçara, Alexandre me olhava através do espelho espantado.

— Não posso.

Estava ficando desesperada.

— Alexandre, pelo amor de Deus, eu não posso fugir assim! Leve-me para a casa da Carol, por favor. Ele continuava irredutível.

— Você não entende, Tamires. Eu não posso segurá-lo por mais tempo. Quanto mais longe eu puder te levar, mais segura você ficará.

Balancei a cabeça. Também não estava disposta a ceder. Estava me sentindo sequestrada.

— Mas e Sofia? Ele me olhou ternamente agora.

— Ela está bem. O susto por causa das queimaduras já passou. Falei para ela que você não teve intenção de machucá-la.

Senti um oco no estômago. Havia machucado minha própria filha. Não merecia mesmo viver. Então, por que ainda continuava viva?

— Você a viu? – perguntei timidamente.

Alexandre apenas balançou a cabeça positivamente. Ele devia ter me procurado em casa. Mas como havia me encontrado? Eu ainda não tinha entendido isso. Através do retrovisor, ele ainda me analisava. Falou depressa, sem se preocupar em voltar pelo caminho que havíamos tomado.

— Não é só isso, não é Tamires, é por causa dele também.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação. Achei estranho como ele evitava pronunciar o nome do próprio irmão. Eu me afundei no banco novamente, envergonhada. Alexandre me enxergava muito bem. Mas a reação dele não era a que eu esperava. Ele socou o volante do carro com força e revolta.

— Como você consegue se importar com ele depois do que ele fez com você hoje?

Tremi com a potência de sua voz. Ainda assim não entendi o que queria dizer.

— Será que você não percebeu que ele estava dizimando suas forças?

Agora eu estava ainda mais confusa. Eu havia esgotado minhas energias tentando atacá-lo. É verdade que ele não havia se intimidado em revidar. Mas o que ele poderia ter feito comigo? Eu desmaiei porque já estava fraca.

— Ele jamais me machucaria. – concluí o pensamento em voz alta.

— Você está errada. – com a voz rude contestou minha declaração imediatamente.

Cobri os olhos com as mãos tonta. Meu coração disparou e minha respiração ficou pesada. Eu tentava entender o que ele havia percebido que eu não pude. A única coisa que me veio à mente foi o rosto triunfante de Gustavo no parque. Ele também acreditava que estava me atingindo. Ele tinha certeza que estava vencendo. Automaticamente, eu afundei no banco de novo.

A imagem de Gustavo paralisou em meu cérebro. Seus olhos gritavam para mim a vitória. Seu sorriso acompanhava essa certeza. Então me dei conta que desmaiei rápido demais para ter sido só por mim mesma.

Estava me descontrolando novamente e lutando contra a escuridão que voltava a me assombrar. Uma certeza me envolveu como um monstro. Se Alexandre não tivesse chegado a tempo, Gustavo teria me destruído.

— É melhor você descansar, Tamires. Logo estaremos seguros. E não se preocupe com Gustavo, eu protegerei você.

A voz de Alexandre estava muito longe de meus ouvidos. Eu caía em um abismo sem fim. Queria gritar, mas minha garganta estava fechada. Queria correr, mas minhas pernas estavam moles. Queria adormecer, mas minha mente ainda tentava encontrar uma saída.

E, como um choque, uma verdade me tocou repentinamente. Ela estava ali o tempo todo, mas eu não fui capaz de enxergá-la antes. Depois de descobrir que Sofia também tinha um dom, isso significava que ela havia herdado de mim e de Gustavo. Então estava no sangue, em nossa origem.

E se era hereditário, devia estar em nossos pais, avós, primos, tios, sobrinhos. Minha família atual era pequena, porém não era composta somente por três pessoas. Havia mais uma.

Alexandre.

Não me debati com esse segredo por muito tempo. Eu o sufoquei em meu peito junto com um suspiro e deixei que a inconsciência fizesse o resto.

SENTIMENTO

Alexandre estava revoltado. Suas mãos apertavam com força a direção do carro. Seu pé afundava o acelerador ao máximo. Seus olhos voavam entre a estrada e o retrovisor a todo o momento.

Estava aliviado por Tamires ter adormecido novamente ou desmaiado com o choque da revelação. De qualquer forma, ela precisava recuperar as energias. E para isso precisava poupar o pouco que lhe restava.

Não conseguiu conter a fúria contra ela também. O amor que ela alimentava por Gustavo era suicida. Como ela podia se recusar a enxergar o que estava bem diante de seus olhos? A morte a espreitava pelos olhos negros de Gustavo.

Medo, desespero, horror e raiva. Todos esses sentimentos se misturavam dentro de Alexandre como uma carga explosiva. O resultado era energia extra para seus músculos doloridos devido às contrações involuntárias. Mas ele se concentrou no objetivo de afastá-la de Foz o máximo que pudesse.

Gustavo demoraria muito mais para encontrá-la se dirigisse a noite inteira. Queria abrir o máximo de vantagem que pudesse. Principalmente porque, quanto maior fosse a distância, menor o efeito de suas habilidades.

Alexandre estava enojado com o próprio irmão. O que ele pretendia fazer lá na clareira? O que ele estava pensando com aquela expressão asquerosa? Será que ele a amava tanto que preferia vê-la morta a perdê-la para sempre?

Que tipo de amor egoísta e insano era esse? Gustavo não deveria querer que Tamires fosse feliz independente do caminho que ela escolhesse? Não deveria protegê-la em vez de subjugá-la daquela maneira?

Gustavo não a amava. Ele tinha prazer em controlá-la, em usá-la com o objetivo para satisfazer seu ego, em dominar suas fraquezas e ditar o caminho que deveria seguir. Para Alexandre, isso não era amor.

O irmão caçula torceu as mãos no volante. *Você teve sorte, Gustavo, que eu me preocupei mais com Tamires do que com você naquela clareira. Se ela não estivesse precisando de mim, eu teria acabado com você ali mesmo.*

Alexandre espiou pelo retrovisor novamente. Respirou fundo. Agora Tamires estava segura e ele não sairia de perto dela tão cedo. Se fosse preciso, enfrentaria Gustavo sem medo das consequências de uma disputa entre eles.

Não, disputa não era a palavra correta. Era briga, luta, batalha. Alexandre se sentia em uma verdadeira praça de guerra, montando estratégias para derrotar seu inimigo. E não importava que seu adversário fosse seu próprio irmão.

Suspirou. *Quem sou eu para julgar os sentimentos de Gustavo? Nunca me apaixonei.* Alexandre se trancara para o amor há muito tempo e não conhecia o que era amar uma mulher. Nunca olhara para elas o suficiente para prestar atenção em algo que o atraísse. Fora sua estratégia de defesa. Não se envolveria mais do que socialmente, então, não abria espaço para intimidade, por menor que fosse.

Esse súbito interesse por Tamires o estava incomodando. Lembrava-se do dia que a conheceu. Havia acabado de chegar à cidade e procurara Gustavo para vê-lo e percebeu um brilho estranho em seus olhos. Algo que nunca vira ali antes, apesar dos anos de separação.

Alexandre ficara desconfiado, mas satisfeito por seu irmão estar feliz, mesmo ficando longe de sua família por tanto tempo. Se era isso que ele desejava, então aceitaria.

Gustavo não perdeu tempo. Na noite seguinte, armou um pomposo jantar para apresentar sua joia rara (como chamara Tamires à época). Alexandre olhou para ela da mesma forma que olhava para as mulheres bonitas que passavam a sua frente. Bonita, sim, ele não podia negar. Mas não se permitiu um segundo olhar perscrutador sobre ela.

Tamires se tornou uma presença constante por causa de Gustavo, mas como sempre Alexandre se mantinha distante. Prendia sua atenção nas expressões do irmão mais velho. Ele havia mudado muito naqueles anos. Deixara de ser um jovem inseguro para se tornar um grande homem de negócios, no controle de sua própria vida.

O que mais o incomodara, de imediato, fora a maneira como Gustavo olhava para Tamires. Era adoração. Alexandre não conseguia entender aquela fixação que ele tinha por ela. Ele nunca havia visto aquilo antes em toda sua vida.

Talvez porque nunca perdera mais do que um minuto olhando para as pessoas ao seu redor. Mas seu irmão, que fora seu ídolo na infância, era outra história. Era a única pessoa no mundo que lhe importava de verdade.

E aquele jeito babão com que ele falava dela, seguia seus passos e movimentos com o olhar, o sorriso travado na cara de bobo, deixava Alexandre confuso. Algo dentro dele mudava quando o assunto era Tamires.

Quando Gustavo a via, o mundo parecia se iluminar. Ele mudava completamente. A expressão, a posição na cadeira, a direção dos olhos, o desenho dos lábios. Era como se só houvesse Tamires no mundo. Ela era o sol e ele um girassol, virando-se para segui-la o dia inteiro.

Tudo bem, seu irmão mais velho sempre fora um sentimental. Mas para Alexandre, o

que afetava Gustavo era muito além de sentimento. Para ele, Tamires era uma necessidade, uma droga, um vício insaciável.

E isso significava que Gustavo perdia completamente a razão por causa dela. Tanto estava certo sobre esse fato que Alexandre quase presenciara o maior desatino que a falta de controle de Gustavo poderia desencadear àquela tarde.

O sol finalmente começava a se pôr no horizonte. Mas Alexandre não prestou atenção no espetáculo da natureza. Estava satisfeito por escurecer. A noite dificultaria a perseguição de Gustavo e auxiliaria na fuga.

Mais uma espiada para conferir Tamires pelo espelho. Alexandre não acreditava que ela acordaria tão cedo. Provavelmente dormiria direto por algumas horas. Ele sorriu enquanto via sua expressão plácida iluminada pelo último resquício de sol.

Alexandre tremulou a cabeça. *O que está acontecendo comigo, afinal? Por que estou nessa empreitada louca a fim de salvar essa mulher? Por que estou tão preocupado com ela?*

Buscou em suas memórias momentos que pudessem ajudá-lo a entender. Depois do dia em que a conheceu, não tinha muitas lembranças de Tamires. Tudo bem, havia as reuniões de família. Almoços, jantares, passeios, festas. Ainda assim nada especial que merecesse um registro em sua mente.

Sofia já era o contrário. Alexandre sabia o que era amá-la. E associou aí um sentimento recíproco entre ele e Tamires. Mas isso era tudo?

Muitos anos se passaram em suas memórias sem acontecimentos marcantes. E então, o acidente de Tamires, a internação de Gustavo, o alinhamento e o réveillon saltaram em sua mente. Aquele havia sido o dia fatídico. Agora se lembrava. Alexandre se permitiu olhar em seus olhos pela primeira vez e mais cuidadosamente uma segunda.

Foi aí que tudo começou. O brilho que irradiava dela o cegou e o prendeu para sempre em seu olhar. Alexandre enxergou algo mais. Em nada sua beleza era comum. Era exótica e nada enjoativa. Nunca se cansaria de contemplá-la.

Seu corpo se movia com graça. Seu sorriso era ofuscante. Seu perfume era envolvente. Alexandre se perdeu nesses sentidos para sempre como em um labirinto. Jamais encontraria a saída. E nem desejava encontrá-la.

Viu-se lutando contra si mesmo na frente do apartamento de Carolina. A alegria incontrolável de saber que Tamires havia deixado Gustavo. Apesar de relutante subira ao apartamento para olhar em seus olhos nesse momento. O que encontraria neles? Liberdade ou tristeza?

Alexandre não se lembrava o que vira sobre os sentimentos dela. Lembrava-se exatamente de seu próprio sentimento. Do desejo que o fazia se aproximar mais e mais dela.

Suas mãos latejando na ânsia de tocá-la. Seus lábios secos ansiosos por...

Estacou seus pensamentos aí. Aonde eles o levariam? O que afinal teria acontecido se Carolina não o tivesse interrompido? Contrariando seu autocontrole, mesmo incapaz de pensar na palavra, Alexandre viu sua mente, traiçoeira, imaginando a cena que se seguiria.

Alexandre toma entre as mãos o rosto macio de Tamires, inclina-se aspirando suavemente seu perfume e une suas bocas com desejo. Aperta em seus braços o corpo quente de Tamires e se entrega ao anseio mais ardente de sua alma.

Não ajudou muito o fato de Alexandre tê-la carregado há alguns minutos. Ele ainda podia sentir a dormência e o calor onde o corpo dela estivera por tanto tempo colado ao seu. Ainda se lembrava da maciez de pêssego de sua pele.

Não queria encontrar as palavras, porém elas o perseguiram e se encaixaram em sua cabeça. Afinal, não era uma resposta que ele queria? Essa era a única que poderia ter. *Eu estou apaixonado por ela*.

Encarando as luzes da famosa Ponte da Amizade há poucos quilômetros, agora totalmente ciente de suas motivações, Alexandre suspirou fundo e pegou o último retorno para Foz do Iguaçu.

***

O voo finalmente pousou no aeroporto internacional de Guarulhos. Só de

pensar que ainda teria três horas de espera até a saída do próximo, Marcel ficava angustiado. Ligou logo para Suzane e ela o tranquilizou já que não vira nada até agora que indicasse que algo terrível aconteceria. Tamires deveria ter escapado do perigo.

Ainda assim, Marcel resolveu que iria procurá-la e vigiá-la pessoalmente. Pediu a Suzane que voltasse a dormir. Sua voz estava distante ao telefone. Ela deveria estar olhando para o futuro em vez de descansar.

Marcel se sentiu mal. Estava abusando dos poderes de Suzane. Precisava usar mais os seus para poupá-la. Afinal, ela não era a única que podia ver Tamires. A diferença era que Marcel sentia a presença dela e conseguia segui-la. Suzane conseguia ver se alguma coisa importante fosse acontecer em breve. Os dois se completavam.

Preparou-se para esperar a chamada do voo no terminal apinhado de gente. Desligou-se do barulho ao redor e se concentrou em encontrar Tamires. Estava difícil dessa vez. Ela não parecia estar nos lugares que sempre frequentava.

Concentrou-se mais para que pudesse estender o alcance de seu poder. Passaram-se vários minutos sem que tivesse sucesso. Continuou tentando, evitando que pensamentos pessimistas atrapalhassem seu objetivo. Limpou totalmente sua mente e seu espírito. Pensou somente em Tamires e seu poder gritante. Não era para ser tão complicado encontrá-la. Ainda

mais porque ela não dominava totalmente seus poderes e eles sempre estavam fluindo intensamente.

Vasculhou Foz do Iguaçu de leste a oeste, de norte a sul, e nada de Tamires. Um novo pensamento tentou quebrar sua concentração e Marcel o dissipou rapidamente. Não precisava se desesperar ainda. Suzane havia garantido que não acontecera nada e que não aconteceria de novo, por enquanto.

De repente, toda a explosão e a força dos poderes de Tamires se manifestaram e o deixaram tonto. Eles estavam muito mais fortes agora. E ela devia estar muito bem, já que toda a energia estava concentrada em seus poderes. Marcel percebeu que eles estavam aumentando dentro dela e que em breve atingiriam seu clímax.

***

Nada lhe chamava a atenção. Zapeou canais na televisão, tentou assistir filmes, ouvir músicas, ler um livro, mas sua concentração não durava mais do que cinco minutos. Sua mente vagava para um rosto atraente.

O horário de expediente fora uma benção nos últimos dias. Problemas na empresa, fofocas maldosas, brigas entre funcionários, a tagarelice de alguém durante o almoço, Carolina aceitava o arrastar dessas horas agradecida.

Já seu aconchegante apartamento passara a ser seu maior temor. A presença de Tamires não a confortava. Ao contrário, trazia à tona pensamentos que lutava o dia todo para esconder. Alexandre. Esse era seu único tema no momento.

Antes mesmo de ter certeza que magia realmente existia, Carol já a havia associado a Alexandre. E para ela era a única explicação para a enigmática atração que ele exercia sobre ela.

Depois que Tamires confirmou a existência de seres mágicos no mundo real, Carolina não se espantou. Aceitou com tanta facilidade como se sempre soubesse dessa verdade. Mas não podia negar que o assunto lhe dava arrepios agora.

Acreditar é uma coisa, mas ter a confirmação de algo irracional era chocante. E a estava abalando profundamente. Imediatamente ficara empolgadíssima com o assunto, mas agora estava apavorada.

Estar sempre certa era meio chato às vezes. Mas só de vez em quando. Na maioria do tempo Carolina amava seu senso aguçado para perceber coisas que os cinco sentidos jamais poderiam. Maldita sensibilidade!

Agora estava perdida. Alexandre estava cada vez mais próximo, impedindo que sua mente funcionasse corretamente. Mesmo quando ele não estava presente fisicamente no apartamento, ela podia perceber sua energia irradiando ao seu redor. E ela sabia por quê.

Tamires. Ela também tinha a mesma energia atrativa. Devia ser a manifestação da tal

magia neles. Porém, Carolina estava se afundando nesse sentimento mais do que desejava.

Saber que existia magia em Alexandre não a confortava. Ao contrário, lhe dava certeza de que seu sentimento era uma ilusão. Porém, estava cada vez mais envolvida e não tinha mais forças para lutar contra.

Sofreria. Era a única alternativa que lhe era oferecida agora. Alexandre era uma força violenta que a arrastava para um abismo profundo e sem volta. Teria que aprender a lidar com isso usando todas as armas que tinha.

A presença de Tamires também lhe dava muita insegurança. Algo lhe dizia que aquilo ainda podia piorar. Carolina queria que ela voltasse para Gustavo, para sua vida, e assim fizesse a sua voltar ao normal. Ela não estava preparada para enfrentar a dor que estava nascendo em seu peito. Melhor, não queria vivenciá-la. Não achava justo. Não havia escolhido aquele amor. Portanto, não estava disposta a sofrer por ele.

E quem seria capaz de escolher por quem se apaixonaria? Carolina não se importava com os clichês sobre paixão e amor. Ela conhecia profundamente seu próprio coração. E, ao contrário de outros, ela sempre sentiu e dominou suas emoções. Não que fosse racional, na verdade era totalmente ao inverso. Mas organizar as próprias emoções era um de seus talentos. Era uma autodefesa que criara muito cedo. Alexandre fora o único que conseguira desequilibrar seus sentimentos. E isso a estava deixando louca.

Carolina olhou no relógio de parede. Estava ficando tarde e Tamires ainda não voltara. Será que ainda estava com Sofia? Mas a essa hora Gustavo já estava em casa e ela dissera que não queria se encontrar com ele.

Será que Tamires e Gustavo estavam conversando? Ou será que estavam brigando novamente? Bem, de qualquer maneira, Carolina torcia para que fizessem as pazes logo e resolvessem seus problemas juntos.

O que estava em suas mãos já estava feito. Não havia mais nada que pudesse fazer para ajudá-los. Já fizera demais, a propósito. Talvez Gustavo tenha ficado com raiva dela. Talvez ela tenha se metido mais do que devia nessa história.

Mas como dissera para ele antes, não tinha como ficar de braços cruzados vendo os dois se machucarem. Ela se importava de verdade com Tamires, muito mais do que com Gustavo, agora que sabia que ele andava mentindo para ela.

Suspirou. Não estava em posição de julgá-lo. O que também não seria capaz de fazer por medo de perder um grande amor? Carolina não sabia e preferia nem pensar nisso. Deitada no pequeno sofá, olhando fixamente o teto, Carolina não ouvia a televisão ligada. Seus pensamentos falavam com ela no momento.

De repente, o interfone tocou, assustando-a. Levantou-se e caminhou lentamente até o

aparelho. A voz do porteiro estava estranha, meio afoita.

— Sua amiga está subindo acompanhada. – e desligou.

Carolina já conhecia aquele tom. Ele estava desconfiado. Com quem Tamires estaria subindo? Claro, só podia ser com Gustavo. Eles deviam ter vindo juntos para agradecer.

Bom, muito bom mesmo. Com um sorriso de expectativa no rosto, Carolina caminhou até a porta, mas antes de alcançá-la, a campainha tocou várias vezes consecutivas. Alguém estava muito impaciente.

— Calma, já estou indo.

Ao abri-la o sorriso sumiu de seu rosto. Alexandre segurava Tamires desacordada nos braços. Seus olhos estavam levemente ansiosos.

— O que aconteceu? – perguntou Carol assustada.

Antes que completasse a frase, Alexandre já havia cruzado o pequeno aposento e repousava o corpo inerte da amiga no sofá. Carolina o seguiu de perto, angustiada.

— Ela só está cansada. Vai ficar bem. Não se preocupe.

Alexandre se sentou no braço do sofá, próximo a cabeça de Tamires. Carolina se sentou no chão e tomou uma das mãos da amiga.

— Mas o que aconteceu? Ela está ferida? – insistiu.

Enquanto perguntava, Carolina conferiu o corpo da amiga e logo viu que a marca de nascença estava muito vermelha.

— Oh, meu Deus!

Alexandre torceu os lábios. Aquela mancha estava muito feia. Não se espantou que Carolina tivesse se assustado.

— Calma, Carolina. Ela ficou um pouco febril e vagou sem rumo pelo parque. Ela desmaiou de exaustão, mas vai ficar bem. Só precisa descansar.

Carolina pousou a mão sobre a testa de Tamires.

— Ela ainda está quente. – confirmou.

Alexandre balançou a cabeça.

— Ela estava pior, pode acreditar em mim. Carolina olhou espantada para ele.

— Como?

— Não sei. Só cuide dela, por favor. – e olhando para ela em silêncio por mais alguns instantes, completou – Posso ficar até ela acordar?

Carolina não esperava por aquele pedido e se ouviu respondendo.

— Claro.

Enquanto olhava para a amiga, Carolina se torturava. Como podia ser tão egoísta? Tinha que se concentrar somente em Tamires agora. Seus sentimentos e problemas emocionais não significavam nada diante do que ela estava enfrentando. E Tamires estava sozinha. Bem,

contando com Alexandre e ela mesma, não estava mais.

TRAIÇÃO

A televisão estava ligada, mas ninguém a assistia. Alexandre não se afastava de Tamires enquanto Carolina trocava compressas frias na testa e na marca de nascença, que ainda estavam quentes e secavam com rapidez a água do tecido.

O silêncio entre eles era quebrado pela respiração fraca de Tamires ou um suspiro preocupado de Alexandre. Carolina observava as próprias mãos atarefa- das, trocando as compressas automaticamente.

O tempo passava e Tamires melhorava muito lentamente. Carolina previa ficar madrugada adentro cuidando da amiga. Apesar da falta de mudança em seu estado, percebeu que sua cor estava mais para rosa do que para vermelha.

A magia de Alexandre, reforçada pela presença de Tamires, a cercava violentamente. Seus olhos corriam teimosamente para observar o rosto do homem tão próximo, mas voltava a si antes de se deslumbrar com sua beleza.

Pelo canto dos olhos, o observava em silêncio. Se alguém pudesse virar uma estátua, essa pessoa seria Alexandre. Praticamente não se movera desde que se sentara no braço do sofá. Parecia concentrado em alguma coisa.

Talvez um pensamento que, de vez em quando o levava a olhar ansiosamente para a mulher adormecida entre eles. Talvez só preocupação. Mas como estava muito atenta a suas expressões, percebeu que Alexandre, na maior parte do tempo, parecia olhar através da parede, como se fosse possível.

Parecia estar longe dali, espreitando algo que Carolina nem imaginava o que seria. E essa estranha vigilância só podia estar relacionada com Tamires. Carolina apoiou essa preocupação carregando sua própria face com a expressão.

Daria tudo para saber exatamente o que havia acontecido. Tinha certeza de que Alexandre estava escondendo todos os detalhes sórdidos. Mas Carolina não precisava ouvir para saber que tinha tudo a ver com o segredo que finalmente Tamires compartilhava.

Será que Alexandre também conhece toda a verdade? Que pergunta mais idiota, mas é claro que sim. Ele fazia parte desse mundo mágico como Gustavo e Tamires. Carolina respeitou seu silêncio anulando todas as perguntas que corriam em sua mente.

Além de estar ausente na maior parte do tempo, Alexandre provavelmente se esquecera de que Carolina ainda estava ali. Em nenhum momento lhe lançou o olhar, nem que fosse um relance muito rápido. Estava invisível para ele.

Dessa vez, Carol suspirou. *O fato é que sempre fui invisível para ele. Por que isso mudaria agora? Por que ele está muito mais presente em minha vida do que antes? Não se iluda, Carolina. Você está em um caminho de via única.*

Carolina espiou Alexandre com receio de que tivesse percebido sua pequena manifestação. Preocupação inútil. Ele ainda continuava absorto com a parede. Então, ela sorriu com um pensamento tolo. *Ainda bem que ele não pode ler meus pensamentos*. E com espanto, questionou: *Será que não pode mesmo?*Resolveu mudá-los imediatamente só por garantia.

Enquanto buscava um novo tema para ocupar sua mente, distraindo-se com mais uma troca de compressas, Alexandre se ergueu do sofá, assustando-a. Seu rosto estava severo, deixando-a ainda mais alarmada. O que ele estaria vendo?

Alexandre caminhou duramente até a porta e ficou parado diante dela, as mãos fechadas em punho. Então o interfone tocou novamente, sobressaltando-a. Alexandre nem se mexeu enquanto Carolina corria até o aparelho na entrada da cozinha. Mais uma surpresa.

Quando voltou para a sala, Carol estava intrigada.

— O que está acontecendo agora? Como você sabia?

Sem se voltar para olhá-la, Alexandre deixou sua voz soar grave e profunda.

— Concentre-se em Tamires. Deixe que eu cuido dele.

Carolina não questionou sua voz dura. Conferiu a temperatura de Tamires antes de recolocar a compressa. O som do interfone não havia afetado seu sono profundo. *Coitada, deve estar exausta*.

De repente, Alexandre abriu a porta e saiu para o *hall* de entrada do apartamento impossibilitando a entrada de qualquer pessoa. Carolina ouviu em seguida a porta do elevador se abrir. Passos firmes cruzaram a distância com agilidade e uma voz grave ecoou.

— O que você fez com ela?

Alexandre respondeu imediatamente sem mexer um músculo do corpo.

— Eu a salvei de você! A voz estava bem em frente a Alexandre agora.

— Como conseguiu levá-la sem que eu visse? Você... – mas não completou o pensamento. Carolina avistou um sorriso malicioso no perfil de Alexandre.

— É. Eu também conheço alguns truques. O silêncio foi a resposta da outra pessoa. Carolina também estava atônita.

Nunca se imaginou presenciando uma conversa dessas. Mal conseguia piscar os olhos.

— Deixe-me passar. Preciso vê-la. – a voz estava mais calma, porém firme.

Alexandre não se moveu. O sorriso fugiu de seu rosto.

— Não. – foi sua única resposta.

A energia que emanava dos dois corpos atravessava as paredes e o espaço até alcançar

Carolina. Ela estremeceu. Isso não ia terminar bem.

— Ela é minha mulher, Alexandre. Saia da minha frente! Alexandre continuou travado.

— Não me importa o que ela era para você! Não permitirei que se aproxime dela de novo!

— Como assim era? Ainda somos casados! – vociferou o outro.

— Um papel não quer dizer nada diante do que você fez com ela hoje! – Alexandre arquejou fortemente antes de continuar – Tenho medo de pensar no que teria acontecido se eu tivesse me atrasado por cinco minutos.

Carolina piscou. Foi a única reação que conseguiu ter à declaração de Alexandre. Gustavo tinha culpa por Tamires estar febril? Isso não fazia sentido. Nunca vira Alexandre naquele estado. Portanto, só podia ser verdade. Seu corpo estremeceu de medo.

Lembrava-se de tudo que Gustavo havia feito, inclusive usando Sofia, para impedir que Tamires descobrisse a verdade. Será que agora que ela o havia deixado para desvendar sozinha esse mistério, ele decidira que sua morte seria a única solução? Gustavo preferia vê-la morta a sentir vergonha de olhar em seus olhos depois que Tamires descobrisse toda a verdade? Agarrou com força a mão de Tamires como se pudesse protegê-la com esse pequeno gesto.

— Eu a amo mais do que você imagina, Alexandre. Nunca a teria machucado. Você não tinha nada que se meter. – pausou e baixou o tom da voz antes de continuar – Você não viu quando ela me agarrou e me beijou. Ela ainda me ama com a mesma intensidade.

Alexandre travou a mandíbula e curvou ainda mais os dedos nos punhos.

— Como isso pode ser verdade se ela ficou feliz quando me viu e fugiu comigo por livre e espontânea vontade?

— Você está mentindo! – gritou Gustavo e fez Carolina tremer novamente com o trovão de sua voz – Se ela não me quiser mais, eu tenho que ouvir isso da boca dela.

Gustavo avançou um passo e Alexandre rapidamente o deteve, sua enorme mão espalmada no peito do irmão mais velho.

— Alexandre... – começou a dizer Gustavo como uma ameaça.

— Não, Gustavo. Ela ainda está dormindo. Deixe-a descansar.

A franqueza e a suavidade na voz de Alexandre pegaram Gustavo desprevenido. Ambos ficaram paralisados em seus movimentos interrompidos como se tivessem brincando de estátua ou tivessem sido congelados por uma força superior. Apesar do silêncio, seus olhos gritavam um para o outro com ferocidade.

Carolina sentiu seu coração disparar. Com certeza aquilo não ia terminar bem. Ambos estavam alimentando algum sentimento estranho em suas mentes e a explosão não tardaria a acontecer. Ela pressentiu que o final da briga não seria muito agradável.

— Alexandre, o que você está fazendo aqui ainda? – perguntou muito pausadamente

como se desconfiasse da resposta.

O irmão caçula não titubeou.

— Já disse, protegendo-a de você.

Gustavo continuava estranhamente calmo.

— Mas por que você resolveu se importar agora?

Carolina sentiu que aquela pergunta era ambígua. Estava muito interessada na resposta. Alexandre pareceu parar de respirar por alguns segundos enquanto lia as entrelinhas das palavras de Gustavo.

— Porque eu me apaixonei por ela. E agora que ela decidiu te deixar, quero que saiba que vou lutar por este amor.

Um grito de dor gutural cortou seus pensamentos e fê-la voltar para a realidade.

— Traidor! Não importa o que faça, Alexandre. Tamires nunca será sua!

O choque só durou alguns segundos. A mão pesada de Gustavo voou tão rápido que Carolina demorou a compreender o que havia acontecido. Alexandre tombou pesadamente para trás, arrastando-se por alguns metros até chocar-se contra a parede que limitava o corredor.

Então Carolina pode ver Gustavo. Seus olhos estavam furiosos quando olhou para dentro do apartamento. Seu olhar foi direto para Tamires, passando despercebido por Carol. Quando fez menção de entrar, um vulto negro colidiu com seu corpo e imediatamente sumiu de seu campo de visão.

Carolina apenas ouviu os socos e urros entre os dois ecoando lá fora. Deu graças a Deus por não estarem do lado de dentro. Suas coisas estariam totalmente quebradas agora. Riu de si mesma. Alexandre acabara de confessar estar apaixonado por Tamires e ela estava preocupada com coisas materiais. *Ah, eu não tinha mesmo esperanças de ficar com ele*. Consolou-se.

Correu até a porta desesperada, mas ficou aliviada quando viu Gustavo sangrando, atirado ao chão e Alexandre, em pé, intacto. Havia um corte grande na boca do irmão mais velho.

— Esse foi pela festa de ano novo. – e Alexandre saltou sobre Gustavo de novo.

Queria tapar os olhos, mas estava em choque. Viu Alexandre desferir vários golpes contra o próprio irmão. Aquela cena era grotesca e sangrenta. Carolina correu até ele, chacoalhou seus ombros.

— Pare com isso agora, Alexandre!

As tentativas de Carolina não o demoveram em nenhum centímetro. Teria que usar outro artifício.

— Os vizinhos vão chamar a polícia!

Mas Alexandre continuava socando Gustavo. Carolina o soltou, largou os braços sem

saber o que fazer. Decidiu que ameaçar seria uma boa alternativa.

— Alexandre, se você não parar com isso agora, eu vou ligar para polícia e acusar vocês dois por invasão de propriedade e agressão corporal. Acho que uma noite na cadeia vai refrear a fúria de vocês!

O braço armado de Alexandre paralisou, a mão direita fechada em punho pronta para o próximo golpe. A esquerda, que segurava Gustavo pela gola da camisa fina, se abriu e o corpo do irmão mais velho se estatelou no chão. Com agilidade, o irmão caçula estava de pé. Confirmando as palavras de Carolina, uma sirene soou na rua, há alguma distância.

— Acho melhor você ir embora agora, Gustavo.

— Não vou deixar você aqui com ela, seu traidor! Antes que os dois começassem a se agredir novamente, Carolina interveio, a voz firme e autoritária.

— Vocês dois vão embora imediatamente! Ambos a encararam espantados.

— Mas, Carol... – começou a reclamar Alexandre.

Agora ele queria intimidade com ela? Carolina não admitiria.

— Nada de mas. Não se preocupe, eu cuidarei de Tamires. E você, Gustavo, tem uma filha te esperando em casa. Agora acho melhor se apressarem.

A sirene, alta e clara já estava exatamente em frente ao prédio. Mesmo com relutância, ambos se afastaram de Carolina. Parados em frente ao elevador, resolveram se dividir. Gustavo desceu as escadas para fugir da polícia e Alexandre esperou o elevador subir. Seu estado era melhor do que de seu irmão. Carolina suspirou aliviada e entrou no apartamento fechando a porta atrás de si. Toda aquela confusão tão próxima e Tamires continuava dormindo serenamente.

— É, amiga, – suspirou – mesmo neste estado você tem o dom de causar fortes emoções.

ENCONTRO

Estava de novo na escuridão. O silêncio e o vazio dominavam meus sentidos. A solidão era minha companheira. Estava cada vez mais confusa. As memórias se misturando com impressões a ponto de não conseguir separar o que era real do que era fantasia.

Estaria morta? Gustavo havia me matado ou somente me atacado? Alexandre havia me salvado antes da morte através de possíveis poderes sobrenaturais? Eu não sentia mais o cheiro nem a sensação do couro no banco traseiro do carro de meu cunhado. Teria imaginado coisas? Alexandre estaria dirigindo e me levando para um país vizinho a fim de me manter afastada de Gustavo? Ou ele teria me ouvido e me levado de volta para Foz do Iguaçu?

Estava cansada. Exausta de tanto me confundir. Cheia de tanto delírio. A intensa febre. A marca de nascença. A fraqueza. Os desmaios. Quando esse tormento teria fim?

Esses pensamentos vieram acompanhados de outras recordações. Gustavo havia dito que eu não ia morrer. Ele dissera que eu estava passando por uma transformação e que em algumas horas a dor passaria.

Quanto tempo havia passado? No vazio não há como marcar o tempo e eu ainda estava esgotada. Eu podia fazer o teste e tentar abrir os olhos para me certificar de que ainda estava viva, mas não tinha forças para erguer as pálpebras.

E havia descoberto o segredo de Alexandre. Um segredo que nem mesmo Gustavo conhecia e o pegara de surpresa tanto quanto a mim. Bem, eu também não conhecia a essência do poder do meu próprio marido. Quem diria de meu cunhado.

Outra dúvida me veio à mente. E se tudo era um devaneio e eu ainda estivesse desmaiada na cobertura? E se eu tivesse imaginado todo o resto? Eu não queria abrir os olhos e me deparar com minha própria insanidade novamente.

Queria ter certeza da realidade antes. Queria que meus sentidos me apoiassem nisso. E enquanto eles ainda estivessem ausentes, distantes como meu corpo que eu não encontrava de novo, eu me manteria inerte. E se essa escuridão finalmente fosse a morte, eu passaria a eternidade esperando que a luz viesse ao meu encontro.

***

O aeroporto internacional de Foz do Iguaçu estava bastante movimentado devido ao mês de férias. Turistas chegavam de toda parte do Brasil e até do mundo para conhecer a tríplice fronteira e as maiores cataratas sul-americanas.

Marcel desceu do avião junto com os outros passageiros e foram recebidos pelo tapete

vermelho típico da operadora. Carregava apenas uma pequena bagagem de mão. Sua estadia na cidade seria muito breve.

Enquanto caminhava até o saguão de desembarque, Marcel sacou o celular do bolso da calça e o religou. A tela se acendeu e mostrou a hora. Era 1h20 da madrugada, porém não se preocupou em acordar Suzane.

— Oi, Su, acabei de desembarcar em Foz. – pausa – Não se preocupe, irei en- contrá-la imediatamente. – nova pausa – Volte a dormir. Assim que eu tiver novidades, ligo novamente. Beijo. – e desligou.

Estava excitado. Apenas alguns quilômetros o separavam de Tamires agora. Não tinha o endereço dela, mas enquanto caminhava para a saída do aeroporto, buscou sentir sua presença. Dessa forma, saberia que direção tomar. Entrou no primeiro táxi da imensa fila.

— Boa noite, por favor, dirija até a cidade. – pediu.

O taxista – um homem moreno e marcado por rugas salientes, olhos casta- nhos cobertos por sobrancelhas grossas, boca larga e dentes amarelos, um boné encardido na cabeça e rosto de bochechas redondas – se virou para trás.

— Boa noite, como é, senhor? Marcel suspirou. Seria complicado explicar que não tinha o endereço.

— Só dirija até a cidade. Vou te falar o caminho a seguir quando tivermos chegando perto. Não se preocupe, serei generoso.

A alusão a dinheiro convenceu o homem que se voltou para frente e começou a dirigir. Depois de pegar uma via transversal, saiu em uma avenida principal e iluminada. Marcel leu a placa: Avenida das Cataratas. Desfocou do cenário no caminho e concentrou sua mente em Tamires. As luzes das casas e prédios à dis- tância revelavam que estava no caminho certo.

***

Lutando para manter-se sentada e os olhos abertos, Carolina piscava e escorregava ao lado do sofá onde Tamires repousava. Aquele havia sido um longo e duro dia e seu corpo não aguentava mais. Precisava descansar.

Mas enquanto não tivesse certeza de que a febre de Tamires passara totalmente, se recusava a ir para seu quarto. O sono a venceu inúmeras vezes, fazendo-a cochilar escorada ao móvel.

Sua mente vagou por sonhos obscuros. Viu-se em uma terra desconhecida cer- cada por uma densa floresta. A lua iluminava uma área há poucos metros de distância revelando uma vegetação mais rala. Estava em uma clareira. O resto era um breu.

Algo se moveu na folhagem a sua frente oculto pela escuridão da noite. Carolina mais ouvia os passos do que via. Porém, seu coração acelerado já palpitava ao ritmo de um nome mágico.

A pessoa parou um passo antes de adentrar a luz, mas sua silhueta alta, forte e perfeita era inconfundível. Carolina sorriu por antecipação e ansiedade. Queria ver com os próprios olhos o rosto que já decorara em sua mente.

— Carol, venha.

A voz angelical cantou em seus ouvidos irresistivelmente. Sem pensar, Carolina deu um passo à frente e a outra pessoa a imitou. Seu corpo ficou coberto parcialmente pela iluminação prateada. O sorriso mais belo que já vira e uma mão estendida lhe confirmaram o que já sabia.

Carol deu outro passo e Alexandre completou o movimento ficando totalmente visível. Hipnotizada pela miragem, deu sequência aos movimentos encurtando a distância entre eles na enorme clareira.

Queria correr, mas tinha medo que ele se assustasse. Porém, Alexandre era inteiro convidativo. O olhar preso nela firmemente que retribuía com intensidade. Esperara por esse momento durante anos e finalmente ele chegara.

A dois passos, Alexandre abriu os braços como que para recebê-la e antes que Carol completasse o próximo, o rosto do homem adorado mudou. Sua expressão foi de angelical para diabólica. E em um piscar de olhos, estendeu os braços para frente, como se estivesse chamando alguém da escuridão às suas costas.

No segundo seguinte, seres invadiram o espaço ao seu redor. Fadas, duendes, ninfas, harpias, centauros, sátiros, gnomos, salamandras, elfos, trolls e toda sorte de criatura mística.

Assustada, Carolina rolou ao chão. As luzes coloridas e os cascos a encobriram. E, naquele tormento, desejava apenas olhar para o rosto amado e entender por que ele havia planejado aquela armadilha.

Acordou sobressaltada. Estava suando mesmo estirada no chão frio da sala desprovido de tapete. Ainda atordoada, lançou um olhar para Tamires no sofá. Ela ainda dormia. Pousou a mão sobre sua testa e percebeu que a febre passara. Sua cor estava normal. Acordaria bem pela manhã. Sorrindo, sentiu-se bem por ter realizado com sucesso sua missão de cuidar de sua melhor amiga.

***

Banhado pelas luzes da cidade, Marcel não tinha tempo de ficar maravilhado com as belezas, mesmo à noite, de Foz do Iguaçu. Estava concentrado apenas em encontrar o caminho até Tamires.

O taxista dirigia sem pressa e por mais que quisesse chegar logo, Marcel não reclamou. Não podia perder o rumo. A presença de Tamires estava fraca forçando-o a se concentrar bastante.

A excitação o ajudava a manter a mente focada. Faltava muito pouco agora para

finalmente encontrá-la pessoalmente. Mas Marcel não tinha ideia de qual seria a reação de Tamires ao vê-lo.

O que lhe dava segurança de que pararia para ouvi-lo é a confusão na qual se meteu nas últimas semanas, as explicações que tanto desejava receber e que acreditava estarem perdidas junto com a morte de Pedro Tosquini.

De repente, uma onda o atingiu violentamente.

— Vire à esquerda. – ordenou sobressaltado.

Tamires estava muito perto, podia rastreá-la facilmente agora. Marcel foi indicando o caminho com precisão. E, por fim, chegaram ao edifício onde Carolina morava.

Marcel pediu ao motorista que parasse e esperasse alguns minutos. Observou as sacadas e percebeu apenas uma luz acesa mais ou menos na metade do prédio. Olhando fixamente naquela direção, sentiu a onda lhe chamando. Com certeza aquele era o apartamento de Carolina.

E agora, como faria para entrar no condomínio sem levantar suspeitas?

***

Sentia meu peito inflar sem dificuldade ao ritmo de uma respiração normal. Não havia mais queimação. Eu encontrara cada parte de meu corpo. Podia sentir meus dedos, meus pés, minhas pernas, meus braços, meu nariz, meu quadril, minha boca, meus olhos.

Eu estava viva? Já havia me iludido antes. Como saberia que aquela tortura finalmente terminara? Contrariando minhas dúvidas, minha mente também estava muito clara e ciente de tudo que se passara até ali.

Meus ouvidos podiam ouvir o som da noite, da televisão ligada, da respiração de alguém ao meu lado. Eu não estava sozinha. Uma mão quente tocou minha testa. Passos se afastaram e sumiram no final do corredor. Uma porta se fechou.

Eu ainda me recusava a erguer as pálpebras. O medo de que tudo recomeçasse assim que eu caísse na real me mantinha paralisada. Meu corpo estava pesado, mas eu sabia que era capaz de me mover a qualquer momento. Era dona de mim novamente.

Sob meu corpo, podia sentir o estofado ruim do sofá de Carolina. Afinal, Alexandre me levara de volta para casa. Ai, essa temporada no apartamento dela acabaria com as minhas costas. Porém eu acreditava que o sacrifício valeria a pena. Eu fiquei imóvel e concentrei minha mente em tudo que meus sentidos eram capazes de captar.

Eu queria mesmo acreditar que tudo voltara ao normal agora. Mas mesmo que meu corpo não sofresse mais, meu coração e minha mente ainda tinham muitos motivos para se atormentarem.

Será que eu teria forças para enfrentar tudo de novo a partir de agora? O que estaria melhor em mim depois desse processo de transformação, como Gustavo dissera que seria?

Podia sentir uma estranha e intensa energia circulando junto com meu sangue. Era quente, forte e marcante, mas não me feria. À primeira impressão algo realmente mudara em meu organismo. Mas o que exatamente?

O frio da pedra, da ametista, sobre minha pele era a única coisa que não mudara. Será que ela se fundira a mim e me passara organicamente seus poderes? Ou será que a partir de agora não precisaria mais dela?

Afinal, ela era uma força externa que me levara até aquele momento. Talvez fosse para isso que ela servisse, para me guiar por esse caminho. Um caminho que agora eu seguiria completamente sozinha. Estaria preparada para isso?

Minha audição era a única via de comunicação com o mundo agora. Estendida, eu podia ouvir a grandes distâncias. Alguém caminhava de um cômodo para o outro três andares acima. Alguém tomava banho quatro apartamentos abaixo. Uma criança chorava dois apartamentos ao lado.

Alguém chamava o elevador no térreo. O telefone da recepção tocava. O portão eletrônico se abria. O porteiro atendia ao interfone. Um carro passava pela entrada da garagem e parava em uma vaga ao fundo. Um casal caminhava rindo em frente ao prédio.

Alguém subia o oco das escadarias do edifício. Por que não pegou o elevador? Seria alguém fissurado em exercícios físicos? A porta das escadas do andar onde eu estava rangeu. Os passos soaram pelo chão do corredor e estacou em frente à porta. A campainha tocou.

Ouvi Carolina se sobressaltar na cama. Já estaria dormindo? Devia estar cansada, coitada. Será que ela ficou cuidando de mim por todas essas horas? *Ela veio para a sala resmungando e pisando duro. A porta da frente rangeu.*

— Olá, Tamires está aqui?

Eu não conhecia aquela voz. Quem seria?

— Quem é você? Sabe que horas são?

A voz de Carolina denunciava sua irritação.

— Desculpe, é urgente. Eu soube o que aconteceu e vim o mais rápido que pude. Diga a ela que meu nome é Marcel Vieira. Sou um amigo de infância.

O nome do rapaz rodou em minha cabeça. Não me lembrava de conhecer nenhum Marcel Vieira. Porém, o nome me parecia muito familiar.

— Eu nunca ouvi seu nome antes. Como conseguiu subir aqui? Carolina estava desconfiada e não era para menos. Todos os meus amigos seriam dela também. Nossa infância havia sido compartilhada. Eu continuava com a sensação de estar perdendo alguma coisa muito óbvia. Mas a que lembranças aquele nome me arremeteria?

— O porteiro me deixou subir. Ele não avisou?

— Não. Bem, de qualquer forma, sugiro que volte amanhã. Ela ainda está dormindo. A febre finalmente cedeu, mas ela precisa descansar.

A voz de Carolina agora estava ansiosa. Ela queria voltar logo para a cama. Aquele estranho a estava atrapalhando. Mas achei que ela finalmente acreditou nele. Então, a recordação surgiu em minha cabeça tão intensa quanto o dia. Claro que eu o conhecia, há muito tempo. Abri os olhos imediatamente e me levantei tão rápido que senti uma breve vertigem. Minhas vistas escureceram e meu corpo bambeou por um segundo. Ouvi passos correrem até mim.

— Tamires, você acordou! – a voz de Carolina estava muito perto, quase gritando.

Meus olhos procuraram por Marcel Vieira por cima do ombro de Carolina assim que pude enxergar novamente. E ele era exatamente como eu me lembrava. Loiro e pálido, o rosto infantil, os olhos claros amáveis. Porém, estava muito mais alto do que da última vez que o vira. E seus traços estavam adultos, apesar de suas feições serem tão espontâneas quanto de uma criança.

— Marcel. – sussurrei, sorrindo.

Carolina, que me segurava pelos ombros e me obrigava a me sentar, estava intrigada. Tentava traduzir minha expressão. Gostaria de olhar para mim mesma agora e saber o que ela estava vendo. Eu estava me sentindo nostálgica e muito feliz. A esperança viera bater à minha porta.

— Você o conhece? – finalmente Carol perguntou.

O sorriso franco e gentil de Marcel, seus olhos presos nos meus em uma alegria genuína, demonstravam toda a tranquilidade que eu precisava agora. Ele também estava contente em me encontrar. E eu estava salva.

— Sim. – respondi e antes que Carolina me perguntasse de onde, acrescentei – Dos meus sonhos.

VERDADE

Carolina estava mais do que confusa agora. Será que Tamires ainda estava com febre? Manteve-se sentada ao lado da amiga que não fazia caso de sua presença. Seus olhos estavam parados no estranho em pé ao seu lado e sua cara risonha. *Quem é este homem? Por que Tamires nunca me falou sobre ele antes?* Tamires e Marcel iniciaram um diálogo ignorando completamente a presença de Carol entre eles.

— Você sonhou comigo? – perguntou Marcel a Tamires.

— Sim, várias vezes. – respondeu sem titubear – Na verdade eram pesadelos. Nunca soube se eram somente sonhos ou lembranças do pequeno trecho de minha vida do qual não me lembro.

— Conte mais detalhes. – pediu ele se sentando no braço do sofá. Acomodou a bolsa ao seu lado no chão.

Carol permanecia sem se mexer, sondando o rosto de sua melhor amiga enquanto ela falava.

— Não sei se você sabe que fui encontrada aos três anos nas cataratas do Iguaçu por um guia. – o loiro balançou a cabeça em resposta – Eu só me lembrava do meu nome. Comigo só havia a roupa do corpo e uma pedra preciosa. – a ruiva fechou a ametista na mão – Eu não conseguia me lembrar nem do nome dos meus pais, muito menos seus rostos. Minha origem era uma incógnita.

Carol já conhecia essa história, mas estava hipnotizada.

— Isso me atormentou durante anos. – prosseguiu o relato, sua voz levemente tristonha – Mesmo vivendo em um orfanato por toda minha infância e boa parte de minha adolescência, eu não aceitava ser adotada. Algo dentro de mim me dizia que eu ainda reencontraria minha família. A ametista era meu consolo em mo- mentos tumultuados. Ela tinha o estranho efeito tranquilizador sobre meu temperamento.

Tamires lançou um olhar triste para a pedra entre seus dedos. Marcel seguiu seu olhar. Também não podia sentir mais o poder da pedra, mesmo estando há poucos metros de distância dela agora e aquilo o intrigava.

— Foram inúmeros pesadelos. Neles eu precisava fugir ou estava escondida em passagens secretas de um castelo. Às vezes você estava comigo, me guiando na escuridão. Nas últimas semanas vi o rosto aflito de minha mãe, quer dizer, não sei se realmente era ela, mas o meu coração dizia que sim. E também vi o rosto perverso de um homem que a ameaçava.

Quando acordei, a pedra estava iluminada e eu soube que nunca mais poderia me separar dela.

Fazendo uma pausa em sua triste narrativa, Tamires olhou as próprias mãos pensativa. Marcel conhecia a história a partir daí. Então a pouparia de prosseguir. Estava na hora das explicações.

— A amnésia é muito comum em crianças depois de cruzarem o portal. Eu também tive. Soube há pouco tempo a verdade. Acreditamos que o esquecimento seja uma defesa, já que cruzamos os dois mundos muito jovens para guardar al- guma lembrança anterior, por mais terrível que seja. Então começaríamos uma vida normal deste lado. Exatamente como aconteceu conosco.

Marcel fez uma pausa sentindo o impacto de sua primeira revelação. A madrugada seria intensa. Tamires estava bastante desperta e interessada.

— E agora, ouvindo seu lado da história, eu tenho certeza de que seus pesadelos eram lembranças do dia em que tivemos que fugir do nosso mundo. Eu fiquei incumbido de ficar com você, apesar de ter apenas seis anos. Você era muito pequena, eu era esperto e conhecia todas as passagens secretas do Templo do Conhecimento.

— Nosso mundo? Templo do Conhecimento? – interrompeu Tamires – Afinal, de onde nós viemos? Somos alienígenas?

Marcel riu à vontade. Era o pensamento mais óbvio que Tamires poderia ter e ele se divertiu com isso.

— Não, não somos alienígenas. Somos humanos, porém com capacidades especiais, sobre-humanas. Somos escolhidos e destinados a agregar conhecimento e distribuí-lo com sabedoria. Nascemos com uma capacidade mental ilimitada e alguns ainda possuem dons especiais. – respirou fundo antes de continuar – Todo planeta possui um coração. Uma terra mágica e farta que mantém o planeta vivo, fluindo no ritmo correto. Nós somos guardiões deste lugar e nele passamos a eternidade aprendendo e nos aperfeiçoando em prol do equilíbrio da natureza.

— Ecologia? – fez uma careta Tamires.

— Não, vai muito além. Nós aprendemos que o universo é um único ser vivo e pulsante, ou seja, cada asteroide, cada estrela, cada planeta, cada astro, cada pessoa, cada planta, cada animal, cada gota de água, cada minúsculo grão de areia estão ligados por uma corrente de vida. Se um morre, todos sofrerão algum tipo de influência. – Tamires ainda estava insegura com o assunto. – Não estou falando em destruição total do planeta. – prosseguiu Marcel – Mas seria como as correntes dos oceanos. Se a temperatura da água sobe, elas seguem outro caminho. A natureza muda a rota em consequência daquela alteração em seu equilíbrio. Ela busca um novo ponto de reestruturação. Entre nossas capacidades, estudamos e prevemos quando isso vai

acontecer e buscamos uma solução ou pe- lo menos algo que amenize o impacto. Estou falando de usar a cabeça. E na maioria das vezes, nós encontramos formas de evoluir sem que seja necessário desequilibrar a natureza. – agora sim Tamires estava satisfeita com sua resposta. – Para isso existe o Templo do Conhecimento. Nele, nós guardiões, estudamos a partir dos seis anos de idade, com grandes mestres que viveram muitos séculos antes de nós. Homens e mulheres que se dedicaram ao estudo e nunca partiram para alguma missão prática fora daquele mundo. São idosos que todos aprendemos a respeitar.

— Então, eu sou uma guardiã? – interrompeu novamente Tamires.

— Não, você é muito mais. – diante da interrogação no rosto de sua espectadora ansiosa, Marcel se apressou em explicar – Existem quatro categorias de seres no coração da natureza (falarei na ordem de importância): Mestres, compostos nor- malmente por magos e feiticeiras. Sacerdotes; se os mestres são a mente, esses são a emoção. Eles julgam e determinam as funções, organizam as tribos e vigiam o portal. São escolhidos pela própria natureza e possuem dons especiais, ligados ao coração. Mas se tiverem que lutar em uma batalha, são criaturas invencíveis porque podem dominar os quatro elementos.

Nesse ponto, o coração de Tamires teve um sobressalto e Marcel percebeu.

— Em seguida, vêm os guardiões. Esses são a comunidade em geral. Em sua maioria trabalhadores, estudiosos e guerreiros. Possuímos dons que nos ajudariam em uma batalha física, mas guerras são raras. Então, tendemos à ciência. Eu mesmo sou biólogo. Pedro Tosquini era astrônomo. – Marcel parou vendo o rosto conturbado de Tamires – É, ele também era um guardião. O objetivo de sua existência aqui era divulgar parte de seu conhecimento para o mundo. E ele estava muito perto disso quando sua vida foi interrompida tragicamente.

Tamires congelou novamente. Inspirou profundamente antes de interrompê-lo.

— Esses seres seriam a quarta categoria?

Piscou os olhos aturdida. Uma ideia meio maluca lhe ocorreu, mas resolveu perguntar assim mesmo.

— Mas se somos humanos e podemos morrer, como esses mestres vivem séculos?

— A imortalidade só é concedida para quem vive no coração da natureza porque lá não existe tempo. O coração da natureza não envelhece. Então nós paramos de envelhecer no auge da fase adulta. Aqui fora sofremos a influência da rotação do sol, dos anos, da passagem do tempo. Pedro estava disposto a terminar sua vida deste lado se esse fosse o preço para cumprir uma missão que ele mesmo se designou. – o olhar de Tamires era interrogativo – Ele queria divulgar o alinhamento dos planetas profético e explicar seu significado para o mundo.

— A Era de Aquário. – completou Tamires.

— Você andou lendo, não é? – Tamires balançou a cabeça respondendo – A era da união e da paz. Para os seres humanos comuns, seria apenas isso. Mas para nós, o significado vai

além.

Carolina não se importava de ter sido esquecida nesse momento. O assunto estava ficando cada vez melhor e ela não sentia mais o cansaço de outrora. E Marcel continuou já que ninguém o interrompeu dessa vez.

— Antes de nascermos, existiu uma sacerdotisa que podia prever o futuro. Po- rém, suas visões, na maioria das vezes, eram de acontecimentos muito distantes. Ela previu que um mestre se levantaria contra a ordem natural estabelecida pela natureza. Em seu coração nasceria o desejo de usurpar o lugar de um sacerdote. Ele queria o poder total. Mas a natureza é muito sábia. Por isso, já preparou uma autodefesa, uma profecia. De uma sacerdotisa nasceriam protetores, quatro crianças ligadas aos quatro elementos e com capacidades distintas que multiplicaria em quatro a capacidade de sacerdotes comuns. Cada criança seria regida por um elemento.

— Ah, não. Os protetores são seres raros e proféticos. Nascidos apenas quando estritamente necessário. São seres especiais e únicos. A quarta categoria é com- posta por criaturas místicas ligadas à natureza.

— Como fadas? – dessa vez foi Carolina que se meteu na conversa. Ela estava se lembrando do sonho que tivera.

Marcel e Tamires olharam para Carolina espantados como se realmente não tivessem se dado conta de sua presença até agora. Em seguida, se entreolharam. Tamires viu a dúvida e a insegurança saltarem dos olhos de seu amigo de infância.

— Não se preocupe com Carolina. Ela é sensível ao misticismo. Mesmo que tentássemos esconder alguma coisa, ela perceberia. Eu fiz o teste. – e riu. — Hum. – Marcel pareceu refletir por um momento – Uma sensitiva.

Carolina se sentiu ofendida pelo olhar perscrutador do estranho. Quem ele pensava que era para duvidar dela? Antes que pudesse se queixar verbalmente, Marcel respondeu a sua pergunta.

— Sim, mas também existem duendes, sátiros, salamandras, sereias, gnomos. A lista é grande. Todas as criaturas seguem as leis e, principalmente, os sacerdotes. São auxiliadoras. – Marcel fez uma pausa para retomar o assunto interrompido – A partir do momento em que um protetor nasce e é preparado para sua missão, ele passa a ser a criatura acima de todas, inclusive dos letrados mestres. Porque, além de terem o dom de se comunicar com a natureza diretamente, como os sacerdotes, também possuem uma ligação intrigante com os outros seres. Normalmente possuem dons que permitem conhecer o coração ou a mente dos outros. Portanto, são conhecedores da verdade.

Dessa vez, Tamires estremeceu.

— Sim, Tamires. – Marcel completou ao perceber o estado dela – Você é um dos protetores da profecia. – apontando para a marca em seu braço, acrescentou – Seu elemento é o fogo.

Tamires nunca imaginara que receber todas as revelações sobre seu passado implicaria em tantas emoções. A verdade de quem ela era, de onde viera e sobre sua família era bastante intensa e rica em detalhes. Estava se sentindo forte o suficiente para suportar o bater frenético de seu próprio coração no peito. Mas ainda tinha tantas perguntas sem resposta.

— A profecia também previa – continuou o loiro – que o mago mataria os sacerdotes regentes, tentaria destruir os protetores e baniria todos os guardiões que se recusassem a obedecê-lo. Como forma de defesa, o coração da natureza ficaria congelado durante trinta anos a partir do momento em que o mago negro assumisse o controle total. Porém, depois desse tempo, um alinhamento perfeito dos planetas concederia energia e poder para que os protetores, juntamente com os guardiões banidos, regressassem e destituíssem o mago negro de seu poder usurpado.

Marcel finalizou a descrição da profecia, mas tinha mais um detalhe para ex- plicar antes de contar mais.

— Deixe-me explicar como os portais funcionam. Como eu já disse, os sacer- dotes protegem o portal. Para abri-lo, eles possuem uma chave. Somente a pessoa escolhida pode usá-la. Um portal de saída nunca é o mesmo de entrada. É uma forma de segurança. Por isso, os sacerdotes designam quem entra e quem sai. Somente eles sabem qual portal será aberto. Porque eles se abrem aleatoriamente. Porém, uma vez no ano, um portal de saída e outro de entrada se abrem ao mes- mo tempo. Se alguém sair do coração, não poderá voltar no mesmo dia. E mesmo que espere por um ano para que outro se abra novamente, será impossível descobri-lo a tempo. Portanto, qualquer guardião estaria perdido para sempre. Somente o sacerdote, que possui a chave, é capaz de saber qual portal se abrirá. Porém, no dia do alinhamento, todos os guardiões serão capazes de vê-lo. Porque o poder manifestado será muito grande, exatamente multiplicado por quatro, e ele ficará aberto por tempo suficiente para que todos entrem. Pode durar mais do que um dia.

— Os protetores possuem a chave. – concluiu Tamires.

Marcel apontou para a pedra brilhante em seu peito.

— Você tem um motivo, instintivo, para se preocupar tanto em mantê-la por perto. A ametista é nosso passaporte de volta para casa. Tamires apertou a pedra com força como se desejasse fundi-la ao seu corpo. — A chave é ligada ao sacerdote e ao portal. A aproximação do alinhamento e a manifestação de seu zodíaco permitiu que o poder adormecido na ametista despertasse naquela noite. Consequentemente, acendeu seu poder, Tamires, a fim de prepará-la

para cumprir sua missão. E esse poder também me permitiu te localizar. – Tamires abriu a boca, mas foi incapaz de dizer algo – Eu rastreio poderes há qualquer distância. Esse é meu dom. Os guardiões normalmente podem sentir a presença de outro a curta distância. Você já experimentou?

— Não. – respondeu Tamires – Mas eu podia sentir a ametista. Hum... isso explica muita coisa. – e riu, se lembrando de Gustavo e Alexandre no parque.

— A propósito, feliz aniversário atrasado! – completou Marcel.

Tamires riu. Não sabia quando era seu verdadeiro aniversário, mas a explicação desse estranho lhe deu uma luz sobre a data. E também explicava porque sempre recebia presentes de Gustavo às vésperas do natal. Ele sabia. Engoliu em seco, a garganta raspou. Será que essa parte da história também seria esclarecida hoje?

Marcel podia ler seus pensamentos? Talvez através das expressões. O sorriso pueril sumiu de seu rosto. Havia chegado a hora.

— Antes de nascermos, a sacerdotisa vidente se aposentou do cargo, deixando-o para sua filha. Ela entrou para a galeria de mestres no Templo do Conhecimento, juntamente com seu marido. A vidente governou o coração ao lado de um sacerdote de sangue puro, como o dela. Coisa rara já que a linhagem de sacerdotes se mistura com a dos guardiões. A filha da vidente mesmo era casada com um guardião. Por isso, ela governaria sozinha. Porém, ela possuía o privilégio de ter o sangue puro. Isso a tornou uma das sacerdotisas mais poderosas que já governaram o coração da natureza.

Tamires estava paralisada. Marcel estava contando sua história verdadeira. Nenhuma das duas ouvintes o interrompeu.

— O nome dela era Luise. Pouco tempo depois de assumir o sacerdócio, ela descobriu que estava esperando você, Tamires. E nos anos seguintes, ela deu à luz dois meninos e uma menina. Ninguém imaginou que os quatro seriam os prote- tores até que os pais de Luise não acordaram depois de uma noite de sono e ela soube que havia algo errado. Antes que o mago negro se manifestasse e viesse procurá-la, Luise resolveu proteger seus filhos nos esconderijos do templo, dei- xando sua melhor amiga responsável por eles. Essa mulher era minha mãe. Eu tentei ajudá-la a cuidar de vocês, mas não poderíamos levantar suspeitas, ainda mais porque não sabíamos a identidade do mago. Por isso, a gente se afastava de vez em quando. Porém, sua irmã caçula, não saía do colo de minha mãe.

Marcel tentava se desculpar por algo que Tamires nem tinha conhecimento antes. Ia interrompê-lo e dizer que não precisava se justificar, mas preferiu ouvir o final do relato quieta.

— O mago finalmente se revelou e enfrentou Luise. Era o mestre mais antigo do templo. O homem em que todos confiavam e se aconselhavam. Ele tinha sede de poder, já que em conhecimento ele era imbatível. Luise lutou até sentir suas forças dizimadas. Ela nunca havia

sentido um poder daquele. Então, ela viu o ros- to de um garoto escondido atrás do mago. Ele devia ter apenas oito anos e estava amedrontado. Mas ela viu que o poder que arrasava suas forças vinha dele. O mago estava usando uma criança para conseguir seus propósitos. Como última alternativa, antes que não pudesse fazer mais nada, Luise pegou a chave e despe- jou todo o resquício de seu poder sobre ela, obrigando-a a abrir o portal. A força foi tamanha, que partiu a chave em quatro pedaços. Neste momento, ela ordenou que minha mãe levasse vocês para o outro mundo. Depois que cruzamos o portal, ela jogou a chave antes que ele se fechasse, selando-o para sempre.

Marcel fez uma pausa, como se decidindo que ponto era importante explicar agora. Tamires deixou as lágrimas correrem livremente por seu rosto. A esperança de reencontrar seus pais havia se acabado.

— Onde estão meus irmãos? – perguntou Tamires a fim de romper o silêncio – Por que não saímos pelo mesmo portal?

— Acreditamos que Luise tenha aberto todos os portais e quando cruzamos o único que existe no coração da natureza, acabamos saindo em lugares diferentes aqui deste lado. Estava segurando o vestido de minha mãe quando passei pelo portal, o que permitiu ficarmos juntos. E sua irmã caçula estava no colo dela.

— Você e minha irmã foram criados juntos?

— Sim, o nome dela é Suzane. Pelo que minha mãe me contou, ela se parece muito com Luise.

Os olhos de Tamires se perderam em pensamentos. *Suzane*. *Luise*. Sua família. Estava triste e feliz ao mesmo tempo. Por que a verdade tinha que vir acompa- nhada de acontecimentos irreversíveis? *Nunca conhecerei meus pais*.

— Tamires. – Marcel a chamou de volta à realidade, a voz tensa, embargada pela emoção do que diria agora – Você pode conhecê-la. Foi por isso que eu vim. Minha missão é unir os protetores para cumprir a profecia. Mas o meu coração gostaria de lhe dar esse presente. Eu sei que para você família é muito importante. E eu me sinto como parte dela também, se me permite ser abusado. Você poderá vir comigo e me ajudar a encontrar seus irmãos. Não temos muito tempo. Estarei embarcando de volta à tarde. Você terá um tempo para pensar antes de tomar sua decisão. Se decidir vir, me encontre no aeroporto ao meio-dia.

Tamires refletiu sobre o que ele disse e apenas balançou a cabeça concordando. Carolina estava segurando sua mão, sofrendo junto com ela. Marcel estava se sentindo péssimo, porque o pior ele havia guardado para o final. O sol começava a clarear o céu no horizonte.

— Se alguma coisa acontecer conosco, Sofia será a única capaz de assumir o posto de sacerdotisa um dia, se a natureza ainda priorizar sua linhagem. Precisamos garantir sua

segurança. – Tamires sacudiu a cabeça em resposta assentindo – Tenho que te contar mais uma coisa antes de ir embora. – Marcel engoliu em se- co e encarou os olhos úmidos de Tamires – O menino usado pelo mago se chama Gustavo.

— O quê? – Tamires estava desnorteada.

— Este é o segredo do seu marido, Tamires. – e antes que ela pudesse se recuperar, ele acrescentou – E Pedro Tosquini era seu pai. – a voz de Marcel entrecortou incapaz de soar normalmente. Levantou-se do sofá em um salto e murmurou antes de sair – Eu sinto muito.

Tamires queria ser capaz de desmaiar novamente. Mas ao contrário do que desejava, seu corpo e sua mente estavam atentos demais tentando absorver as palavras deixadas por Marcel. Perdendo-se em pensamentos, mal sentia as mãos quentes de Carolina nas suas. Ela seria seu único porto seguro agora. Dando-se conta disso, curvou-se sobre ela e deixou que seus braços receptivos a envolvessem e consolassem.

DECISÃO

A verdade era uma faca de dois gumes. Por um lado estava feliz por obter respostas. Por outro, fora ferida brutalmente. No mesmo instante em que eu ganhara uma família, perdera parte dela. O resumo que Marcel fizera estava rodopiando em minha cabeça como um redemoinho. O que eu faria agora?

Eu havia chegado até aqui a fim de seguir esse caminho. Desistiria dele? Deixaria minha nova família para trás para reencontrar minha antiga e dividida família? Se seguisse em frente, conheceria minha irmã, Suzane. E onde estariam meus irmãos?

Nunca veria o rosto de minha mãe. Minha única lembrança dela seria aquela imagem em um pesadelo? Se eu voltasse para casa eu recuperaria as lembranças da curta vida que vivi ali? Tinha esperanças que sim.

E eu ainda me lembrava do rosto de meu pai. Plácido e sereno diante das câmeras de televisão. Eu iria encontrá-lo e conhecê-lo pessoalmente, mas uma tragédia havia impedido nosso reencontro. Ele estaria nos procurando?

Outro rosto povoou meus pensamentos. Gustavo, o homem por quem me apaixonara cegamente, a quem eu confiara minha vida, havia me enganado e perdido totalmente minha confiança.

Agora eu entendia porque ele sentia culpa. Porém, se ele estava arrependido, por que não se abriu comigo? Ao contrário do que imaginava, a verdade sobre ele pairou sobre mim e eu era incapaz de decidir o que fazer com ela.

Ainda havia Sofia. Marcel dissera que ela era nosso trunfo nessa guerra. Mas como eu poderia lutar nela e deixá-la para trás? E como levá-la para um lugar onde sua vida estaria seriamente em perigo? Eu tinha que confiá-la a alguém.

O rosto aflito de Carolina se materializou diante dos meus olhos. Ela seria a pessoa certa para cuidar de Sofia. Depois de pensar isso, fiquei em dúvida. Afinal, ela era uma humana comum e não poderia protegê-la, se fosse necessário. Mas ela poderia pressentir o perigo se aproximando. Não poderia contar com Alexandre. Ele amava Sofia, mas não tinha parada. A única pessoa que daria sua vida por ela, eu sabia, era Gustavo.

— Carol. – chamei em um suspiro.

— Estou aqui, amiga. E te apoiarei em qualquer decisão que tomar. – assenti com um sorriso fraco, mas era incapaz de juntar as palavras que organizariam meus pensamentos. Vendo minha indecisão, Carolina acrescentou – E eu irei com você para onde for. Você é minha única

família.

Fiquei espantada e assustada. Carol estava disposta a morrer por mim? Eu não permitiria isso nunca.

— Não, Carol. Se eu decidir ir embora, você não irá comigo, definitivamente.

— Você não me quer por perto? – Carol estava triste.

— Claro que quero. Mas preciso que fique aqui, segura, e de olho na minha família para mim. – pisquei para ela, um sorriso amarelo o acompanhou. Dessa vez, Carolina não discutiu. Mas vi uma fenda se formando em sua testa – Não tenho muito tempo para me decidir, então, preciso saber. Se eu resolver ir embora, você cuidaria de Gustavo e de Sofia para mim? Isso inclui me manter informada. Você é a única pessoa em quem posso confiar agora para fazer essa ponte.

Carolina ficou feliz. Seus olhos sorriram lisonjeados para mim. Antes que pronunciasse a resposta, eu já conhecia sua alma.

— Com certeza, amiga.

— Você terá que manter segredo do meu paradeiro até que eu te diga que pode contar a Gustavo. Ainda assim, você terá que manter segredo para todo mundo. Inclusive a Alexandre. Você consegue?

— Não me ofenda, Tamires. – franziu o cenho – Eu sei guardar segredos.

— Desculpe, Carol, não pretendia ofendê-la. Só precisava deixar claro a extensão deste segredo.

— Tudo bem, está desculpada. E o que vai fazer agora?

Eu suspirei. Havia somente uma pessoa com quem eu devia conversar antes de tomar minha decisão. Uma decisão que mudaria o rumo de minha vida para sempre. Uma mudança que havia começado há apenas algumas semanas.

— Preciso falar com Gustavo.

***

Carolina não aprovara minha decisão de ir até Gustavo. Também não confiava nele, ainda mais depois do que Marcel contara. Mas eu a convenci de que essa seria a última e definitiva conversa. Tinha algumas perguntas a fazer.

Ao chegar à cobertura, ainda era muito cedo. O silêncio era rompido pelo tic tac do relógio. Eu passei pela porta do quarto de Sofia e a espiei dormir. Parecia um anjinho. Prossegui pelo corredor e abri a porta da suíte.

Gustavo também dormia ainda. O peito nu arfando serenamente. As pernas, cobertas parcialmente pelo calção do pijama, esparramadas pela cama. O rosto levemente atormentado. Estaria sonhando? Teria dormido mal? Uma mão agarrava o travesseiro vazio ao seu lado.

Fechei a porta atrás de mim e parei à distância, contemplando meu marido, olhando-o dormir. Não entendia como aquele homem grande, mas doce e sereno, seria capaz de absurdos

como os que fizera, ainda quando criança.

Não me aproximei. A tentação de seus traços e formas bem definidas era grande demais. Não podia me arriscar a perder o controle agora. Tinha uma decisão importante a tomar.

— Gustavo. – chamei bem baixinho.

Tive medo de acordá-lo, mas precisava. Era tolice me sentir assim. Estava ali para falar com ele e não para poupá-lo. O tempo passava depressa. Mas Gustavo não se mexeu, me obrigando a chegar perto da cama. Dessa vez, tocando um de seus pés, chamei novamente.

— Gustavo, acorde.

Um sorriso estampou seu rosto moreno. Seu corpo se mexeu muito levemente e sua boca sussurrou.

— Tamires. Estaria sonhando?

Como era difícil acordá-lo.

— Sim, sou eu. Acorde, por favor. Preciso falar com você.

Com essas palavras, finalmente abriu os olhos. Espanto, eles denunciaram, quando ergueu a cabeça e me encarou.

— Oi. – me obriguei a dizer para provar que era real. Gustavo se sentou na cama em um pulo, ainda confuso devido ao sono.

— O que está fazendo aqui a essa hora da manhã? – disse conferindo o relógio.

Levei um choque. Estava preparada para ter que deter seus pensamentos ilusórios. Mas, nos últimos dias, ele havia recebido muitos foras. Estava calejado. Não arriscaria um palpite antes de ter certeza.

— Eu precisava conversar com você. – respondi. Gustavo começou a me lançar todas as pedras que estavam em suas mãos.

— E não podia esperar pelo menos eu acordar?

Encarando-o desconfiada, tentei traduzir o jogo que ele estava fazendo. Será que pretendia me açoitar para que eu me sentisse mal ou arrependida? Ou para deixar claro que não ligava mais para mim?

Eu ainda tinha a lembrança de seus olhos apaixonados e preocupados na clareira, no dia anterior. Ele não podia mudar tanto de um dia para o outro. Mas já que era assim que ele queria, eu entraria no jogo dele.

— Eu sei o que você fez. – o encarei de volta, esperando uma reação que não veio – Mas quero ouvir de sua boca.

— Por quê? – foi a fria resposta dele.

— Quero ouvir sua versão da história.

— Você quer me dar a chance de me explicar?

Finalmente alguma emoção. Não era a que eu esperava. Estava espantado. Jamais esperara esse gesto de mim, era óbvio. Como resposta, eu sorri e balancei a cabeça. Gustavo respirou fundo desviando seus olhos por alguns instantes. Em seguida, me encarou novamente. Eu já estava ansiosa e me encostei à beirada da cama para ouvi-lo. Seus olhos eram um conflito de emoção, ainda assim, ele iniciou a narrativa.

— Eu era muito jovem. Fazia apenas dois anos que estava estudando com o mago. Ele era obcecado por dons. Fazia inúmeros testes com os alunos logo que entravam na turma dele. – deu de ombros – Acabou descobrindo o meu, acidentalmente, e ficou encantado. À noite nos encontrávamos escondido para que me ensinasse a expandi-lo e controlá-lo.

Gustavo fez uma pausa e olhou para a janela lá fora. As recordações se reviravam dentro dele remexendo em emoções que ele não gostava de sentir. Olhando de volta para mim, prosseguiu com uma voz envolta em sentimento.

— Quando aceitei as aulas extras, eu não imaginava sua verdadeira intenção. Aprendi a amá-lo e respeitá-lo. Eu o admirava e estava feliz que ele me tinha como seu pupilo preferido. O mago me envolveu em seus conceitos de vida e me ensinou muito mais do que truques. Foi um mestre para mim. Ele me ensinou mais do que meus pais. E quando chegou a hora, eu simplesmente não podia dizer não a ele. Não podia decepcioná-lo.

Outra pausa vagou entre nós, mas dessa vez Gustavo permitiu que eu visse as emoções em sua alma. Um nó cresceu em minha garganta e me segurei. Diante de meus olhos, eu estava vendo a criança assustada e manipulada que ele fora.

— Seus motivos eram obscuros, mas o que eu sabia da vida além do que ele me ensinara? Nada. Eu estava em suas mãos. As outras crianças não sabiam da preferência do mestre. Mas eu também não sabia se ele tinha outros preferidos entre eles. Porém, no dia em que tudo aconteceu, somente eu fiquei ao seu lado o tempo todo. Eu nunca em toda minha vida vou me esquecer do horror que eu vivi. Eu havia sido arrastado até aquele cenário de guerra ignorante, mas isso não me impediu de cumprir o papel que o mago havia me designado.

Estava cada vez mais difícil segurar o choro porque eu sabia que era verdade.

— Nem me pouparia das consequências de minha atitude. Eu havia escolhido, mesmo inconsciente, o caminho das trevas. E não havia saída para mim desde então. A depressão e a culpa me acompanharam durante os anos seguintes. Na frente do mago, eu fingia que estava contente com o posto que ele me dera. Eu era o braço direito do rei supremo, como ele se intitulou. E herdaria o trono quando estivesse pronto. Por mais que eu não conhecesse outra forma de ser príncipe, a não ser usurpando o direito dos outros, eu não conseguia me livrar da sensação de culpa pela morte de inocentes.

Raiva e dor se juntaram ao pranto engasgado em minha garganta. Eu respirei fundo. Ouviria até o final, sem julgá-lo.

— Na adolescência, eu me rebelei. A culpa virara raiva e a raiva me fizera enxergar o quanto o mago me manipulara por todos aqueles anos. Fiquei enojado. Eu queria me livrar de toda aquela porcaria. Eu estava de saco cheio de seus surtos de poder e seus delírios de eu ser seu único herdeiro. A terra, antes farta e acolhedora, estava fria e solitária. As poucas criaturas que permaneceram só o fizeram por temê-lo. Elas não conheciam a morte e não queriam experimentá-la. E eu era jovem e destemido. E não temia nada. Dei as costas para tudo e vim para este lado.

Eu estava aliviada e espantada. Afinal, o Gustavo que eu conheci e amei não era uma farsa. Só estava escondido embaixo de uma névoa escura e sombria.

— Queria apenas ter uma vida plena e satisfatória. Queria esquecer aquele passado horrendo e reconstruir minha vida. Queria recomeçar do zero. Renascer. Quando cruzei o portal, estava em Foz do Iguaçu e tinha dezesseis anos. Meus estudos havia me dado capacidade extra e não foi difícil conseguir um emprego, me estabelecer e ganhar a vida. Cresci focado no trabalho, satisfeito pelo que estava conquistando com minhas próprias mãos. Eu não queria ser herdeiro de nada. Eu queria criar meu próprio império. Então, em alguns anos, eu adquiri a empresa na qual comecei a trabalhar como office boy e me tornei presidente.

Eu não podia falar, apesar da pausa que Gustavo fizera. Ele era esperto o bastante para perceber que suas palavras mexiam comigo. E seus olhos me perguntaram em silêncio aonde eu pretendia chegar com aquela confissão.

— O destino me fez vir para cá, Tamires, como eu já havia te dito antes. E como você já deve saber, não havia como eu escolher por qual portal eu passaria. E também não havia como eu saber onde você estava. O destino escolheu e me trouxe até você. Eu me apaixonei antes de saber quem você era. Então minha escolha de ficar calado sobre a verdade implicava em não te contar um segredo sobre meu passado, que eu tentava, todos os dias, esquecer. Um segredo do qual eu me envergonho. E no qual você está envolvida diretamente.

Eu engoli o bolo parado em minha garganta para finalmente falar.

— Agora você sabe que não há como ignorar o passado. Uma hora ele vem pedir contas.

Gustavo balançou a cabeça concordando.

— Eu estou cansado de lutar contra isto. Então, eu assumo o que fiz. Mesmo que você não me perdoe.

Aquilo foi um choque para mim. Um tapa na cara. Eu acabara de ouvir toda a história e ainda não tinha ideia do que pensar a respeito. O medo dele era que eu não o perdoasse. Esse era todo o dilema por trás de suas mentiras e engodos.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, pensativos. Nossos olhares, de quando em quando, se cruzaram aleatoriamente. Eu resolvi quebrá-lo primeiro.

— Eu darei uma escolha para você agora, que pode garantir o perdão que tanto almeja. –

pausei lendo seus olhos ansiosos – Estou indo embora e não quero que me impeça. Não te direi para onde vou nem por quanto tempo ficarei fora. Quero que fique aqui e cuide de nossa filha com a própria vida.

— Você já escolheu seguir seu destino e nos deixar? – a voz dele era chorosa.

Eu olhei bem em seus olhos muito calma. O que eu ia pedir a ele não era tão difícil. Para mim era muito pior.

— Eu estou te dando um voto total de confiança. Estou confiando a você o que eu tenho de mais precioso neste mundo. Para eu ter certeza de que vai cuidar de Sofia como eu desejo, você não pode ir atrás de mim.

Gustavo não estava mais desconfiado, mas temeroso.

— E se eu te perder para sempre? Como poderei olhar para Sofia sabendo que poderia ter feito algo? Eu nunca me perdoaria.

Eu também tinha medo de nunca mais vê-lo, e à minha filha, novamente. Por isso, fiz o pedido a seguir.

— Na hora certa, eu vou te chamar e você levará Sofia junto. Você pode confiar em mim?

Gustavo ficou tempo demais pensando na resposta. Seus olhos eram dúvida. Ele estava acostumado a estar no controle da situação. Aquilo com certeza não era agradável para ele. Mas eu precisava que fosse dessa forma, para segurança dos dois.

— Estou te dando a chance de fazer a escolha certa pelo menos uma vez em sua vida, Gustavo. – implorei – Tenha fé em mim e em você mesmo.

Baixando a cabeça e escondendo o rosto de mim, Gustavo lutava freneticamente com as emoções que explodiam em seu coração. Percebi o reflexo de uma lágrima brilhando à luz do sol em seu rosto.

— Preciso pensar sobre isso, Tamires.

Eu não resisti àquele homem. Perdi totalmente a razão. Cruzei o espaço entre nós, peguei seu rosto entre minhas mãos e me molhei com as lágrimas que escorriam abundantes. Eu as enxuguei com meus lábios e, por fim, selei sua boca na minha.

O beijo foi terno, muito diferente das últimas vezes que nos havíamos beijado. Era uma despedida tímida. E eu senti as lágrimas correndo em meu rosto também. Afastei-me e o encarei nos olhos úmidos.

— Eu confio em você.

EPÍLOGO: MENTIRA

Recostada na poltrona do avião, eu finalmente relaxei. Estava aliviada por ter conseguido chegar a tempo ao aeroporto. Não ousei olhar pela janela. Minha mente ainda estava perturbada pelos últimos acontecimentos daquele dia.

A despedida de Sofia fora a mais dolorosa. Tive que inventar uma viagem de urgência e prometer que a veria logo. Saí do apartamento antes que eu me arrependesse da decisão que tomara.

Carolina já me esperava com minha mala pronta quando cheguei em seu apartamento. Isso de ser sensitiva era prático, me poupou um tempo que eu não tinha. Havia passado a manhã toda com minha pequena família, tomando uma overdose de amor a fim de ter forças para seguir em frente.

— Você vai fazer o que te pedi, não é? – salientei ao abraçá-la.

— Fique tranquila, Tamires. Aguardo notícias suas em breve. Estarei aqui torcendo e intercedendo por você.

Um táxi me esperava na frente do prédio de Carolina quando desci pelo elevador. Embarquei nele com uma parca bagagem e pedi que o motorista fosse ligeiro no percurso.

O relógio da igreja, que não estava muito longe dali, soou as suas doze baladas. Eu estava em cima da hora. Marcel estaria me esperando ainda? Ele não havia deixado um telefone para que pudéssemos nos comunicar. Eu estava ansiosa para chegar e não queria que nada desse errado ou me atrasasse.

O taxista atendeu ao meu pedido e em poucos minutos eu estava no Aeroporto Internacional das Cataratas, como era conhecido. Tempo recorde. Mesmo assim, me peguei pensando se eu não seria mais rápida a pé, usando minha força física sobre-humana.

Ri sozinha. Com certeza seria uma cena no mínimo diferente de se ver. Ainda mais àquele horário, embaixo daquele sol de verão. Desembarquei no mesmo instante em que outro táxi parava ao meio fio. Enquanto caminhava, quase corria na verdade, para a en- trada, uma voz conhecida me chamou.

A esperança fez meu coração saltitar. Milhões de alternativas voaram pela minha mente em um segundo. Talvez não estaria sozinha nessa jornada. Talvez ele viesse comigo. Arrependera-se de sua relutância ou teria vindo para me impedir?

Mas no segundo seguinte, obriguei minha mente a parar de devanear. Por isso, me voltei temerosa. Reconhecer a sutil diferença naquela voz me fez estremecer antes mesmo que meus

olhos pousassem sobre ele.

— Alexandre. – sussurrei em um suspiro ao interromper minha corrida.

O que haveria agora? Teria ele vindo em nome de Gustavo? Dúvida e receio se misturaram dentro de mim. Eu já havia passado por tanta coisa. E de alguns acontecimentos Alexandre fizera parte vividamente. Mas eu sabia o que havia em sua alma, antes mesmo que ele pudesse me dizer.

Em poucas passadas largas, ele estava diante de mim, em seus quase dois metros de altura, sua beleza incontestável se derramando deleitosamente sobre meus olhos. Por que eu era capaz de enxergar tão bem?

— O que você está fazendo aqui? – perguntei tentando parecer indiferente.

— Carolina me disse que você ia viajar e então eu vim me despedir.

Suspirei e me inclinei para abraçá-lo automaticamente, porém, ele me pegou desprevenida. Sua boca firme colou na minha em um beijo ansioso, desesperado e breve. Nem meu corpo nem meu coração esboçaram alguma reação.

Eu o olhei espantada ao se afastar um pouco. Seu olhar era cálido, de uma sinceridade arrebatadora. Suas mãos ainda me tocavam suavemente. Paralisada, ia questionar quando ele se adiantou.

— Vim para dizer que te amo e que vou lutar pelo seu amor. – continuei sem pala- vras, então ele prosseguiu – E que vou te encontrar aonde quer que você vá.

Do mesmo modo que veio, ele se foi e me deixou paralisada olhando suas costas largas enquanto caminhava de volta para o táxi com tranquilidade. Eu sabia que ele estava decidido quando me fizera aquela promessa.

Mas eu não conseguia prever suas reações. Assim como não esperava que ele tomasse meu partido e me salvasse do próprio irmão, eu não podia afirmar agora que ele jamais cumprisse aquela promessa.

Sua semelhança física com Gustavo me confundia. Porém, a diferença de sua personalidade era gritante. Eu sempre saberia qual seria o próximo passo do meu marido. Já do irmão dele, nunca poderia afirmar categoricamente.

Olhei pela pequena janela do avião avistando por cima o formato da cidade lá em baixo. Eu caminhava em uma direção desconhecida, meus passos decididos rumo a um destino incerto. Suspirei. Tinha a sensação de estar deixando muita coisa para trás, porém a ansiedade pelo que viria a seguir me enfeitiçava.

Aquele fora um dia especial para mim. Porém, os que viriam depois, eu tinha certeza, seriam ainda mais. Sem dizer adeus a Foz do Iguaçu, ou me arrepender da decisão que tomara, eu sorri e segui meu guia pelo caminho desconhecido que me levaria a meu destino.

Sentia também que deixava para trás a casa meio bagunçada, principalmente por causa

de Alexandre. Já Gustavo, ainda era uma dúvida, porém parte dos problemas que eu tinha com ele, os mais graves, estavam esclarecidos e por isso eu estava segura de deixá-lo refletindo sobre nossa última conversa.

Perdida em meus pensamentos, fui tirada do transe pela voz do piloto avisando que pegaríamos uma turbulência e devíamos apertar os cintos. Tive que retirar do colo a pequena bolsa de viagem que carregava e me debrucei para enfiá-la sob a poltrona. Senti a correntinha da ametista escorregar do meu pescoço e, antes que eu pudesse estender a mão para apanhá-la, a pedra caiu no assoalho.

No segundo seguinte, eu ouvi horrorizada o som de vidro se partindo e milhares de cacos lilases se esparramaram bem diante de meus olhos. Não era possível. A gema não poderia se partir a uma distância tão pequena do chão. A menos que, a menos que...

— Tamires, você está bem? – chamou Marcel sentado na poltrona ao meu lado.

Não, eu não estava bem. Ainda curvada, me recusava a acreditar no que meus olhos viam. Senti um fogo arder em meu peito. E fui obrigada a admitir que a ametista se tornara a nova mentira de Gustavo para mim. Uma mentira tão fina e quebrável, tão frágil e, só agora, clara quanto cada uma das lascas daquela gema falsa. Meu passado, minha vida, se desfizeram em cacos como aquele objeto. Mas o claro vidro era o que me permitiria, finalmente, ver as coisas diante de mim sem que eu fosse ofuscada por qualquer outra mentira. Disso eu tinha certeza.

Uma espiada em **FILHO DA TERRA**
a sequência de **MARCADA A FOGO**.

Para entender nós temos dois caminhos:
o da sensibilidade que é o entendimento
do corpo;
e o da inteligência que é o entendimento
do espírito.

Manoel de Barros

PRÓLOGO

O medo teria cor? Para mim, sim. Era verde e todas as suas nuances. Ao meu redor o verde musgo cobria cada tronco de árvore. Sobre minha cabeça, o verde-bandeira das frondosas copas formava um teto. Na rica fauna, outros tons sobressaíam e me assustavam. Verde lima, esmeralda, grama, menta, turquesa, floresta.

As tentativas de me salvar não foram grande coisa. O que uma criança de dois anos faria? Choraria, é claro. E chorei até minha garganta arder e meus olhos incharem. Mal podia abri-los. E o verde a minha volta mudava de cor conforme o sol se movia no céu, sem que pudesse vê-lo.

Minhas pernas estavam afundadas no lamaçal. O rio, que devia correr ali perto, inundara a planície. Ouvia suas correntezas, o motor dos barcos, pás impulsionando outros, quando - por milagre, e durante um segundo - eu parava de chorar.

Além dos sons distantes, ouvia ruídos próximos. A mata estava viva. Movia-se com rapidez sobre o chão seco, farfalhava as asas, balançava as folhas. De vez em quando, um uivo assustador assoviava em meu ouvido. O vento jogava em meu rosto partes soltas da floresta, que se aderiam e moldavam uma máscara verde e marrom.

De certa forma, quase me sentia fundido àquele lugar, sem nem mesmo saber se pertencia a ele. Eu Chorava como se encarasse o mundo pela primeira vez. Como se renascesse. E, no entanto, somente o verde, que decidi temer, me acolhia. A natureza era minha mãe nessa nova vida. Da outra, nada foi tão marcante como aquele abandono nos braços da terra.

Exausto, sem forças para derramar mais nenhuma lágrima, soltei meus pés da lama, procurei um refúgio sob uma árvore e usei suas grandes folhas como cobertor. A floresta estava ainda mais densa. Apaguei no mesmo instante em que me deitei sobre as folhas e gravetos que estralavam.

Acordei em um sobressalto, ouvindo passos. Era um som novo para mim em meu novo mundo. E estava tão perto, que meu coração bombeou apressadamente enquanto me sentava em minha cama improvisada. O sol havia nascido novamente e o verde mudou para tons mais claros e brilhantes.

Não temia mais. Eu era o verde. Mas esses passos desconhecidos eram uma novidade. Outros sons acompanhavam os passos. Galhos quebrados, folhas pisoteadas, a fuga de algum animalzinho pela mata, um risinho agudo e pueril.

Antes que eu pudesse entender ou prever o que aconteceria, um feixe de luz cobriu uma pequena criatura há apenas dois metros de onde eu estava. Sua pele azeitonada, seus cabelos

escuros compridos e lisos, seus olhos oblíquos e grandes, seu nariz saliente e sua boca carnuda e larga não eram nada do que eu já tivesse visto na vida. Não que eu tivesse vivido muito.

O que mais me chamou a atenção era que a criança não vestia roupas. E sobre sua pele marrom apenas barbantes amarelos e penas coloridas a adornavam. Desenhos escarlates cobriam seu rosto. Ela sorriu para mim, um riso puro e inocente. Apontou seu dedinho minúsculo em minha direção.

– Cari? - perguntou.

PEDIDO

A imagem no espelho era desanimadora. Encarou os olhos verde-oliva grandes e penetrantes no vidro. Eram tristonhos também. Ao redor, a pele muito clara, translúcida, era salpicada aqui e ali por sardas bronzes que lhe davam uma aparência quase juvenil. As sobrancelhas e os cabelos completavam o *look* desastroso que a natureza lhe dera. Nem escuro, nem claro. Era castanho acobreado.

Apesar do rosto e da cor da pele que odiava, tinha de admitir que era bonito. Gostava muito de seu porte físico alto e forte. Pouco mais de um metro e oitenta coberto por músculos grandes e definidos. Também era sexy e exótico e talvez esse fosse o motivo das mulheres virarem a cabeça para olhar para ele hoje em dia.

Aberração.

Porém, nem sempre foi assim. Há alguns anos, as pessoas quebravam os pescoços para medi-lo quando andava por Corumbá - a capital do Pantanal no estado do Mato Grosso do Sul - que não era sua cidade natal, mas a única que conhecia. Acontecia principalmente quando estava com sua família adotiva na igreja, em uma lanchonete, ou em uma festa. Misturar-se era quase impossível como óleo e água. Sua timidez não ajudava muito nesse quesito.

Ao comparar sua fisionomia com os moradores da cidade de pouco mais de cem mil habitantes na divisa do Brasil com a Bolívia - separados pelo extenso Rio Paraguai -, estava tão claro como sua pele - pensou e um riso sarcástico repuxou apenas um canto de seus lábios cheios - que não pertencia aquele lugar. Mas há muito aceitara sua nova vida com gratidão e respeito. Porém a resignação não afastava o desprazer ao se olhar no espelho todas as manhãs.

Suas aflições matutinas quase lhe fizeram esquecer a empolgação com que despertara naquela comum sexta-feira. Não era pelo fato do final de semana finalmente chegar. Uma de suas características era amar seu trabalho como arqueólogo e se dedicar a ele não era um fardo, ao contrário, era um prazer. Seu envolvimento com a labuta diária o afastava, de certo modo, da vida afetiva.

Lembrou-se imediatamente da namorada, Vitória Cruz, filha do maior fazendeiro de gado do Pantanal sul-matogrossense. A jovem tinha a aparência misturada às características físicas do povo pantaneiro e a palidez e soberba européias de seu pai, o altivo coronel Cruz. Vitória estava em sua vida há tanto tempo - talvez seis ou sete anos - que não a imaginava mais sem ela. Portanto, a namorada merecia mais que as migalhas de afeto.

Antes que os novos pensamentos pudessem trazer um sorriso a seus lábios rígidos como

uma linha, alguém bateu a porta com impaciência.

– Lucca, você pretende sair do banheiro *hoje*?

A ironia implícita na última palavra e a voz de irritação lhe eram inconfundíveis. Lucca sorriu, seus pensamentos agora voltados para a carranca que encontraria do outro lado. Sem responder, abriu a porta abruptamente, assustando e desconfigurando o rosto redondo, moreno, de narinas infladas, boca e olhos grandes, cabelos escuros e muito lisos do irmão. Teve que olhar para baixo para encará-lo nos olhos levemente oblíquos.

– Já terminei, Edmundo.

Antes de receber resposta do rapaz paralisado, Lucca passou raspando em seu ombro e voltou para o quarto que dividiam. Edmundo nutria ciúmes e inveja contra o irmão adotivo. Na infância, havia sido mais difícil lidar com sua fúria, já que não a entendia. Mas agora, como adulto, era fácil ignorar suas criancices.

No quarto bagunçado e amplo - com duas camas de solteiro, um grande guarda-roupa, uma cômoda e uma televisão - Lucca se deparou com a fotografia de Vitória, que o fez se recordar dos planos que estava formulando antes da interrupção de Edmundo. Vestiu jeans velho e camiseta azul, tênis encardido e, antes de sair porta afora, pegou uma bolsa de tecido e a pendurou no ombro.

A mesa do café da manhã estava praticamente completa. Dona Isabel, a matriarca da família Gonçalves, terminava de colocar os pratos sobre a mesa, enquanto seu marido Edgar, um dos médicos que atendiam toda a região de Corumbá, beliscava um pedaço de bolo. Lucca suspirou. Mais um dia comum reunido com sua família comum. Por que ele mesmo não podia ser como eles?

Invejava sua pele morena, seus olhos e cabelos escuros, que os protegiam do sol escaldante do centro-oeste brasileiro. Invejava tanto que, quando criança, demorou a aceitar que era branco e passou a tomar sol constantemente. Conseguiu apenas sardas e alguns dias em tratamento por insolação. Depois disso, aceitou que era diferente.

Isabel abriu um sorriso imenso ao ver o filho adotivo na porta da cozinha.

– Bom dia, Lucca. Fiz bolo de fubá, seu preferido.

Sentando-se em seu lugar de sempre, respondeu.

– Obrigado, mãe.

À mesa, a família costumava ficar silenciosa somente enquanto comia. As horas das refeições eram sagradas e um meio de unir a família para conversar. Lucca era muito mais grato do que Isabel e Edgar poderiam imaginar. O amor incondicional de seus pais era retribuído com atitudes exemplares, que os irmãos não faziam questão de seguir. Portanto, o filho adotivo era o preferido dos pais.

Dois outros lugares à mesa estavam ocupados. O casal não era muito falante, nem muito entusiasmado. Alice era ainda mais baixa que Edmundo. A irmã caçula tinha traços muito jovens e agradáveis sobre sua pele cor de terra. Ao seu lado, o marido Jader Marques, rechonchudo - cada grama excedente de seu peso conquistada durante os três anos de casamento - estava com o nariz enfiado no prato, comendo com uma rapidez desesperadora. Ninguém parecia notar.

Além da pouca vaidade evidente em Alice e Jader, a falta de ambições fez com que aceitassem morar na imensa casa da família Gonçalves, em uma suíte espaçosa. E não parecia que pretendiam se mudar um dia. Esse pequeno desprendimento aumentou a fúria de Edmundo, já que ele foi obrigado a dividir o quarto com o irmão adotivo. Ninguém queria ficar com o quartinho onde Alice dormiu até a juventude. Era o menor cômodo da casa.

Lucca suspirou novamente. Talvez estivesse mesmo na hora de sair da casa da mãe e ir cuidar de sua própria vida. Junto com Vitória, é claro. Enquanto terminava seu café da manhã, essa ideia se firmou em sua mente. E ao se levantar e partir para o trabalho, já tinha traçado todo o plano que iria executar mais tarde.

Como de costume, passou na casa de seu melhor amigo e colega de trabalho, Carlos Aguiar, para lhe oferecer carona. As compridas e finas pernas do companheiro ficavam espremidas na lataria do pequeno carro popular. Seu espírito era tão alto quanto seus membros.

– E aí, cara? - cumprimentou Carlos ao mesmo tempo em que dava um soco no ombro do amigo.

– Estou bem e você?

A resposta de Carlos foi uma gargalhada exagerada.

– Sempre todo certinho, hein, Lucca?

O motorista fez uma careta. Não gostava de ser taxado como certinho - sinônimo de chato -, apesar de ser metódico, prudente e organizado. Isso lhe garantiu o apelido de nerd na adolescência - realmente só lhe faltavam os óculos de grau e o aparelho nos dentes. Porém, como adulto, conquistou um bom emprego pelo profissionalismo, pela perseverança e pela exigência de si mesmo. Aos trinta e dois anos, era o chefe da expedição de arqueologia em Corumbá. Geria uma equipe com mais de vinte pessoas.

Lucca olhou pelo para-brisa. A imagem era exuberantemente verde - algo que superara em seu primeiro e assustador dia naquela cidade. À direita da estrada, o rio Paraguai corria silencioso. Pescadores estavam espalhados em vários pontos da água. À esquerda, as casas, as lojas, a vida urbana diminuía conforme conquistavam mais quilômetros adiante. A cidade vivia principalmente da pesca e do turismo.

Tamborilando os dedos sobre o volante, Lucca estava desligado, como se estivesse sozinho no carro, absorto em seus próprios pensamentos. Carlos o encarou por um curto tempo. O

que Lucca tinha de introvertido, o amigo tinha de expansivo.

– Que é, Lucca? Qual o motivo dessa impaciência?

Sobressaltou-se ao ser trazido para o mundo real.

– O quê? Não estou impaciente.

– Então por que está batendo os dedos de modo tão irritante? - O arqueólogo não respondeu ao olhar perscrutador do melhor amigo. - No que está pensando?

Carlos era a única pessoa deste mundo que conseguia fazê-lo falar. Não porque fosse insistente, mas porque era leal, franco e desprovido de qualquer vaidade e interesse. Resumindo, ele realmente era seu amigo e se importava.

– Tem uma ideia revirando aqui na minha cabeça.

Carlos esperou paciente. Pelo que conhecia do amigo, sabia que já estava decidido apesar de suas palavras e respeitaria o tempo que precisasse para se abrir. Depois de engolir ruidosamente, Lucca declarou.

– Vou pedir Vitória em casamento. - Pareceu o anúncio do juízo final.

Primeiro foi o choque que o impediu de responder, depois a indignação. Lucca espiou o amigo para ler sua expressão e retorceu os lábios desgostoso. Tinha certeza que essa seria sua reação. Carlos era totalmente desprendido, inclusive de mulheres. Para ele, casamento era o pior castigo que um homem poderia ter. Era pior que prisão. Era pior que o inferno.

– *Como*? - o melhor amigo gaguejou, ainda tentando se livrar dos sentimentos tumultuados, sem sucesso. - O que você *disse*?

– Eu preciso dar um rumo a minha vida, Carlos - disparou Lucca a falar talvez para não ser interrompido. - Ter minha própria casa, formar minha própria família. Faz muitos anos que estamos namorando. Eu já passei dos trinta. Vitória me quer, eu a quero. O que nos impede? É o caminho natural. Você sabe que é o certo a fazer.

Carlos estreitou os olhos grandes e fundos de forma desconfiada.

– Se quer mudar sua vida, mude de casa, de emprego, de cidade, do *país*, mas você não pode se casar! - A resposta saiu tão apaixonada quanto previra. - Tudo bem, Vitória é gata, gostosa - Não viu o olhar furioso que Lucca lhe lançou por causa do termo nada gentil que empregou à sua namorada. - e rica. Está na cara que ela é doida por você. Mas isso não te dá garantia nenhuma de felicidade e toda essa baboseira de “até que a morte os separe”. Vocês não estão bem do jeito que estão? Duvido que Vitória esteja te pressionando para casar. Para quê mudar o que está indo tão bem?

Lucca não respondeu. Carlos realmente era um solteirão irremediável, mas o amigo o conhecia muito bem e sabia que, por mais distraído que o arqueólogo fosse com seu trabalho, ele ainda faria a coisa certa. Por Vitória. Por ele mesmo.

Carlos traduziu o silêncio do amigo, respondendo a si mesmo.

– Você já decidiu, não é? - O amigo afirmou com um aceno de cabeça breve. - E quando será o jantar de noivado?

Sua careta denunciava que gostava mais de outro termo para descrever o evento.

– Hoje à noite - sussurrou.

– *Hoje à noite*? - repetiu Carlos incrédulo.

Neste instante, Lucca diminuiu a velocidade do automóvel e virou à direita, atravessou a entrada de calcário, encimada por toras de madeira, do Parque Marina Gatass.

O local era a maior área aberta de lazer em Corumbá com muita sombra, gramado extenso e árvores intocáveis. Além da maravilhosa vista para a Baía do Tamengo, também abrigava um importante sítio arqueológico que registrava a presença de povos indígenas na região.

Em silêncio, os amigos seguiram até seu local de trabalho e prosseguiram as escavações interrompidas no dia anterior e não tocaram novamente nesse assunto.

***

Ergueu o boné para o céu a fim de ver o sol a pino. Enxugou o suor na testa e foi se lavar para o almoço. Normalmente, não saíam do parque para as refeições, mas os planos naquele dia exigiam que fosse até a cidade. Enquanto deslizava com seu carro de volta para a estrada, ligou para Vitória com seu fone bluetooth.

– Oi, amor, sou eu. - Do outro lado da linha, escutou a surpresa na voz melodiosa da namorada. - Que tal fazermos um programinha a dois hoje? - Vitória não pode esconder sua empolgação. Ambos sabiam que Lucca era fechado e prático. Romantismo não era seu forte. Para ele, finais de semana significavam reunião de família, nenhuma privacidade para o casal. A menos que estivesse planejando alguma surpresa. - Eu te pego às oito. Um beijo. Tchau - e desligou.

Ficou muito satisfeito consigo mesmo, porque não percebera que a intenção de surpreender Vitória fora por água abaixo. Nesse momento, ela estaria especulando todas as possibilidades que se encaixassem em um programa a dois. E, possivelmente, chegasse ao plano original do rapaz antes mesmo de vê-lo naquele dia.

Dirigir era uma distração agradável. Permitia que pudesse pensar. Apesar de que, naquela estrada, sua atenção fosse desviada para animais selvagens que a cruzavam de vez em quando. Não dava para dirigir apressado ali, mas quem disse que ele estava com pressa?

Corumbá se estendia à margem direita do Rio Paraguai, no coração do Pantanal. A rodovia o levou direto para o centro da cidade. Estacionou seu carro e entrou em uma lojinha de porta estreita, com um letreiro chamativo. Por dentro, não era muito acolhedora, com paredes

desbotadas e vitrines pequenas. O espaço apertado não ajudava muito a organizar os produtos que estavam bem misturados.

Achou melhor pedir ajuda ao atendente do que tentar encontrar sozinho.

– Boa tarde. Gostaria de ver anéis, por favor. É para dar de presente à minha namorada.

Até o sorriso do homem de meia idade do outro lado do balcão era sem graça. Lucca engoliu em seco. Vitória que o perdoasse, mas seu salário não lhe permitia comprar algo de maior valor. Estava acostumada a ganhar joias que custavam cem vezes mais do que ele ganhava por mês.

– Claro, senhor. Tenho vários modelos para sua apreciação.

O palavreado e os modos do atendente surpreenderam-no. Provavelmente, algum dia, aquela pacata joalheria havia vivido seus tempos áureos. O homem se dirigiu aos fundos e voltou com uma caixa rasa e grande de veludo escuro. A luz que refletiu nas pedras ofuscou seus olhos. Lucca olhou espantado para o senhor que sorria e uma incógnita surgiu em sua mente. *Será que tudo isso é uma fachada com medo de ser roubado?*

Cada anel era mais lindo que o outro. Pedras de todos os tamanhos estavam alinhadas na bandeja. Ficou sem palavras enquanto os admirava e sua cabeça tentava adivinhar a fortuna que valeriam.

– O senhor gostou de alguma em especial? - questionou o atendente.

– São todas lindas - Encarou o homem. -, mas não acredito que possa pagar por alguma delas.

O homem de meia idade não mudou a expressão. Desviou os olhos para um anel, no canto direito da caixa e Lucca o acompanhou. A joia tinha uma única e brilhante pedra negra arredondada, porém seu tamanho era pouco maior que a fina argola prata. A peça mais delicada que já vira. De imediato, encantou-se por ela e desejou ardentemente poder comprá-la.

– É uma pedra lavrada de ônix - disse o atendente segurando o anel entre os olhos. - Os gregos acreditavam que ela exerce poderes sobre o parceiro amoroso. É o presente que o senhor está procurando para sua namorada.

Lucca não conseguiu negar. A pedra o enfeitiçara. Precisava dela, com ou sem significado.

– Quanto custa e qual a forma de pagamento?

Com a caixinha de veludo preta na mão, saiu da joalheria ciente de que havia feito a compra mais cara e menos responsável de sua vida. Teria dez suaves prestações para pagar pelo anel, mas só conseguia se sentir feliz. Convenceu-se de que Vitória merecia essa dívida como prova de seu afeto.

Aproveitando que estava perto, resolveu passar na casa dos pais. Encontrou a mãe na

cozinha, terminando de preparar a refeição.

– Olá, querido - recepcionou-o Isabel. - Não sabia que viria almoçar em casa hoje. - Passando pelo filho, ficou nas pontas dos pés para dar um beijo estalado em sua bochecha.

– Oi, mãe. Resolvi em cima da hora. Tive que vir ao centro comprar uma coisa.

Lucca se sentou à mesa e pôs a caixinha ao lado de seu prato. Isabel percebeu o gesto imediatamente. O filho não tinha segredos para a mãe. Costumava dividir tudo com ela. Eram mais ligados do que qualquer outro membro da família. E com sua perspicácia adquirida pela experiência de vida - já que Isabel nunca abandonou o posto de mulher, dona de casa e mãe para estudar ou trabalhar - entendeu imediatamente a mensagem que o filho adotivo lhe enviava.

Sentou-se ao seu lado na mesa e pegou sua mão pálida.

– Você tem certeza disso, Lucca? - Sua voz estava mais grave do que o normal.

O sorriso no rosto claro do jovem esmoreceu.

– Você também, mãe!

– Filho, eu sei que você sempre faz a coisa certa e é por isso mesmo estou te fazendo esta pergunta. Casamento é algo para a vida toda, querido. Não pode ter dúvidas antes de dar este passo. Você nunca falou sobre isto antes, então eu compreendi que não estava pronto, mas achei que não fosse acontecer tão de repente assim. O que o fez se decidir?

Lucca fez uma careta. Isabel conhecia o filho melhor que ele mesmo. Claro que ela perceberia que essa decisão não estava baseada somente em amor e era isso que estava tentando lhe dizer. Mas como explicar a ela que estava ficando velho para continuar morando com os pais, que sentia necessidade de mudar sua vida, sem que isso a magoasse? Teria que representar bem agora.

– Eu amo Vitória. Ela me ama. Por que não agora?

Ainda desconfiada, a mãe continuou olhando no fundo dos olhos do filho e antes que pudesse enxergar a verdade, o rapaz acrescentou.

– E outra, não vamos casar amanhã. Ficaremos apenas noivos e podemos marcar a data para daqui um ou dois anos. O período de noivado é exatamente para nos acostumarmos com a ideia, não é?

– Tudo bem, filho - respondeu Isabel cautelosa. - Se é assim que pensa, te apoiarei. Sabe que confio em você.

O sorriso de resposta traduzia as palavras de agradecimento que Lucca sentia agora. Interrompendo a conversa rudemente, Edmundo entrou na cozinha falando muito alto.

– E aí, mãe, o rango já está pronto? - Desviando os olhos para o irmão adotivo com certo desprezo, notou a caixinha de veludo. - Que é isso aí, Lucca? Comprou um presente para a *mamãe*?

Os outros familiares também chegavam à cozinha e perceberam o tom irônico que Edmundo empregou na última palavra. O irmão não escondia sua antipatia quanto a maneira como Lucca se entendia com a matriarca da família.

Como uma boa mãe, Isabel deu um peteleco na cabeça de seu filho legítimo.

– Comporte-se, Edmundo. Este é o anel de noivado que Lucca vai dar à Vitória.

Edmundo nem se sentou. Paralisou em estado de choque encarando a mãe que voltava para seus afazeres, trazendo a comida do fogão até a mesa. Quando se recuperou, se virou e saiu da cozinha sem discutir ou ridicularizar, como todos esperavam que faria.

Lucca acompanhou o irmão com os olhos sem entender seu estado. Alice deu um risinho zombeteiro. Jader lhe lançou um olhar desaprovador e ela se calou. Edgar olhou do filho para a esposa.

– Qual é o problema dele? - questionou.

Não houve nenhuma resposta.

***

A noite chegou mais cedo naquele dia. A tarde quente chamou nuvens densas e pesadas de chuva, que caiu no para-brisa do automóvel enquanto Carlos e eu voltávamos para casa. A conversa não passou de bobagens alimentadas pelo humor leve do meu amigo.

Balançava a cabeça sem ouvir. Em minha mente, imaginava o momento em que, no restaurante preferido de Vitória, pediria sua mão em casamento. Tentei me familiarizar com a cena, porém fiquei nervoso na mesma hora. Estava antecipando a tensão.

Obrigando-me a seguir essa linha de pensamentos, imaginei que palavras usaria e acabei caindo na pergunta clichê: "Vitória, você quer se casar comigo?" Não haveria outra forma de fazer isso. Ou pelo menos, não conseguia enxergá-la. Pensei em como faria. Pegaria sua mão sobre a mesa, logo após pedir uma garrafa de vinho - ou seria melhor champanhe? - a apertaria com delicadeza e sorriria enquanto, com a mão livre, estenderia a caixinha aberta diante de seus olhos negros.

Imediatamente, meu corpo reagiu. As palmas de minhas mãos transpiraram, minha garganta ficou seca e gotas finas de suor pipocaram em minha testa. De onde vinha todo esse nervosismo? Era medo de que Vitória não aceitasse? De estar fazendo a escolha errada? De ser o momento errado? Ou era medo do desconhecido?

Eu me contentei com a última questão e meu batimento cardíaco se aquietou. Fiquei sob controle bem a tempo de me despedir de Carlos. Combinamos de nos encontrar - como todos os dias - na manhã seguinte, quando trabalharíamos meio período. Não era costume trabalharmos aos sábados, mas estávamos no meio de uma escavação importante. Havia muitos indícios de que a área estava repleta de objetivos que podiam falar mais sobre os povos antigos daquela região.

Em casa, me concentrei nas pequenas ações, uma de cada vez, para não me perder

novamente no temor. Tomei um banho relaxante. Fiz a barba. Vesti a melhor roupa - não um terno, mas uma camisa de manga curta e calça sociais - e me perfumei. Calcei a meia escura e o sapato preto. Mirei-me no espelho e fiquei satisfeito com o resultado. Peguei a caixinha preta e a coloquei no bolso da calça antes de sair do quarto.

Estranho não ter cruzado com Edmundo até agora. Ele amava me atormentar, principalmente quando sabia que eu ia fazer algo importante. A família estava reunida na sala, assistindo televisão. Isabel lançou um sorriso de 'boa sorte' para mim quando nossos olhos se encontraram. Os outros acenaram levemente - Edgar com a mão, Alice com a cabeça e Jader com um olhar sorrateiro. Eu agradeci, desejei boa noite para todos e me senti aliviado do lado de fora da casa.

O clima ainda estava abafado por causa da passagem da chuva de verão. Entrei no carro determinado a seguir o caminho de sempre. A fazenda de gado do coronel Cruz - uma das maiores do Pantanal sul-matrogrossense - ficava cinco quilômetros depois do Parque Marina Gatass.

A nova expectativa que me acompanhava agora era o rosto de surpresa e felicidade de Vitória quando lhe fizesse o pedido. Ela diria sim, sem pensar duas vezes, e nós dois nos levantaríamos da mesa, ainda com as mãos juntas, nos abraçaríamos e nos beijaríamos com paixão. A cena estava mais parecida com algum filme que eu havia assistido, admiti a mim mesmo, mas ainda assim, parecia perfeita para minha fantasia.

Fiquei feliz por ter tomado essa decisão. Sentia que estava fazendo o que era certo. Não, melhor, que estava fazendo na hora certa, no momento certo e que estava preparado como se tivesse nascido para isso. Para mim nunca foi difícil tomar decisões, apesar de alguma batalha interna que tenha que travar. Estava acostumado a racionalizar. Não estava acostumado a seguir meu instinto.

Isso me lembrou da sensação estranha que me despertou hoje. Como se algo novo e inesperado estivesse prestes a acontecer. Esperava que a escolha que estava tomando afastasse esse sentimento. Era difícil para eu entender já que precisava de uma razão lógica e fundamentada para tudo. Cansaram de me dizer que sentimento não se explica, mas eu nunca aceitei essa resposta. Para mim, era muito fraca. Tudo tem seu por quê. Eu parecia o único disposto a descobrir.

A sensação ficou subitamente mais forte. Olhei ao meu redor tentando desviar a atenção dela e vi a placa indicativa do conhecido parque. Sem entender o que estava fazendo - como se uma força externa guiasse meus braços e pernas na direção do carro - eu saí da estrada e entrei no local tão conhecido. Era um parque aberto, portanto, não havia guarita nem portão para me impedir de entrar àquela hora.

Desci do carro perto da entrada e comecei a caminhar perdido em novos pensamentos.

Conhecia aquele parque desde criança. Aos dois anos, havia me perdido - assim eu pensava, porque eu não sabia o motivo de estar sozinho ali - em suas matas, próximo à margem do Paraguai. Eu me lembrava exatamente de todos os sons que eu ouvi naquele dia. De todos os pavores que minha cabeça infantil desenhou desnecessariamente.

Eu me lembrava de ter medo da fauna e da flora. Sorri. Depois daquele dia, eu frequentei o parque assiduamente. Primeiro para lazer junto com minha família adotiva e segundo para trabalho depois que me formei em arqueologia e conquistei meu primeiro emprego na equipe que escavava no sítio descoberto bem ali. Aquele parque passou a ser minha vida, em todos os sentidos.

Não podia ser diferente o sentimento que tinha por ele agora. Era como uma mãe para mim. A mata me pariu naquele dia, me deu à luz e vida. Mas eu era muito mais grato àquela pequena indiazinha que me encontrou encolhido sob uma folha de bananeira. E, juntamente com seu irmão adolescente, me levaram rio acima até a reserva onde moravam - entre Corumbá e Porto Murtinho, uma cidadezinha próxima. Somente mais tarde soube que a reserva Amambaí era a maior do Brasil e que abrigava o povo Guarani Kadiwéu.

Lá, o cacique e o pajé me levaram para o médico que estava atendendo a tribo naquele dia - o doutor Edgar Gonçalves - que me trouxe para Corumbá e depois de desistir da busca por meus pais, acabou me adotando legalmente como seu filho.

A noite estava muito escura e, enquanto andava, prendia o pé em pedras ou buracos. Pisava em falso. Arranhava o rosto em um galho baixo. Raspava a mão em uma planta espinhosa. Não conseguia enxergar nada além de meio metro de distância. Olhei para cima e a lua estava encoberta pelas nuvens. Tateei pelos bolsos a procura do meu celular, porém ele estava desligado. Não notara que a bateria estava fraca.

Totalmente no escuro, me preocupei, estava atrasado para o encontro com Vitória. Que diabos estava fazendo ali? Era para eu ter ido direto para a fazenda. Já não era o bastante passar o dia inteiro naquela mata? Eu não estava com roupas nem sapatos apropriados para me aventurar em uma excursão. Para confirmar esse pensamento, meu pé direito ficou atolado até o tornozelo na lama. Eu havia andado mais do que previra. Apesar de ser época de cheia, não estava muito longe da margem do rio.

Tentei voltar, forçando o pé a se soltar da lama. No fim deu certo, mas meu sapato ficou. Perdi o equilíbrio tentando me debruçar para pegar de volta o calçado perdido e caí de joelhos. Senti os respingos no meu rosto. Estava imprestável para encontrar minha namorada agora.

Na luta para salvar o sapato, meus braços ficaram cobertos de lama. Minha camisa devia estar salpicada também. Nem quando eu era criança havia feito tanta lambança. Bem, pelo menos que eu me lembrasse. Infeliz, deixei-me sentar, procurando com as mãos uma área menos úmida. Porém, toda a terra estava fofa devido à chuva recente. Deixei-me ficar assim mesmo, sem

encontrar o pé do calçado.

O que eu faria agora?

Antes que encontrasse uma resposta, um relâmpago rasgou o céu por um segundo. Tempo suficiente para que eu pudesse ver um vulto esbelto, como o corpo violão de uma mulher, caminhando há uns poucos metros em minha direção. O relâmpago chicoteou em uma árvore logo atrás de mim, causando um som estrondoso. Enquanto eu ouvia o barulho do tronco se envergando, sem saber onde cairia, uma luz branca e forte acendeu à minha frente. Pude ver o rosto, agora muito perto de mim, de uma bela índia. E, no segundo seguinte, uma dor intensa em minha cabeça apagou sua imagem de meus olhos.

JOSY TORTARO, pseudônimo de Josy Stoque, paulista, pisciana e sonhadora, é publicitária por formação e escritora por vocação. Marcada a Fogo foi indicado ao prêmio literário Codex de Ouro 2013.

Blog: http://sagaosquatroelementos.blogspot.com.br

FanPage: http://www.facebook.com.br/sagaOsQuatroElementos

Twitter: http://www.twitter.com/S_Os4Elementos

Outras obras assinadas com seu nome verdadeiro **JOSY STOQ UE**:

INSENSATEZescrito com Gisele Galindo:

Blog: http://livroinsensatez.blogsspot.com.br

FanPage: http://www.facebook.com.br/LivroInsensatez

ESTRELA – Em busca do brilho eterno:

Blog: http://livroestrela.blogspot.com.br

FanPage: http://www.facebook.com.br/EstrelaLivro

PURO ÊXTASE:

FanPage: http://www.facebook.com.br/LivroPuroExtase

Fale com a autora:

Site: http://www.josytortaro.com.br

FanPage: http://www.facebook.com.br/JosyStoqueAutora

Twitter: http://www.twitter.com/JosyStoque

E-mail: stoque.josy@gmail.com